

LeYa

Dragões de Éter

CAÇADORES DE BRUXAS

Raphael Dracoon

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Raphael Draccon

DRAGÕES DE ÉTER

01

CAÇADORES DE
BRUXAS

2a reimpressão LeYa

2007

Para Ricardo Albuquerque, por ter acreditado na realização do feito.

Para Pascoal Soto, por ter efetuado a realização da crença.

Prefácio

Eu já escrevi, em outra ocasião, que minha trajetória como editor é pontuada de momentos em que tenho a sensação de que algo muito especial aconteceu.

Por ocasião desta segunda e especial edição de *Dragões de Éter - Caçadores de Bruxas*, cá estou eu pra confessar que, ao conhecer o universo literário criado por Raphael Dracon, a sensação que tive não foi diferente da escrita acima.

Este livro, de cuja primeira edição eu tive o prazer de também ter sido o editor, guarda a iniciação em um mundo fantástico de analogias e referências capaz de surpreender qualquer leitor, seja ele cético ou espiritualista, jovem ou velho.

E a surpresa é ainda maior quando se sabe que Raphael Dracon é um jovem brasileiro a impor-se num gênero amplamente dominado pelos escritores estrangeiros. Louco?

Pretensioso? Não. Raphael Dracon e seus *Dragões de Éter* estão à altura das melhores produções do gênero.

Quando o li pela primeira vez, tive a impressão de estar numa taverna de Nova Ether ouvindo contos da boca de um bom bardo, daqueles que sabem construir personagens complexos, que não são bons nem maus, ou que são bons e maus ao mesmo tempo.

No fundo, o Raphael é isso aí, um bardo do nosso tempo.

Pascoal Soto

Esta é a segunda vez que conto esta história.

Dizem que quanto mais vezes contamos uma narrativa melhor ela se torna.

PRÓLOGO

Grandes poetas costumam chamar os países ou regiões de plaga. Por esse ponto de vista, podemos afirmar que Nova Ether é um mundo formado exatamente por plagas etéreas.

E digo isso porque nesse típico mundo você não vai encontrar as coisas da maneira tão palpável quanto costuma. Tudo em Nova Ether parece concreto e maciço e pode ser tocado e sentido, mas pode ser modificado e incorporar o incrível a qualquer momento.

Essa instabilidade seletiva, propícia ao fantástico, tem explicação. Acontece porque tudo que ali se manifesta é fruto da existência e das consequências de um mundo de semideuses. O caso é que não existe um deus, e nem mesmo existem deuses, em Nova Ether. Não que os verdadeiros deuses não existam, mas, na realidade, esses estão tão longe dos nova-etherianos, que estes preferem dedicar sua devoção a quem realmente pode ajudá-los: Os filhos dos deuses.

A relação entre um devoto e um semideus é interessante.

Deuses serem como sonhos é sabido universalmente.

É necessário que devotos acreditem em sua existência para que permaneçam vivos. Devotos de semideuses praticam uma relação exatamente contrária; é necessário, sim, que os próprios semideuses acreditem na existência de seus devotos, e não os esqueçam, para que estes possam continuar existindo.

Assim, para que exista toda essa terra propícia à mágica, é necessário um semideus Criador que crie os alicerces e a vida e todas as leis naturais. Entretanto, ele, sozinho, não teria competência suficiente para manter esse mundo de éter vivo eternamente, pois o esqueceria em determinados momentos, o que culminaria na morte prematura de sua criação. Por isso, é necessário que os outros semideuses se manifestem.

Além de ajudarem o Criador a manter viva sua criação, existem também outros semideuses que influenciam diretamente os semideuses Criadores, e muitas vezes suas influências são encontradas facilmente em todos os cantos geográficos. Em Nova Ether não é diferente, e me arrisco ainda a dizer que não se trata do primeiro mundo de éter a ser criado por esse processo tão sublime quanto divino e, a princípio, tão complicado de ser entendido. Centenas de outros mundos etéreos também são assim gerados aos montes e, da mesma forma, só conseguem manter suas existências por esse mesmo procedimento sagrado que mantém viva essa terra.

E, por saberem bem como sua vida só existe por bondade desses semideuses, seja do Criador ou dos outros semideuses, que os nova-etherianos os reverenciam. E, por suas atitudes, o semideus Criador, quando julga necessário, os ajuda ou os pune. Isso se manifesta em seus avatares - as representações físicas do próprio Criador na plaga etérea -, os quais são

tomados por uma forma feminina de aura mágica, reconhecida e reverenciada pelo termo fada. A influência dessas avatares nessas terras é tamanha, que muitas histórias e poesias, muitos romances e contos populares foram gerados devido aos testes formulados por elas aos seres escolhidos.

E esses contos narram a adoração das pessoas boas e o ódio das pessoas más por tais seres fantásticos, pois elas representam a justiça do Criador e são, por isso, reverenciadas por quem se identifica com o que representam.

Comparado com outros mundos etéreos, Nova Ether poderia ser taxada como um universo de fantasia. Não seria mentira, afinal, lá existem Reis com "R" maiúsculo, príncipes e princesas em busca da perfeição, lobos famintos, piratas com suas próprias leis, terras invisíveis a quem não tem a sensibilidade necessária para enxergá-las ou que se movem sozinhas além-mar, como se dotadas de vida própria, além de dragões nascidos de elementais ou mesmo da própria quinta-essência.

E existe a magia. E existem raças que não costumam existir em muitos outros mundos etéreos, como também existem seres comuns de certa forma, cada um à sua maneira. E para que as coisas não saiam dos eixos, ou para dar uma ajuda a seus campeões, a Lei das Fadas se estabelece sem estar escrita em pergaminho algum. Infelizmente, para os nova-etherianos, um dia até mesmo as fadas sucumbiram às tentações com as quais deveriam apenas testar os seres escolhidos, e a boa magia branca passou a dividir sua existência com a terrível magia negra.

Foi a época em que caíram fadas. Em que nasceram bruxas.

Em que destronaram Reis. Dragões geraram-se do éter e príncipes se tornaram sapos. Uma época em que semideuses andaram na terra dos homens e abençoaram pessoalmente os heróis de muitos contos.

E então as bruxas desafiaram as fadas. E os homens desafiaram as bruxas.

Foi assim que nasceram as caçadas.

E foi assim que nasceram os caçadores.

ATO I C AÇADORES DE LOBOS

E um lobo lhe devorou a avó.

Certo, essa não é a melhor notícia que alguém gostaria de receber, mas foi exatamente o que aconteceu com aquela menina. E o pior: ela a tudo assistiu, presenciando de camarote a sangrenta carnificina. Viu a carcaça da avó ser devorada, viu o assassino avançar sobre ela própria para dilacerá-la da mesma forma faminta como fizera com a pobre senhora, e viu também seu salvador aparecer com uma espingarda engatilhada para dar cabo à vida do carnívoro.

Primeiramente, vamos falar da avó. Admito que parece imprudente pensar que uma idosa poderia não enxergar perigo algum em viver sozinha e isolada no meio de uma floresta, longe pelo menos dois quilômetros de qualquer alma viva, a não ser a de pássaros ou outros animais menos ameaçadores que um imenso lobo faminto. Mas, se você entender como funcionavam as coisas naquelas regiões, também perceberá que não existia tanta imprudência assim.

A senhora Narin era uma dessas senhoras simpáticas que adoravam contar histórias da infância saudosa para as crianças. Por vezes, queixava-se de dores e outras reclamações típicas das senhoras mais idosas, mas muito poucas vezes alguém escutava seus lamentos. E isso não por uma possível chatice hipocondríaca da pobre senhora, pelo contrário, simplesmente não existiam pessoas no raio de um quilômetro para escutarem tais lamentos.

E por que essa vida tão solitária? Ora, conhece melhor forma de buscar a paz do que o isolamento? Acompanhe comigo: falamos de uma senhora que casou cedo, como quase todas as senhoras - e, digo mais, como também quase todas as senhoritas de hoje -, dedicou-se ao marido, criou uma filha e viu nascer uma neta. Seu marido se foi quando chegou a hora, e ela passou a acreditar, desde aquele dia, que também estava próximo o momento de se unir a ele. Claro, imaginou que isso aconteceria de forma natural e não pela violência de um lobo faminto, mas o que se pode fazer? O importante a ressaltar neste momento é que a senhora Narin considerava sua missão cumprida e apenas queria viver em paz o tempo que imaginava lhe restar.

Eu já teria me dado por satisfeito, mas posso aceitar se você ainda não houver entendido por que, mesmo com os argumentos apresentados, o ato de uma velhinha morar sozinha no meio de uma floresta não seja uma total imprudência. Bom, vamos tentar de novo. Acontece que, na cidade de Andreanne, as coisas sempre foram tranquilas. Bem, pode não parecer nas atuais circunstâncias, mas assim foi na maioria do tempo. E, tudo bem, não foi a primeira vez que essa harmonia fora quebrada, é verdade, mas isso eu vou contar a você daqui a pouco; por enquanto, acreditemos estar em tempos de paz nesse lugar. Ou ao menos estávamos, antes de um lobo devorar uma pobre senhora que apenas esperava a neta para um delicioso e adorável jantar jamais realizado.

Falando em neta, é hora de falar da menina. Ariane Narin. Os especialistas, que nesse lugar

não são mais do que um ou dois, afirmam que esse nome significa "a santa", "a castíssima", "a muito pura". Bom, não importa a opinião desses especialistas, que mais me parecem de assunto nenhum. Se for mesmo esse o significado de "Ariane", ali naquele dia isso mudou. E digo isso porque uma menina de nove anos viu a própria avó ser devorada por um lobo gigantesco diante de seus olhos, o que a permitiu conhecer a chamada Lei do Mais Forte; a Maldade e a Bondade em disputa pelo próprio ponto de vista. E não há ninguém, por mais inocente que seja, que não se choque com a descoberta de que o mundo não é tão bom e puro como parecia a princípio.

E, assim como pode ser difícil para você entender que não era um ato de imprudência uma senhora viver isolada no meio da floresta, também é extremamente chocante imaginar uma mãe ter a coragem de mandar uma menina de nove anos sozinha pela floresta, a uma distância de não menos que dois quilômetros, com uma cesta de comida no braço e um chapéu branco na cabeça. Mas não vamos julgar nada apressadamente; todo ser humano tem direito à defesa antes de ser julgado por quem ou pelo que quer que seja, e a senhorita Narin não era doida nem irresponsável, nem um animal para não ter tal direito à defesa. Entretanto, os motivos que a levaram a deixar a pequena Ariane ir sozinha à casa da avó naquele dia trágico também não serão explicados agora. Há ainda dois personagens importantes nessa cena que não foram apresentados.

Primeiro, o assassino. Certo, se você está acompanhando e entendendo a narração desta história, considero que está do ponto de vista humano da narrativa e, por esse prisma, o lobo gigantesco nada mais é que um assassino sanguinário de senhoras solitárias e indefesas. Mas você não pensaria assim se compreendesse os fatos pelo lado animal da história. Pois estamos falando de um lobo faminto carnívoro e de uma humana que resolveu por vontade própria morar sozinha no meio da floresta! Falando assim até parece que estou do seu lado na questão da imprudência do fato de alguém morar só no meio de uma floresta; mas é um erro da sua parte pensar assim. Apenas vejo a situação do ponto de vista de um lobo faminto. E também não venha dizer que defendo lobos comendo velhinhas e suas netinhas, apenas tenho a mente aberta para perceber que a bondade e a maldade disputam por seus próprios pontos de vista! E do ponto de vista animal, cada vez que um humano faminto mata um boi ou uma vaca para se alimentar, ele é tão assassino quanto um lobo faminto que mata um humano com o mesmo propósito.

E o salvador? Sim, o caçador herói - do ponto de vista humano - que meteu duas balas no peito da criatura. Esse personagem será importante para esta história que narro, mas ainda não será agora que trarei maiores detalhes de sua vida.

Mas que diabos! - você deve querer reclamar desta história em que todas as boas informações parecem estar relegadas ao futuro. Ei! Estamos prestes a conhecer uma longa história, e qual seria a graça se tudo fosse revelado de maneira tão fria e deselegante?

O que deve realmente ser salientado no momento é apenas que o caçador abriu o peito do animal segundos antes de o lupino gigantesco ter qualquer chance de devorar uma menina inocente em choque. E foi então que as balas de chumbo acertaram o corpo, abrindo dois

rombos no peito do bicho do tamanho de um joelho. O corpo espirrou sangue, rubro como o de um homem, empestando ainda mais o ambiente com aquele cheiro ferruginoso insuportável. E foi quando o sangue do lobo banhou ainda mais o chapéu pálido da criança.

E o branco se tornou vermelho.

O incidente foi suficiente para mudar a vida de Ariane Narin, tornando-a conhecida em sua região, embora preferisse viver para sempre no anonimato a ser conhecida como a menina que viu a avó ser devorada por um imenso lobo faminto. Mas ela não teve nem jamais terá essa sorte, pois, como já fora dito, naquele dia ela perdeu a pureza com a qual a mãe sempre cercou sua infância. E as pessoas poderiam nem mesmo conhecer seu nome ou o de sua avó ou o de sua mãe ou o do caçador herói, mas conheceriam sua história. E, se seu nome não fosse reconhecido, a reconheceriam por outro. O

nome que ela mais detestava no mundo e o qual parecia persegui-la como uma lagartixa decidida por uma mariposa sem sorte.

Refiro-me a um nome, um apelido. Um fardo; uma alucinação denominada pela forma de um antigo e sinistro chapéu alvacentos infantil, friamente manchado pela cor do sangue de uma senhora simpática dilacerada e de um imenso lupino abatido.

Um legítimo e maldito chapéu vermelho.

A cidade de Andreanne talvez seja a mais importante de todo o continente do Ocaso. Motivo básico: é ela a capital do Reino de Arzallum, este sim, com certeza, o mais importante de todos os Reinos. Também básico é o motivo de ser esse o mais importante dos Reinos ocasienses: fora ele o primeiro Reino da história do continente e o local onde o ocidente começou a se compreender como civilização.

É sabido - ou ao menos assim se pensava naquelas terras - que a vida se iniciou do outro lado do mar, no continente Nascente, menor do que o continente do Ocaso. Também se sabe que nesse mundo existem apenas dois continentes: o Nascente, a leste, e o Ocaso, a oeste, denominações óbvias para quem levar em consideração o nascer do sol como referência. E deve ser um consenso que, para alguém sair de um continente conhecido e encarar uma destemida viagem de navio até outro inteiramente desconhecido, só pode fazê-lo por insatisfação ou desejo alucinado por aventuras. Esses dois desejos eram os principais motivadores de todos que desembarcaram em Andreanne.

Mas e o porquê dessa denominação? O fato era que o continente fora descoberto por uma pirata de mesmo nome, na época em que a pirataria era romântica e piratas mereciam batizar cidades. Andreanne - e falo agora da mulher - não perdia em um único quesito para pirata algum de sua época e, digo mais, não perderia hoje ou amanhã para qualquer um deles. Na verdade, nenhum pirata até hoje teve seu estilo, inteligência e capacidade de raciocínio frente a um grupo de homens mais próximos dos bestiais do que dos civilizados.

Você, por acaso, imagina o que era liderar e ser respeitada por um grupo de mercenários cheirando a rum e sangue, sendo mulher e sem precisar cortar gargantas com as próprias mãos?

Bom, talvez uma ou duas gargantas, mas não muito mais do que isso. E os semideuses sabem como era bela! Oh, sim, eles sabem.

Falando assim, fica parecendo que conheci Andreanne pessoalmente, mas teria de ser o mais velho do mundo para ter tido tal prazer. E o seria, se pudesse escolher, acrescento.

O que acontece é que o que estou dizendo está escrito em qualquer livro histórico da Biblioteca Real dessa cidade; basta apenas folhear nas prateleiras corretas, o que já seria algo raro, já que hoje em dia está tão difícil ver os jovens folheando até mesmo as prateleiras erradas. Aliás, uma das melhores decisões já tomadas por um Rei talvez tenha sido a construção da Biblioteca Real de Andreanne. Toda a história daquele Reino, e muito da história daquele continente, está registrado naquele lugar por escribas pacientes ao feito. Tudo obra de Primo Branford, o Rei que todo Reino gostaria de ter.

Um Rei à altura de uma cidade-capital como Andreanne.

E é sobre ele que vou falar agora.

Primo Branford era o maior de todos os Reis que já ocuparam o trono do Reino de Arzallum ou de qualquer outro. Nascido na pobreza, posto à prova pelo sacrifício e destinado ao sucesso, Primo era o mais velho de três irmãos, que receberam os nomes Segundo e Tércio, de acordo com a chegada ao mundo. Quando digo que foi destinado ao sucesso, não me limito a ele, mas a toda família. A história dos Branford é conhecida por todo o povo de Arzallum e também pelos povos de todos os Reinos. Afinal, até hoje não escutei história mais fascinante do que a dos três irmãos pobres, filhos de um moleiro de nome Hams, que se separaram na infância miserável para se reencontrarem anos depois como Reis. E, sim, refiro-me aos três e a cada um com sua própria história e seu próprio caminho árduo da pobreza máxima até a consagração suprema, em um fenômeno predestinado e difícil de ser repetido na história da humanidade.

Talvez, de todos os três, a história mais interessante e famosa da escalada e chegada ao poder seja a de Tércio, que se tornou marquês com a ajuda de um bichano humanoide linguarudo e exibido, que vestia roupas e botas de couro e as vestimentas oficiais dos soldados do Reino de Mosquete. Um feito impressionante, com certeza, mas não é essa a história que iremos acompanhar hoje; talvez em uma outra oportunidade, mas não hoje. Entretanto, Primo ainda será sempre lembrado como o Maior de Todos os Reis, ainda que sua história não seja a mais cativante de todas as três, e essa é a maior façanha de sua vida.

E quando falamos dele estamos falando de um Rei que se portava como todos os Reis deveriam se portar. Um Rei que usava aquela barba longa, que dá propositadamente a qualquer Rei um aspecto sábio de tempo e aventuras vividas, e armaduras ou vestimentas com o brasão real à mostra, para incentivar um culto ao nacionalismo pelo exemplo. Arrastava capas presas aos ombros com postura; montava cavalos para combates de justas; sabia com que talher espetar um javali antes e depois do meio do dia; conhecia estratégias e citações militares de cor.

Rei Primo baixou os impostos por compreender que não deveriam se manter caros apenas para aumentar privilégios -

obviamente retirados - de nobres de Arzallum. A princípio, claro, isso irritou e fragilizou a aliança com seus aliados, mas Primo sempre contornou as situações. Se, por um lado, retirava dos nobres os privilégios que mexessem no bolso do povo, dava-lhes, por outro, privilégios que não afetariam o povo tanto assim. Os nobres podiam por direito, por exemplo, servir-se em qualquer taberna da cidade sem pagar um tostão por isso! Injusto? Não seria essa a resposta de um dono de taberna, que preferiria muito mais servir um nobre glutão por sete ou oito ou nove noites por mês, se tivesse por isso seus impostos reais reduzidos em quase setenta ou oitenta por cento.

Mais do que isso, Primo também acabou com a servidão de qualquer porte. Construiu farmácias, hospitais e escolas.

Óbvio que a Biblioteca Real fora ideia sua, como tudo de bom que Andreanne possuía. Mas uma construção, porém, e por ironia do destino a mais popular de todas, não fora obra de Primo, o que tenho dúvidas se lhe causara um pouco de frustração ou não. Mas, se não fora dele a ordem de construção, dele partiu a ordem - e faz seis anos, mas me lembro como se tivesse sido ontem, ou anteontem, no máximo - para que os melhores arquitetos reais se reunissem para planejar as reformas, a ampliação e a reformulação da maior casa de espetáculos de todo o Ocaso. Pois o Rei ordenou que o que antes era apenas um teatro nobre de médio porte se tornasse a maior casa de espetáculos da história desse mundo, e mais, com locais para o povo a preços acessíveis.

O Majestade.

Um local muito importante para Andreanne e todo o Reino de Arzallum e também muito importante para esta história.

Por meio dele conhecia-se muito bem o estilo de vida dos cidadãos desse mundo. E, para melhor se adaptar ao que virá, é necessário conhecer bem o estilo e a forma de ver a vida desse povo.

E isso o Majestade pode providenciar.

Ah, sim, isso com certeza ele pode.

- Uau! Olha só o tamanho disso! - comentou Ariane, sentada na primeira fileira do imponente Majestade. - Cara, mas o que que é esse palco?

O Majestade era grandioso, e os lugares populares, por mais que não fossem os mais confortáveis, eram suficientes.

Diversas poltronas haviam sido colocadas paralelamente e de maneira idêntica, capazes de abrigar um número próximo de mil plebeus e com uma visão do palco que, se não a melhor, perfeitamente aceitável para quem precisava de espetáculos para lavar a alma e sorrir como um nobre, ainda que por um instante inesquecível na mente e motivador no coração.

Havia camarotes acima das poltronas que podiam ser reservados, entretanto, o camarote central era um caso único e impossível de se conseguir entrar com um ingresso. Isso porque se tratava do Camarote da Majestade, destinado à família real e a tudo o que isso representava. Sentar em um daqueles cobiçados lugares apenas era possível com o convite de um Rei, de uma rainha, de um príncipe ou de uma princesa. E convenhamos que quem conseguisse tal feito seria alvo de conversas de nobres e plebeus por um tempo indeterminado.

- Caraça, olha só esses desenhos! Isso deve ter dado muuuuuuito trabalho! - os olhos infantis perseguiram tudo que, para ela, era novo.

O brasão de Arzallum aparecia em todo o lugar, na forma de um dragão alado acima de uma espada e um escudo. Como dito, Rei Primo fazia questão de considerar aquele lugar um orgulho para seu povo e incentivar um culto à bandeira de Arzallum, fosse através do exemplo, fosse através de muito mais do que isso. Por isso, você veria o brasão, se lá entrasse, em todo canto. Sempre. E ele iria representar todo o sentimento que você teria, se morasse em Andreanne, fosse quem fosse. O nacionalismo, o culto ao brasão, o amor à bandeira. Mas não estamos falando desses nacionalistas cegos que movem guerras em nome de uma nação, e sim de pessoas que saíram de um continente para reconstruírem suas vidas em outro e faziam deste, sua nova casa, sua nova morada e seu único lar. O Majestade as lembrava disso e passava a impressão de terem feito a escolha certa.

Os espetáculos eram anunciados em praça pública e os nomes eram colocados em cartazes pintados à mão por habilidosos pintores letrados de excelente caligrafia. A propaganda boca a boca também era inevitável e existia uma certa magia silenciosa e selada nisso. Se o espetáculo fosse bom e agradasse na estréia, teria público garantido por dias e dias. Agora, se agradável não fosse, poderia então logo juntar seus responsáveis e migrar para outra cidade já saboreando o fracasso, o que era uma pena, pois como era difícil chegar ao Majestade! E essa dificuldade tinha uma razão: Primo queria que o Majestade fosse o ápice da carreira de um artista, a consagração final de um espetáculo.

E conseguiu que assim fosse.

Aquele dia foi, para variar, um desses em que a casa lotou por causa de uma estréia.

Era um espetáculo teatral com ar circense, desses adorados pelas crianças por causa dos bufões que satirizavam propositadamente nobres reais, e exatamente por esse motivo não havia melhor ocasião para professoras da Escola Real do Saber levarem seus jovens alunos para conhecer o local mitificado. E o melhor: tudo por conta do Rei. O amado e saudado Rei Branford. As crianças foram as primeiras a entrar e tomaram os primeiros lugares. Os pais, em fileiras muito mais afastadas, puderam ver os filhos sorrindo felizes tão próximos do palco, e somente quem é pai e veio de uma vida difícil sabe o que é alegrar o coração de um filho em momentos impossíveis de serem descritos pela razão, os quais a emoção controla.

- Professora, será que a gente pode cumprimentar os atores depois da apresentação?

- Claro, Ariane. Os atores adoram essa parte! - a professora sorriu; a menina, também.

Para Ariane Narin, momentos como aquele eram uma dádiva.

Pois, neles, ela podia esquecer o mundo, e principalmente o mundo podia se esquecer dela. Esquecer dessa menina que viu a avó ser devorada por um lobo assassino e virou lenda na cidade, mesmo na boca de pessoas que nunca sequer a viram, com um apelido que detestava. Essa parte da história se passa quatro anos depois daquele incidente marcante e, portanto, estamos falando de uma menina recém-saída da infância de seus nove anos para se tornar uma pré-adolescente de doze, a poucos dias de completar treze anos.

- Senhoras e senhores! Rapazes e senhoritas! Estou aqui para dar, em nome de todo o elenco, as boas-vindas a todos os presentes e espero, do fundo de um coração romântico, que gostem do espetáculo que hoje vos será apresentado! - quem dizia as boas-vindas era um homem vestido com uma réplica circense de armadura, e a maioria sabia que se tratava de Gerald Thomas II, diretor daquela famosa peça teatral. - Por favor, aguardem os três toques do sino, sentem-se confortavelmente nessas maravilhosas poltronas e tenham um bom espetáculo!

As pessoas aplaudiram.

Ariane não piscava. Se dependesse apenas dela, teria se sentado sozinha, longe das outras crianças. Não que o incidente macabro a tivesse tornado anti-social ou mesmo depressiva; com o tempo, você irá conhecê-la melhor e poderá notar que conhecer o Mal e a fragilidade da vida a fez supervalorizar a dádiva de viver. Entretanto, ela ainda era um ser humano e, como tal, propícia a mudanças de temperamento drásticas, sem maiores explicações. E não era tão incompreensível assim o fato de querer se sentar sozinha naquele dia. Como explicado, apenas detestava ser o centro das atenções em grandes eventos, o motivo de comentários benignos ou maldosos (a maioria, maldosos) e o resultado de olhares curiosos, assustados ou intrigantes, o que no caso irritavam na mesma intensidade.

- O ator dessa peça é o maior gato, né, João?

Ei, eu disse que ela gostaria de se sentar sozinha, não? Perdoe-me, é que são tantas histórias e

informações, que às vezes esquecemos de um detalhe ou dois. Não, Ariane não gostaria de se sentar só naquele dia. Gostaria sim de ter, como teve, a companhia de um único e jovem menino, de idade muito próxima à sua. Refiro-me ao único menino que ela considerava um amigo e com quem tinha uma relação em que se sentia à vontade, sem se achar um show de horrores.

- Humpf! Fala sério, Ariane! Menino que é menino não repara nessas coisas não, eu, hein! - disse o jovem invocado, apoiando uma bochecha sobre um punho fechado e entrando na provocação.

Apresento o jovem João Hanson, um filho de lenhador que entendia muito bem os sentimentos daquela menina e nela via uma boa amiga. Entretanto, para explicar por que ele era o único que compreendia Ariane Narin, a ponto de ela confiar apenas nele, é preciso voltar ao passado desta história.

Mais precisamente, seis anos atrás.

Seis malditos anos atrás.

Foi assim que começou a macabra história da família Hanson: - Hígor, eu acho que estou grávida! - foi com esse temor que a senhora Hanson anunciou ao seu marido a gravidez.

Um temor justificado pelo risco em uma época de difícil sustento.

Os Hanson eram uma família humilde liderada por um lenhador, como muitas outras em Andreanne, e com trabalho para mais três futuras gerações. Madeira é um produto que não costuma faltar onde existem tantas florestas com um sistema eficiente de replantação para impedir que as terras fiquem estéreis anos à frente.

Eram dois os responsáveis pelos Hanson: o bonito casal formado por Hígor e Erika Hanson, do qual nascera um interessante e curiosíssimo par de filhos.

- E você acha que poderia ser um menino? - ele disse sorrindo, para alívio da esposa, que chorou no ato.

Primeiro veio uma menina, a quem chamaram Maria.

Maria Hanson nasceu em uma época conturbada. Os pais buscavam uma forma de melhorar a renda familiar, e sua vinda só veio dificultar essa busca. Mas, como visto, nenhum dos dois se importou tanto quanto poderia parecer e cada vez que viam Maria tinham certeza de que haviam tomado a decisão correta. Maria nasceu morena como a mãe e o pai, e inteligente como nenhum dos dois jamais conseguiria ser. Era dotada de uma responsabilidade inigualável, provavelmente desencadeada pelo desejo de não ser um peso para os pais, mas uma solução. Se o pai não a impedisse, diversas vezes teria erguido um machado e tentado derrubar árvores. Como isso, porém, não era trabalho para uma menina de traços finos, e ainda mais da graciosidade de Maria, a jovem, por idéia e atitude próprias, passou então a vender doces preparados pela mãe nas feiras de Andreanne.

Mais tarde, voltaremos a falar de Maria Hanson, pois muito notável é essa jovem para ser citada apenas de passagem como agora.

- Hígor, eu acho que estou grávida! - a cena se repetiu, e novamente o temor rondou a espera pela reação de resposta.

- Hum... agora deve ser um menino... - ele sorriu uma vez mais, enquanto a esposa chorava abraçada ao seu pescoço.

E não apenas Maria nasceu, como você já deve ter percebido.

Dois anos após o nascimento dela, veio ao mundo o pequeno João, o que aumentou a felicidade da família e diminuiu ainda mais o já apertado orçamento. João Hanson também nasceu moreno como a mãe e o pai, o que - penso eu - ninguém estranhou. Sua personalidade,

entretanto, tratava-se de mais do que apenas diferente da de sua irmã; funcionava mais como um legítimo complemento. Pois, se a inteligência de Maria era alta, o raciocínio de João era brilhante. E veloz.

Logo, bastava a irmã ter uma ideia, por mais simples que fosse, que o raciocínio do garoto tratava de tentar encontrar uma forma de colocar aquela ideia em prática. Isso gerou uma curiosa harmonia entre irmãos, que poucas vezes esse mundo viu repetir.

Logo, mais tarde, já estava a dupla vendendo doces nas feiras da cidade. João sempre inventava alguma coisa extra para que os doces dos Hanson se destacassem das outras barracas próximas. E sua arma mais eficiente, por incrível que pareça, era...

- E foi então que a menina Coraline viu aquele ser todo distorcido e sem noção, olhando pra ela com a maior cara de mau!

... contar histórias! Diversas crianças paravam ao lado das mães ao redor daquela barraca, enquanto o pequeno prodígio contador de histórias narrava aventuras que pareciam sopradas na cabeça. Ou vivenciadas em sonhos despertos demais para serem esquecidos após o acordar.

- E aí? E aí? - perguntava uma menina de seis anos, com um vestido de mocinha e rabo de cavalo.

- Que que o cara fez com a garota? - quis saber outro garoto de sete, ávido por histórias de terror.

- Ah, um doce ou uma travessura... - ele respondia com aquele sorriso aberto.

As crianças lamentavam em coro e corriam às mães. João Hanson era um grande contador de histórias de terror, mas também um grande empreendedor. Logo, quem quisesse saber o final de suas histórias que fosse até a irmã e lhe comprasse doces da mãe. E, fossem imitações de nobres, histórias de terror de efeito ou mesmo músicas engraçadas inventadas, tudo parecia válido - e funcionava - para aumentar o número de moedas no fim do mês.

E estamos falando de uma época em que Maria tinha nove e João apenas sete anos. Seis anos atrás. Com certeza, se fossem nobres, seriam considerados prodígios, mas, como eram filhos de lenhador, se quisessem ser reconhecidos, teriam de batalhar tanto quanto filhos de plebeus para se tornar Reis.

Verdade posta: não eram as idéias de João as únicas responsáveis pelo sucesso dos doces dos Hanson. A qualidade do produto era mesmo insuperável, talvez pelo amor, talvez pela vontade com que a senhora Hanson os preparava, não importa. Importa que eram insuperáveis.

E, bem, doces também eram a fraqueza dos dois.

Talvez mal-acostumados com a possibilidade de comer de graça, os irmãos adoravam o que

vendiam e talvez esse fosse outro fator para o fazerem tão bem. Tinham um cuidado enorme para não comer o que deveria ser vendido, mas não quando esses doces sobravam: Pois, entre devorar uma iguaria desejada ou jogar fora em um canteiro qualquer para algum cachorro magro e faminto se alimentar, a opção dos dois parecia bem óbvia. E... bom, que seja, foram também os doces os responsáveis por esse incidente macabro que já está na hora de ser relatado.

Aconteceu em um final de tarde do Dia do Éter, o terceiro dos cinco dias da semana. As crianças voltavam para casa após mais um dia de trabalho bem-sucedido. João pouco se lembra dessa parte do dia; Maria, um pouco mais. Pelo depoimento dado à Guarda Real mais tarde - e, se duas crianças tiveram de depor à Guarda Real, já é possível se ter uma noção da gravidade do problema -, Maria disse que erraram o caminho, talvez por distração ou por algum outro motivo, não se sabe.

Sabe-se que, naquele dia, eles seguiram por um caminho diferente sem perceber e deram de cara com o maior absurdo com o qual já tiveram oportunidade de deparar, e nem a inteligência de Maria nem o raciocínio de João resolveram interceder. Pelo contrário, ignoraram completamente a informação cerebral transmitida pela decodificação do esquisito desenho da luz que entrou pelas córneas excitadas com o abstrato. Era uma casa. Parecia ser. Mas tinha algo tão especial nela, que a fazia diferente de todas as outras casas do mundo.

Era uma maldita casa que parecia feita completamente de doces.

Aplausos.

Ovação por igual de plebeus e nobres, e quando isso acontecia só existiam dois motivos: ou a presença de membros da família real ou o fim de um espetáculo proporcionado por pessoas merecedoras de aplausos.

- Olha, João! É a família real... - os olhos dela, os dele e os de todos os outros brilhavam de excitação e fascínio diante da chegada deles. Pois, em Arzallum, ou em qualquer outro Reino que tenha Reis e uma família real de respeito, tudo para quando em suas presenças. Mesmo uma história deve ser interrompida para saudar a chegada de um Rei, esteja ele onde estiver.

Rei Primo e sua família real entraram no Camarote da Majestade, e foram saudados pelo povo e pelos nobres, como apenas um bom ou temido Rei e sua família são. Lá estava ele com o jeito sábio, o porte real e o brasão de Arzallum estampado no peito. E não estava só. Junto a Primo, estavam também os dois filhos legítimos, a próxima geração a governar Arzallum.

- Acho que é a primeira vez que verei tua história encenada em um palco, grande Rei!

Um era o príncipe herdeiro, o mais velho e treinado para ser o legítimo sucessor de Rei Primo: o príncipe Anísio Terra Branford, nome que aqueles especialistas de sabe-se lá o quê diziam significar "completo" ou "perfeito". Mas, se é esse mesmo o significado do nome Anísio, então a escolha fora apropriada, pois era isso o que Anísio Terra Branford teria de ser, ao menos para substituir o pai quando fosse necessário. A verdade? Anísio conseguiria, eu acredito nisso e aquele povo também acreditava, pois como é fácil acreditar nos governantes antes de eles subirem ao poder, não é verdade?

Era o desejado pelas moças nobres e tudo o que os jovens dessa mesma classe social sonhavam um dia ser. Sabia falar em público, ser engraçado e firme, portar-se à mesa e montar um cavalo. Sabia tudo! Era exatamente o que um nobre deveria ser.

- Pois eu tenho certeza de que é a minha primeira, rapaz!

Agora, veja se vocês dois acenam um pouco e, por favor, distribuam sorrisos feito sopa... - disse o Rei.

O outro filho era o príncipe Áxel Terra Branford, que nasceu acostumado com a ideia de não ser o príncipe herdeiro e, por isso, não se preocupou em ser o perfeito nobre e acabou por se tornar o perfeito plebeu. Não que o príncipe tivesse modos rudes ou falta de tato com a realeza (preconceito infundado esse), apenas não se interessava pela parte nobre das coisas, muito mais intrigado pelo mundo plebeu, tão diferente e fascinante para ele. Mais: Áxel escrevia em altivo (língua falada em Arzallum) rico e se dirigia a qualquer um com a forma de falar pomposa dos nobres, mas, poucas vezes realmente sentia vontade de fazê-lo. Na maioria

das vezes, o que se via era um príncipe conversando com soldados usando pronomes pessoais como "você", de forma completamente natural, situação impensável em outros Reinos.

Assim, enquanto Anísio era adorado pelos nobres, Áxel era adorado pela plebe. O Rei, por ambos. Era um trio perfeito, pois! E a rainha Terra, nossa! Nem falei sobre ela ainda. Que família abençoada aquela!

Mas, melhor, falarei do espetáculo e do Rei e dos príncipes e da rainha quando chegar a hora. Pois, quando a família real se sentava em suas poltronas, tudo podia voltar ao normal, e nós podemos também voltar ao ponto interrompido de nossa outra história.

É hora de saber afinal o que aconteceu no caso macabro de João e Maria Hanson.

Ver não foi suficiente. Se o fosse, talvez tudo tivesse sido diferente.

O ruim foi que eles precisaram tocar, e os sentidos outros começaram a exigir o mesmo direito. E logo estavam lambendo, cheirando e comendo o que antes apenas adotavam como uma viagem alucinógena. A audição invejava os outros sentidos alucinados, o que era justificável, afinal, para que serve uma orelha em uma casa de doces? A resposta: para muito. Pois é com ela que se escuta, como João e Maria Hanson escutaram, uma velha bizarra convidá-los para entrar em sua morada.

- Não se preocupem... queridos!!! Tenho a certeza da morte de uma estrela que encontrarei um jeito de vosmecês me pagarem.. - ela disse com uma voz sussurrante que lembrava o sibilar de uma cobra.

Os irmãos entraram sentindo-se culpados, afinal, pouco tempo antes estavam devorando a casa da velha. Mas, bom, já disse que não devemos julgar apressadamente as pessoas, e isso faz referência tanto aos comentários malignos quanto aos benignos. Pois, aqui, não falamos de mais uma senhora indefesa, que resolvera, por motivos incompreensíveis a princípio, isolar-se no meio da floresta.

Aliás, muito pelo contrário.

Tratava-se, sim, de uma senhora capaz de manipular muito bem a vontade humana e dominar os sentidos a ponto de excitá-los de uma forma tão obsessiva, que os fazia desejar o inexistente e coexistir com o inimaginável.

E no pior sentido que isso possa significar.

A maldita casa era formada na realidade de barro armado, com uma mistura de ripas de bambu e cordas, uma base sólida de pedras para proteger as paredes da umidade, um teto forrado com palha e uma mistura de barro para cobrir os espaços vazios, fazer a junção e proteger a madeira. Mas nada disso era tão simples quando nos referimos àquela desgraça de ser humano.

Porque aqui nos referimos a uma desprezível anciã que chegava ao ponto de fazer crianças comerem lascas de madeira como se fossem chocolate ou mastigarem pequenos estilhaços de vidro como se fossem uma porção de passas silvestres. Falo de uma velha decrepita, que suava gordura e banha feito um porco espetado, capaz de manejar a sombria condução de uma indução hipnótica de maneira tão competente - e proibida por lei -, que conseguia fazer uma criança inteligente e outra esperta ingerirem lama como geleia fresca de amoras, lamberem cera de velas coloridas como se fossem pirulitos e beberem com prazer água barrenta como suco de boas frutas. Dizem que, através do escuro transe, as crianças mordiscaram ainda pedaços de barro como tabletes de doce de leite, chuparam pedaços de palha como cana-de-

açúcar e saborearam fragmentos de pedras feito balas, mas as pessoas dizem sempre muitas coisas ruins de histórias como essas, principalmente as que não estavam lá.

O que é realmente relevante é que esse show bizarro foi provocado inicialmente pelo mesmo motivo que levou um lobo gigantesco a atacar uma senhora sozinha em uma floresta: o desejo de saciar a fome.

Pois aquela idosa macabra se alimentava de carne crua, como todo animal carnívoro. E João e Maria Hanson deram o azar de estarem no local errado, na pior hora. Por gula, foram atraídos pela simpatia de uma senhora que os trancafiou em uma casa escura e lhes preparou para um ritual sombrio de características sinistras.

Maria acabou por se tornar uma escrava a trabalhar dia e noite acorrentada e ameaçada tanto física quanto moralmente, escutando sempre aquela maldita voz que repetia de forma arranhada, lembrando a voz de uma pessoa rouca: - Trabalha, cabelo de ovelha...

João foi trancafiado em um repulsivo quarto escuro, improvisado embaixo de uma escada, tentando ignorar o som de ratos arranhando a madeira e escalando por seus braços. E

o movimento das baratas que se entranhavam em seus cabelos. E o toque das aranhas que formavam teias ao seu redor, na tentativa de se alimentarem dos incessantes mosquitos famintos que lhe tomavam o sangue em pequenas agulhadas contínuas. E extremamente doloridas. O peito doía, e cada respiração era tão difícil quanto a vontade de permanecer vivo; o ar era rarefeito e pesado, não apenas pela energia pesada local mas também pela quantidade de poeira acumulada em local tão claustrofóbico.

Ambos os irmãos passaram os cinco dias seguintes vomitando sangue, nauseados, com fortes dores no estômago e enjoo constante. João ainda cuspiu uma saliva sangrenta por muito tempo, devido aos cortes feitos na língua pelos pequeninos estilhaços de vidro que acreditou serem passas silvestres, vivendo dentro de um conto de terror parecido ironicamente com os de suas próprias histórias. E, falando em João, era ele também quem tinha de comer em excesso, muito mais do que aguentava, e pelo mesmo motivo que uma galinha nascida em uma granja tem de comer muito além do que necessita: engordar para ser futuramente devorado, após ser sacrificado em um aterrorizante ritual proibido, em que teria o coração comido. E sabe-se lá mais o quê.

A medonha velha canibal era capaz de ficar dias sem se alimentar, e raras eram as vezes em que podia contar com proteínas de carne humana. Portanto, preferia engordar suas presas quando e o quanto possível fosse, para que pudesse melhor banquetear. Além disso, ao comer um coração de outra pessoa, ela absorvia a força vital do sacrificado, ou ao menos acreditava realmente nisso. Logo, era preciso que o sacrificado estivesse fisicamente forte.

Dessa forma, o grande problema para a maldita era que tudo o que João Hanson comia ele vomitava mais tarde. Logo, a expressão do garoto estava sempre anêmica; cada vez mais cadavérica. A velha tocava em seus dedos e sentia-os magros, finos como os dedos de um

esqueleto. E isso a irritava; e como a irritava.

João perdeu a noção de quanto tempo passou embaixo daquela escada escura, obrigado a comer e vomitar. E Maria também perdeu a noção de quanto tempo serviu como escrava para uma senhora que babava sangue por causas das feridas no céu da boca e lhe cortava a pele com longas agulhas aquecidas em fogueira, sempre observada por um insosso corvo negro.

João, em sua prisão própria, escutava os gritos de dor e súplica da irmã torturada, e isso lhe era muito pior do que ratos, baratas, mosquitos, aranhas, falta de ar ou vômito constante.

Em casa, os pais procuravam todos os dias, desesperados por alguma informação. Más-línguas logo disseram pela região que o casal havia feito de propósito e deixado os filhos perdidos na floresta por não terem condições de sustentá-los.

Tal afirmação, obviamente, era dita pelas mesmas pessoas que costumam aumentar os fatos dos quais nunca foram testemunhas; uma expressão de pura maldade e veneno de gente fofoqueira e alheia ao sofrimento humano, que não comem corações, mas se alimentam de alma humana feito velhas canibais. Em verdade, posso admitir a qualquer um: os Hanson jamais seriam capazes de fazer tamanha barbaridade com sua prole e prefeririam vender os filhos a quem pudesse dar-lhes uma boa educação a abandoná-los à própria sorte em uma floresta escura e sinistra. E o que afirmo tanto é verdade, que foram à Guarda Real. Esperaram as horas obrigatórias exigidas para se ter a certeza e a comprovação de um desaparecimento e viram as buscas reais acabarem em vão.

Por um momento, tentaram fazê-los acreditar que os filhos estavam mortos, mas os pais só acreditam na morte dos filhos quando veem seus corpos.

E tudo permaneceu assim, até o dia em que a velha canibal comunicou que havia chegado o dia do macabro ritual em que João Hanson seria sacrificado.

Era o dia 24 de uma Lua Negra.

Dessa forma, esquentar um grande caldeirão foi a ordem dada à Maria naquele dia pela velha que babava sangue, fedia a ácido úrico e cuspiam uma saliva verde, composta de abraços de catarro, a cada treze passos dados.

- Finalmente! Esquenta! Ferve a água do caldeirão, cabelo maldito de ovelha! Depois mata teu irmão, corta a mão direita e a coloca no caldeirão pra mim! O sangue, serve na taça, que meus convidados chegam em pouco tempo. Mais tarde, como o coração...

Maria, naquele dia, tremia tanto, que em situações normais teria entrado em colapso. Mal sentia o chão ou as coisas e, ao segurar a faca afiada na cozinha, a mesma com a qual nunca teve forças ou coragem para tentar usar na velha, imaginando o que aconteceria com ela e seu irmão se errasse o golpe, o reflexo distorcido de seu rosto na lâmina dessa vez refletiu diferente. E não refletiu apenas ela.

E diante de ordem tão hedionda, tomada pelo desespero que ronda o instinto animal de sobrevivência humana, foi assim que Maria entrou no quarto improvisado que servia de cela para o irmão com a faca nas mãos, e o fez gritar como um ensandecido. De lá saiu com sangue nas roupas e um pedaço de carne nas mãos. A velha canibal ficou satisfeita com a cena e foi-se para a mesa sorridente, de olhos fechados, feito um adorador de música clássica em um concerto.

O mundo para ela, porém, não seria assim tão fácil.

Pois o que uma desesperada Maria Hanson cortou e jogou no caldeirão foi o tal do corvo negro insosso - que detestava tanto quanto a maldita velha decrépita -, que pagou o preço por, como os próprios irmãos, estar no lugar errado, na pior hora.

A velha, quando provou a sopa que deveria conter pedaços da carne morta de João, sentiu o gosto diferente. Não se sabe como, mas dizem que quem é canibal sente essas coisas. Foi assim que ela esbofeteou Maria Hanson com uma panela de barro e foi conferir ela própria o que havia no caldeirão. E, quando se debruçou sobre a grande caldeira, para o que era preciso subir em um pequeno banco de madeira, pois grande tinha de ser a caldeira onde se ferviam crianças, viu que ali não havia um couro cabeludo, mas as penas negras e a carcaça já se descolando da pele de seu mascote.

E, em seguida, jamais viu coisa alguma.

Porque nessa hora Maria Hanson invocou a força que os heróis experimentam nesses momentos por heroísmo, e as pessoas comuns, por desespero, e, ainda que acorrentada nos pés, munida da mesma panela de barro que apanhara do chão depois de ser golpeada, a menina juntou todas as suas forças para GRITAR e aplicar um poderoso e violento golpe que explodiu na altura da face, deformando o rosto e jogando metade do corpo velho e suado dentro do caldeirão fervendo.

No momento em que o corpo afundou na água em ebulição e imediatamente sentiu a pele sendo fritada, a canibal GRITOU!

Com o coração na boca e sem acreditar no que estava fazendo, Maria ainda a pegou pelos joelhos em frenesi, que se agitavam em espasmos, e virou aquela monstruosidade de vez dentro do caldeirão fervente, ao som dos gritos aterrorizados da velha repulsiva. Quando o corpo velho caiu na água fervendo por completo, debatendo-se feito uma ratazana-d'água em convulsões, a água quente ainda se esparramou e tocou com suplício no braço da jovem Maria, deixando marcas de queimaduras leves que para sempre iriam lembrá-la daqueles momentos de horror.

E foi enquanto a velha ainda se debatia sentindo a pele fritar e gritava de dor dentro do caldeirão fervendo exalando forte cheiro de churrasco que Maria Hanson tomou as chaves das próprias correntes e soltou também o irmão, e juntos saíram correndo daquele antro. Correram para fora daquela casa medonha, na direção da floresta, até cruzarem com equipes de busca

que ainda não se davam por vencidas, provando, dessa forma, a teoria dos pais, de que não se acredita na morte de um filho até vê-lo realmente morto, ou o coração dizer o contrário.

De repente, depois de dias de sofrimento, na frente dos Hanson estavam os dois filhos, vivos, e trazendo a vida de volta ao casal. Dizem que a mãe chorou quando viu o rosto roxo, marcado por pancadas, da filha. E o pai ainda mais, ao ver a expressão anêmica e cadavérica do filho. E aos pais os irmãos contaram a história, e também à Guarda Real, e tiveram de repeti-la para muitas outras pessoas.

Voltaram ainda à casa da velha, mais tarde, mas, dessa vez, junto com a Guarda Real e seus pais. O corpo da repugnante canibal terminou dentro de um caldeirão fervendo, difícil e grande demais para uma velha sair de dentro sozinha, acredito. A casa foi queimada e dizem ainda que os Hanson ficaram olhando-a queimar até que não restasse nenhuma madeira para ser confundida com chocolate por algum transeunte inocente, vítima de qualquer transe macabro de magia negra.

E a anciã? Bem, ninguém soube quem era aquela vergonha de ser humano, nem quem seriam seus convidados para aquele sinistro ritual. Mas de uma coisa todos tinham certeza: não se tratava de um ser humano comum. Nem muito menos se tratava de uma fada caída, forma sombria e depravada dos avatares dos semideuses nesse mundo. Não, eles sabiam que não estavam falando de magos brancos, nem de ilusionistas, nem de uma mera velha faminta que buscava uma bizarra alimentação sadia.

Eles estavam falando de muito mais do que isso.

Estavam falando de uma maldita bruxa.

A notícia caiu avassaladora como um tiro de canhão. A população ficou em alarde, o descontrole emocional foi tamanho, que se não houvesse um Rei do pulso de Primo Branford no trono real naquele momento talvez Andreanne hoje não fosse o exemplo de cidade-capital que é. Pois fora o Rei o primeiro a perceber a necessidade de acalmar o povo e dar a ele a sensação de que não havia mais bruxas canibais espalhadas por aí prestes a devorarem os corações de crianças.

Até porque realmente não existiam; aquilo havia sido uma exceção - ou ao menos assim eles realmente acreditavam - e, com o desenrolar desta história, você irá perceber por que Primo tinha reais bases para defender tal opinião.

O fato é que o Rei sabia que para reverter aquele quadro seria preciso algo grande, que mostrasse o real ou ao menos um real poder de Andreanne. Seria preciso fazer com que as pessoas não temessem estar ali, mas terem orgulho disso. Seria preciso algo que tomasse suas atenções, as tranquilizasse, ocupasse suas mentes e representasse o renascimento da paz, tanto para plebeus como para nobres, nada satisfeitos com o pensamento de que bruxas poderiam estar à solta pela cidade.

E foi quando Primo teve a idéia.

Parecia que todos os semideuses naquele dia lhe informavam o que fazer e como prosseguir. Da mente, naquele momento, nasceu a ideia perfeita, a criação certa, o momento propício.

Na verdade, mais que a criação, a recriação de uma obra que nunca fora dele e estava na hora de tomar para si, pois todas as boas ideias daquela cidade foram pensadas por ele.

E foi quando os arquitetos reais se reuniram. E as reformas começaram.

E o Majestade renasceu.

- Caraca, é o terceiro sino! - Ariane disse, excitada.

- Dá um tempo, Ariane! Tem de fazer silêncio pra assistir peça aqui no Majestade! - disse João.

- Ora essa! E onde não se tem de fazer silêncio pra se assistir a uma peça, seu sabe-tudo cabeçudo?

- Shhh! Fica quieta, pô! Como você fala!

As luzes se apagaram. João sentiu um frio na barriga, e isso acontecia sempre que as luzes se apagavam em qualquer lugar. O fato é que o menino jamais conseguiu dormir novamente na escuridão. Sempre mantinha um lampião, uma vela ou qualquer outra fonte luminosa possível acesa, mesmo que uma brecha para a luz da lua, para evitar adormecer no breu total. Esse receio acontecia simplesmente porque a escuridão é sempre igual e eternamente evoca as mesmas sombras dentro de celas improvisadas embaixo de escadas de casas de bruxas que babam sangue. E cheiram a dejetos. E

devoram corações.

Contudo, não há mal que dure para sempre, disseram um dia a João Hanson. Estava entrando na adolescência e precisava acreditar em muitas coisas, inclusive nessa máxima. Pois precisava acreditar, assim como Ariane - e, se ali estivesse, também Maria -, que o Bem era capaz de vencer o Mal, fosse o Mal um imenso lobo assassino ou uma repulsiva bruxa canibal. Sempre. E, se era nisso que precisava acreditar, então estava no lugar certo. Porque a luta do Bem contra o Mal dá sempre base a um bom espetáculo. E, quando o assunto era espetáculos, o Majestade era o ápice da consagração de qualquer um deles. Um local de sonhos e sorrisos, tudo o que aqueles dois precisavam naquele momento.

Quem apareceu, para delírio do público, para consagrar e dar início ao espetáculo foi a própria rainha Terra, que por um momento deixara seu aconchegante camarote para realizar a tarefa. Aliás, rainha Terra era um caso raro no mundo. Isso porque ela também era uma fada, e é muito difícil ser permitido que uma fada tenha uma vida humana.

Entretanto, Terra a tinha.

Fadas nada mais são do que avatares, representantes semidivinos de um semideus Criador. Esses avatares em forma de mulheres, belas ou não, humanas ou não, são necessários como legisladoras; as responsáveis por manifestar leis preestabelecidas por forças maiores que a compreensão humana. Em Nova Ether, fadas cumprem com louvor o papel, utilizando-se da boa magia branca para testar determinadas pessoas escolhidas pelo Criador e, conseqüentemente, manifestando dádivas ou punições de acordo com as ações.

Quando cumprem tal papel, ajudando ou castigando determinado ser, de acordo com suas reações, elas deixam a história prosseguir sem maiores interferências, pois não é essa realmente sua função. A função feérica não está em interferir ou moldar a Vida em direção a um Destino preestabelecido, mas apenas policiar aqueles submetidos às leis supremas.

Entretanto, existem alguns casos mais raros como o da própria rainha Terra. Aconteceu na época em que Primo Branford era apenas um jovem paupérrimo em busca do próprio sustento, sem imaginar que se tornaria o maior Rei da História, e fada Terra cruzou seu caminho. Naquela época, era ela conhecida apenas como a Fada do Moinho, e todos os moleiros prestavam rezas e pedidos a ela por melhores ventos em seus negócios, ainda que o nome que a batizava viesse do elemento do solo.

Por ordem recebida, Terra testou o caráter do plebeu Primo Branford em episódios que um dia narrarei caso sinta vontade e tenha um público. A fada, porém, não apenas passou a admirar aquele humano de caráter irremovível como o sol como notou também nele uma nobreza profunda, e algo aconteceu. O semideus que a concebeu percebeu que a Fada do Moinho havia infringido uma das Leis das Fadas mais básicas: envolvido-se emocionalmente com outra criação.

Se encararmos a vida como a história de um livro, poderíamos então também dizer que, quando uma fada sai do plano de coadjuvante de uma história para se tornar uma protagonista, o semideus responsável por seu envio analisa a situação.

Existem duas hipóteses nesse caso, e a primeira delas é bem direta: a morte. Ninguém, ninguém mesmo, em qualquer lugar de Nova Ether, atrever-se-ia a matar ou mesmo a atacar uma fada (isso seria como atacar semideuses, já que elas os representam); elas possuem tal proteção semidivina, mas devem se manter espectadoras das ações e nada mais.

Entretanto, existe uma segunda possibilidade que jamais poderá ser descartada. Caso a fada se envolva na missão a ponto de não conseguir se abster emocionalmente, então a ela será dado, como foi à Terra, o Dom da Mortalidade. Isso quer dizer que ela perderá parte da condição e proteção semidivina, podendo ser ferida e morta como qualquer humano, e poderá conceber a vida como toda mulher, e muito pouco irá separá-la de uma condição completamente humana. Ainda assim, ficará, porém, a pergunta: o que faria uma fada desistir de sua condição mágica e puramente semidivina para se tornar personagem comum de uma história?

Dois motivos que movem o mundo, e as histórias, para a frente: amor e ódio.

E que suspiremos aliviados quando esse motivo for o amor, como entre Primo e Terra, pois, nesse caso, o Dom da Mortalidade dado às fadas pelo Criador se torna uma bênção.

O problema sempre estará quando falarmos de ódio.

De fato, existem fadas enviadas para testar determinadas pessoas e que acabam por vê-las fracassar cada vez mais e mais e mais em seus testes, perdendo para sentimentos humanos

destrutivos como orgulho, arrogância e egoísmo. E, como consequência, isso desperta em tais fadas frustradas um sentimento de puro desprezo pela raça humana; uma antipatia adquirida da qual derivam profundas sequelas. Esse sentimento venenoso começa com a raiva, dá lugar ao ódio, e a boa magia branca vai sendo substituída pouco a pouco, feito células cancerígenas invadindo um corpo saudável, pela tenebrosa magia negra. Elas então passam a amaldiçoar bons humanos, sem ordem alguma, e também perdem aos poucos o Dom da Imortalidade recebido. E, quando perdem esse dom, também passam a sangrar e a poder ser mortas pelas mãos de qualquer ser vivo. E, nesse caso, o Dom da Mortalidade se torna um fardo.

E foram essas fadas movidas pelo ódio e fardadas com Mortalidade que, de pura raiva dos mesmos semideuses que um dia as abençoaram e depois as amaldiçoaram, trataram de ensinar a outras humanas, dotadas do mesmo sentimento odioso que elas, a proibida magia negra.

A primeira dessas desvirtuadas fadas caídas se chamou Bruja, e espero que nunca precise explicar melhor sua terrível trajetória. De Bruja, nasceu a primeira escola secreta de magia negra, e isso mexeu nos alicerces de Nova Ether.

E foi preciso uma ação conjunta de diversos Reinos para que essas escolas secretas e proibidas de magia lideradas por fadas negras caídas fossem destruídas. Uma guerra foi travada, envolvendo aço, sangue e rituais, e o extermínio diário de mulheres envolvidas aconteceu de forma brutal. Essas escolas ocultas de bruxaria que foram caçadas receberam nos registros de Nova Ether o nome de sabbat. Originadas, portanto, da primeira fada negra, Bruja, as humanas que aprenderam seus segredos receberam outro nome, em reverência e referência à sinistra mestra.

Bruxas.

E aquelas humanas que não eram fadas negras, mas treinadas por tais seres malignos nesse caminho proibido de magia, também foram caçadas tão implacavelmente quanto qualquer uma de suas cruéis mestras. E era essa saga, a caçada humana mais violenta e implacável da história desse e de outros Reinos, envolvendo a primeira guerra entre homens e bruxas, o tema daquele espetáculo teatral apresentado pela rainha Terra naquele dia no Majestade.

A histórica Caçada de Bruxas.

A voz rouca de timbre forte do narrador treinado ecoava na platéia silenciosa e excitada do Majestade até a última fileira, contando toda informação necessária para se entender a mesma teoria que acabei de narrar sobre fadas, brancas ou negras, e bruxas. O espetáculo avançava, mostrando fadas negras se rebelando, enraivecendo-se e traindo a própria boa origem, dominadas por um sentimento de autodestruição.

De forma muito bem-feita, com um jogo de luz organizado enfocando lampiões e candelabros e uma equipe de figurinistas e maquiadores bem preparada, mostrava-se ali naquele palco como a utilização da macabra magia negra influenciava o comportamento da pessoa que a utilizava, e isso inclusive na própria forma física. Pois o que se via naquele palco, no ato denominado "O Nascimento de Bruja", era uma fada que passava a ser dominada por seu poder escuro aos poucos, ganhando formas grotescas e bizarras na própria aparência, como imensas corcundas (uma forma semidivina de forçar uma pessoa a se curvar em humildade), fileiras de espinhas que coçavam como formigas, verrugas que expeliam pus e estouravam como grãos de milho expostos ao fogo, pele seca cujas veias mais pareciam afluentes de rios em atlas geográficos, feridas expostas que não cicatrizavam e que sangravam por debaixo da casca formada; a lista era variada e nunca seguia um padrão. E não apenas às fadas negras estava destinado tal fenômeno; também às humanas envolvidas com a magia proibida o fato ocorria. E assim tivemos bruxas vestidas de negro e de aparência decadente e carcomida, liberando energias adormecidas que nem mesmo elas compreendiam exatamente a intensidade e os riscos de se expor a algo de tal natureza.

São poucos os que viram essa época para contá-la, e hoje, se vivos, já são senhores idosos com suas missões cumpridas ou ao menos chefes de família experientes à espera da morte.

Muitas cabalas e escolas secretas de bruxas, porém, surgiram e multiplicaram as praticantes dessa tormenta, que apenas dava a essas mulheres carentes e infelizes uma falsa sensação de poder. Uma época triste, que não trazia boas lembranças. Mas que, naquele dia, em uma casa de espetáculos, não fazia nenhum espectador que não tivesse estado lá se importar com isso.

- Caraca, João, o ator é tudo de bom...

O ator mais aplaudido interpretava o papel de Primo Branford aos vinte e cinco anos, vívido como um menino acordando no dia do aniversário.

- Leva mal não, Ariane, mas ele não chega aos pés da Fada Terra! Ele é muito feio pra ela!

- Ah, fala sério! Você não entende nada!

O garoto riu. Pois foi a mais bela atriz da companhia, tão aplaudida quanto o ator que interpretava Primo, quem representou a Fada Terra. E a história mostrou um jovem de vinte e cinco anos, sem um pinga de sangue nobre no corpo, liderar um esquadrão de soldados reais

contra diversas escolas proibidas de magia escura e ajudar a exterminar a maior ameaça que já pairou sobre Nova Ether, ao lado de outros jovens que se tornariam grandes lendas. As maiores lendas.

Dessa forma, assim também aconteceu em todos os Reinos, e muito sangue jorrou para que tudo pudesse ter fim. Uma época de terror em que as pessoas se trancavam dentro de casa, rezando abraçadas à prole e esperando que tudo acabasse o mais rápido possível e não fossem, antes disso, acusadas de estarem compactuadas com bruxaria. Essa época negra na história acabou realmente conhecida como o episódio histórico da Caçada de Bruxas, e, ao menos em Andreanne e em todo o Reino de Arzallum, Primo Branford conseguiu restaurar a paz e exterminar todo aquele terror, sendo consagrado Rei pelo próprio povo.

E foi quando esse episódio aconteceu - a consagração do Rei -

que o espetáculo chegou ao fim, sob os aplausos de um público que sorria, se assustava, chorava e entrava em êxtase, envolvido por outros tantos sentimentos inomináveis.

O Rei - emocionado com o mar de lembranças proporcionado - levantou-se e aplaudiu de pé, e, quando um Rei aplaudia de pé um espetáculo, seus súditos tinham de, no mínimo, fazer o mesmo.

E, se um Rei levantou-se para aplaudi-la de pé, estava então consagrada a peça Caçadores de Bruxas como o maior espetáculo já realizado na história do Majestade.

A companhia teatral responsável havia chegado ao ápice, enfim, e conseguido o sucesso absoluto na maior das casas de espetáculos. E o sucesso e a ovação do público foram tamanhos, que ninguém pensou em olhar com mais atenção para o Camarote da Majestade. E ninguém ali, mesmo o mais nobre rico sentado no camarote mais próximo, percebeu que algo de errado havia naquele local específico. Mas não me refiro ao Rei nem à Rainha, que ali também subira após apresentar o início do espetáculo. Refiro-me aos herdeiros reais do trono, e ratifico que não me refiro a apenas um, mas aos dois príncipes.

Sim, porque príncipe Anísio parecia um pouco mais gordo do que realmente deveria ser e Áxel parecia ter diminuído uns três centímetros, no mínimo, embora os gestos, as roupas e o sorriso de ambos fossem convincentes. Ei, eu disse "ninguém"? Bom, admito que desta vez não o fiz por esquecimento, mas por suspense. Pois não é verdade que ninguém notara a esquisitice. Uma pessoa notou ao menos um deles, Anísio, e sua forma um pouco mais adiposa do que deveria.

- Mãe, Anísio não parece um pouco mais gordo do que da última vez em que o vimos? - a pergunta partiu de Branca, a princesa prometida a Anísio, filha do Rei Alonso Coração-de-Neve, líder supremo do Reino de Stallia, vizinho a Arzallum.

A destinatária da pergunta era a rainha Rosaléa, mãe da princesa e maior torcedora por um bom casamento entre os dois.

- Ora, minha filha, isso apenas prova que ele está se alimentando bem! - na verdade, o fato de uma pessoa engordar não tem nada a ver com melhor alimentação, na maioria das vezes é justamente o contrário, mas a rainha Rosaléa tinha como única preocupação no momento impedir que a filha já notasse defeitos no noivo mesmo antes do casamento.

-Ainda assim, parece-me muito estranho ver Anísio, tão cuidadoso, engordar assim em pouco tempo. Quando possível encontrar-me-ei com ele e passar-lhe-ei um sermão!

A rainha riu. Lembrou-se de si própria e da época em que Alonso, o Bravo, era-lhe apenas um príncipe prometido. Sabia que isso fazia parte de uma relação e era extremamente saudável e motivo de preocupação nenhuma. Mas, se a rainha fosse mais atenta do que a própria filha, ainda assim ela, naquele dia, teria se preocupado com aquele biótipo tão diferente de um príncipe em sua forma natural.

Ah, sim, ela teria se preocupado. Como contador desta história, eu garanto a você que ela teria se preocupado...

E Axel Branford EXPLODIU um murro no rosto do oponente.

Enroladas nas mãos e nos dedos estavam ataduras que deixavam no adversário marcas temporárias que iriam se tornar permanentes, dependendo da região acertada e da intensidade do golpe. O rosto do homem já estava marcado o suficiente, mas ele iria atacar o príncipe uma vez mais. Vivia de reputação, e ela estaria arruinada caso desistisse do combate.

E o homem gigantesco, também com ataduras ao redor dos dedos e cotovelos, como definiam as regras, avançou sobre Áxel. Houve um deslocamento mínimo, e BAM! e BAM! O

gigante sentiu uma ou duas costelas racharem em um estrondoso CRACK!, uma cotovelada sangrar o nariz e um movimento de meia-lua para a frente de um punho veloz o deixar temporariamente cego!

O corpo voltou ao chão, e o mundo continuava surreal.

Era conhecido naquele lugar como o Gnoll devido à pele escura, vestimentas, tamanho e fúria em combate. Mas, para aquele Gnoll, pior que os golpes eram os gritos. Mas não os de Áxel, e sim os da plateia. A mesma plateia que rodeava o ringue com canecos de vinho e cerveja escura para o alto e negociava altas apostas. Gnoll sempre fora Rei dentro daquele estabelecimento e fora burrice sua aceitar o desafio do príncipe. Mesmo porque quem poderia derrotar aquele maldito? Primeiro, tratava-se de um membro real e seria estupidez dar-lhe uma surra, uma boa desculpa para ser contada em tabernas; e segundo, mais próximo da verdade, porque era praticamente difícil lhe aplicar uma surra! Mesmo que não fosse de realeza alguma, era o maldito mais rápido e ágil que vira se movimentar em um ringue em toda a vida como pugilista.

Mais: Áxel tinha empatia com a plateia. Era um príncipe legítimo, que poderia estar sentado em mesas enormes, falando com nobres sobre teorias intelectuais, mas que preferia estar ali, em bares velhos e sujos, em meio à plebe de Andreanne, praticando esporte de contato corporal direto, adorado pelos homens da cidade. Mais: não ia até aquele local com dezenas de guardas atrás de si para fazer sua escolta. Na verdade, até possuía um imenso troll cinzento (e essa expressão é um pleonasma, pois todos os trolls são imensos), o arrepiante "Muralha", como seu guarda-costas, mas dizia que era mais pelo "prazer da amizade" do que por reais precauções. Além dele, no máximo com a companhia do velho Melioso, antigo campeão e naquela época já seu treinador.

E como um príncipe estava prestes a nocautear o campeão daquela casa? Acontece que, naquele Reino, o pugilismo era mais popular do que as justas (como já seria o oposto em Cálice) ou a esgrima (em Mosquete). Isso porque o número de nobres era dos mais reduzidos

em Arzallum, e o povo plebeu preferia assistir a esportes dos quais pudesse participar a se limitar a torcer por pessoas que não se importavam com ele.

O pugilismo era um exemplo intenso disso, além de ser uma espécie de prova concreta de masculinidade.

Para evitar que as pessoas ficassem se esmurrando para todo lado do Reino sem um controle regular disso, havia a chamada Confederação Real de Pugilismo. Se alguém lutasse em algum desses combates sem ser filiado à Confederação, era levado imediatamente para passar alguns dias na sinistra prisão de Andreanne, a temida e soturna Jaula, e dizem que não há homens, mesmo os piores, que gostariam de ir para lá.

Mas, desde sua criação, e mesmo com tantos associados ávidos pelo título de campeão máximo, nenhuma inscrição era mais badalada do que a número 5752. Pois estava ali na ficha, assinada com o próprio punho real, a inscrição do príncipe Áxel Terra Branford.

Outro Rei talvez tivesse tido um ataque do coração quando recebesse tal notícia, mas, para Primo, como dito, pugilismo era um esporte do povo, de onde ele viera. Dessa forma, contrariando todas as expectativas e a vontade da rainha Terra - que era mãe e temos de entendê-la por isso - Primo não se zangou com o filho pelo ato rebelde, muito pelo contrário. Muito pelo contrário.

Primo sentia um orgulho imenso quando via o rapaz tendo suas aulas de pugilismo e se tornando cada vez mais rápido, mais ágil e mais forte, como ele um dia gostaria de ter tido a oportunidade. Quando Áxel entrava em uma arena de pugilismo, ele esquecia a postura de Rei e vibrava, xingava e torcia como qualquer ser humano que também fosse pai, e temos de entendê-lo por isso.

Mas Primo Branford, entretanto, não estava lá naquele dia em que seu filho enfrentou o Gnoll. Não viu Áxel nocautear com impacto o campeão daquela arena e enfim conseguir subir de vez ao ranking A, ao conquistar todos os pontos necessários para se inscrever à vaga nacional no Punho De Ferro, o maior torneio de pugilismo do mundo.

E não pense que o pai não estava ali assistindo a um momento tão importante para o filho por descaso ou por achar que um Rei não deveria se meter em bares sujos.

Ele não o fizera por um motivo muito simples e direto: simplesmente não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Porque naquele exato momento em que príncipe Áxel Branford nocauteava Gnoll, Rei Primo se levantava para aplaudir o brilhante término da peça Caçadores de Bruxas no Majestade. E não apenas Gnoll fora nocauteado como a física também se rendia ao absurdo paradoxal: um mesmo príncipe estava em dois lugares ao mesmo tempo.

E o mais esquisito desta história é que ninguém parecia se importar.

E o grupo das crianças, se foi visivelmente o primeiro a entrar, também foi o último a sair. Mas nenhuma delas emitiu qualquer resmungo, pois o atraso dessa saída não se justificou apenas pela espera para diminuir o tumulto de mil pessoas esvaziando uma casa de espetáculos, mas também porque tiveram a oportunidade de conhecer de perto os atores da extasiante peça a que haviam acabado de assistir.

João registrava cada encontro em um caderno que o acompanhava e mais parecia um pesado livro sem nada impresso. Aquelas páginas registravam muito dele próprio; incluindo poesias infantis, desenhos aleatórios, redações envolvendo bruxas, príncipes e dragões; um ou outro bilhete escrito por ele ou por outra pessoa e agora autógrafos de atores consagrados. Tudo parecia excitante para aquele menino. Entrar em um camarim, ver os atores o erguerem, assinarem seu caderno, sorrirem ou escreverem dedicatórias nas páginas de seu companheiro fiel. Esse mesmo companheiro um dia recebeu em suas páginas uma poesia infantil, declarando um sentimento esquisito, que se tornava cada vez mais desperto pela amiga Ariane Narin. Mas não durou muito tempo, pois bem sei que a irmã Maria leu tais versos e João descobriu.

Ele arrancou a página de vergonha.

E, como o nome de Ariane surgiu, admito que ela também representava a excitação viva naquele momento. Por mais que fosse tratada como atração vez ou outra, Ariane não era o tipo de menina difícil de se fazer sorrir. Sempre que podia distrair a mente, esquecer o acontecido, o que talvez conseguisse se não tivesse sempre alguém a lembrá-la disso, ela sorria e se mostrava uma menina relativamente animada e feliz. Fácil a explicação desse comportamento: como já relatado, Ariane fora criada sob a proteção exagerada dos pais, com a idéia de que o mundo era bom e não existia nada além da bondade em suas terras. Após o acontecido com a avó, porém, passado o choque de saber da existência de dois pontos de vista sempre brigando para decidir o que representavam, Ariane passara a dar um valor triplicado à vida. E pergunte a qualquer soldado que já tenha visto a morte de perto se não valoriza ainda mais o poder de estar vivo e o que pulsa no peito de um ser humano e do mundo que o acolhe. Ariane sabia bem disso e, ao contrário de um soldado que vivia normalmente ao menos duas dezenas de anos antes de ser soldado, descobrira isso já aos nove.

- Aaaaaahhh, você estava liiiiiinda!!! - João nem precisava olhar para saber que Ariane estava agarrando Lígia Sherman, a atriz que interpretara a rainha Terra. O menino adorava todo o jeito de Ariane, por mais esdrúxulo e chamativo que fosse. E não sei bem explicar o motivo, mas, naquele momento, ele se lembrou de como conhecera a garota. Nos dias de hoje, ninguém mais poderia chamá-lo de "crila", pois já completara treze anos e deixara os doze para trás, mas não era esse o caso naquela época. Na verdade, estava João Hanson voltando para mais um ano escolar e faltavam poucos dias para completar dez anos, quando deparou com um grupo de garotos a cercar uma menina loira e de aparência assustada (certo, você e eu sabemos que era Ariane Narin, mas ele, na época, não).

- Ei, chapeuzinho vermelho! Chapeuzinho vermelho! Sabe pra que isso aqui é tão grande? É pra te comer!!! - a provocação partiu de Hector, um desses tipos de garoto que parecem estar presentes em qualquer instituição escolar e, por falta de maiores atrativos, tentam se impor pela força e pelo menosprezo às pessoas melhores do que eles.

- Meu nome é Ariane! - a menina de dez anos disse furiosa.

- Ariane? Não! Eu prefiro chapeuzinho vermelho! E vocês, pessoal? - Hector fez a pergunta ao seu bando de seguidores, marmanjos sem personalidade, que também parecem infestar qualquer instituição de ensino em qualquer época ou cenário.

- Chapeuzinho vermelho!!!. Chapeuzinho vermelho!!!.

Chapeuzinho vermelho!!! - era o máximo que os neurônios dos amigos de Hector conseguiam repetir na cena patética.

Ariane se calou. Mantinha uma expressão revoltada; como dito antes, se dependesse dela, aos poucos esqueceria o trágico acontecido, mas as pessoas simplesmente iriam impedi-la disso ao longo de sua história. João intercedeu nesse dia a seu favor, e foi apenas a primeira vez de tantas que viriam no futuro.

- Ei, Hector, já que estamos falando de roupas, que tal descrevermos o pijama de bichinhos que a sua mãe comprou na "Cute-Cute"? - o rápido raciocínio de João funcionou de forma fulminante, mas é preciso compreender por que uma frase dessas salvou Ariane de maior humilhação. Para que se entenda o raciocínio e o sucesso de João naquele momento, é necessário pensar como uma criança de dez anos. E, está certo, o que eu disse que ele disse não parece mesmo uma frase de um menino de dez anos, mas foi essa a ideia contida no que João disse, e o importante é que funcionou.

Primeiro, "Cute-Cute" era a alfaiataria de roupas para crianças mais popular entre as mães na cidade de Andreanne, e isso por conta ia qualidade. Toda mãe acabava um dia encomendando a um daqueles alfaiates as roupas de seus filhos, e isso acontecia com todas as crianças, com exceção daquelas sem condições para comprar até o pão, que iirá uma roupa de marca. Mas mesmo essas famílias que não podiam comprá-las, possuíam nem que uma roupa que fosse da "Cute-Cute", e logo vamos saber o porquê.

Bem, se todas as crianças possuíam de uma forma ou de outra jna roupa da "Cute-Cute", então no que consistia a genialidade de :oão? Bom, de novo: pense como uma criança de dez anos. Quando está se aproximando da "pré-

adolescência", muitas das coisas "normais" para uma criança tornam-se "anormais" para um adolescente. Como o pré-

adolescente não está nem de um lado nem quer estar do outro, ele começa a distinguir o que é bom para si do que é um vexame na frente dos amigos.

E convenhamos que usar roupas de uma alfaiataria chamada "Cute-Cute" estava incluído nisso.

Mas crianças de dez anos ainda não deveriam ser consideradas crianças? Sim, deveriam, mas vá dizer isso a elas! Bom, acho que já deu para entender, né? Em determinado momento da vida, as crianças passavam a achar que usar roupas de uma alfaiataria com o nome de "Cute-Cute" era a maior vergonha que alguém poderia passar. Assim, as mães juntavam tais roupas inutilizadas por "força maior" para doarem aos filhos daquelas famílias sem dinheiro até para comprar pão. E como João sabia que a mãe de Hector havia comprado um pijama na "Cute-Cute"? Ora, ele não sabia, simplesmente raciocinava rápido. Por mais crescidos que se achassem, todos naquela escola tinham um pijama encomendado - a contragosto -, e atire a primeira pedra aquele que admitiria isso! É o típico caso de correr para apontar nos outros os defeitos que existem dentro de si próprio, o que não é exclusividade do universo infantil. E Hector não poderia ter negado na hora e rido como se João tivesse falado uma grande besteira? Sim, poderia, mas a possibilidade de João realmente ter visto sua mãe saindo da "Cute-Cute" com seu pijama de estampas de bichinhos engasgava a voz na garganta.

"E por que então o idiota do Hector não acusou a todos de terem também pijamas daquela loja?" - você pode perguntar.

Ora, será que você não prestou atenção em nada do que eu disse? Isso seria admitir que ele realmente tinha um pijama de bichinhos da "Cute-Cute"! Iria preferir a morte a isso.

Entretanto, diante do silêncio do valentão, João resolveu fechar com chave de ouro e abriu os braços dizendo algo do tipo, que costumava escutar do pai: - Viu, pessoal? Quem cala tá devendo! - aquilo foi cruel.

Muito, muito cruel. Não era preciso, ele já havia derrotado Hector e transferido a atenção da pequena Ariane para seu agressor verbal. Os amigos de Hector, se pessoas que se prezam a tais papéis têm amigos, viraram em sua direção, olharam uns para os outros e massacraram sem dó nem piedade quem antes seguiam como um líder mirim: - IIIaaaaahhhhhh!!! É o veadinho cute-cute!!! Veadinho cute-cute!!! - Hector ficou vermelho. Por raiva, vergonha: tanto sentimento junto de uma só vez. E mal sabia ele naquele momento, coitado, que este apelido, "veadinho cute-cute" -

convenhamos, muito pior que "chapeuzinho vermelho" -, o acompanharia pelo resto da vida, inclusive quando se tornasse maior, dezenas de anos mais velho que naquela época. Teria dificuldade em se relacionar com as meninas, pois elas sabem ser cruéis com os homens quando descobrem casos como esse, e mesmo em seu futuro emprego como lenhador (apenas muito tempo depois do final desta história) iria escutar gracinhas como: "Cuidado pra não derrubar a árvore na cabeça do 'veadinho cute-cute!'".

Se João soubesse que estava eternizando um apelido, não teria feito aquilo. Acredito ao menos que não. Não daquela forma, mas nada disso importava a ele naquele momento. Importava, sim, que aquilo tirou a atenção de Ariane Narin, e Hector nunca mais ousou pronunciar o nome "chapeuzinho vermelho", com receio de ver à tona o "veadinho cute-cute".

E, se Hector nunca mais iria esquecer da figura de João, Ariane também não.

E isso era tudo; tudo o que importava para ele.

Enquanto Ariane Narin e João Hanson estavam animados, terminando de conhecer os atores do grande espetáculo, do lado de fora do Majestade um fato importante não poderia passar despercebido. E afirmo isso porque era lá que estava encostada pacientemente em uma cerca a responsável por levar Ariane e João de volta.

Maria Hanson viu aproximadamente dez centenas de pessoas saírem por aqueles portões, e era por isso que estava afastada da entrada, encostada no muro de uma grande alfaiataria que vendia roupas para idultos (e não rivalizava com a "Cute-Cute"). Também ela sabia que as crianças seriam as últimas a sair e imaginava o sorriso de João e Ariane quando isso acontecesse e o que escutaria no caminho de volta.

E estava tão solta em seus pensamentos, que nem sequer notou a presença de um rapaz ao seu lado. Ele estava sentado bem próximo ao muro, vestia um casaco com capuz e parecia bem suado e um pouco cansado. Provavelmente, tratava-se de alguém que interrompeu uma corrida noturna para fazer o mesmo que ela: buscar um ou dois moleques felizes no Majestade. Ao menos assim ela pensou quando o percebeu.

Bom, ela acertou em parte.

- Brrr!!! Esse pessoal está demorando! Acho que vou ter de me movimentar pra não sofrer um choque de temperatura! - a noite estava realmente fria, mas apenas alguém que interrompeu um exercício aeróbico poderia reclamar da possibilidade de sofrer um choque de temperatura.

- É... as crianças serão as últimas a sair. O Rei presenteou os pequenos com uma visita ao camarim dos atores. - Maria observou rapidamente o rapaz, mas, quando viu que usava um capuz e se espremia em frio na lã, desistiu de observar melhor. Apenas percebeu que falava com um jovem da sua idade.

- O Rei fez isso, é? Falando nele, o que acha do governo de Rei Primo, senhorita? - o jovem perguntou de uma maneira tão tranquila, que Maria pensou tratar-se de um jovem ativista político.

- Bom, acho eu que Primo é o maior Rei que já governou um povo, exatamente porque veio do povo...

- Hum, concordo! - o rapaz se expressou com um gesto de cabeça e uma careta de aprovação. - Será que essa peça é boa mesmo?

- Entretanto, acho que ainda existe algo de errado na família real - Maria percebeu que o rapaz já havia desviado o assunto, mas insistiu porque, como sabemos, pensava estar em frente a um jovem politizado.

-Você acha? Pode me dar um exemplo do que a faça pensar assim, senhorita... ãn...?! - e Maria entendeu um desafio no tom utilizado. Não havia nada de desafiador na voz do jovem, na verdade, mas, quando uma mulher quer escutar alguma coisa, ela simplesmente escuta e pronto! E nada no mundo a faz mudar de ideia.

- Maria. Maria Hanson. Você quer um exemplo? Certo. Que tal o ato do Rei de se unir aos Ferrabrás na época da Caçada de Bruxas, para sancioná-los mais tarde economicamente por criticarem a monarquia e escolherem o imperialismo? - ela perguntou, decidida a responder ao desafio.

E, se restava alguma dúvida de que Maria também era uma jovem altamente politizada, dessas que reviravam as prateleiras para saber mais sobre a história de seu país, não havia mais.

- Eu sinceramente acho que o povo vai exagerar o valor desse espetáculo. Isso sempre acontece no Majestade... - Maria se irritou com o comentário, que novamente ignorava a tentativa de discutir assuntos da corte real.

Passou a se achar uma idiota por se imaginar diante de um ativista político.

- É... isso sempre acontece - disse em tom frustrado. - Mas as pessoas saíram felizes de lá de dentro, e acho que não estavam exagerando nem um pouco na descrição do que viram.

- Droga, até que, pensando bem, gostaria de ter conseguido assistir à estréia. E o que você ainda faz aqui sozinha nesta noite fria, senhorita? Está esperando seu filho?

- Não. Não meu filho; meu irmão. E a amiga dele também.

- Oh, entendo! Você deve ser uma boa irmã, Maria Hanson. E

me responda, por favor, uma coisa: já que tem de esperar até o final pela saída das crianças, por que não assistiu de uma vez ao espetáculo?

- Não gosto de assistir às estréias, ainda mais em grandes espetáculos como esse. E uma confusão para comprar os ingressos populares; um empurra-empurra sem fim e, além do mais... - Maria interrompeu D que iria dizer. Dessa vez, o jovem virou o rosto em sua direção interessado na conclusão do que ela estava dizendo e, se Maria não tivesse abaixado a cabeça como abaixou, teria visto muito bem o rosto. - Bom, acontece que não vou tirar um dinheiro que pode servir para um jantar de minha família em casa pra...

- Entendo. Além de boa irmã, você também é boa filha. Seus pais devem ser muito orgulhosos de você, Maria Hanson. E são pessoas como você que me fazem admirar a plebe como não faço com nenhuma família nobre - o comentário mexeu com Maria. Por um momento, sentiu-se novamente idiota porque era bem capaz de estar falando não com um jovem politizado, mas com alguém ligado à própria política dos nobres reais.

Mas ela estava errada, e logo iria se sentir idiota por descobrir que a verdade era muito pior

do que a fantasia. Foi quando um troll cinzento apareceu com seu tamanho descomunal, assobiou e fez um sinal de longe para o jovem, e ela fez questão de, enfim, observar com atenção o rosto por debaixo do capuz. E então se perguntou por que diabos não havia feito aquilo antes.

Idiota.

Bom, não culpemos Maria por se recriminar tão veementemente. Pois, afinal, imagine sua situação quando aquele jovem saltou do muro onde estava sentado e partiu em direção ao Majestade, dizendo com um sorriso que apenas um príncipe seria capaz de exibir: - Bom, Maria Hanson, desculpe a saída apressada, é que meu guarda-costas me chama. Mas adoraria discutir política em outro momento com você, pois é uma das pessoas mais inteligentes e agradáveis que tive oportunidade de conhecer, pelo visto. E tenho certeza de que farei com que mude de ideia sobre a atitude de meu pai com os Ferrabrás, se me der oportunidade um dia. Com sua licença...

Maria não respondeu, não poderia. Nem se mexeu. O mundo parou e passou a se mover em velocidade mais lenta. O

coração disparou, mas ela queria na verdade era que esse músculo parasse. Queria morrer. Estava querendo discutir política... com um príncipe! E muitos anos seriam necessários para esquecer essa que considerava a maior gafe cometida em toda a sua vida. Oh, sim! Muitos anos seriam necessários, com certeza.

Idiota.

Ferrabrás. Já que esse nome foi citado na conversa entre Áxel Branford e Maria Hanson, cabe aqui um rápido comentário, muito rápido para não atrapalhar o desenvolvimento de uma história em que a participação dessa família especificamente não é importante. Os Ferrabrás eram uma família real de grandes posses, governantes do Reino de Minotaurus, localizado ao norte do Reino de Cálice, o mesmo liderado pelo Rei Segundo.

Tratava-se também do único país onde não vigorava monarquia, e sim o imperialismo militar como forma de governo. Os Ferrabrás se uniram aos Reinos vizinhos no combate às escolas secretas de magia no episódio da Caçada de Bruxas, mas, após esse episódio, muitas divergências aconteceram, resultando em um isolamento econômico e militar daquele país que queria se dizer um Império.

Devidamente explicado esse fato, é propício concentrarmos nossa atenção em outros fatos mais importantes a essa história específica e que merecem a devida atenção de todos nós.

No momento abordado, esse em que a família real e um grupo "de crianças deixavam o Majestade, era noite. Algo próximo de oito horas, ao menos de acordo com as batidas do sino central da Catedral. A história, neste momento, é narrada em terra, mas poderíamos também fazê-lo em mar. Pois é para lá que nós iremos neste momento, até porque não posso esconder por mais tempo a existência de um grupo de pessoas muito importante para esta história.

Oito horas da noite. Alto-mar. Um sombrio navio pirata.

Existe algo de poético e mórbido na vida de homens que se dedicam à violência. Mais ainda na daqueles que se isolam nela. Porque é preciso muita energia para um homem querer ser ruim o tempo inteiro; e dedicar a existência a isso. Porque a raiva corrói e o ódio cansa a mente inquieta; e, se um homem dedica seu tempo para ser um servo do caos de si próprio, é porque procurou respostas de enigmas pessoais dentro de e se desesperou quando não as encontrou.

Pode parecer que oito horas da noite não seja a melhor hora para rescrevermos as ações de piratas mercenários - parece muito mais que estão, nessa hora, em algum estabelecimento sujo e fedegoso, bebendo barris de rum que já deveriam ter sido jogados fora há meses, maltratando mulheres de poucas roupas, surrando bêbados de pouco dinheiro, atirando facas em vira-latas famintos e planejando saques entre piadas de humor negro - mas isso não se aplicava àquele grupo especificamente. Ao menos não àquele grupo. Nem àquele capitão. Porque aquele grupo de piratas, daquele capitão especificamente, não escolhia lugar, hora ou dia para pilhar navio ou cidade, agindo na maioria das vezes no imediatismo que precede à loucura.

Porque aquele capitão era Jamil, o Coração-de-Crocodilo.

Talvez o nome não lhe diga nada agora. Mas garanto a qualquer um que, se fosse legítimo morador de Andeanne, sua pele se arrepiaria ao escutar tal nome, afinal, ele traria com a pronúncia lembranças de antigos pesadelos difíceis de esquecer. Pois é o nome de um pirata diferente dos outros, descendente direto do pior pirata que já existiu. Jamil era filho do pirata mais famoso do mundo.

Jamil, o Coração-de-Crocodilo, era filho bastardo de James Gancho.

Por muitos anos, no comando do navio Jolly Rogers, James Gancho e seus piratas aterrorizaram vilas, cortaram gargantas, algumas de inimigos, algumas de traidores do próprio bando (afinal, qual a diferença, não é verdade?), pilharam, saquearam, roubaram, mataram, comercializaram escravos, traficaram pó de fada e cometeram todos os crimes e atrocidades da pior espécie, os quais me recuso a comentar para não enlouquecer. Gancho e seus piratas eram tão destemidos e prepotentes e alucinados, que conseguiram o que ninguém mais até hoje conseguiu, e eu particularmente duvido que um dia conseguirá: descobriram a entrada para

uma ilha élfica, dita imaginária, que costumavam chamar curiosamente de Nunca, pois nunca ninguém a visitava.

Ao menos não se ela assim o quisesse.

Não sou o mais apropriado para contar histórias dessa terra, pois ainda tenho dificuldade em aceitar sua existência. Mas sei que, se ela realmente existe, Gancho a encontrou e levou terror ao tal paraíso. E muitos foram aqueles que desafiaram seu domínio de terror e poucos também foram os que conseguiram ameaçá-lo. Entretanto, um inimigo que não se pode enfrentar o derrotou e o fez porque, por mais forte, mais focado, mais destemido que qualquer um de nós seja, ninguém é capaz de derrotar o Tempo. Diante dele, ficamos indefesos, temerosos, subordinados.

E com Gancho não foi diferente.

Ninguém sabe se ele está ainda vivo, mas, se estiver, sua idade seria algo em torno de noventa anos, e não há pirata que mantenha o controle de um navio sem o vigor necessário para cortar a cabeça do primeiro que duvidar de sua autoridade. Só Andreanne, mas é covardia comparar qualquer pirata -

mesmo Gancho - a ela. O fato é que um dia, lá pelos seus sessenta anos, Gancho ficou impossibilitado de continuar à frente de seu grupo. E teria sido morto por qualquer um de sua tropa, pois liderava seus homens pelo medo, e sem o medo não havia mais nada que impedia um homem de levar justiça ou vingança a quem detestava, e não pensem que os marujos morriam de amores por seu capitão.

Mas Gancho tinha um herdeiro, e isso só veio à tona naquele curioso momento. Todo mundo sabia quem era Jamil, um dos mais moleques do galeão de Gancho, e também de onde vinha sua origem paterna. O Jolly Rogers era um belo galeão, conquistado, claro, em batalha brutal, com três longos mastros necessários para manter em pé uma meia nau de quarenta e oito metros. E Jamil era um marinheiro renegado a seguir e executar ordens mesquinhas do sombrio capitão, tanto quanto qualquer outro ali. Era explorado como todos os marujos, lavava o convés, limpava canhões e levava e provava a comida de Gancho na frente do pai para conferir se havia veneno misturado à ração.

Não é mentira dizer que muitos da própria tripulação se esqueciam de que Jamil fora fruto de um acidente entre Gancho e alguma prostituta qualquer de algum porto qualquer, como muitos outros bastardos devem ter sido, sem saber ou aceitar. E fora o próprio menino que, aos dezesseis anos, partira atrás daquele que diziam ser seu pai e fizera tudo para ingressar no grupo de piratas mais temido de todas as épocas que se seguiram após a aposentadoria dos piratas de Andreanne.

A história de Jamil, nascido em um porto qualquer e do cliente mais famoso de sua mãe, até o ingresso na tripulação pirata e a consagração como novo líder do grupo que nunca herdara por direito, mas pela força, já é por si só uma excelente história e eu adoraria contá-la em outra

oportunidade. Contudo, resumindo o necessário sobre Jamil: ele encontrou o pai e convenceu-o de que era seu filho bastardo e que deveria, portanto, ser aceito naquele grupo.

Falando assim, parece que Gancho ficou feliz em saber que tinha um herdeiro para aquilo tudo que tanto suou e roubou e traficou e matou para conquistar. Mas não se engane; Gancho não tinha um mínimo sentimento paternal pelo garoto; uma vez chegou a dizer que um filho s eu deveria ter ganchos nas mãos e, talvez por isso, o humilhava tanto quanto a todos que julgasse apropriado. De fato, em essência eram parecidos, mas em filosofia eram diferentes. Em política, Gancho era um conservador. Jamil, um anarquista.

Jamil, por sua vez, não se importava; havia realmente nascido pirata e sabia mesmo pensar como pirata. Sempre se colocava na situação do pai e achava que, para merecer ser filho de quem era - afinal, para um pirata, ser filho de uma lenda como aquela era motivo de orgulho - e o respeito que julgava merecer, teria de provar. E merecer. Também teria de saber o que era ser um soldado raso, desses que lavam o chão e provam a comida do capitão do navio, para um dia ser líder. E

foi raciocinando assim, de pequenos para grandes passos, que ele moldou a si próprio para tornar-se um pirata muito pior do que o pai.

E esse desejo um dia foi posto à prova.

Pois a prova máxima de Jamil aconteceu no dia em que os tripulantes do galeão resolveram não aceitar mais as ordens de um pirata carcomido, próximo da demência, que mal lembrava à noite do que havia comido no café da manhã.

- Um dia meus oponentes poderão vencer, mas não hoje... -

foram as palavras ditas a Jamil naquele instante.

Teriam matado Gancho nesse dia; nem o próprio pirata duvida disso. Com toda a certeza o jogariam ao mar, pois o velho mascote do grupo estava sempre próximo deles, esperando o dia com toda a paciência. Tratava-se do maior crocodilo de água salgada da história desse mundo, que já havia sentido o gosto de Gancho quando algo ou alguém, dizem que no Nunca, dizem que fora de lá (pois poucos piratas contam a história como deveriam), decepou a mão que fora substituída e deu ao bicho para devorá-la. Desde então, o predador o perseguia a fim de terminar sua refeição. Quando se olhava para aquele animal obsessivo em busca da refeição, a impressão de cada pirata daquele navio era de que aquele maldito predador navegava trazendo um maldito relógio dentro de si, representando uma sinistra contagem regressiva para lembrá-los de que mesmo o pior deles um dia teria um fim. Logo, poucas coisas assustavam realmente um daqueles loucos.

Aquele crocodilo era uma delas.

Alguns chegavam a dizer que um crocodilo poroso daquele tipo era o maior réptil do mundo, mas, quem diz um negócio desses, com certeza, nunca viu um dragão. De qualquer forma, era

um macho que chegava a medir quase dez metros e a pesar algo em torno de 1500 quilos. Possuía duas cristas ao redor dos olhos da imensa cabeça desproporcional para o resto do corpo e maxilares compostos de sessenta e oito dentes. Uma dentada daquele bicho, ainda que velho daquele jeito, era capaz de arrancar a cabeça de um boi, mas ainda assim ele parecia decidido a não afundar de vez, enquanto não satisfizesse a obsessão pela última presa.

Logo, não era nenhuma surpresa que os homens estivessem doidos para saciá-lo.

Contudo, aconteceu de outra forma. Pois foi nesse dia em que a tripulação estava prestes a iniciar seu motim liderada por Starkey, o imediato do navio de Gancho, que Jamil invocou sua herança de sangue do líder prestes a ser morto e pronunciou em alto e bom som que passaria a ser ele o novo capitão do Jolly Rogers por herança e direito, e que todo o galeão passaria também a seguir suas ordens.

Obviamente, todos os homens riram.

E riram muito, daquele tipo de gargalhada que apenas os melhores bufões - ou mais atrevidos (o que costuma dar no mesmo) - são capazes de arrancar das pessoas. Falo mesmo daqueles ataques de riso em que dói o estômago e as pessoas batem o pé no chão ou se deitam e rolam de um lado a outro, tentando parar a histeria. Jamil, contudo, não se constrangeu quando viu aquele grupo de aproximadamente setenta homens não o levar a sério, até porque um pirata sabe dar valor, mesmo àquelas que venha a matar, a uma pessoa que o divirta. Logo, na verdade, esperava por isso.

E, então, puxou uma faca, e todos pararam de rir.

Obviamente, Jamil não saiu para cortar nenhuma garganta ou coisa do tipo mais interessante aos contos de bardos do que à realidade, pois não era burro, e ninguém parou de rir por causa de sua figura ameaçadora portando uma faca.

Simplesmente, ficaram curiosos com o que o desmiolado iria fazer, pois o jovem bastardo andou até a popa - a parte traseira do navio - e retirou a camisa como se fosse pular na água.

E pulou.

Observando o espetáculo, os homens consideraram que aquele garoto, aos dezenove anos, havia entendido que era uma vergonha para o mundo e resolvera dar fim a tanto sofrimento. E, quando o maior crocodilo do mundo, extremamente velho, é verdade, mas eternamente perigoso, apareceu naquele mar anil, e Jamil ficou com metade do tronco para fora da água, com a lâmina do punhal presa entre os dentes observando a chegada dele pacientemente, eles tiveram certeza disso. E, por um instante, o garoto afundou.

E assim permaneceu longos e longos segundos.

Os homens já iam retomar a discussão sobre qual a melhor forma de dar Gancho ao crocodilo, quando escutaram o som avassalador, e o bicho subiu novamente à superfície, de forma

repentina, em uma visão súbita, chocante e violenta, com Jamil enroscado entre seu corpo e seus imensos dentes, traçando um desenho em que não se diferenciavam crocodilo de Jamil.

Verdade é que todos aqueles homens ficaram impressionados com o garoto ainda não ter sido estraçalhado. Tanto que começaram a apostar quanto tempo o crocodilo ainda levaria para espalhar uma poça de sangue no oceano, logo que os dois, homem e animal, desceram novamente para as profundezas do mar. Apostas a princípio de brincadeira logo começaram a contar para valer, e começou uma especulação momentânea.

Ninguém apostou em Jamil.

E daí vocês podem ter noção da surpresa quando aquele garoto surgiu de volta à superfície, nadando em uma poça de sangue que não era dele. E qual não foi a surpresa quando lhe jogaram a escada, e quando ele subiu ao convés munido de sua prova sangrenta máxima: o coração do maior crocodilo do mundo. De novo: um moleque de dezenove anos havia, com uma faca entre os dentes, sozinho, matado o algoz do pai que o detestava! O fato foi que ali, naquele momento surreal, ninguém mais duvidou de quem era o novo líder daquele navio. E por isso todos cumpriram a ordem quando ao conspirador Starkey foi ordenado que andasse sangrando na prancha para morrer como alimento aos tubarões, e por isso todos acataram quando o velho Smee foi indicado e escolhido como o novo imediato daquela tripulação. O Jolly Rogers agitou suas velas como se saudasse seu novo capitão, e o coração dos presentes bateu diferente, no eterno misto de temor e admiração que corre no sangue de homens como aqueles. Pois mesmo aqueles homens percebiam estar diante do maior pirata que já haviam conhecido em vida. Maior do que eles. Maior talvez até do que Gancho.

Um dia meus oponentes poderão vencer, mas não hoje...

E foi assim que nasceu Jamil Coração-de-Crocodilo.

E, nesta digressão para contar a história de Jamil, não posso deixar de dizer que o Jolly Rogers estava seguindo na direção de seu próximo alvo: outro navio do tipo galeão, mas que possuía em seu mastro a bandeira do Reino de Stallia, localizado ao norte de Arzallum. Jamil ordenou que os canhoneiros se preparassem, posicionando a direção do aríete conforme suas instruções, e que as duas cobertas de armas que preenchiam os deques de bombordo e estibordo do galeão fossem tomadas. Eram ordens de combate, que cheiravam à morte.

E ninguém que nunca o tenha testemunhado terá a real noção de como seus homens adoravam isso.

Enquanto um galeão de seu Reino estava prestes a ser tomado, a princesa Branca e a mãe, a rainha Rosaléa Coração-de-Neve, despediam-se da família real de Arzallum, ao fim do espetáculo no Majestade. A princesa continuava achando o príncipe Anísio mais gordo do que deveria e sentiu certa frieza na forma como ele a tratou, mas não deu muita importância ao fato. Era uma princesa diferente; do tipo que gostava de estudar assuntos não muito bem-vistos pela Corte.

E isso era o tipo de coisa que nunca passava despercebida.

- Pelo visto, parece que ainda gosta de estudar temas estranhos, princesa... - disse Rei Primo, antes de se despedir e observar entre os pertences da futura nora um livro de magia branca.

A princesa riu.

- Gosto de estudar magias de cura e pesquisar o histórico militar de épocas passadas, Rei Branford. Hei de me tornar uma princesa que estará ao lado de meu marido na Sala Redonda do Grande Paço em momentos de conflito, em vez de chorar por seu retorno após uma batalha incerta.

- Não sei por que não duvido disso, Branca. E nem por que não a repreendo.

- Que diferença as princesas de hoje das do nosso tempo, não é, Primo? - perguntou o Rei Alonso, ao se aproximar.

- Com certeza, meu velho. Acabo de pensar se "rainhas" já não deveriam ser escritas com o mesmo "R" maiúsculo com que os escribas escrevem "Rei".

Os dois Reis se abraçaram em despedida. E foi durante esse momento que o príncipe Áxel Branford pediu licença aos convidados para "ir a um toalete", o que uma pessoa mais atenta imediatamente perceberia soar falso, como se estivesse sendo interpretado por um sócia, pela forma pomposa demais.

Só que ninguém notou esse detalhe, como também é impressionante como ninguém - ninguém mesmo! - percebeu que quem retornou seja lá do banheiro, do toalete ou de qualquer outro lugar foi um príncipe três centímetros mais alto do que aquele que saiu e parecia enxugar um suor excessivo incompatível com alguém que passara as últimas duas horas sentado em uma poltrona, mesmo para a temperatura quente no Majestade quando lotado.

Bom, ninguém com exceção da família real de Andreeanne.

E isso pôde ser muito bem comprovado quando, na saída do Camarote da Majestade, Rei Primo perguntou da mais discreta maneira que um Rei poderia tentar: - E, então, como foi?

- Estou ficando mais lento. Demorei mais de cinquenta segundos pra nocautear o cara! Pode um negócio desses? Mais de cinquenta!

E um Rei riu alto, mas muito alto, com o comentário, mesmo que ninguém ali entendesse o porquê. Se lhe perguntassem, Primo teria explicado que ria de orgulho, um orgulho de pai com o filho, o qual todo pai - Rei ou não - conseguiria compreender.

E as crianças enfim saíram para encontrar seus pais e contar a incrível sensação de conhecer artistas consagrados. Bom, nem todos correram para contar aos pais; alguns como João Hanson correram para contar à irmã: - Mana, você tinha de estar lá! É muito bom o espetáculo!

- E o que que é a Lígia Sherman, gente? Muuuuuito linda! E ela ainda é simpática por inteira! - essa coisa de "por inteira"

estava virando uma gíria entre os adolescentes. Tudo o que era bom, era por inteiro.

-A rainha Terra apresentou o espetáculo! - disse João. - A família real toda estava lá assistindo no Camarote da Majestade.

- É verdade, Maria! - Ariane estava ainda em êxtase. - Até aquelas duas fofuras de príncipes! Ah, o Anísio pode até ter mais estampa de Rei, sabe? Mas o Áxel é mais fofo! - João detestou o comentário. - E a princesa de Stallia também era uma simpa... Maria, você está nos escutando?

Maria não estava. Quando Ariane fez a pergunta, é que ela enfim saiu do estado de transe. Não havia percebido nem mesmo que as crianças já tinham saído. Da cabeça, não saía a imagem de...

- Maria, você tá abobalhada! Parece até que foi cortejada por um Rei! - disse Ariane.

- Não... um Rei não... - ela se limitou a dizer, ainda meio abobalhada. Não iria contar que fora um príncipe. E não fora um cortejo - quem seria ela para ser cortejada por um príncipe? - mas ainda assim fora um momento inesquecível. E

aquele momento se tornava especial porque ela havia conhecido um príncipe que poderia ter tudo e parecia tão simples quanto ela.

Iriam demorar muitas, muitas horas para Maria esquecer e deixar de lembrar cada momento. Posso dizer até que, de tão alienada, foram as crianças que a levaram para casa, e não o contrário. E foi quando chegaram à casa dos Narin para deixar Ariane, a poucos metros da dos Hanson, que a menina foi direta, como João jamais poderia ter sido, em teorizar o motivo das ações esquisitas de Maria: - Ela tá apaixonada! - cutucou Ariane, sussurrando em um canto para João.

- Apaixonada? Mas por quem? Minha irmã não sai com ninguém! Ela diz que não vai gastar o dinheiro que nós suamos pra conseguir em situações desse tipo...

- Ora essa, e desde quando precisa de dinheiro pra se apaixonar, João? Além do mais, quem disse que o amor é dos dois? De repente, é um desses amores de um lado só. Vai ver ela tá

apaixonada por um cara que ainda nem percebeu que ela existe!

- Será? - João lembrou-se do dia em que Maria viu seu caderno e ele arrancou a página de vergonha. Parecia que o destino dava a ele uma oportunidade de devolver a sensação. -

Hum... e como podemos fazer para descobrir quem é essa pessoa? - o raciocínio já começava a bolar diversos planos complicadíssimos que não faziam jus a uma situação tão simples.

- Ora essa, a gente segue ela em uma oportunidade, entendeu?

- Hum... por inteiro...

O ataque de origem súbita e teor avassalador fora intenso; o número de homens perdidos, mínimo; e o domínio, insuperável. O galeão que vinha dos mares de Stallia e se dirigia ao porto de Andreanne foi tomado pelos piratas de Jamil Coração-de-Crocodilo sem que se desse conta de onde partiam os ganchos, as cordas, os gritos de entonação aguda ou o cheiro da pólvora que precedia os rugidos e a destruição.

James Gancho, se pudesse acompanhar tudo aquilo, bem que teria ficado orgulhoso e diria que tudo que o filho sabia ele aprendera com o pai, mas todos os homens sabiam que isso seria mentira.

E não só o galeão de Stallia fora tomado; dois cargueiros com quase trinta soldados cada um, e que originalmente ali estavam com o intuito de proteger o galeão real, também tombaram; o primeiro, logo no início do combate para o aríete do galeão pirata, em um abalroamento competente; os outros, por velhos e experientes homens do mar, cuja movimentação mais parecia uma versão selvagem da elite dos soldados reais.

E a cidade de Andreanne naquele momento começava a dormir, e nenhuma das pessoas sabia que nos mares daquela cidade-capital, e assim também daquele Reino, o primeiro passo para um futuro negro estava sendo dado. Pois, se soubessem o que significava a tomada daquele galeão de Stallia naquela noite pelo bando de Coração-de-Crocodilo, ninguém em Andreanne teria conseguido dormir. Acredite, ninguém teria conseguido.

Fosse homem, fosse pai, fosse príncipe.

Fosse Rei.

Maria não conseguiu dormir naquela noite.

Virava-se de um lado para outro na cama, cobria e descobria o rosto com o travesseiro, mas isso nada tinha a ver com pressentimentos ruins. Ou teria? Vamos acompanhar seu raciocínio: estava lá uma adolescente no auge de seus quinze anos se recuperando enfim, pois muitas horas já haviam se passado, da situação mais esdrúxula de sua vida: ela, uma menina da plebe, conversando em igualdade com alguém da realeza.

Porém, o que mais a havia deixado abobalhada era não ter conversado com um príncipe pomposo, que falava difícil ou mantinha um ar austero e inevitavelmente superior às pessoas, principalmente em relação à plebe. Raios, não! Ela conheceu um príncipe que a tratava por termos como "você" e "moça", como nem mesmo a bibliotecária da cidade (a querida senhora Stephanie) costumava fazer!

Entretanto, acho que ainda existe algo de errado na família real.

Como pôde dizer algo tão idiota para o príncipe? E como diabos não percebeu que era o príncipe Áxel Branford ali do seu lado? Ele não escondera o rosto por debaixo do capuz, estava apenas se protegendo do frio que dizia sentir, nem dissera que seu nome era "Mitkov", "Aragorn" ou, sei lá, "Luke"! Ela simplesmente ignorou um simples impulso de questionar o nome do rapaz! E por que ignorou essa pergunta tão básica? Ora, por causa da maldita insistência em temer qualquer rapaz que se aproximasse para cortejá-la!

É interessante notar como é apenas em momentos como aquele de Maria, quando se está sozinho e em silêncio, que as pessoas podem fazer uma autocrítica sincera sobre as próprias atitudes diante da vida. Era o que ela estava fazendo; tanto que chegou à conclusão de que seu receio em aceitar o cortejo de um jovem - anteriormente, outros corajosos, mas não eternamente pacientes, tentaram - estava também em saber como isso afetaria sua rotina. Ela tinha receio de se tornar fútil, de superestimar a vaidade, de usar para o próprio benefício um determinado número de moedas de princês que poderia ser colocado dentro de casa para alimentar a família.

Além de boa irmã, você também é uma boa filha. Seus pais devem ser muito orgulhosos de você, Maria Hanson.

As palavras do príncipe chacoalhavam dentro da cabeça como moedas dentro de um pequeno cofre agitado por uma criança.

E ela se perguntava se merecia o elogio real e qual o preço que pagaria em vida por merecê-lo, se metade daquilo fosse verdade.

Mas nada fora mais difícil de esquecer do que aquele príncipe indo embora na direção do

Majestade, com ela enfim podendo enxergar perfeitamente o rosto por debaixo do capuz.

E são pessoas como você que me fazem admirar a plebe como não faço com nenhuma família nobre.

"Semideuses, por que não existe um Rei para a nobreza e um Rei para a plebe?", esse pensamento deu início a um raciocínio que ela não teve antes, enquanto ainda meio abobalhada com o encontro inesperado. Do fantasioso raciocínio de poder existir dois Reis, pôde nascer o verossímil, ou não, raciocínio de poder existir dois príncipes! Se quem estivesse pensando fosse João, mesmo com a idade inferior, ele teria descoberto, há tempos, isso que a irmã demorou horas para perceber.

- Sua idiota! Como só foi perceber isso agora? - Maria forçou a mente e a boa memória para se lembrar das exatas palavras de João e Ariane, que antes ignorara e nem fazia ideia de que as havia escutado.

A rainha Terra apresentou o espetáculo! A família real toda estava lá assistindo no Camarote da Majestade.

É verdade, Maria! Até aquelas duas fofuras de príncipes!

Pausa. Não, a família real não estava toda assistindo ao que quer que fosse no Camarote da Majestade. Nem mesmo poderia. Pois o príncipe Áxel estava sentado ao lado dela do lado de fora, e não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo! Isso era um fato inegável e indiscutível, pois do contrário teria ela de ser internada em um sanatório! E ter acesso a uma informação dessas era um problema, pois iria sucessivamente gerar diversas perguntas em cadeia. A primeira delas surgia quase que instantaneamente, sem pedir licença: qual o porquê disso? Outras como: por que o príncipe não se preocupou em não se expor a ela, se isso era um segredo real? Ou: e por que diabos ele estava todo suado e agitado do lado de fora? E estas só seriam as primeiras das próximas dezenas.

Definitivamente, aquela noite não seria das mais curtas para Maria Hanson. Na verdade, até aquele momento de vida, seria sua noite mais longa. E, se todo raciocínio oriundo de todos os lugares parecia levar a lugar nenhum, uma certeza pelo menos restou de todo aquele trabalho mental a que a plebéia se submetia.

"Ainda existe algo de errado na família real."

Amanheceu o dia no Grande Paço, o palácio de toda a família real.

Claro que o dia também amanheceu em todos os outros lugares, pois o sol não sabe, nem quer aprender, como diferenciar quem é Rei ou não. Mas, como um Rei é tido por seu povo como se fosse a encarnação de um semideus, o representante máximo da lei e do Estado, escrito com letras maiúsculas como um nome próprio, então ninguém se importava em pensar que o sol nascia primeiro no Grande Paço e, em seguida, no resto de Arzallum.

Como sempre, primeiro levantavam as últimas a se deitar.

Refiro-me às mulheres, serviçais ou rainhas, que pareciam sempre se deitar por último e se levantar primeiro que os homens. Aproveito a citação à rainha para dar mais detalhes sobre Nova Ether. Talvez um ou outro de vocês mais atento tenha percebido que "Rei" aqui se escreve com letra maiúscula, enquanto "rainha", não. As feministas já logo chiavam que isso continha um insulto machista, e talvez tivessem razão, mas também era tão reduzido o número de feministas naquela e em outras cidades de Arzallum, que se dizia maldosamente que todas as feministas juntas cabiam dentro de uma carroça. Logo, a única forma de uma "rainha"

se tornar "Rainha" estava no caso de o Rei, seu esposo, falecer e ela própria ter de assumir a chefia do Estado.

Isso também acontecia para diferenciar as expressões monetárias. Ali em Arzallum, circulavam três tipos de moedas: as de bronze, as de prata e as de ouro. O raciocínio era simples: uma moeda de ouro valia dez de prata, que valiam cem de bronze. As de bronze recebiam o nome princês, as de prata, rainhas, e as de ouro, reis. Todos os nomes em letras minúsculas, como se percebe. Comerciantes, aldeãos e tudo o mais que era considerado plebe comercializavam em princês, os nobres mais tradicionais costumavam fazê-lo em rainhas, e os Reis e nobres mais ricos, em reis.

E voltemos à história, porque, passado um tempo, logo depois das mulheres se levantarem, um segundo grupo também se colocava de pé. Seguindo o raciocínio anterior, Primo Branford, quando se levantou, encontrou-se só na imensa cama de casal sem encontrar vestígio de sua esposa e rainha, Terra.

Vestiu-se com roupas leves, embora as roupas leves de um Rei ainda sejam mais pesadas do que as roupas mais pesadas de um plebeu. Acordou bem-disposto, lembrando as cenas do espetáculo sobre parte de sua própria história e também lembrando a bela interpretação que Hugo Agamenon fez do personagem que representava a ele próprio aos vinte e cinco anos.

Na verdade, sentia vontade de convidar Agamenon para um reservado jantar de pouca pompa no Grande Paço, trazendo em sua companhia a cativante Lígia Sherman, que tão bem deu vida à personagem da rainha Terra. Foi com pensamentos assim que o Rei se pôs a andar pelos

longos jardins do palácio real. Existia uma distância considerável que separava seu quarto do salão onde se degustava o café da manhã real, e o Rei gostava de percorrê-la lentamente. No meio do caminho, porém, escutou sons poderosos e ritmados, em intervalos de tempo muito parecidos, que lembravam o encontro de um pombo-correio, temporariamente cego, com uma parede de madeira. O Rei sabia o significado daquilo e foi em direção ao som com ares orgulhosos.

Aqueles ares que apenas os pais têm pelos filhos.

E logo lá estava o Rei, dentro do salão de treinamento improvisado em um dos mais de cem quartos do Grande Paço.

Ninguém sabia por que os palácios reais precisavam ter tantos quartos, mas não existia nenhum que não seguisse a regra.

De qualquer forma, Áxel Branford estava lá esmurrando um curioso boneco de madeira.

Outra pessoa, porém, também estava lá, e isso era raro, pois ver o príncipe Áxel praticando ou exercendo aquele esporte era uma das piores torturas para ela. Pois ela era mãe, e todas as mães que já viram um filho entrar em um ringue sabiam o que ela sentia. Primo Branford caminhou na direção de sua rainha, que parecia um pouco mais séria do que o habitual.

Ambos ainda ficaram quietos por segundos, observando o filho encerrar seus exercícios.

Áxel, que esmurrava o boneco de madeira, parecia ignorar a presença dos pais, mas isso não era verdade. Sabia que os dois estavam ali e aproveitava enquanto esmurrava aquele boneco para ratificar a posição que havia tomado e a qual lhes comunicaria. Na verdade, já havia comunicado à mãe, e por isso ela tinha a expressão mais séria que o habitual. Mas uma notícia dentro da família real só se torna oficial quando do conhecimento do Rei, por mais que todas as feministas do mundo chiem de dentro ou não de uma carroça.

- Primo, vosso filho tem algo a dizer - disse Terra, ainda enquanto observavam Áxel. O Rei ficou curioso, e Áxel passou a esmurrar ainda mais forte e mais rápido o pobre boneco com todos os lados da mão e do cotovelo, como se soubesse que não havia mais tempo para voltar atrás em uma decisão.

Na verdade, havia sim tempo de voltar atrás. Sempre há. Já escutei um Pensador, assim mesmo com "P" maiúsculo como são escritos os Pensadores de verdade, afirmar que só existe um beco sem saída para quem não sabe olhar pra trás. Mas Áxel não queria de fato voltar atrás, e era isso que mudava tudo. E, quando concluiu sua série, ele parou, completamente suado e esgotado, sabendo que era hora de comunicar a decisão, pois mesmo um príncipe não se arrisca a deixar um Rei curioso por muito tempo.

- Pai - ele disse, da forma mais firme que conseguia -, mande, por favor, algum representante inscrever-me na disputa pela vaga de Arzallum no Punho De Ferro, porque quando as inscrições forem abertas eu provavelmente não poderei fazer isso...

- As inscrições abrem-se em dois dias, Áxel - o Rei estava certo. - O que estarias fazendo nesse tempo de tão importante que...

- Eu vou para as Sete Montanhas, pai! - essa frase Áxel disse mais seguro do que a primeira. E sabia que tinha de ser seguro, pois nem mesmo os príncipes costumavam ter coragem de interromper um Rei no meio de uma frase. - Não aguento mais e desconfio de que vocês também! Eu preciso saber o que aconteceu...

Decisão delicada. Primo sabia que o próprio coração ou mesmo a razão não iriam influenciar a situação. Não iriam fazer diferença, na verdade. Sabia muito bem como aquele filho parecia com ele. Anísio representava tudo que o próprio Primo teve de se tornar, a figura do Primo Rei propriamente dita, e ele o amava por isso. Mas Áxel representava tudo que ele, o Primo homem e não o Rei, era de verdade em essência, e o Criador sabe o quanto também o amava por isso.

Enquanto Anísio era o Primo que se tornou Rei, Áxel era o Primo que nasceu humilde.

E, quando Áxel disse com a firmeza de um príncipe que precisava saber o que aconteceu, Primo sabia que ele não voltaria atrás. E, calado, aceitou a decisão de Áxel e ouviu o filho ratificar o informe: Parto na segunda madrugada. Peço a ti tua bênção, teu melhor corcel, a permissão para levar apenas Muralha comigo e que não tentes me impedir, pois preciso ter minha mente em paz. Pois que os gigantes dos céus caíam sobre minha cabeça, mas eu vou atrás dele... - foram as últimas palavras, antes de voltar a esmurrar o boneco de madeira. E ditas com a firmeza de um Rei.

Maria Hanson achou que estava paranóica.

Tudo porque, desde o momento em que se levantara da cama e dera o café ao irmão, até o momento em que o acompanhara, já com sua amiga preferida, deixando-os na porta da Escola Real, teve a nítida impressão de que duas crianças que ela conhecia bem a estavam olhando diferente, de forma inquisitória, como se suspeitassem de alguma coisa estranha. E, por um momento, o coração acelerou, imaginando que a tivessem visto conversando com o príncipe, coisa que apenas se fossem oniscientes poderiam ter feito.

"Mas se tivessem visto, e daí?", tranqüilizou-se. Não havia feito nada de mais, embora, de seu ponto de vista, houvesse falado besteira demais. Mas então pensou que ela era a única à saber da troca do príncipe com um sócia durante a apresentação da peça! E isso podia fazer parte... hum... de alguma conspiração, ou uma proteção contra alguma ameaça de assassinato ao caçula da família real!

Claro, nós sabemos que ela estava exagerando, mas, por um momento, coloque-se no lugar da garota. Era uma plebeia com uma vida nada emocionante anteriormente e, agora, mais parecia uma criança descobrindo um mundo de aventuras. E, o melhor, sem bruxas desta vez. Mas, apesar de ter errado o motivo, estava certa quanto ao fato de João e Ariane a estarem observando de forma mais curiosa que o normal. E foi na caminhada entre a casa e o colégio das crianças que teve a dúvida sanada: - Ah, corta esse silêncio! Diz logo, Maria: de quem você está gostando, hein?! - essa era Ariane. Curta e grossa.

- Eu? Mas que papo é esse de vocês dois? - Maria tentava ao máximo parecer natural e encarar tudo como urna grande brincadeira. Mas, no fundo, ainda existia em suas palavras um temor de tudo aquilo que vimos estar embaralhado na cabeça.

- É. Quando menina fica suspirando e olhando pro nada que nem peixe morto, é porque tem coisa... - João se uniu ao coro de Ariane e também passou a ser curto e grosso.

- Mas o que é isso?! Vocês dois estão aprontando pra cima de mim, né? - Maria era suficientemente inteligente para perceber que não adiantaria bancar a desentendida com moleques como aqueles dois.

- Ah, Maria, faaala, vai! Conta pra gente, pó! Se a gente conhecer, pode até te ajudar a conquistar o cara! Né, João? -

João não fez uma cara lá muito contente. E afirmou: - Não tão por inteiro assim. Só se eu achar que o cara merece!

Está pensando que vou deixar a minha irmã ficar andando com qualquer vagabundo? Ela é menina de respeito. Vai ter de passar no meu conceito primeiro! - João não tentou fazer uma

piada. Disse aquilo com um ar firme, um nariz arrebitado e uma expressão de "homem da família".

As duas meninas riram da candidatura a macho. Maria realmente nunca tinha visto o irmão ter um ataque daqueles, e achou particularmente interessante saber que o menino se preocupava com as qualidades de sua futura escolha amorosa.

Entretanto, tinha de se livrar das insistências dos dois e, apesar de demorar um pouco, encontrou enfim a melhor forma de fazer isso: - Tá bom, eu falo - os olhos dos dois brilharam. - É o príncipe Áxel!

- Aaaaaahhhhhh! - pelo tom da voz, Maria notou ter a desejada descrença. - Isso aí, até eu! - e Ariane não percebeu, mas Maria, sim, o olhar furioso que João lançou sobre ela.

Cabe aqui falar novamente da relação entre o príncipe Áxel Branford e as mulheres da plebe, embora esse exemplo sirva perfeitamente para as mulheres da nobreza também. Já disse que o príncipe arrancava suspiros e tudo o mais do mulhério e representava o que os plebeus gostariam de ser, mas é preciso intensificar essa informação. Deixe-me antes contar a aparência física do príncipe, o que ainda não fiz realmente porque não gosto de perder tempo descrevendo homens, príncipes ou não, enquanto ainda existe toda uma história a ser narrada. Mas, se é necessário, que seja feito então: tratava-se de um príncipe de cabelos claros e lábios finos, quase imberbe, estatura mediana, braços trabalhados em horas de treinamento excessivo com os profissionais de pugilismo do Reino e um rosto - diziam as plebeias - "de bebê". Outras coisas ainda diziam as plebeias sobre ele, mas muito já me excedi na descrição desse príncipe.

Terminando o raciocínio, porém, diziam ainda as moças que apenas dois tipos de homens eram capazes de mexer com o imaginário feminino: aqueles que, como o príncipe Áxel, tinham "cara de bebê" (pois esses eram fofos) e aqueles, e aqui elas incluíam o príncipe Anísio, com "cara de homem" (pois esses eram machos). Eu, sinceramente, tenho dificuldade em entender por que todos os homens não têm "cara de homem", assim como não consigo ver homens falarem sobre mulheres que não tenham "cara de mulher".

Entretanto, pesquisando mais a fundo, fui entender o seguinte: as donzelas chamavam de "cara de homem" aquele sujeito de queixo quadrado, nariz e lábios grossos, sobrancelhas grandes e muitas vezes uma barba ainda por fazer. E, se aqueles com "cara de bebê" normalmente tinham a estatura média, os homens com o "abençoado" dom de nascer com a tal "cara de homem" costumavam também ser altos e não necessariamente ter os músculos trabalhados, mas, sim, abrutalhados. Existe também uma questão de postura e da forma de se portar com elas, mas isso envolve todo um raciocínio de um ser humano inconstante e difícil de ser definido.

E chega! Não me peçam mais para feminizar o imaginário plebeu ou nobre, pois minha função deveria ser contar histórias, não descrever essas coisas de caráter exclusivamente feminil. Agora, porém, está definido por que os dois príncipes mexiam tanto com a imaginação feminina a ponto de não faltarem pretendentes para seus futuros casamentos. E, em um ponto,

todas elas concordavam: fosse o príncipe com "cara de bebê", fosse o príncipe com "cara de homem", apenas nobres teriam chances com qualquer um deles.

- O que você acha do príncipe Áxel, Ariane? - perguntou Maria.

- O que eu acho? Ele é tudo de bom! Fala sério, cara! - você deve estar estranhando o palavreado de Ariane, pois não deve lembrar um palavreado comum a mundos etéricos de fantasia heróica. Mas garanto a você e a qualquer outro que, se isso acontece, é porque anda conversando com contadores de história elitizados, ou que apenas contam histórias da elite nobre. Pois, se passear em alguma das salas de aula dos pré-

adolescentes, e digo mesmo dos adolescentes, de Andreanne, encontrará com certeza esse mesmo palavreado aqui demonstrado de forma comum. - Ele é muito fofo! Aquele cabelo lisinho, aquele corpão, aquele traseiro todo...

- Eeei!!! Dá pra vocês pararem? Que palhaçada! - João disse a frase no tom mais grosso possível, representando o sentimento de qualquer homem que escutasse a conversa. -

Eu pensei que vocês eram duas moças de respeito! Eu, hein! -

E à frente das duas João se pôs a andar, pois já haviam chegado à Escola Real do Saber.

E sempre observado e acompanhado do impulso incontrollável de duas meninas que não se satisfaziam de rir.

E se o dia amanheceu na terra, então, ele também amanheceu no mar. E hoje, ao menos, isso é motivo de tristeza, pois homens honrados não retornarão para suas casas nem famílias porque morreram trucidados de maneira violenta servindo à pátria. Eram eles os responsáveis por levar um galeão inteiro de mercadorias contrabandeadas de volta para Andreanne, como consequência da profissão que escolheram. Havia em seu mastro a bandeira do Reino de Stallia, local para o qual jamais poderão retornar, a não ser que descubram uma nova passagem do mundo dos mortos, e talvez nem mesmo assim.

Mas, se eles morreram, tiveram um algoz.

E seu nome era Jamil, o Coração-de-Crocodilo.

Seus homens, naquele momento, descansavam em alto-mar, por ordens de seu capitão. E isso a eles era permitido porque Jamil planejava chegar com aquele galeão, que tinha em seu mastro uma poderosa arma, a bandeira real de outro Reino, apenas na madrugada do dia seguinte no porto de Andreanne.

E, se observamos, ao menos um pouco, o que faziam esses homens do mar enquanto descansavam entre uma morte e outra, teremos uma noção razoável de seu universo próprio e exótico aos homens de bem. Por exemplo, naquele momento, Teddy Dente-de-Alho e Aramis Bico-de-Corvo haviam prendido voluntariamente o jovem Snail Galford, o novato e mais recente pirata do grupo (e, portanto, o que mais sofria maus-tratos naquele momento), no "Alvo". Ser preso no "Alvo" significava ter penduradas em partes de seu corpo, como cabeça e ombros, objetos aptos a serem perfurados, tais como frutas e peixes ainda vivos se contorcendo em espasmos.

Também era ser alvo de piadinhas diante de uma plateia apostando quem seria o primeiro a acertar ou decepar uma parte do corpo do pobre escolhido. E só quem já esteve preso em tal artifício sabe o que é colocarem um peixe vivo saltando sobre a sua cabeça, agonizando por um pouco de água nas guelras, enquanto dois malucos divertiam uma platéia arremessando facas em seu corpo. Isso, de um lado do navio.

Já, do outro lado do convés, muitos homens dormiam estirados no chão, sentindo um pouco da brisa e dos raios do sol. Entre um gole de cerveja e outro, e antes obviamente de adormecerem, pensavam e repensavam as vidas até o momento em que ali chegaram.

Esse era o caso, por exemplo, de Wood, um dos poucos piratas experientes sem um nome seguido de um título como sobrenome. Como estamos falando de piratas, o exemplo da vida de Wood ilustrava bem por que uma pessoa se tornava um pirata e como a Caçada de Bruxas mudou o mundo, porque mudou uma vida de cada vez.

Woodson Artex nasceu minerador. Mas não no Reino de Arzallum; muito mais longe, em um

Reino chamado Minotaurus e, quem está atento a esta narração, sabe ser o mesmo do já citado Imperador - pois se recusa a ser Rei -

Ferrabrás. E Woodson descobriu ouro em uma caverna escondida, logo, naquele momento, não era, portanto, para estar em um navio fedegoso, seguindo ordens de alguém mais jovem e malvado do que ele. Era, sim, para estar em seu palácio, reconhecido como um gemífero, cercado dos servos que poderia pagar e tomando chá com nobres reais.

Mas não foi assim que aconteceu.

Acontece que Woodson teve sua descoberta confiscada pelo império de Ferrabrás, por motivos de guerra. Naquela época, acontecia o auge da Caçada de Bruxas, e as riquezas dos Reinos envolvidos eram destinadas a fins bélicos. Certo, existe uma certa medida de azar também: Wood teria se tornado tudo o que sonhara ser se tivesse encontrado a mina depois do episódio histórico, ou mesmo se tivesse escondido sua existência até o momento adequado. O problema foi tentar registrá-la durante a famosa guerra entre cavaleiros de armaduras negras e escolas secretas de magia lideradas pelas fadas escuras. Conclusão: a guerra acabou, e lá estava Woodson de novo como legítimo descobridor de sua mina de ouro. Uma mina já completamente desgastada, sugada e sem ouro nenhum para ser utilizado, pois muitos foram os mineradores reais que ali foram retirar sustento para a guerra do Reino.

Mentira seria dizer que Woodson não ganhou nada. Recebera em cerimônia oficial, sim, uma medalha, na qual faz questão de cuspir todos os dias até hoje, enviada por Ferrabrás a todos os que, como ele, tiveram seus bens surrupiados em nome da guerra mundial. Uma medalha de servidor do Império. Falido, vendo filhos e esposa passando fome até a morte, a vontade de Woodson era de enforcar Ferrabrás o suficiente até que ele resolvesse pagar à família o valor da extinta mina de ouro.

Mas quem seria louco de cobrar qualquer coisa de Ferrabrás?

Saldo final da vida de Woodson: sem teto, sem dinheiro, sem família. Perdeu uma parte da alma para a fome, e só não morreu também do mesmo destino porque conheceu e ingressou no grupo de James Gancho. E Woodson virou Wood e passou a adorar cada vez que podia invadir e tomar riquezas de nobres, como antes invadiram e tomaram riquezas suas. E quem iria culpá-lo por pensar assim? Talvez eu, ou você, ou qualquer outro no lugar dele, tivesse feito a mesma coisa. Inclusive, teríamos a mesma reação de cuspir todos os dias na medalha recebida. Ou não? Bom, mas era por casos como aquele de Wood que os piratas diziam a tal máxima de um dos semideuses, que ali naquele galeão ninguém era culpado.

Até mesmo eles sabiam que o Bem e o Mal estavam em todos os cantos, disputando seus pontos de vista.

- E qual a melhor forma de observarmos como um governante real planeja cada um de seus passos? Ora, é tudo extremamente simples: pelos príncipes reais de Arzallum! -

disse Sabino von Fígaro, o professor de História da Escola Real do Saber.

Sabino era um ex-soldado condecorado e aposentado por sua armada, diziam até que ex-conselheiro do Rei, revoltado por ver o mundo achar que ele não tinha mais idade para cavalgar um corcel, armado de uma lança. Por isso, vivia de ensinar suas especialidades aos mais novos, que não tinham uma opinião formada sobre ele, e reclamar dos governantes militares dos Reinos.

Maria Hanson já estava no último ano de sua formação. Nas escolas de Nova Ether, as crianças começavam a estudar com oito anos e o faziam até os quinze, saindo das escolas sabendo ler e escrever, o que já era uma grande vantagem. Na verdade, os anos escolares que se seguiam periodicamente costumavam ser com os mesmos professores e repetiam as mesmas lições apenas para obrigar as crianças a praticar e a não esquecer como escrever e ler. Professor Sabino, porém, aos seus sessenta e cinco anos de vida, trazia uma didática diferente às salas de aula, normalmente improvisadas em casas aldeãs: ele tentava estimular o raciocínio e conduzir os alunos a pensarem sozinhos, ainda que de uma forma manipulada para suas próprias opiniões.

- Reparem bem, caríssimos, o que são os dois príncipes residentes desta cidade! De um lado, temos Anísio, o mais velho e herdeiro. Aquele de discurso eloquente, de hábitos nobres, de qualidades admiráveis para quem quer um dia se tornar Rei. O príncipe querido da nobreza deste Reino... - a atenção dos adolescentes daquela sala era constante. Professor Sabino talvez fosse o único professor capaz de calar uma turma de adolescentes e fazê-la realmente se interessar pelo que dizia. - E do outro, sim, temos aquele que as meninas deste Reino tanto adoram e suspiram pelo nome: o príncipe Áxel Terra Branford - a frase era dita com muitos gestos e um tom de voz que aumentava e diminuía, técnica já utilizada quando era líder de guerra e prendia a atenção de soldados.

- Uuuuuuh! - os gritinhos involuntários partiram de diferentes locais da sala, de duas ou três meninas.

- Sabem, eu sabia que esses gritinhos surgiriam! O que eu não entendo é... - aqui o tom de voz aumentou em muito - ... o que afinal vocês veem nesse cara? - a turma riu, e o professor, sob o corpo franzino e as lentes de baixo grau, também.

- Ele é o mais lindooo!!! - foram as palavras de Patty, uma adolescente com uma vivacidade muito parecida com a de Ariane.

- Ho-ho, se é esse o critério, então também acho que vou me candidatar a príncipe na próxima

encarnação! - disse o professor, batendo as palmas uma vez e arrancando gargalhadas. - E o que mais o faz ser um príncipe carismático, além de ser... ãn... "o mais lindo"?

- Ele ser o mais fofo! - disse a jovem Garistela.

- E o mais gostoso! - avacalhou de vez com as descrições Kenny, a mais atirada de todas as meninas de Andreanne.

- Uau!!! Chega! Chega disso! Prefiro enfrentar um exército inimigo a continuar ouvindo tais coisas escabrosas! Nós soldados somos conhecidos por termos estômago forte para muitas coisas, mas não para algo desse tipo... - e todos gargalharam uma vez mais.

Maria se impressionava com aquele professor em todos os aspectos, principalmente em momentos como aquele. Porque em qualquer outra aula, com qualquer outro professor, comentários como aqueles das meninas seriam taxados de "imoralidade" ou "pouca-vergonha" ou tantos outros adjetivos comuns ao seu universo. Mas com aquele professor era diferente! Ele tratava tudo com brincadeiras e bom humor. E, para aqueles jovens, aquilo era algo inédito em um cenário como aquele. E, talvez por isso, por não haver ali dentro daquela sala a censura a que todos eram submetidos do lado de fora, Maria acreditava que as pessoas eram mais verdadeiras com Sabino, e isso era admirável.

- Pois muito bem, temos um Rei que agrada à nobreza e a vocês, plebeus! E temos um príncipe para cada classe social!

Quer coisa mais pensada e perfeitamente designada que isso?

- Maria não concordou. E ela mesma se surpreendeu por ter feito a pergunta alto como fez, já que sua natureza tenderia a esperar um intervalo e perguntar particularmente ao professor a resposta de alguma dúvida ou a indicação de algum livro da Biblioteca Real que servisse ao que desejava.

- Professor, está dizendo que o príncipe Áxel é fruto de um planejamento real? Tipo... o Rei teria preparado ele pra agir como plebeu?

- Perfeitamente, Maria Hanson! E digo mais: até mesmo aquela atitude imprevisível do príncipe em se inscrever na Confederação de Pugilismo deste Reino foi uma decisão estrategicamente pensada. E realmente é uma decisão estrategicamente perfeita! Qual de vocês, garotos, não sonha em se tornar um campeão de pugilismo? - não demorou muito para se escutar murmurinhos dos garotos. Tornar-se um campeão de pugilismo ou encontrar uma mina de ouro eram as únicas formas de um plebeu conseguir fama e dinheiro, ainda no início da vida como homem.

- Não, não é possível! O príncipe Áxel admira a plebe! - Maria realmente estava dizendo as coisas sem pensar. Não que não estivesse com vontade de dizê-las, mas costumava usar a razão à frente da emoção e demonstrar vergonha em se expor diante de colegas, fato comum entre adolescentes mais tímidos.

- Uawahahaha! - o professor não riu de deboche, mas por achar graça de imaginar um príncipe que realmente se importasse com a plebe. E a turma começou também a rir porque seu professor estava rindo, embora ninguém ali realmente soubesse dizer o motivo de tanta graça ou o porquê de estar rindo tanto. - E por que um príncipe, nascido dentro do monumento que é o Grande Paço, iria se preocupar com a plebe, Maria? - todas as atenções se voltaram para a carteira daquela jovem menina, que se sentia naquele momento como um prisioneiro questionado por um tribunal.

- Eu... eu não sei por quê! Mas... - Maria ergueu os dois ombros para falar e abriu as mãos em um gesto de "vou fazer o quê?" - ... ele disse isso.

- Você fala como se conhecesse o príncipe, Maria! - afirmou a tal da Patty.

- Hein?! Você conhece o príncipe, Maria? - perguntou dessa vez Kenny, a atirada, com visíveis segundas intenções.

- Eu?... - a vontade de Maria era dizer: sim, eu o conheci! E

ele me disse isso. Mas eram tantas informações; o fato de Axel poder fingir que gostava da plebe apenas por questões políticas, a lembrança da possível existência de um sócio, o fato de tê-lo conhecido, mas, com certeza, ele nem lembraria de seu nome; tudo zunia na cabeça da adolescente. - Não, claro que não conheço o príncipe! Como poderia, não é? -

Maria abaixou os olhos, como fazem as pessoas envergonhadas. Mas não era de vergonha, era do embaraço que causavam tantos pensamentos ao mesmo tempo.

- Ah, eu sabia! Essa daí adora aparecer! Primeiro, com aquela palhaçada de bruxa e casa de doce. Agora isso! - o comentário maldoso, injusto e completamente desnecessário partiu de uma pessoa com as mesmas qualificações. Tratava-se de Fourton, de todos ali naquela sala aquele com menor chance de subir na vida.

Maria não respondeu. Não conseguiu. Seu estômago começou a ferver, e ferver de raiva. Começou a ficar vermelha, e qualquer um que a olhasse veria isso. As mãos se fecharam e começaram a tremer, os lábios se apertaram, o nariz se deformou, as sobrancelhas se aproximaram e a testa franziu.

Se um dia existiu uma garota com raiva em Andreeanne, inspirou-se em Maria Hanson naquele momento. E imagine quanta raiva não foi contraída para que Maria sobrepusasse a razão como naquele instante? E refiro-me ao momento em que ela agarrou com força o objeto mais próximo de si - seu grosso e pesado caderno de capa dura - e o arremessou com a perfeição de um arremessador de discos na direção da face de Fourton.

Foi um lance inesperado. Tão inesperado, que o garoto nem teve tempo de reação. E, enquanto aquele objeto voava, adquiria uma energia cinética tal que causou um espetacular estrago quando se encontrou com o pobre nariz do garoto!

Fourton caiu para trás, ainda sentado em sua cadeira, com os dedos na região acertada. E Maria, acreditem se quiser, estava de pé, apontando o dedo indicador direito para o engraçadinho: - Seu idiota!!! Se disser uma besteira dessas outra vez, eu vou arrancar os seus...

- OPA! OPA! Opa! Será que alguém ainda lembra de que isso aqui é uma aula? - o professor bateu palmas fortes para chamar a atenção da turma para si.

Fourton ainda fez menção de que iria dizer alguma coisa, mas o professor cortou: - Fourton, o senhor cale a boca e fique sentado, pois mereceu!

Quanto a você, moça, espero que não tenha mais de interromper a minha aula por sua causa! Na próxima, ponho a senhorita pra fora desta sala e só entrará de novo acompanhada de seus pais, fui claro?

- Sim, professor - Maria abaixou os olhos, dessa vez envergonhada mesmo. - Juro que não vai mais acontecer.

- Ótimo - Sabino deixou parecer que ia voltar ao assunto anterior. Entretanto, também mudou o tom de voz: - Mas admito que, se Maria socasse tão bem quanto arremessa cadernos, seria eu o primeiro a apostar nela no próximo torneio de pugilismo deste Reino! - e toda a turma, inclusive Maria, e com exceção de Fourton, gargalhou uma vez mais com seu professor.

Axel terminou o almoço e se dirigiu para onde o pai o esperava: o estábulo real.

Lá já estavam servos reais trazendo ao encontro do Rei e do príncipe as duas montarias necessárias para o dia seguinte. A primeira se chamava Bóris e percebia-se logo que se tratava de um corcel macho. Um corcel é um cavalo diferente dos outros, na medida em que se trata de um cavalo veloz, de raça e campanha. E, se um corcel já é superior aos cavalos comuns, imagine Bóris, o corcel do Rei Branford? Era o cavalo mais perfeito encontrado naquele continente (e, se havia outro, ninguém o conhecia) e oferecido ao Rei como prova de amizade entre o Reino de Arzallum e Stallia. Montado em sua sela brilhosa, o mais covarde dos homens passava a parecer um audaz cavaleiro legítimo.

Dirão também aqueles especialistas de nada em especial, e que serem citados por mim já se tornou um ato crebro, que esse nome, "Bóris", representa "batalhador" ou "forte guerreiro", e isso, por si só, já justificaria a escolha de quem primeiro o nomeou. Bóris era um cavalo veloz; alcançava facilmente a velocidade de dez quilômetros por hora de um cavalo de montaria comum, mas ia muito além, se necessário fosse, conseguindo percorrer quinze ou dezesseis, se preciso. O que tornava Bóris especial até dentre os corcéis, contudo, era ser também forte como um búfalo. Caso fosse necessário, poderia muito bem ser usado como cavalo de carga e, ainda assim, correr oito ou nove quilômetros por hora, superando em muito os cinco quilômetros comuns a esse tipo específico de cavalo.

E por falar em peso, e assim também em carga, a outra montaria que ali estava sendo preparada possuía uma característica semelhante à de Bóris, mas com o detalhe de ser capaz de sustentar um peso maior do que qualquer cavalo, mesmo de montaria, gostaria de sustentar. Isso porque essa montaria não iria carregar um Rei ou mesmo um príncipe, mas um troll cinzento. E trolls são seres de dois metros e meio de altura, cujo peso alcançava facilmente os duzentos quilos.

Muralha não era exceção. Nenhum cavalo, mesmo o mais forte de todos os cavalos de carga, ou mesmo Bóris, o melhor entre os corcéis, o faria. Seria preciso um animal como aquele que ali estava: um mamute adolescente. Mas não um mamute qualquer.

Um estrondoso Mamute de Guerra.

Mais uma vez, Maria Hanson subiu os degraus da Biblioteca Real. Tinha em mente um objetivo fixo: ler livros sobre os Ferrabrás e também sobre teorias de conspiração e manipulação política, e tantos outros livros que apenas um ou dois autores se arriscaram a escrever. Encontrá-los entre dezenas de prateleiras gigantescas dava mais do que trabalho à simpática senhora Stephanie, a bibliotecária responsável.

- Maria, minha querida, a senhorita está a fim de se casar com algum nobre da corte, é? - a senhora Stephanie perguntava entre uma inspiração e outra, resultado de mais um esforço para esticar os braços e puxar outro livro empoeirado em cima de uma escada que não parecia tão segura para quem a observava.

- Er... não, senhora Stephanie! - o embaraço de Maria estava no fato de lembrar de Áxel e novamente voltar ao monte de bobagens e preocupações sem fundamento que misturava na cabeça, como adolescentes costumam fazer. - É que preciso dessas informações para um trabalho do professor Sabino...

- Espero então que você não seja a única a se lembrar da Biblioteca Real como fonte de pesquisa! - a bibliotecária disse, descendo com todo o cuidado os degraus da escada, já que uma queda na sua idade representaria uma quebra da bacia ou coisa pior. - As visitas a este lugar pelos jovens estão cada vez mais escassas - era verdade, e, só para se ter uma idéia, Ariane Narin nunca se interessou em visitar a Biblioteca em todos os seus treze anos de vida.

- Sim, você tem toda a razão. Os jovens deveriam vir mais aqui e ler mais também - disse Maria. - Isso evitaria que dissessem tantas besteiras em momentos inoportunos...

Descendo com o devido esforço o último degrau, a senhora entregou a Maria quatro livros empoeirados que achava poderem servir para o "trabalho escolar". E ficou observando orgulhosa a menina sentar-se em uma das mesas da sala de leitura e começar uma longa pesquisa.

Fosse qual fosse, o trabalho escolar exigia livros de conspirações, manipulações políticas e outros temas tão esquisitos e exóticos a serem pesquisados.

Em alto-mar, o ócio deixou de tomar conta de um galeão.

Pelo menos de um galeão que exibia a bandeira de Stallia e, em seu convés, homens que não nasceram em qualquer uma das terras do Reino anunciado no mastro. E a ordem de um capitão foi dada. As velas foram içadas.

E o veículo zarpou rumo ao porto de Andreanne.

- Estamos a caminho. Logo chegaremos a Andreanne, e então tudo que fora traçado sairá bem... - as palavras saíram de Jamil e eram preocupantes. Primeiro, porque quando um pirata diz que alguma coisa sairá "bem" ou "conforme os planos", então, algo de ruim vai acontecer, já que esses homens só pensam mesmo em besteiras e caos.

E, segundo, porque a pessoa a quem ele estava falando deixaria qualquer um assustado e enjoado apenas com a presença.

Não importava se aquele velho tivesse o coração atrofiado de ódio e rancor da vida, um corpo apodrecendo por um câncer que veio lhe trazer sofrimento e humildade, a mente imunda das frustrações que a atual posição ridícula e inútil lhe causava e a imobilidade proporcionada por ossos que rangiam quando obrigados a se mexer. Descrevendo assim, a impressão é de que estamos falando da figura de um velho impotente, que não consegue fazer as próprias necessidades sem a ajuda dos outros, ou dizer frases completas, ou raciocinar de uma maneira lógica, e tudo isso era verdade. Mas, independentemente do estado e das condições físicas, todo velho deve ser tratado com respeito, ou ao menos assim se espera. Seja esse respeito conquistado à base do exemplo ou do temor.

Um dia meus oponentes poderão vencer, mas não hoje...

Ainda mais quando estivermos falando de James Gancho.

Mamute de Guerra.

Antes, deixe-me explicar, para quem não sabe, o que é um mamute: trata-se de um descendente dos elefantes (se não for o contrário e, se assim for, peço desculpas), maior e mais forte, com gordura excessiva para protegê-lo do frio das regiões de onde se originou e com uma pelugem que não é típica de seus descendentes. Extremamente inteligentes, são dóceis quando bem treinados e bem tratados.

E qual exatamente é a diferença entre o mamute normal e o de combate? O porte físico, primeiramente. Repare que a montaria de Muralha era um mamute adolescente e ainda assim iria levá-lo com tanta competência quanto o faria um mamute adulto comum. E, em segundo, a consciência. Como dito, mamutes são extremamente inteligentes, e esse tipo especificamente era treinado desde cedo por adestradores competentes para pensar como guerreiro. Ele sabia identificar um inimigo e uma emboscada, e sabia gravar muito bem o rosto daqueles que o atacassem, inclusive identificando os uniformes no campo de batalha.

Muito propício era, portanto, Muralha viajar em um desses.

Mas, como mamutes de combate adultos eram muito raros (Andreanne não possuía ainda um único exemplar), era no mamute adolescente que iria pôr seu peso, e isso poderia ser uma vantagem, caso não carregasse peso extra. Na ocasião, carregando seus cento e tantos quilos, e sendo treinado para o que era treinado, o mamute carinhosamente chamado de "Pacato" não ficaria devendo para Bóris carregando todo o peso extra que teria de carregar, além de Áxel.

E foi enquanto o príncipe observava as duas montarias que serviriam a ele e a seu guarda-costas sendo tratadas e preparadas para a partida do dia seguinte que chamou um dos servos reais e pediu-lhe de maneira discreta para fazer-lhe um favor em troca de algumas moedas de rainhas; poucas para um príncipe, muitas para um servo.

E, dessa forma, logo um cavalo que não era um corcel, mas ainda assim veloz o suficiente para sua tarefa, montado por um servo real sorridente, partiu rapidamente do Grande Paço a fim de concluir interessantes ordens reais.

João almoçou naquele dia na casa de Ariane. O pai, naquele momento, estava como sempre trabalhando ao lado dos outros lenhadores, e a mãe reservou aquele dia e horário para fazer as compras na feira, com o dinheiro conquistado naquele mês, que, se não era farto, pelo menos era mais do que se costumava ter todos os meses. Isso havia acontecido porque estavam pagando mais gratificações aos lenhadores, caso cortassem e entregassem a lenha em prazos anteriores ao requisitado. E muita madeira estava sendo requisitada pelo Reino de Cálice, o Reino liderado pelo Rei Segundo. Isso significava bons e maus sinais. Bons sinais para os lenhadores, que ganhavam mais gratificações em moedas de princês, e sinais ruins para os cidadãos, porque quando um Reino pede urgência em madeira uma guerra se aproxima.

Pode escrever o que eu digo.

E guerras sempre são ruins, não importa a opinião dos especialistas militares, que defendem a revolução tecnológica que acelera em uma civilização, mas costumam mudar de ideia quando veem a própria mulher ser atingida por alguma flecha perdida atirada no meio de uma batalha. Que seja; por esses motivos apresentados, a senhora Narin, mãe de Ariane, foi buscar as duas crianças na escola aquele dia e serviu-lhes o almoço.

- Você ainda tem aquela doença, João? - a pergunta partiu de Ariane, enquanto os dois descansavam após um almoço satisfatório.

- Doença... peraí, que doença?

- Ora, aquele seu problema no nariz! Que faz você espirrar sangue!

- Ah, sei. Bom, meus pais disseram que aquilo é um tipo de resfriado que eu tinha, mas fiquei curado!

- E você acreditou?

- Não por inteiro! - repare que aqui não se tratava da gíria "por inteiro". - Na verdade, eu acho que eles nem sabem direito o que era aquilo...

- E você não se preocupa em saber?

- Eu não! Nunca mais aconteceu, e eu também nem lembrava mais. Até você tirar isso lá do fundo do baú! - os dois acharam graça.

- Falando em acreditar, você acreditou quando a Maria disse que é pelo príncipe Áxel que ela está apaixonada? - incrível a atração e o fascínio que os pré-adolescentes, e tenho a impressão de que os adolescentes, os adultos e os idosos também, sentem por esse tipo de assunto, a ponto de sempre voltarem a ele, mudando apenas o casal em questão.

- Ora, mas claro que acreditei! Já te disse: minha irmã não sai com ninguém. Isso é coisa de mais uma menina apaixonada pelo príncipezinho...

- Ei, olha como você fala daquela coisa fofa! - disse Ariane, querendo provocá-lo. Até mesmo ela já tinha percebido como ele se irritava com tais comentários. - E hoje nós poderemos descobrir quem é afinal esse namorado misterioso da Maria!

- Ai, o que você está aprontando, Ariane?

- Nada de mais, bobo! Se a Maria tiver um namorado, ela deve se encontrar com ele hoje, o que é mais provável, ou amanhã!

A gente fica na espreita e segue os dois!

Explicação: Ariane achava aquilo porque, como dito, a semana possuía, e ainda possui, se o mundo não acabou, cinco dias, e era no quinto que os trabalhadores e estudantes gozavam seu dia de folga e descanso, cumprindo também seus compromissos sociais e, principalmente, amorosos. Como estavam no Dia do Éter, o quarto dos cinco, era realmente bem provável que fosse naquele dia, ou no seguinte, o encontro de Maria com seu "namorado secreto", se é que tivesse mesmo um namorado, secreto ou não.

Mas esse descanso no quinto dia não valia para todos. As escolas paravam, mas a maioria do comércio, no máximo, fechava as portas mais cedo. Dessa forma, comerciantes que precisavam levar comida para a família costumavam trabalhar como em qualquer outro dia normal, fosse terceiro, quarto ou quinto dia de qualquer semana que fosse, tirando férias apenas quando a morte chamava por eles. E isso era mais uma prova de como locais como o Majestade eram importantes e necessários para essa parte específica do povo, que nunca tirava férias e vivia uma vida inteira intensa de esforços.

- Não, Ariane, não acho isso certo! A Maria não iria gostar!

- Ora, claro que ela não iria gostar! Mas você não sente curiosidade de saber com quem a sua irmã está andando? E se for um mau-caráter? Você só vai saber quando for tarde demais e ele bater nela por alguma discussão! - as frases provavam que ela decididamente aprendera que a Bondade não estava só no mundo.

E outra: o que Ariane fez fora uma visível apelação. Isso porque não havia nada que João prezasse mais do que a irmã.

E a hipótese de Maria andar por aí com um vagabundo sem-vergonha, e ele só descobrir o fato tarde demais, era um motivo de preocupação intensa.

Portanto, independentemente de apelativos ou não, os argumentos de Ariane Narin venceram qualquer resistência moral de João Hanson. E, logo, dois moleques dos mais sapecas já estavam bolando dezenas de formas mirabolantes e das mais loucas para perseguirem uma menina, sem serem vistos. E, sim, tratavam aquele fato como uma das maiores aventuras de

suas vidas.

E quem, já tendo vivido aquela idade, iria culpá-los por isso?

A Lobo Mau.

Mais um local que muito em breve servirá como palco para esta história. Um local frequentado apenas por plebeus das mais variadas espécies e que, ao contrário da maioria esmagadora de qualquer negócio de Andreanne, fechava as portas de dia e abria apenas quando o crepúsculo se iniciava.

O nome se justificava. Esse estabelecimento tinha muito de seus frequentadores traduzidos em lenhadores que saíam de um trabalho cansativo - e só quem passa o dia inteiro dando pancadas em árvores pode lhe dizer o quanto isso é cansativo - e pretendiam descansar e se distrair um pouco, antes da volta para casa. E também outros comerciantes e trabalhadores, de exercícios tão cansativos quanto os de um lenhador, também costumavam parar ali na volta para casa e relaxar um pouco. Como o lugar era agradável, bem localizado, posicionado na divisa entre a floresta e o centro urbano, a taberna acabou por se tornar uma referência interessante. Ainda assim, até agora não expliquei o porquê do nome tão exótico: bom, isso se estabeleceu por causa de uma enorme cabeça de lobo empalhada na parede, bem acima, do bar. Certo, isso não parece ser lá o melhor atrativo de fregueses, nem justificar a fama do lugar, mas aquela cabeça decepada não era a de um lobo qualquer.

Era a cabeça do mesmo lobo que um dia devorou a avó de uma menina de nove anos.

Caçadores costumam sair de casa às quatro e meia da manhã, encasacados para se proteger do frio, com machados amarrados na cintura, longas facas presas próximo às botas e uma pesada espingarda nas costas (os mais fortes) ou um grande arco e flechas (os mais sensatos), após um gole de café quente preparado pela esposa. Também costumam se manter barbudos, já que aparência não é prioridade e ajuda na proteção do frio matinal, e ter um porte físico respeitável, mesmo porque passam o dia basicamente fazendo exercícios quando caçam.

Esse também era o caso de Rick Albrook. Como os caçadores se cumprimentam pelo sobrenome, e não me pergunte o porquê disso, você vai ouvir as pessoas se referindo a esse caçador muito mais por Albrook do que por Rick, e isso não é totalmente verdade. E não é porque, se por um lado o sobrenome Albrook é mais utilizado do que o nome Rick, por outro nenhum dos dois é a forma mais famosa pela qual se conhece aquele caçador. Pergunte inclusive por Rick Albrook dentro da Lobo Mau, e talvez a pessoa nem mesmo saiba apontar o homem certo. Agora, pergunte pela alcunha correta, e qualquer um saberá apontá-lo sem dúvida alguma no olhar.

O Herói.

É assim que ele era verdadeiramente conhecido pelas pessoas.

Apenas isso, e simples assim.

No início, Albrook não soube qual opinião ter dessa alcunha.

Ver as pessoas dando tapinhas em suas costas e dizendo coisas como "Bom dia, Herói!" ou "É um prazer te ver, Herói!", ou mesmo "Olha querida, é aquele ali o Herói!", ao mesmo tempo em que lhe causava orgulho, causava-lhe incômodo. Isso porque Albrook era um herói sim, com ou sem "H"

maiúsculo, mas jamais fizera nada pensando em ganhar qualquer fama por isso.

Simplesmente estava no lugar errado na hora certa.

Estava ele caminhando por uma floresta que conhecia muito bem, afinal, uma das obrigações de um caçador é conhecer a região onde caça, e procurando uma nova presa cuja carne pudesse vender em troca de moedas de princês, quando escutou os gritos.

Gritos de uma criança e de uma senhora.

E correu, agindo sem pensar, como agem os heróis e os desesperados. Armou-se da espingarda com muito cuidado; tinha muita perícia, sabia caçar animais selvagens, rastrear pegadas e reconhecer o animal apenas escutando grunhidos.

E, quando correu para aquela casa afastada dois quilômetros ao menos das outras, sabia que havia um lobo em algum lugar, e faminto. Sabia porque via as pegadas; e, mais, sentia o cheiro.

Aquele maldito cheiro ferruginoso de sangue.

Quando chegou à entrada da casa, não pediu licença; simplesmente levou a sola da bota tão violentamente ao encontro da madeira, que a porta se partiu como uma barra de chocolate nas mãos de crianças. A lembrança da cena trazia a imagem daquela carcaça da senhora Narin. E, quando se lembrava disso, o caçador também se lembrava da menina. Do olhar arregalado, do medo nos olhos e do pedido desesperado por ajuda, sem que emitisse som algum.

Apenas aquele olhar.

E, depois, lembrava-se dos tiros. Armar a espingarda para mirar era algo tão natural para um caçador, que ele não se lembrava nem do momento em que se posicionou. Ele se lembrava do tiro; disso ele se lembrava! Lembrava-se do alívio quando aquele cartucho penetrou no peito daquele lobo imenso como jamais vira antes um lobo ser. Lembrava-se de ter levado a criança em estado de choque ao Centro Médico de Andreanne. Ele, nervoso por não saber se estava agindo corretamente; ela, sempre com aqueles olhos penetrantes arregalados.

Deixou-a com os médicos. Mais tarde, voltou ao local com outros caçadores. Enterraram o corpo da senhora morta em uma cerimônia digna, que contava com a presença do senhor e da senhora Narin (inconsoláveis), de Albrook e outros caçadores, e dos lenhadores companheiros do senhor Narin. A menina não estava no sepultamento, nem tinha condições, e

duvido que lá quisesse estar se em melhores condições estivesse.

Albrook nunca mais vira a menina.

Soube pelos agradecimentos do pai o nome de sua protegida, mas não sabia como estava hoje em dia depois de tanto tempo, e apenas a incluía em suas orações aos semideuses. Sempre.

Sobre o corpo do lobo, o carnívoro teria sido devorado se houvesse sido abatido em termos honrosos - pois os caçadores estabelecem seu próprio código e leis de caça, aceitos pelas normas reais -, mas não fora esse o caso. Pela forma como fora encontrado, e por lembrar aquela cena maldita, por um ou dois dias aquele lobo gigantesco serviu de alvo para treinamento de tiro do próprio Albrook. E a carcaça esburacada teria sido deixada para os urubus, que a devoraram com gosto.

Um amigo do caçador, entretanto, resolveu fazer uma inusitada proposta.

Seu nome era Harold, mas, como também era um caçador aposentado, muito mais conhecido era por Helll, seu sobrenome com três "eles" mesmo. Acontece que Helll havia, há tempos, uns seis meses antes, aberto seu próprio negócio, após juntar toda uma vida de economias e se decidir pela aposentadoria dos anos como caçador. Contudo, era apenas mais um entre tantos outros taberneiros espalhados por toda a cidade, e sabia o quanto precisava se diferenciar para merecer um destaque dos demais.

E encontrou o que precisava naquele lobo enorme morto por Albrook.

A proposta inusitada de Harold se resumia a um negócio de risco, e deu certo. Ele daria a Albrook dez por cento do faturamento de sua taberna, o que hoje já deve ser mais, e, em troca, o caçador Herói lhe daria o direito de empalhar a cabeça daquele animal e usar a história como propaganda.

Não preciso dizer que foi Helll quem espalhou ainda mais, e de uma maneira bem própria, a notícia que transformou Albrook no Herói. E, bom, vocês conhecem as pessoas. A história da menina de olhos arregalados vestida com um chapéu manchado de vermelho e de Albrook, o caçador herói que a salvou, de forma tão fantástica, até hoje é contada, mas de muitas e diferentes formas que variam de acordo com o contador disposto ao feito.

E, por incrível que pareça, a menos beneficiada com isso foi a jovem Ariane. Isso porque, se Albrook ficou com a alcunha de Herói, e se Helll conseguiu a fama que precisava com a história, Ariane herdou apenas a fama de ser a menina pura daquela história da qual todos nós já sabemos como ela tentava se esquecer, mas alguém, vez ou outra, sempre a impedia.

E, o pior, é que a maioria das pessoas contava a mesma história - mesmo que cada uma da sua própria maneira -, sem sequer conhecer os nomes das pessoas transformadas em personagens ou o verdadeiro local em que ela realmente ocorreu. E a mancha de sangue se tornara a regra, pois era possível esquecer ou desconhecer tudo, mas as pessoas jamais esqueceriam as alcunhas.

A avó. O lobo. O caçador herói.

E o maldito chapéu vermelho.

E Maria Hanson foi para casa, onde encontrou a mãe, já há tempos de volta da feira, e o irmão, que a própria mãe buscara ao passar pela casa dos Narin. Pouco tempo restava para o anoitecer, e presumo que isso aconteceria em uma ou duas horas. Maria muito havia lido na biblioteca, estava cansada, física e mentalmente, e achando que seu destino seria um jantar feito pela mãe e a cama dura, mas satisfatória para o espírito cansado.

E tudo isso teria acontecido se a mãe não a tivesse avisado de uma carta recebida, destinada a seu nome, em forma de um pergaminho preso com chifres de tinta e pedras-de-serpente.

Maria estranhou; e muito. Fácil o porquê disso: nunca recebia cartas. Ainda mais em pergaminhos! Tentou fingir naturalidade quando pegou o escrito em pele de caprino e preparado com alume, e foi ler a mensagem em algum canto da casa.

E não mais por muito tempo pôde tentar permanecer natural.

Ao ler a mensagem, as pernas tremeram, o coração disparou, os olhos esqueceram de piscar. O corpo amoleceu; a mente ficou inquieta. Muitas coisas passaram ao mesmo tempo na cabeça daquela adolescente confusa. E ela sentiu vontade de vomitar.

O bilhete dizia assim:

Cara Maria Hanson.

Escrevo-te este bilhete para fazer a ti um convite. Parto amanhã de manhã, e muito tempo ficarei distante, e não sei mesmo se voltarei um dia vivo para contar a verdade.

Por isso, talvez esta seja minha última noite de diversão, e gostaria de estar bem acompanhado por tudo isso que relatei.

E, antes que te questiones, a resposta é: sim, eu poderia ter feito este convite a muitas outras damas e a nobres, e a damas nobres, mas, como escrevi e ratifico, esta noite eu gostaria de estar bem acompanhado, e não apenas acompanhado: Se não puderes ou, na pior das hipóteses, não quiseres aceitar meu convite, entenderei tuas razões, e para isso basta não compareceres, que saberei de tua decisão.

Mas juro que, se tu resolveres aceitar minha companhia por uma noite, a farei a mais agradável que possa. Estarei esperando por dez minutos, a partir das sete batidas da noite do sino central, sentado no mesmo local onde nos conhecemos, e espero eu que não tenhas te esquecido.

Saudações reais, Axel Terra Branford; Príncipe real de Arzallum.

Uma carta dele.

Ela havia lido mais treze vezes o bilhete e se beliscou e se estapeou quantas vezes achou necessário para ter certeza de que estava ainda de pé e na realidade dos acordados, e não prestes a acordar de um sonho agradável para a realidade do dia seguinte (de novo: uma carta dele). E que não pensemos que ela não imaginou que poderia se tratar de um trote de algum companheiro da escola, como Fourton, o Idiota! Mas, ainda que desejassem muito promover um trote e fazer Maria ser o bufão da turma, seus companheiros jamais poderiam falsificar um selo real, um carimbo real e, ainda por cima, uma assinatura real. Isso seria um crime, além de quase impossível, punido com tantos anos de prisão, que sairiam de lá apenas quando fossem tão velhos quanto a saudosa senhora Narin. Que os semideuses a tenham.

E quanta informação um mero pergaminho trazia! O que mais assustava Maria era o fato de a mensagem mais parecer uma despedida do que um convite de encontro. Tremia só de pensar que talvez fosse a última a encontrar Áxel Branford.

Além disso, sua companhia para o príncipe seria melhor do que a de uma dama nobre. Ao menos era o que ele havia escrito!

Maria Hanson continuava na mesma posição, com as mesmas sensações esquisitas. Foi então que resolveu reler o local e a hora do encontro. Dez minutos. Esse era o tempo que ele ficaria esperando no local onde se conheceram. De casa até o Majestade levaria em alta velocidade talvez uns... quinze minutos! E, por falar em minutos, a menina se lembrou da hora e do pouco tempo para escolher a roupa, ajeitar os cabelos, e tudo o mais que as adolescentes costumam fazer quando saem para encontros, o que, no caso de Maria, era uma novidade. E não haveria situação mais esdrúxula como primeira vez. Se tudo desse certo, e fosse rápida o suficiente, iria diretamente, como nas melhores narrativas, ao encontro de seu legítimo príncipe encantado.

Muralha acordou.

Isso significava que vinte e quatro horas haviam se passado, pois era esse o tempo que os trolls usavam para dormir.

Possuíam uma vantagem, porém, por tal limitação: poderiam ficar quarenta e oito horas em intensa atividade, se dormissem um dia inteiro para compensar. Seu bocejo era intenso e parecia um trombone, mas também você deve imaginar a quantidade de ar que um troll daquele tamanho precisava expirar para se espreguiçar e levantar de bem com a vida. O imenso humanóide, contudo, não teve muito tempo para pensar. Mal se espreguiçou, e trolls fazem isso antes de abrirem os olhos, e já viu o príncipe sentado com um olhar paciente, como se fosse seu próprio guarda-costas, e não o contrário.

-Vamos, vista-se adequadamente. Pode ser minha última noite de diversão, como pode ser a sua última também... -

dizia Áxel, levantando-se e mexendo nas roupas enormes de Muralha. - Hoje é a noite de nos divertirmos. Mas, antes, preciso passar em um local que você conhece para saber se minha diversão será intensa ou parcial. Certo, não precisa ficar com essa cara, eu sei que você não está entendendo nada. Mas, ora, você não é pago pra entender nada mesmo! E, sim, pra me obedecer, vamos, ande! - Áxel sorria e empurrava Muralha para dentro de um cômodo imenso que servia como guarda-roupas para o troll, entregando ao humanóide as roupas apropriadas para que ele usasse naquela noite.

Uma noite que poderia jamais se repetir.

Ninguém entendeu nada na casa dos Hanson. E não os culpe por isso. Se achar que poderia ser diferente, coloque-se no lugar deles. Quando digo "eles", refiro-me ao senhor e à senhora Hanson, que estavam já sentados à mesa para jantar.

E não seria um jantar qualquer; lembremos que a senhora Hanson havia ido à feira naquele dia e comprado comida com um dinheiro extra, fruto das gratificações recebidas pelo marido no trabalho. Apesar de parecer miserável para um nobre, aquela mesa estava extremamente farta para um plebeu acostumado a comer pouco, todos os dias devido à escassez. Seguindo esse raciocínio, é perfeitamente lógico que os pais achassem que seria um típico dia dos mais felizes e marcantes daquela casa.

Entretanto o que viram... pasmem... foi a filha Maria sair tão veloz quanto um camundongo, sem se despedir direito e parecendo esconder o rosto! Dizia apenas algo como: - Pai, mãe, vou sair com umas... amigas! Daqui a pouco, volto!

- e já disse isso quase abrindo a porta, sem olhar nos olhos de qualquer um dos dois.

- Quê? - foi a exclamação do pai, que demorou a reagir por surpresa.

- Maria, minha filha! Você vai sair sem comer nada? - a mãe gritou, sempre preocupada com o bem-estar dos filhos, mais até do que com a situação atípica acontecendo diante dos olhos.

- Vou, mãe! Deixa aí que eu como depois! - isso Maria já disse lá do lado de fora, antes que o pai enfim saísse do choque inicial e resolvesse impedir sua saída.

Existia, porém, um terceiro a observar a situação, e ele não pôde passar despercebido: João Hanson, o sagaz irmão caçula.

E foi veloz como um dragão em vôo que ele prontamente se levantou, dizendo o mais rápido que conseguia com a boca cheia de arroz e feijão, para aproveitar ainda o choque inicial do pai. E promover outro: - Ah, você está indo agora, mana? Puxa, por que não me avisou? - e deu um salto da cadeira. - Paizinhos queridos, a minha irmã querida vai me deixar na casa da minha... da Ariane, pois ela estava bem triste hoje e implorou muito para que eu fosse até lá conversar com ela, mas eu ainda não sei o porquê!

- QUÊ? - o choque dobrado do pai.

- Mas, liga não, daqui a pouco estamos de volta! A Maria vai...

ãn... no aniversário de uma amiga e na volta me pega na casa da Ariane! Não se preocupem! Beijo! - e João se mandou tão rápido quanto seu raciocínio, enquanto um pai e uma mãe ainda se olhavam boquiabertos, sem entender nada do que estava acontecendo.

Claro que, passado o choque, o senhor Hanson saiu correndo até a porta, gritando o nome dos filhos e exigindo uma explicação, mas iam os dois correndo longe, então percebeu que nenhum pararia para explicar o que ele exigisse.

Entretanto, ao entrar novamente em casa, a esposa, e essa sim sabia muito bem o que esperava os filhos na volta, tentou melhorar os ânimos e tornar mais leve o ambiente, já que há tempos se casara e conhecia bem o marido cabeça-dura: - Bom, como sobramos nós dois, que tal lembrarmos nosso primeiro encontro, querido? Lembra nosso primeiro jantar na Labaredas?

Aquilo balançou o marido. E ele não admitiria se perguntassem, mesmo porque nunca iriam lhe perguntar nada sobre isso, mas aquela noite foi uma das mais agradáveis de sua vida. E também para sua esposa. Mas não pensem que isso o faria esquecer João e Maria Hanson saindo no meio da noite sem avisar para onde e com quem, justamente naquele dia de um jantar fruto de sacrifício. Ou ambos teriam ainda uma explicação muito convincente para abandonar aquele jantar ou sofreriam mais tarde com o pai as consequências...

O sino tocou. Sete vezes, e considerando o crepúsculo ninguém se confundia em saber, portanto, que eram sete da noite. Nem mesmo um plebeu, nem mesmo um nobre, nem mesmo um príncipe. E, se uma plebeia e um príncipe não confundiriam as batidas de um sino, também jamais o fariam com o caminho a seguir. Ainda que lhes vendassem os olhos ou, em uma hipótese pior, que lhes tirassem a visão, nada os impediria de chegar ao destino desejado.

Isso acontecia porque eram dois jovens e desejavam aquele encontro. E os semideuses sabem, oh sim, eles sabem, como é mais fácil mover um cavalo empacado no lugar do que impedir dois jovens de satisfazer um desejo muito pretendido.

Mas seria injustiça afirmar que essa impetuosidade vem apenas da juventude. Essa força, essa vontade e essa insistência não são características de quem é jovem ou é velho, mas parte da disciplina humana, e da melhor parte dessa disciplina; e, consciente de sua existência, de sua manifestação e de fé, qualquer representante dessa raça move sete montanhas, estejam elas na terra ou no céu.

Por isso, não devemos mesmo estranhar que uma plebéia tenha chegado correndo, após escurecer, no Majestade, sorrindo o maior de todos os sorrisos. E nem que lá estivesse um príncipe, e por muito mais de dez minutos tivesse permanecido, pois todo homem sabe que uma mulher que valha a pena esperar demora mesmo mais do que o pretendido para se apresentar. Pois ele abriu também um sorriso, se não o maior do mundo, um daqueles que apenas os príncipes sabem sorrir, assim como todo homem que relembra o quanto vale a pena o tempo a mais de espera pela chegada de uma bela mulher.

E, para Maria Hanson, isso era melhor do que o maior sorriso do mundo, que já era mesmo o dela.

- Eu... espero que não tenha demorado... tanto! Me atrasei porque... é... o... sabe...

- Você veio, não, Maria Hanson? Então não me importa nada do que esteja tentando se desculpar! - as palavras dele ardiam como brasa no peito da garota. Havia ela lido coisas desse tipo nos livros românticos, nos poetas platônicos e em diários de amigas e bilhetinhos do próprio irmão, mas nunca soube ou acreditou que fosse tão literalmente daquela forma descrita.

Mal sabia ela que escritores costumavam sofrer na pele muito do que escreviam, e por isso o descreviam tão bem.

- Olha, me desculpe por algumas besteiras que eu disse quando nos conhecemos, mas é que...

- Diz isso por ter criticado meu pai? Acha mesmo que prefiro pessoas que finjam sentimentos pra me agradar e sorriam porque talvez um dia precisem da minha simpatia? Se desejasse

isso, Maria Hanson, estaria agora batendo na porta de uma nobre pra tomar chá!

Maria não sabia quanto tempo duraria daquela forma. Não imaginava o que sobraria de si, se perdesse em todos os diálogos para o jovem mais seguro do mundo. Até o troco: - Pois então o que ainda estamos fazendo aqui parados? Eu li que hoje seria a noite mais agradável que pudesse oferecer, e penso que um príncipe sempre cumpre a palavra - talvez relaxando e permitindo-se ser autêntica, Maria tenha começado a reagir com naturalidade. E estranhava a si, sorrindo a outro de uma forma como não faria ao pai, ou ao irmão, ou às amigas, sem forçar nada. Era como se descobrisse que já sabia naturalmente agir em momentos como aquele, como se a essência da natureza humana já desse à fêmea o dom de saber receber - e retribuir - a corte do macho.

Ela não se assustou com a presença de Muralha. Nem o notara, para falar a verdade. Estava com a atenção fixa. Com o desejo intenso e com a energia vibrante. Era um momento; uma noite inteira que seria excitante, pois seria diferente; como um sonho em que o sonhador está acordado. Seria como as histórias de amor e encontros dos livros, dos contos e dos poemas. Sim, seria! E os semideuses sabiam como seria. Pois Maria Hanson, aquele dia, iria viver sua própria epopeia, sua própria fantasia, seu mais profundo desejo secreto.

O seu verdadeiro conto de fada.

“Você viu quem era”?

A voz, meio infantil, meio pré-adolescente, partira de arbustos próximos de onde estavam saindo uma plebéia e um príncipe.

- Não, tava escuro! Mas que eu vou descobrir, eu vou! Ora bolas, quem esse sujeito tá pensando que é pra sair com a minha irmã assim, sem se apresentar antes pro meu pai e pra mim? - João requisitava o costume oficial de qualquer candidato a pretendente de moças honradas e de família.

- Pro seu pai eu até entendo, João! Agora, vamos logo, se não a gente não vai conseguir! - Ariane saiu correndo antes que João pudesse dizer qualquer coisa.

Na verdade, João queria, antes mesmo de dizer qualquer coisa, saber o que a menina pretendia. Isso costumava ser difícil de saber, pois Ariane era pura emoção, e emoção não pensa, simplesmente se manifesta. E lá ia João correndo atrás da menina, da forma mais silenciosa que conseguia, raciocinando rápido para entender o que ela pretendia e qual a melhor forma de executar esse desejo, uma etapa que Ariane costumava pular ou esquecer.

Mas não exigia muito de João entender o que desejava a menina. Queria apenas entrar na carroça puxada por dois burros - animais muito inteligentes por sinal, e falo sério - e tendo como guia um príncipe acompanhado de uma jovem plebéia. E não seria necessário um plano mirabolante para segui-los; bastava aproveitar o feno da carroceria do veículo, que, entre tantos rangeres e balanços, ocultaria perfeitamente o som de duas crianças saltando para lá.

Saltaram e rezaram para que não tivessem sido percebidos ao aterrissarem no feno. No meio daquele monte de plantas ceifadas e secas, prenderam a respiração por um instante; uma eterna espera que provaria se alguém havia percebido a "chegada" na carroça ou ignorado-os por completo. Nada aconteceu, e, portanto, puderam botaram um pouco o rosto para fora daquele incômodo, expirando e inspirando novamente.

"Como alguém pode levar uma garota pra passear em um negócio desse?" - pensou João Hanson. Certo, não era lá o melhor veículo do mundo, até porque, se estivessem em uma bela carruagem puxada por brilhantes cavalos brancos - e se Áxel desejasse assim poderia ter feito -, todos da cidade que não estivessem dormindo parariam para vê-la passar, o que não era a pretensão dele, nem dela. Apenas devemos acrescentar que qualquer veículo do mundo (bem, talvez não a carruagem de cavalos brancos) seria alvo do mesmo tipo de crítica por parte de João, que, na verdade, estava irritado era em ver alguém flertando com a irmã, o que para ele era um sentimento diferente e mortal.

"E aposto que é pobre!"

Cruel, ô menino cruel.

“Eu vou atrás de meu irmão!”

Palavras fortes ditas com um olhar distante, destoante daqueles olhares iniciais. Ela o fixava nos olhos, mas ele, não.

Estava distante, como se já visse a partida, com ou sem volta.

Para Maria, muitas informações foram dadas em um pequeno intervalo de tempo, mas a inteligência dela permitia juntar o quebra-cabeça mental montado desde a primeira vez que conheceu um príncipe verdadeiro: - Mas não seria melhor você ir com um grupo de soldados?

- Partir com um grupo de soldados seria avisar que a família real está desestabilizada, Maria! E um Rei sem pulso não pode governar uma nação! - o olhar voltou a se fixar no dela. -

Você compreende?

- Sim. Um Rei é seu Estado, porque o Estado é um Rei!

Áxel fitava fixamente os olhos da menina, ainda que isso significasse desviar a atenção da trajetória tomada pela carroça. Tudo porque ela havia acabado de citar o general Arjuna, um dos maiores líderes de guerra daquele mundo, que viveu sua última batalha antes da morte em paz no outono da Caçada de Bruxas.

- O que anda lendo, Maria Hanson? - o príncipe sorriu.

-Você se surpreenderia se soubesse! - a plebeia, também.

- Não sei por que não duvido disso! - as palavras dele, de vez em quando, lembravam as do pai.

Um assobio. Não um assobio qualquer, mas o sopro característico de um troll. Áxel olhou para trás; Maria, também. Ao fundo, vinha correndo o troll, desmontado do galope do mamute de carga.

Enquanto o humanóide se aproximava, Maria ainda teve tempo de dizer: - Você tem certeza de que deve partir? - os olhos da menina diziam tudo. Representavam todo o medo, o receio e a dor de jamais ver novamente alguém que ela acabara de conhecer, e que sairia de sua vida da mesma forma como entrou.

- Você pode responder a isso, Maria. Você pode imaginar como é a sensação. Você tem um irmão, não tem?

- Ei, tire suas mãos de mim, grandalhão! - os resmungos vinham de um moleque de treze anos

metido a macho.

E Maria desejou naquele momento que a resposta à pergunta fosse não.

- Esperei pra ver o que era isso. Então me dei conta de que era mais um desses seus fãs de sempre. Achei que gostaria de saber - disse o troll.

- João! Mas o que você está fazendo aqui?

João Hanson estava sendo erguido pelo suspensório por um troll que não necessitava de mais do que um dedo para fazê-

lo. Muralha acompanhara a trajetória de longe e vira as crianças subindo na carroça. Como eram crianças, esperou para ver se eram espiões, e se o fossem ele deveria esperar o melhor momento para surpreendê-los, ou se era o início de um cerco ao príncipe. Por isso, gastou todo aquele tempo se certificando de que os arredores estavam seguros.

- Eu não sou fã de ninguém - disse o menino emburrado. -

Estou aqui pra saber quem é esse sujeito misterioso que ousa levar você pra sair sem pedir permissão pra mim e pro papai! -

João voltava a falar com o nariz empinado, à medida que a posição humilhante permitia.

- Não! Eu não acredito que você fez isso, garoto! - suspirou Maria. Áxel achava graça da situação, observando sem interferir.

- Ora, estou fazendo meu papel de homem! - Ariane, que ainda estava entre o feno, simplesmente porque Muralha ainda não tinha resolvido erguê-la também, colocou a mão na boca, segurando o riso. - Além do mais, você lá sabe se esse cara é de família. Ele pode ser um tarado... ou um aproveitador de donzelas... ou... ou... um príncipe...

O menino gelou. Congelou. Vocês já devem ter ouvido falar que os choques são provocados por uma forte reação emocional, seja ela boa ou ruim. Era o caso, ou o que você acha que foi aquele momento para João? Refiro-me ao momento em que, enfim, ele resolveu olhar bem para o rosto do sujeito que ousou sair com a irmã sem "autorização". E se surpreendeu.

- Ele tem razão, Maria! Eu deveria ter feito um pedido formal, sim, ao seu pai e ao outro homem da casa... João Hanson, não é? Imagine uma pessoa ruim se aproveitando de uma boa irmã e filha, não é, João? Pois pode deixar que da próxima vez eu irei pessoalmente fazer o pedido ao senhor e à senhora Hanson. Ou, melhor, aos senhores Hanson.

- Oh, Áxel, me desculpe por essa...

- Hein? ÁXEL? - Ariane saiu de debaixo do feno, sem se importar caso milhares de arcos e flechas resolvessem, de repente, estar apontados para ela. E repare que eu mesmo, narrador

desta história, já usei muito o nome de Áxel para narrar esta cena, mas Maria ainda não o havia feito em nenhuma das frases de seu diálogo com o príncipe, ao menos depois que as duas crianças subiram na carroça.

- Ai, meu Criador, você também, Ariane?

- Ah, é. Eu esqueci de avisar dessa daí também! - Muralha fez uma cara esquisita, o que é um comentário bem raro em se tratando de trolls.

- Ma... Maria... você tá mesmo saindo com o príncipe Áxel? -

Ariane parecia ignorar que o príncipe estava ali a seu lado, o que, por esse ponto de vista, tornava a pergunta estúpida.

- Bom... é o que eu gostaria, se vocês deixassem, né? - disse Maria, zangada, e com razão, convenhamos.

- Mas... como... ele... ele é... é... - Ariane estendeu a mão para tocar a face do príncipe - ... lindo!

O príncipe mexeu a cabeça. Isso tirou Ariane do transe que a fazia vê-lo como um boneco de cera e se deu conta de que ele realmente estava ali diante dela. Para quê?...

- Áxel, eu te aaaaaaaaamoooooooo!!! - a guria pulou no pescoço do príncipe e parecia que nem as dezenas de flechas dos arqueiros imaginários a fariam desgrudar mais. - Você é... -

um beijo estalado - meu herói e... - outro beijo estalado -

minha fonte de inspiração e... - bom, mais um - tudo o mais de bom na minha vida! - e foi o último beijo estalado, antes que Muralha a afastasse daquele pescoço real.

- Ei... ei... Ariane, né? - não apenas Maria tinha boa memória.

- Muito obrigado por tudo isso, embora eu não saiba realmente se mereço todo esse carinho.

- Claro que merece! Áxel... você é... demais por inteiro! -

Ariane deu um suspiro. - Né, João?

João não concordou nem discordou. Nem ouviu. Estava ainda de boca aberta e em transe, sem dizer nada. Era tudo confuso demais na cabeça, e entender que a irmã mais velha estava com o legítimo príncipe de Arzallum, ali, em uma carroça velha puxada por burros, não fazia o menor sentido, mesmo para um raciocínio privilegiado.

- João!!! - Ariane, como sempre, era pura emoção.

O garoto saiu do choque, o que não quer dizer ter aceitado com clareza o que estava

acontecendo.

- Maria... pelo amor de todos os semideuses do mundo, me explica o que tá acontecendo ou eu vou pirar de vez!

- O que acontece é que vocês deveriam estar cada um na própria casa, jantando com seus pais, prontos pra dormir. E

não ficar me seguindo por aí! Que coisa mal-educada! E já pra casa, os dois!

Ariane, como última tentativa, começou a se fazer de vítima.

E não se sentia mal por isso; sabe-se lá quando poderia estar frente a frente com o príncipe de novo!

- Ah, não! Por favor, desculpa, Maria, desculpa, príncipe, desculpa, seu orco, desculpa a gente, vai? A gente só tava preocupado! Mas deixa a gente ir com vocês, vai? Por favor, não custa nada! Diz que sim, vai, por favor, hein? Diz que sim! Diz que sim! Vamos, siiiiiim? - e Maria já estava com o "não" preso na garganta.

- Está certo! - a surpresa de todos é que a frase veio de Áxel. -

Seria perigoso mandar duas crianças de volta pra casa, sozinhas, a esta hora. E, se mandar Muralha fazer isso, perco meu guarda-costas, o que também não gostaria.

Maria não estava gostando do rumo das coisas. Na cabeça, começou a achar que estaria destinada a passar vergonha todas as vezes em que se encontrasse com Áxel Branford.

- O jeito seria nós voltarmos e deixá-los pessoalmente, mas isso tomaria muito tempo, e eu tenho pouco dele esta noite.

Logo, se a jovem Ariane prometer ser mais... discreta por esta noite, e nosso amigo João me der permissão para levar sua irmã para se divertir, então não vejo problema em prosseguirmos!

- Se ele daria permissão? Mas é claro que sim, né, João? -

Ariane nem esperou a resposta de João, que resmungou algo incompreensível e não sei até hoje se era um "sim" ou um "não". - E eu juro que serei uma moça nobre comportada como você jamais viu na vida, Áxel! Vamos, vamos!

E, enquanto Maria queria comer uma maçã envenenada para não parecer vermelha de vergonha como estava, Áxel balançava os arreios para fazer os burros se moverem. E foi assim que o príncipe logo se pôs a guiar, enquanto seu guarda-costas voltou à própria montaria, resmungando algo que o príncipe jamais soube.

"Humpf!...'Seu orco'..."

Viajaremos agora.

Também iremos mexer no tempo e no espaço, pois, se narramos uma história em um local etéreo que só existe porque semideuses pensam nele, também o fazemos no passado, em eventos de sagas que já aconteceram até o momento. Entretanto, em locais que sejam fruto de pensamentos etéreos como o é Nova Ether, podemos viajar por dentro de tais fios de espaço e tempo para mostrar o mesmo evento do ponto de vista real dos que lá estão naquele momento. Por isso, farei ainda melhor agora: levarei você até lá. Mantenha a mente aberta, porque iremos neste momento ao porto de Andreanne.

E viajaremos para o mesmo momento em que uma carroça segue com quatro integrantes seguidos de longe por um troll que não gostou de ser chamado de "Seu orco". Confie em mim, vamos, venha.

E um, e dois.

E três.

É noite. Estamos no porto de Andreanne. Você pode vê-lo com os próprios olhos, basta abri-los. Talvez você não o veja da mesma forma que eu, mas, se nós dois estamos aqui e vemos um porto, seja ele como for, é ele o porto de Andreanne. E, como todo porto, tem um chão de madeira corroída pela ação da umidade salgada, vários navios de tamanhos e formatos diversos e pequenos barcos esperando as ordens de capitães para levantar âncora. Ratazanas correm pelos cantos escuros. Mosquitos giram ao redor da luz do fogo de tochas.

Hoje tudo parece tão quieto. Com exceção do constante barulho de agito do mar.

Você olha à sua direita. Ali existem dois navios de carga. Os capitães mantêm nos rostos expressões que demonstram que alguma coisa os está atrasando. Ao redor, há mendigos se aquecendo em uma fogueira improvisada em um latão. Há diversos marujos conversando e bebendo no local, mas focalizemos melhor um deles, solitário, muito mais ao fundo, observando o mar escuro. Ele é o marujo Stiff. E parece preocupado.

Ele observa as ondas quebrando, e o vento agita as roupas dele. Anda solitário como se estivesse bêbado, ou desiludido.

E chora.

Você caminha até ele.

Duas crianças de rua correm na sua direção. E curiosamente o atravessam, como se você não existisse. Você continua caminhando até o marujo solitário. Passa no meio de um grupo de marujos contando piadas, e eles não o vêem. Nem o percebem. Vê três sacos de areia caírem

do alto de um navio.

Percebe uma escada onde há uma mulher com uma aura azulada sorrindo para você. Ela é uma fada, a Fada do Porto, e ela é a única que neste momento pode vê-lo. Porque nós permitimos.

Você continua seguindo para o fim do cais, onde está Stiff observando o mar ao fundo.

Logo, você entende que aquele solitário marujo, na verdade, está tomando coragem para se suicidar nas pedras do mar.

Parece que ele vai pular; o corpo bêbado balança. Como ainda há uma certa distância a ser percorrida entre você e ele, e não há tempo para isso, eu sugiro que você não se mantenha limitado ao espaço.

Logo, venha comigo. Um. Dois.

Três.

Você está ao lado de Stiff, no fim do cais. Ele ainda observa o mar. Um gato preto se esgueira por entre as pedras e parece notar você. E só então você percebe uma mulher sentada e misturada às sombras entre pedras próximas. O rosto de Stiff chora, mas é um choro diferente.

Pois ele chora de um único lado do rosto.

Você volta a olhar a mulher entre as sombras nas pedras. Ela é ruiva, usa um vestido carmesim longo, bordado e amassado que vai além dos pés. Tem cabelos longos que se encrespam nas costas e parecem palha de cor vermelha. Você se concentra nos olhos dela, mas é difícil perceber os detalhes na escuridão em que ela está. Você deseja chegar mais perto.

E um piscar de olhos é suficiente.

Ela está na sua frente. E vamos congelar este momento para que você possa vê-la sem se constranger.

Um. Dois. Três.

A mulher para com o olhar arregalado e as mãos unidas sobre o colo. Você está entre as pedras, próximo ao mar. Você cola seu rosto no dela e vê olhos vermelhos de alguém que yive a chorar. Há sulcos entranhados na maçã do rosto dela e uma pele arroxeadada de quem parece nunca dormir. Você aperta abaixo do glóbulo direito com delicadeza e uma lágrima cai no seu dedo.

Exatamente como a de Stiff.

Agora, mantenha as coisas assim pausadas. E vamos andar por aí.

Olhe como ficou a fada ruiva: está prestes a fazer um mendigo tropeçar. Um tipo de ser dessa natureza não prega peças perigosas nem nada do tipo, esse tombo vai livrar o mendigo de cruzar lá na frente com mais um daqueles sacos de areia que sofrem a ação da gravidade. Eles vão cair antes de o mendigo passar embaixo, e vai dar tempo de o homem perceber o que o esperaria, se não tivesse tido a sorte de ter tropeçado.

Uma ratazana do tamanho de um filhote de cachorro, dessas que andam nos buracos de fossa, está prestes a continuar a se esgueirar pelas entranhas das sombras. Ela está contaminada, e um simples contato com sua urina já seria capaz de abalar um homem. Entretanto, não podemos aproveitar o momento para dar fim a um bicho desses, porque se sabe lá como isso iria alterar os eventos futuros deste nosso momento. É muito complexa essa coisa de espaço e tempo e, portanto, é sempre preferível não mexer em nada, pois um mero detalhe, tal qual um imenso "efeito borboleta", muda toda uma sequência de acontecimentos. Sério, se nós retirássemos a existência dessa mísera ratazana, toda a estrutura desta narrativa teria de ser recontada, acredite.

Mas não terminamos com Stiff. Como dito, espero que você nunca veja aquela mulher da qual hoje pode olhar bem os olhos vermelhos e, inclusive, tocar o rosto, como nenhuma dessas pessoas poderia. Não até que elas tenham de olhar.

Pois, quando precisarem, elas chorarão.

Como Stiff.

Difícil de entender? Bom, se você tiver compreendido, ótimo.

Se não, acompanhe a narrativa linear que entenderá. Ah, mas eu gostaria que você pudesse ver a posição em que o príncipe que parece um plebeu ou o caçador com alcunha de Herói ficaram congelados. Porém, não posso lhe dar meu dom da onisciência. Isso sim nem os contadores de histórias podem fazer. Mas nós já temos poder suficiente e muito gostoso é poder viajar nos tubos das linhas de espaço e tempo algumas vezes. Como vamos fazer agora para voltarmos à forma linear e ao tempo e ao espaço originais da narrativa. Como sempre, tudo num piscar de olhos.

E um. E dois.

E três.

Axel Terra Branford havia parado a carroça. E não estava só, mas acompanhado de uma jovem, duas crianças e um troll.

Considerando que era noite, que eles eram plebeus e que Áxel era um príncipe real, e que haviam parado em frente a uma taberna comumente frequentada por lenhadores, caçadores e todo bom representante do jeito masculino e plebeu de ser, toda aquela situação era a mais esdrúxula da história de Nova Ether.

- "Lobo Mau"? Mas que lugar é esse? - perguntou João Hanson.

- Ora, é apenas um bom local para se divertir à noite - disse o príncipe. - Eu não poderia me despedir sem passar nesse lugar.

- Áxel, eu vi você naquele dia que apresentaram Caçadores de Bruxas no Majestade! - disse Ariane, enquanto caminhavam na direção da entrada.

- Ah, não! Não era eu... - o rapaz disse com uma naturalidade absurda, louco para entrar no estabelecimento.

- Áxel!!! - sei que dou a parecer que foi um grito, mas não. Foi um grito até, sim, certo, mas daqueles abafados pelo próprio gritador. Maria queria, na verdade, apenas advertir o rapaz. -

Você não deveria expor para qualquer um que você tem um sócia! Já imaginou se mais alguém fica sabendo? - e muitas horas de sono Maria havia perdido até entender isso.

- "Mais alguém"? - perguntou um Áxel confuso. - Mas todo mundo sabe disso! - e ele abriu a porta para que ela e as crianças entrassem naquele mundo animado e barulhento de uma taberna popular.

O príncipe exagerou. Não era bem "todo mundo" que sabia daquela informação, que deveria ser secreta, acrescento, mas realmente uma grande parte já sabia mesmo. Só que ninguém comentava... muito. E como ali estavam mulheres e crianças, isso explica por que não sabiam disso, pois, se fossem homens feitos, a história seria outra. E nada a ver com machismo ou coisa do tipo; o fato de os homens saberem disso mais do que as mulheres justifica-se pelo fato de eles estarem ao redor dos ringues de pugilismo, torcendo pelo carismático lutador real, enquanto as mulheres, crianças e nobres confiavam na imagem do sócia dentro de algum evento social.

E isso explicava por que também a entrada do príncipe não era tratada com surpresa ou estranheza, mas, sim, com festa e sorrisos e muitos cumprimentos.

Muralha ficou do lado de fora observando os arredores, como era seu trabalho, pelo qual era muito bem pago. Maria e João Hanson e Ariane Narin demoraram, mas entraram no clima do

lugar, mesmo porque era freqüentado por gente como eles.

Logo estavam dançando com os lenhadores e caçadores e tantas outras pessoas, que são pessoas, antes de profissionais do que quer que sejam, e beberam e comeram o que lhes foi permitido beber e comer por conta de um real príncipe.

E Áxel Branford então resolveu participar da brincadeira mais famosa daquele lugar.

Nela, dois candidatos a macho se enfrentavam em um ringue medido por um retângulo pintado de poucos metros. Mas nada de pugilismo aqui; a coisa funcionava muito mais como um jogo perigoso do que uma luta inofensiva. Eles até colocavam as mesmas proteções ao redor dos dedos, mas não era para lutar; simplesmente fazia parte dos acessórios da coisa. E consistia no seguinte: os dois confrontantes se posicionavam um de frente para o outro e entravam em guarda como se fossem realmente praticar pugilismo.

Entretanto, iam medir forças na verdade. O soco deveria partir na altura da direção do punho do outro, em um choque de forças violento que seria acompanhado de um barulho de impacto. Muitas vezes, saíam alguns ossos fraturados, mas a plateia gostava, e os homens adoravam provar sua masculinidade.

E a platéia animada, uns por animação própria, outros por bebida excessiva, chamava esse jogo violento de boxing.

Nesse esporte local, para contar o tempo antes de desferir cada soco, os lutadores giravam o pulso da mão de trás da guarda fechada em um círculo promovido pelo ombro durante três vezes, acompanhados pela platéia que contava antes de cada impacto. Vencia o jogo quem não desistisse e estivesse pronto para a próxima rodada, sempre em uma melhor de três. Ao perdedor, cabia pagar a aposta, normalmente em moedas de princês ou rodadas de cerveja.

Quando não de maneira pior.

E existia até mesmo um cidadão de nome Fred, que vivia com uma touca na cabeça e nunca fora nomeado juiz daquele jogo doloroso, mas agia como se tivesse sido. E foi ele, como sempre, que gritou com sua voz rouca, em cima de uma mesa no meio da taberna, cortando aquela união de vozes de tantos timbres diferentes: - Ei, parceiros, não tem boxing hoje não? Cadê os homens deste lugar?

E todos os machos urraram, erguendo canecos de cerveja.

- Aqui tem por demais! - disse Nadimar, um lenhador experiente que recebeu mais um urro da platéia.

- Então, senhor, conte-me o que o senhor vai fazer agora! - a plateia sempre, nesse momento, fixava a atenção no pretendente a competidor.

- Cem princês no boxing! - disse o homem, tirando o casaco e fazendo os homens e mulheres

urrarem o mais alto e explodirem em palmas.

- Oh... e será que isso aqui é um jogo de um homem só? - um estrondoso "não" em coro foi enunciado, entre risadas de poucos sóbrios e muitos bêbados. - E quem tem coragem de enfrentar esse cavalheiro?

- Eu tenho! - disse Áxel Branford, atraindo as atenções e fazendo Maria Hanson cuspir o café com leite que tomava. - E

aumento a aposta pra cem rainhas...

O normal seria as pessoas urrarem de felicidade mais uma vez.

Só que elas ficaram embasbacadas, e a única coisa que se ouviu foi um sepulcral silêncio, seguido de um talher derrubado por uma garçõete distraída. E isso, primeiro, porque quem queria disputar era o príncipe Áxel Terra Branford. Ninguém estranhava sua visita ao estabelecimento, ele próprio muitas outras vezes já estivera lá, mas, ao menos, nunca tinha pedido para disputar uma partida daquelas. E

ainda mais contra um brutamontes daquele! E o segundo motivo era o valor da aposta. Cem rainhas significavam mil princês, e eles duvidavam de que houvesse alguém para cobrir uma aposta daquelas, com certeza a mais alta já feita até aquele momento na história da Lobo Mau.

E não houve realmente; tanto que o brutamontes fez sinal de desistência, acompanhado de uma vaia generalizada. Ele não tinha o dinheiro para cobrir a aposta, mas aqueles homens presentes esvaziariam os próprios bolsos para cobrir o valor que faltasse, com certeza, apenas para ver seu príncipe participar do jogo. Porém, o que fez Nadimar desistir realmente era o medo de machucar o punho do príncipe e isso se voltar contra ele em um indesejável futuro.

Mal sabia ele que estava livrando a si próprio de uma fratura.

- E então, pessoal? Quem será que agora está dentro? E quem será que agora está fora? - gritou Fred. Todos se olharam, esperando um corajoso que gritasse a qualquer momento: - Eu estou dentro! - e todo o povo daquela taberna gritou novamente. É muito alto. E isso porque a voz partia de uma pessoa que garantiria duas coisas naquele dia histórico para eles: a) ele era um dos sócios do local e tinha reais condições de cobrir a aposta, e b) aquele seria o maior espetáculo de boxing já visto naquela taberna ou em qualquer outra.

Pois quem havia retirado o casaco de peles era Rick Albrook.

Mas, se o nome não disser nada a você, talvez seja porque você só o conhece pela popular alcunha de Herói.

-Você está maluco? Por que está querendo fazer isso? - Maria estava desesperada, buscando o impossível: fazer o príncipe desistir.

- Ei, não se preocupe. É só diversão. Agora, amarre isto aqui. -

Áxel esticou primeiro as ataduras que a própria taberna providenciava aos participantes e abriu os punhos na frente de Maria para que ela os circundasse com a proteção.

- Ai... ele não é demais? - Ariane suspirou.

- Humpf! Parece mais um exibido, isso sim! - resmungou João.

- Está certo, pessoal!!! Mãos pra cima!!! - Fred dominava a situação. Toda a taberna já estava com os braços estendidos, agitando-os para saudar os participantes de luxo que entravam na arena do jogo. O barulho ia subindo gradativamente e se tornando ensurdecedor. As pessoas agitavam os canecos falando ao mesmo tempo, berrando e gritando, todas maravilhadas por ver o príncipe pugilista e o caçador herói prestes a se enfrentar.

- E mãos pra baixo! - Fred comandava e era obedecido. A forma de falar mais lembrava um arauto que anuncia seu senhor antes das justas. Os dois participantes tomaram suas posições de guarda. - E me ajudem! Vamos, me ajudem!

Contem-me o que eles vão fazer agora! - e logo a taberna berrava por três vezes: - Boxe... boxe... boxing... - e um BAM!

O choque do primeiro soco foi forte! O do segundo, imenso!

Os dois faziam caretas que poderiam tanto ser de excitação quanto de dor extrema. E por mais esquisito ou louco que possa parecer, se você perguntasse para um dos dois, mais tarde, sobre aquele momento, eles iriam dizer que aqueles segundos duraram muito mais tempo do que deveriam e prolongaram a dor por muito mais que um instante, como se houvesse sido congelado no tempo. E, sem descanso, tiveram mais três segundos para respirar, antes que o público contasse novamente os giros. E houvesse o terceiro choque.

O príncipe se afastou com uma expressão de dor, mas também de quem havia se divertido, se isso era possível. Já o Herói só tinha a expressão de quem tinha se divertido. E Fred, para não perder o ritmo, continuou: - Mãos pro alto pessoal! Parece que as mãos deles estão doendo! - o povo vaiava sempre nessa parte.

- Não estamos nem aí! Não estamos nem aí! - berrava em coro a plateia.

- Então, parceiro... quem será que agora está dentro e quem será que agora está fora?

- Eu estou dentro! - disse o Herói.

E o povo urrou mais uma vez, fazendo um pandemônio local.

A palavra passou para o príncipe: - Está certo! Senhor Herói, eu juro que adoraria partir cada osso dessa sua mão gigantesca agora! - o príncipe ria. O povo urrava também. - Mas sou

inteligente o suficiente para manter minhas mãos intactas, porque a última coisa que desejo é não estar em perfeitas condições para dar um show a esse povo maravilhoso na arena de pugilismo do Punho De Ferro! - e o povo vibrou, dessa vez aplaudindo com gosto. Isso era fazer política. O príncipe estava desistindo sem arranhar a imagem e ainda sendo aplaudido por isso. - E, por último, uma oferta farei a nosso Herói! Ofereço cem reis - e alguns engasgaram o gole de cerveja - se ele tiver coragem de enfrentar não a mim, mas a meu guarda-costas nesta arena!

A atenção voltou-se ao caçador. A oferta de cem reis balançaria qualquer um.

- E então, parceiro... quem será que está dentro? E quem será que está fora? - Fred gritou.

- Eu estou dentro! - disse Albrook, fazendo a taberna quase cair de tanto barulho e agitação. Quando o barulho diminuiu, Áxel colocou dois dedos na boca e assobiou o mais alto que pôde.

E logo um troll imenso e acinzentado entrou na taberna.

Um caçador herói ficou embasbacado, pensando no que tinha acabado de aceitar. E um príncipe sorriu como uma criança no Majestade: - Está certo, pessoal! Continue rodando, parceiro! - disse Áxel.

E toda uma taberna urrou novamente.

Pausa no tempo. Desta vez, contudo, não iremos andar por entre uma taberna paralisada nem nada do tipo, mas vamos mexer na linha do espaço-tempo mais uma vez por necessidade. Vamos voltar ao início do jogo entre Áxel Branford e Rick Albrook, mas de outro ponto de vista, pois muito importante para esta história é que o mostremos do ponto de vista de Ariane Narin.

- Humpf! Parece mais um exibido, isso sim! - resmungou João.

- Está certo, pessoal!!! Mãos para cima!!! - gritou Fred.

E toda a taberna estava com os braços estendidos, agitando-os para saudar os participantes de luxo que entravam naquela arena. Ariane subiu em um balcão e esticou os braços, balançando-os como uma tiete: - Vaaaaaai, Aaaaaaxell!!! Lindoooooo!!!

- Ariane, quer descer daí? Que coisa ridícula! - e João subiu em um dos bancos do balcão.

- Arrebenta com esse cara!!! Uhuuu!!! - percebe-se facilmente que Ariane não estava nem um pouco preocupada com as opiniões de João.

- E mãos para baixo!!! - gritou Fred. Os dois participantes tomaram suas posições de guarda. - E me ajudem! Vamos, me ajudem! Contem-me o que eles vão fazer agora!!!

Ariane não sabia o que deveria gritar. Mas precisou ouvir apenas uma vez aquele coro de vozes de um povo que arranhava as próprias cordas vocais para aprender.

- Boxe... boxe... boxing!!!! - gritava ela, junto à plateia, acompanhada dos três giros do príncipe.

E os primeiros socos explodiram.

- Aaiiiiiii!!! Tadinho do Axel!!!

- Tomara que ele quebre a mão, isso sim! - João estava com os braços cruzados, parecendo criança birrenta. Logo o povo novamente contou junto com os participantes.

-Boxe... boxe... boxing!

E outro choque de forças.

- Vai, Áxel, ele tá amolecendo! - mentira pura, o príncipe estava sentindo mais os socos do que o caçador.

O último choque! Áxel escondeu bem a dor do golpe. Albrook também sentiu a pancada,

embora a expressão igualmente escondesse bem.

- Mãos pro alto, pessoal! Parece que as mãos deles estão doendo! - o povo vaiava sempre nessa parte.

- Não estamos nem aí! Não estamos nem aí! - berrava em coro a platéia.

- E então, parceiro... quem será que agora está dentro e quem será que agora está fora?

- Eu estou dentro! - disse o brutamontes. O povo urrou mais uma vez, com exceção de Ariane.

-Ah! Esse cara gosta mesmo de apanhar! - comentou a menina. João tapou os olhos e balançou negativamente a cabeça com o comentário.

- Está certo! Senhor Herói, eu juro que adoraria partir cada osso dessa sua mão gigantesca agora! - o príncipe ria. O povo urrava também. - Mas sou inteligente o suficiente para manter minhas mãos intactas porque a última coisa que desejo é não estar em perfeitas condições para dar um show a esse povo maravilhoso na arena de pugilismo do Punho De Ferro! - e o príncipe recebeu dezenas de aplausos e gritos eufóricos da taberna.

- Uhuuu! Lindo! Tesão! Bonito e gosto...

- ARIANE, pelo amor do Criador!!! - João, dessa vez, não se aguentou. - Desce já daí, anda logo - e o menino subiu no balcão para puxar a menina pra baixo.

- Ai, João, calma! - Ariane foi puxada pelo braço.

- E, por último, uma oferta farei a nosso Herói! Ofereço cem reis se ele tiver coragem de enfrentar não a mim, mas a meu guarda-costas nesta arena! - o povo vibrou mais uma vez, aplaudindo com gosto.

- Esse cara tá ferrado! Já viu o tamanho daquele orco, guarda-costas do Áxel?

- Ele não é um "orco"! É um troll!

- Tanto faz, é tudo igual. Mas, João, esse carinha não nos é conhecido? Eu tenho certeza de que já vi essa cara barbuda antes! - esse sentimento Ariane teve desde o início, quando o homem desafiou Áxel para o boxing. Entretanto, estava tão eufórica de ver o príncipe na arena, que só ali parou para pensar nisso.

- Eu nunca vi mais magro! E orcos são azul-escuro, acho...

- Mas como é que chamam mesmo esse cara (e tanto faz a cor dos orcos, cabeçudo! Já falei que é tudo igual!)?

- E então, parceiro... quem será que está dentro? E quem será que está fora?

- Eu estou dentro! - disse Albrook.

A taberna se agitou. Eram pessoas batendo os pés, batendo palmas, assobiando, berrando, gritando, bebendo, quebrando copos, tudo junto de uma vez!

- Caraca! O pessoal daqui gosta mesmo desse cara! - surpreendeu-se João.

-Vai, Herói!!! Arrebenta!!! - esse grito partiu de uma das mesas mais à direita, onde existia uma tiete do caçador tão fanática por ele quanto Ariane por Áxel.

- Ah, é! "Herói"! Por que será que chamam esse cara assim?

O barulho cessou. Isso aconteceu por causa da primeira impressão da entrada daquele troll cinzento na taberna.

Mesmo o caçador herói ficou embasbacado.

- Olha a cara do cara... - disse Ariane.

- Está certo, pessoal! Continue rodando, parceiro! - o príncipe imitou a forma de Fred falar.

Toda uma taberna urrou novamente. Inclusive Ariane, que viu o príncipe se aproximar de Maria: - Tira essas ataduras. Deixa eu ver sua mão! - Maria foi cortando as proteções com uma faca entregue a ela por Harold Helll, o balconista dono da Lobo Mau, além de ser a única pessoa no mundo a ter três "eles" no sobrenome.

Quando cortou as ataduras da mão direita, ela pôde ver muitos calos e marcas roxas de quem parecia ter socado um tronco de madeira.

- Minha nossa, Áxel! O que você está fazendo com suas mãos?

- Não liga, Maria! Não foi desse jogo isso! Isso aí são sequelas do treinamento de pugilismo! Faz parte da vida de lutador! -

ele disse enquanto Maria suspirava e pedia ao balconista qualquer coisa gelada que pudesse servir para pôr sobre as marcas roxas.

- Ei, Áxel, por que essas pessoas chamam aquele brutamontes de Herói? - Ariane sentou-se ao lado do príncipe e já falava com ele como se fosse uma amiga de longa data.

- Ah, isso? É porque, pelo que eu entendo, há tempos ele salvou uma menina daquele monstro ali! - e Áxel apontou o dedo para a cabeça do lobo localizada acima do balcão, e que, por incrível que pareça, Ariane ainda não havia percebido.

Aquilo gelou a menina.

A energia alegre se esvaiu. O sorriso longo e eterno simplesmente deixou de existir, como se o

infinito de repente ganhasse um limite. Os olhos se arregalaram. O coração disparou. A boca se abriu.

João, que também não tinha visto a cabeça lupina, entendeu a reação de Ariane, pois, se a sua própria não fora tão intensa, também não fora muito diferente. E Maria também teria uma reação parecida, se tivesse prestado atenção ao que dissera e para onde apontara o príncipe, cujas mãos eram seu principal motivo de preocupação naquele momento.

As crianças nem mesmo viram quando o troll Muralha se posicionou de frente a Albrook e socou sem proteção alguma, pois aquelas ataduras não caberiam mesmo no punho de um troll, além de não fazerem a menor diferença para uma pele dura como aquela. Nem escutaram também quando o povo contou e ambos socaram um o punho do outro. O som foi forte, e muitos fecharam os olhos, fazendo caretas de dor, como se eles próprios tivessem sido atingidos. Albrook não conseguia esconder a expressão de dor. Parecia que os dedos não iriam abrir nunca mais. E, se tinha essa sensação, era porque Muralha fora consciente ao usar uns cinco por cento, ou talvez menos, de força no golpe. Era uma situação tão covarde aquela, que as pessoas nem começaram a contar novamente, dando tempo a seu campeão para respirar e se recuperar.

- Mas em que furada você me meteu, hein, príncipe? Acho que pagaria mais cem reis para me livrar dessa! - disse o Herói, e a taberna inteira riu.

- É uma decisão sua! Dou-lhe os cem reis se conseguir apenas se manter aí no ringue até o final dos três socos com Muralha!

- e a taberna murmurou.

- Às vezes, penso se não seria um Rei melhor do que Anísio!

Nunca vi tão bom negociador! - e o povo riu uma vez mais. -

Está certo, grandalhão, eu estou dentro! - e todos urraram como sempre.

- E, Herói, quero que dedique essa vitória, pois ficar em uma rodada de boxing com Muralha já é uma vitória, à minha jovem e maior fã aqui! - Áxel apontou para Ariane.

E o caçador gelou.

Anos poderiam se passar como se passaram. Ela poderia ter crescido; ele ter engordado; ela começar a sofrer mudanças adolescentes no próprio corpo; ele sentir os sintomas da idade. Ele poderia esquecer o nome. O apelido. Até a situação.

Mas jamais, e isso em hipótese alguma, ele teria esquecido aqueles expressivos olhos arregalados.

Ok, aqui eu iria contar a história do marujo novato Snail Galford. E, mesmo já se sabendo o nome dele, ele costumava ser tão insignificante, que não estranho se você não se lembrar dele. Admito, porém, que isso seria uma covardia com todos. Definitivamente, não tenho o direito de interromper um encontro tão emocionante quanto o da menina Ariane Narin com seu Herói salvador, tantos anos depois.

Snail Galford terá de esperar.

O caçador sentia dor nos punhos, como nunca antes se lembrava de ter tido, e observava uma menina, de quem se lembrava bem. Toda a sua fama era graças a ela. Toda a sua existência parecia ser exclusivamente por causa dela. Era como se a vida, a sua criação, tivesse sido arquitetada pelo Criador apenas para que existisse alguém na hora certa e no lugar errado para salvá-la da fome do mais sombrio de todos os lobos.

Ele jamais esqueceria aqueles olhos arregalados. Jamais.

E o coração disparou. E muitos pensamentos lhe passaram pela mente e a passagem do ar foi insuficiente. A guarda baixou. Os ombros relaxaram. A visão da menina era muito mais devastadora que o soco de um troll. O público percebeu e se calou sem entender.

E ainda mais sem entender ficaram as pessoas quando o caçador saiu do ringue em direção à menina, como se nada mais existisse naquela taberna. E João e Maria Hanson, ela que agora já havia percebido a situação, entendiam o porquê.

O caçador se aproximou e parou bem em frente à menina. O

olhar admirado e, ao mesmo tempo, assustado. De ambos.

- Foi você, não foi? Era você quem estava lá - essa frase poderia ser de qualquer um dos dois. Mas foi de Ariane Narin.

- Você - a voz do caçador falhou e saiu com dificuldade -, você... cresceu... tanto...

- Eu... nunca soube quem era você. - Ariane tinha vontade de cair no choro, mas também queria dizer tantas coisas, que tudo se confundia. Então preferia dizer as palavras devagar. -

Na verdade, o imaginava... com menos barba! - o caçador riu de emoção.

- Ariane, não é? - a menina se surpreendeu muito por ouvir seu nome pronunciado por quem lhe permitiu estar viva para escutá-lo. Tanto que as lágrimas escorreram, caindo por fora do rosto, mas lavando por dentro do peito. A taberna começou a entender aos poucos o que estava acontecendo, e muitos, principalmente as mulheres, começaram a se emocionar também, pois não havia nada mais emocionante para um plebeu do que ver uma criança chorar de felicidade.

- Eu sempre... quis te conhecer... Herói! - após as palavras de Ariane, Harold Helll, em seu balcão, olhou para a cabeça do lobo. Lembrou-se de como ela chegara até ali e de como gerara a alcunha.

- Eu não sou um herói, criança. Eu sou um abençoado.

Abençoado pelo Criador ter permitido a mim a honra, entre tantos caçadores, de estar lá para

ver aquela criança assustada e em pânico se tornar a menina que vejo agora! - e quem ainda não havia entendido entendeu. Os caçadores que ali estavam, os quais também ajudaram a tirar e enterrar o corpo dilacerado da avó Narin morta, sentiram na emoção da própria alma o que sentia aquele caçador de bem. Pois todo homem bom se emociona com milagres.

- Em nome da minha avó, eu queria lhe dizer... - e muitas coisas para uma única frase ela gostaria de dizer - ... que...

bom... Caçador... Herói... Albrook... seja lá qual for o nome que você goste mais... - a voz quase falhou. Faltava pouco para sumir de vez. -... obrigada! - e Ariane agradeceu ter conseguido dizer o que queria antes de cair em choro nos braços do caçador, o mesmo que a abraçou com o sentimento parecido de um pai que muitos anos fica sem ver uma filha.

E toda a taberna se hipnotizou com o momento. Tanto quem ria quanto quem chorava.

- Um brinde a toda a taberna por minha conta, em homenagem a um momento proporcionado por semideuses!

- disse o príncipe, recebendo aplausos.

- E três "vivas" a nosso eterno Herói e sua protegida! - disse Fred com sua voz rouca, erguendo uma caneca de cerveja em cima de uma mesa.

"Viva! Viva! Viva!", urrou uníssona uma taberna.

Se um dia tiver uma real oportunidade, e achar que aquela é a única de sua vida, agarre-a com unhas e dentes.

Essa frase chacoalhava na cabeça de uma pessoa que já apareceu nesta história, mas de maneira muito rápida. Trata-se de Snail Galford, e, mesmo já se sabendo o nome dele, ele costumava ser tão insignificante, que não estranho se você não se lembrasse dele. Snail era aquele jovem pirata, o mais novo de todo o grupo, do galeão de Jamil Coração-de-Crocodilo, que, como novato, sofria nas mãos dos piratas mais antigos e fazia os serviços mais humilhantes, o que incluía limpar o convés, provar a comida de Jamil na frente do próprio pirata e servir de alvo para os jogos de arremesso de facas nas horas livres dos marujos.

Era noite. A maioria dos integrantes daquele navio estava dormindo para que estivesse disposta no dia seguinte, que seria com certeza muito agitado a partir do momento em que chegassem ao porto de Andreanne. Mas Snail não dormia.

Sempre que tinha oportunidade, subia no grande mastro para observar do ponto mais alto a extensão do mar. Sentia-se bem nas alturas, porque se sentia livre.

A história de Snail era bem simples: nascera filho de jogador e vivia, desde que se entendia por gente, no meio de pessoas como aquelas, consideradas a escória do mundo.

Conhecendo e observando a corte, porém, do seu ponto de vista, a nobreza não teria muitos motivos para bancar a dona da moral, como frequentemente fazia. Mas isso era o seu ponto de vista, e uma de suas máximas era exatamente não importa o meu ponto de vista. Essa é uma frase submissa, é verdade, mas era exatamente uma vida de submissão a que Snail Galford sofria.

A mãe morreu, ou ao menos disseram isso a ele, e ele não acreditava nem desdenhava. Simplesmente preferia acreditar que o melhor sempre era escutar somente a metade do que ouvia. Mas, voltando ao pai: o senhor Galford era um senhor negro que viveu a maior parte de sua história como jogador, e imprudência em minha opinião é uma pessoa se dedicar a algo do tipo como profissão. Digo isso porque, se já é arriscado para os melhores do ramo, pior ainda para aqueles de talentos medíocres.

Como o senhor Galford.

Não demorou que o pegassem e descobrissem suas tramóias, truques e trapaças. Ao menos antes de morrer, porém, seja lá nas mãos de quem, algumas lições foram passadas ao filho.

Snail aprendeu como se tornar um sobrevivente das ruas. A ele foi ensinado como andar, com quem falar, como arrumar alimento ou local para passar uma noite ou dinheiro rápido.

Soube como seguir pessoas, como se esconder nas sombras, parecer insignificante e quase invisível no meio de multidões.

E, pelo que já comentamos sobre ele, aprendeu bem, principalmente a parte de se tornar insignificante. Fazia parte de seu trabalho e gostava disso. Pensando no pai, nunca o considerou um grande homem, de grandes feitos ou grandes lições. Muito pelo contrário. Achava inclusive que deixara uma desgraça como herança ao filho, com uma vida sofrida e solitária, de quem tem de se virar sozinho desde cedo.

Antes de morrer, como se pressentindo o que lhe aconteceria no dia seguinte, o senhor Galford acordou Snail, chorou pela primeira vez na sua frente e lhe disse a tal frase, que chacoalhava em sua cabeça naquele momento.

Se um dia tiver uma real oportunidade, e achar que aquela é a única de sua vida, agarre-a com unhas e dentes.

Um dia foi caçado por uma guilda de ladrões concorrentes.

Fazia parte dos Sombras, grupo que nasceu como sociedade secreta e terminou como guilda criminosa para discriminados como ele. Os Sombras estavam disputando território na cidade de Andreanne com os Fantasmas, a guilda rival. A disputa se tornou guerra. E, um dia, Snail Galford se viu sozinho, abandonado por companheiros que logo escaparam quando sentiram a emboscada, deixando-o para trás, sem remorso.

Ele nunca mais se esqueceu disso.

E esse episódio sempre lhe vinha à mente na hora de aceitar novos contratos ou levar em consideração a confiança de alguém. Para escapar, o jovem se atirou no mar e só não morreu porque foi pescado por uma rede como um peixe.

Pescado por piratas do Jolly Rogers, em cujo mastro estava, naquele momento, observando um além-mar tão escuro, que parecia sugar almas.

E por que Snail permaneceu como pirata? Bom, o fato é que ele já teve sorte de não ter sido morto quando foi pescado.

Conseguiu convencer Jamil de que era um desafortunado como eles e passou por uma semana de testes nos quais fora humilhado de todas as formas possíveis. Acredite, o que ele passava naquele momento era muito mais leve do que passou naquelas terríveis semanas. Além do mais, Snail encarou a possibilidade de ter permanecido vivo no navio e escapado da guilda dos Fantasmas como uma grande chance e resolveu agarrá-la com unhas e dentes. E por isso aguentava e se submetia calado, sem maiores perspectivas. De fato, era realmente bom em ser submisso.

Mas lá de cima, no alto do mastro, e observando aquele além-mar negro, ele se questionava. Estava voltando a Andreanne, e isso poderia ser a pior coisa de sua vida. Contudo, não

haveria como voltar atrás. Ninguém perguntaria a sua opinião e seu ponto de vista não importava, realmente. Ele simplesmente deveria obedecer como sempre. Era seu fardo.

Seu frio destino.

E a questão é: se Snail era uma pessoa assim tão insignificante, a ponto de ele próprio admitir esse fato, por que diabos quase interrompemos um encontro único, como o de uma pré-

adolescente de doze anos com seu salvador quatro anos depois, para contar um pouco de sua história? Bom, porque talvez você o considere, sim, insignificante, e mesmo eu, neste momento, poderia ter essa opinião, se assim desejasse também.

Mas não esta história.

Para ela, ele é tão importante que quase nos fez interromper a narrativa de um grande encontro para contar um pouco de sua saga. Mas, discreto como é, Snail Galford não gostaria que perdêssemos mais tempo do que já perdemos com sua figura.

Então, que nos esqueçamos dele por um tempo.

Eu posso garantir-lhes que a própria história se encarregará de nos lembrar de sua pessoa e nos mostrar sua importância em seu devido momento.

E o tempo avançará, mas não muito; nada que um pouco mais de uma hora. Tempo suficiente para passarmos à cena atual.

Eu já contei sobre a Catedral da Sagrada Criação? Se bem me recordo, não. Ela era o templo popular responsável por abrigar no alto de sua sacada o grande sino que avisava as horas exatas para os moradores de Andreeanne. Uma vista muito interessante da cidade se tinha de cima desse sino, no mais alto ponto da construção, acima das telhas matematicamente posicionadas próximas da imensidão do céu.

"Aquela é Cobain."

Áxel apontou para uma estrela que brilhava incessantemente naquele dia no céu e explicava a Maria Hanson que muitos jovens se orientavam por aquele astro quando estavam perdidos. O céu de Nova Ether é extremamente estrelado, e isso, dizem, foi por motivos diretos do Criador, que batizou as estrelas com o nome de vários semideuses.

- Eu já ouvi falar dessa estrela! Não é ela que se apaga sem explicação no auge do brilho? - Maria ouvira isso nas salas de aula.

- Mais ou menos. Realmente, essa estrela se apaga sem maiores explicações, e isso pode deixar quem se guia por ela ainda mais perdido do que já estava. Entretanto, se a pessoa se acalmar, poderá notar que essa estrela, quando se apaga, na verdade, se parte em dois fochos, deixando dois rastros de luz no ar, que indicam o norte e o sul. À pessoa, cabe escolher por onde seguir. Você consegue me entender ou compliquei demais?

- Bom, acho que sim. Você conhece essas estrelas todas?

- A maioria. Meu pai se orientou por muitos de seus anos em suas estradas por essas estrelas e as conhece e entende como poucos - a afirmativa era verdadeira. Rei Primo as conhecia e dizia aos filhos que as estrelas do céu de Nova Ether eram as maiores mestras que poderiam ter.

- Não sei porque lembrei agora de Ariane e de meu irmão. -

Maria fez uma cara de vergonha ao trazê-los à lembrança. E, antes que perguntem, não estavam ali nenhum dos dois; ambos haviam sido levados para casa por um caçador herói a pedido de um príncipe. - Eles são engraçados; nasceram um pro outro os dois. Mas, em nome da família Hanson, eu queria pedir desculpas pelo João, você me perdoa?

- O que é isso...

- Ele é meio... fechado de vez em quando, desde... que aconteceu aquilo. Ele sofreu muito naquele episódio, sabe?

Ele ficou preso debaixo de uma escada, no escuro, sendo torturado todo dia por aquela... aquela...

- Eu imagino como deva ter sido traumático pra ele. E para você.

- Foi. Foi sim. Mas, aos poucos, ele tá superando, a gente é muito unido quanto a isso. Quanto a tudo, até. E ele é muito inteligente. Ele vai ser um grande pensador. Sabia que ele é de um clube de xadrez e tudo? Ele treina três vezes por semana. Só que nunca me deixa ver!

- "Xadrez", né? - o príncipe disse, sorrindo. - Está aí algo que nunca pensei...

- Áxel, posso lhe fazer um pergunta? - Maria, que estava deitada de costas, virou-se de lado.

- Faça... - Áxel, que também estava deitado de costas e com as mãos apoiadas na nuca, virou o rosto na direção dela.

- Por que afinal de contas você gosta tanto de estar no meio plebeu? Eu juro que tento entender, mas... eu, às vezes, penso no que diz o professor Sabino... - Maria ignorava o fato de que Áxel não fazia a menor ideia de quem era o tal "professor Sabino".

- O que diz esse professor? - a expressão alegre deu lugar à seriedade.

- Que você e Anísio são príncipes estrategicamente planejados! - só depois de dito que Maria se deu conta de que poderia estar condenando seu professor à prisão. - Quero dizer... não é que ele não goste de você, entende? É que...

- Besteira! - o jovem se enfureceu por um instante. - Já ouvi essa história; vão dizer que meu pai quer agradar à nobreza e à plebe, e nós também somos preparados para reforçar isso, não é? - Áxel subiu um pouco o tronco e abraçou os joelhos, arremessando longe uma pedra que estava próxima.

- Áxel, me desculpe! Eu não queria deixá-lo bravo! É que...

- Você não me deixou bravo! Não é você quem diz essas coisas. Mas eu acho que você me conheceu pouco até hoje, Maria Hanson, mas ao menos o suficiente para julgar por você mesma questões como essa - ele olhou bem no fundo dos olhos dela, que voltou a achar que sempre falava o indevido em sua presença. - E então, Maria, me diga você o que acha?

Sou diferente de pessoas como você e tudo isso é fruto de uma detalhada farsa política?

- Eu não sei se sou apta a julgar coisas desse tipo, mas... eu juro que vou tentar ser sincera - e ela também fixou o fundo dos olhos dele, parecendo tímida e amedrontada consigo própria e com bastante receio do que iria dizer. - Você usa roupas diferentes, tem uma missão diferente e um tipo de vida completamente diferente e inalcançável para qualquer pessoa da minha classe social.

- Você fala como se seu Rei houvesse nascido nobre! - aquilo foi um golpe de impacto. E Maria sentiu.

- Espere, eu não acabei! Não é porque você é um príncipe que deveria interromper uma dama - se o que Áxel havia dito foi um golpe de impacto, a frase de Maria havia sido um verdadeiro tiro de canhão; um ato tão raro quanto devastador.

E, inclusive, quando fosse dormir momentos mais tarde, a própria Maria iria passar horas se perguntando como arrumou coragem para falar daquela forma e com aquele tom, calando um príncipe real surpreendido.

- Acontece que, em uma única noite, eu aprendi que você, e quando digo "você" me refiro a "todos nós", não é o que você veste. Nem o que você fala, nem também o que você possui, Áxel! Você é o que você representa. É como se todos nós fôssemos sentimentos vivos do Criador ou de semideuses.

Como se tivéssemos nascido exatamente para representarmos alguma coisa neste mundo, e a este povo, seja qual for o plano do Criador para nós, seja qual for o povo para o qual nós temos significado!

Maria, mais uma vez, calou-se, imaginando se suas ideias faziam sentido e se não tinha dito a maior das idiotices como parecia só conseguir fazer, pelo menos em presença real. E, talvez por todo esse receio, ela não tenha reparado mais detalhadamente a profundidade do que havia dito e a intensidade com que aumentara as surpresas de um príncipe legítimo.

E, se por um intenso momento a plebeia surpreendeu o príncipe, chegou então a vez de a situação se inverter. Pois foi uma adolescente quem viu o jovem mais cobiçado de todo aquele extenso território se aproximar dela, e sua reação foi muito parecida com as consequências de uma paralisação catatônica. Estava nervosa. Nem mesmo já havia dado o primeiro beijo na vida.

- Será que agora você entende por que não estou na casa de uma nobre tomando chá? E por que aprendo mais entre a plebe do que em qualquer outro lugar? Pois é em momentos como este, e diante de olhares como esses, Maria Hanson, que eu acredito que existe um Criador olhando por todos nós - e ele se aproximou ainda mais da plebeia de vida humilde.

E, mais alto do que Maria Hanson jamais poderia ver, o rastro de uma estrela cadente escarlate voou por suas cabeças, abençoando aquele momento. Blake, a primeira estrela romântica, aumentou seu brilho. Fadas sorriram.

E um beijo aconteceu.

Havia uma mesa de madeira e, em cima do móvel, cartas de baralho com figuras que um baralho comum não costumava possuir. Pela posição em que foram deixadas, a impressão era de que haviam sido minuciosamente colocadas uma por cima das outras, e as figuras reveladas, escolhidas a dedo. No mesmo local, um caldeirão continha água. E uma colher de madeira girava o líquido, provocando uma dezena de círculos, que passavam a impressão de um pequeno redemoinho na panela. Não satisfeita, ela girou a água com o dedo velho indicador. Um dedo carcomido e enrugado, com uma unha tão grande, que era quase do tamanho do próprio dedo em si.

Qualquer leigo que ali olhasse veria apenas água. E mais nada.

Só que não era qualquer pessoa quem estava ali a girar o líquido quente, que se aquecia cada vez mais como se se aquecesse sozinho. Por isso, ela via ali refletido tudo o que as pessoas normais não veriam jamais. E ela viu o que aconteceria na manhã daquele dia. Ela sabia o que aquele dia iria significar e também todo o sofrimento que estava por vir, quando aquele galeão chegasse ao porto daquela cidade. Pois a água ali se tornou vermelha.

E então, de súbito, a água se tornou novamente pura.

Silêncio.

Muito já foi dito sobre a família Hanson. Seu lar inúmeras vezes foi mostrado e a convivência entre irmãos e pais, bem detalhada.

Entretanto, muito pouco se falou ou se mostrou do lar da família Narin, embora a filha única daquele lugar seja bastante importante para esta história. A senhora Narin recebia o nome de Anna e se tratava da perfeição encarnada em uma esposa plebeia. O Criador sabe como fora difícil para ela os tempos da Caçada de Bruxas, dias em que o Reino estava em guerra, e só quem passa por essas situações sabe como nelas é a plebe a primeira a empobrecer. Seu marido, o senhor Golbez, também se lembrava dessa época. Tratava-se de um lavrador esforçado, que tudo fazia pelo melhor zelo da própria família.

Conheceram-se e casaram-se muito rápido. Anna deve ter uns vinte e quatro anos na época; ele, uns quarenta e nove. A menina também pareceu nascer em um piscar de olhos.

Ariane foi trazida à vida pelo Criador um ano após o fim do episódio histórico que trouxe tempos difíceis para os Reinos envolvidos. E, por todo o horror que viram e não gostariam de compartilhar, ambos tentaram passar a melhor educação possível à filha, tentando poupá-la de tudo que gostariam de poder esquecer. Um excesso de zelo aconteceu no processo, porém.

É sabido que Ariane viveu sob excessiva proteção por um tempo tamanho, que nunca conhecera realmente a Maldade.

E esse encontro ocorreu, na verdade, no pior dia de sua vida.

O dia em que viu a própria avó ser devorada por um violento lobo faminto, para se encontrar apenas quatro anos depois com seu glorioso salvador.

E, por falar no caçador, imagine a surpresa da família quando o próprio herói a trouxe de volta para casa naquele dia. Foi recebido pela família com surpresa, e teria uma recepção muito melhor se as posses da família permitissem. João Hanson estava com eles, pois seria o próximo a ser levado para casa. O nariz havia voltado a sangrar, o que há tempos não acontecia, e ele próprio já pensava estar curado. A senhora Anna Narin, que já considerava João um filho pela ligação com a filha, tratou de socorrê-lo, o que significava estancar o sangue e mantê-lo deitado um pouco.

Não falaram em nenhum momento sobre o incidente do lobo; trataram o caçador apenas como um amigo adorado pela família. Era melhor assim, pelas crianças e também pela senhora Narin, a filha da velhinha de destino mais trágico daquelas terras. Relembrar aquele momento era fazê-la desabar em choro, e ninguém queria chorar. Não naquele momento. Queriam sorrir e sorriram. Pois aquele lar, se não era dos mais ricos, era pleno de felicidade. E nenhum de nós poderia duvidar disso.

Ou poderia?

Em muitas horas, adiantaremos o tempo agora. Vamos nos aproximar da meia-noite, e nessa hora todas as moças de bem já devem estar em suas casas há pelo menos duas horas, levadas ou não por seus acompanhantes, que devidamente, espera-se, foram antes ao pai da dama pedir-lhe permissão para tirá-la de casa por alguns instantes. Verdade que tal costume assim não o era em todos os Reinos, mas o era em quase todo o Reino de Arzallum. Maria Hanson, porém, não era o caso. Primeiro porque seu acompanhante não a levaria até a porta e nem mesmo havia pedido ao pai dela permissão para convidá-la a sair. E, segundo, porque ela não estava dentro de casa à meia-noite; o problema era exatamente estar ainda adentrando o recinto. E descobrir que não estava só.

- Isso são horas? - perguntou o pai, sentado em um banco pequeno de madeira e com um cinto velho à mão. Maria gelou. Toda vez que o pai batia na própria mão aquele cinto, ela gelava.

- Você hoje saiu sem permissão, no meio de um jantar sofrido de conseguir, e me aparece em casa à meia-noite, o que, espero, não tenha sido visto pelos vizinhos... - disse o pai. Essa preocupação excessiva sobre o que os outros iriam pensar sobre o que quer que seja era típica da plebe e da nobreza e de qualquer hierarquia em que se enquadrasse um ser humano.

- Pai... desculpe... olha... eu posso explicar agora! É que...

- Com quem você está andando, Maria Hanson? - o pai aumentou o tom de voz o suficiente para acordar a esposa e o filho. Situação difícil a de Maria. Dizer com quem estava seria algo louco demais para se tornar crível; dizer que estava sozinha ou com outra pessoa seria mentir ao pai, e isso também era difícil para ela. A mãe veio em socorro: - Hígor, por favor...

- Não enche, Erika! - gritou Hígor. - Eu quero saber com quem essa menina está andando, pois eu não vou tolerar más companhias rondando esta família. Mas não vou mesmo! Uma menina direita não pode sair sem considerar os pais e chegar além da meia-noite como se fosse a coisa mais normal do mundo.

- Tá certo, pai! Eu digo: eu saí com um rapaz! - aquilo foi mortal.

- Você tá querendo me dizer que estava perambulando até essa hora com um... vagabundo? - o pai foi ficando vermelho e vermelho e começou a bater o cinto ainda mais forte na mão. - Está querendo desonrar esta família e todos os bons costumes que passamos pra você, Maria?

- Pai... escuta! - Maria começava a se apavorar e se embaralhar com a visão do cinto em movimento. - Você vai gostar dele.

Ele é...

- Ele é um vagabundo, isso que ele é! E eu vou arrebentar as fuças desse desgraçado que acha

que pode sair com uma Hanson sem pedir permissão ao pai dela! - bradou Hígor, levantando-se. João colocou meia cabeça além da parede para ver o que estava acontecendo. - E ainda por cima coloca seu irmão no meio! Escuta aqui, eu não vou deixar você se tornar uma moça irresponsável e... e... sem respeitar - Maria se chocou com o termo. Erika também.

- Hígor! - gritou a mãe. - Ela só estava tendo um encontro!

Isso não quer dizer...

- Nós não sabemos o que isso quer dizer! Nós não sabemos nem com quem ela está andando por aí! Vamos, me diga o nome desse desgraçado que eu vou acertar as contas com ele agora! Vamos, Maria, fala! - o pai avançou com o cinto em uma mão tremida.

- Tá certo! Tá certo, pai! - o medo do cinto fez Maria esquecer o quão absurda seria a verdade. - É o príncipe Áxel Branford, pai! - ela disse com os olhos arregalados e o coração intranquilo.

Hígor bufou. Ficou mais vermelho do que já estava. Os olhos se apertaram. O queixo começou a tremer. Em sua cabeça, falava sobre o assunto mais sério do mundo, e a filha, além de achar graça da situação, debochava de sua cara.

- Escuta aqui, Maria! Você vai aprender a não debochar do seu pai... - a mão ergueu o cinto e, antes que essa frase se completasse, ela teria descido com a tira de couro violentamente no corpo da menina agachada.

Mas, para felicidade de Maria Hanson, isso nunca aconteceu.

Três batidas na porta, considerando que já passava da meia-noite, foram suficientes para tomar toda atenção de Hígor Hanson. Maria olhou para João. O olhar do menino era triste, do tipo de olhar de quem quer ajudar, mas não pode.

E foi Hígor quem abriu a porta nervoso e com o rosto vermelho, de imensas veias esverdeadas pulsando no pescoço.

E foi também ele quem ficou ainda mais nervoso e vermelho por conta de um sentimento que ele não sabia nem definir, nem explicar, nem acreditar. Do outro lado da porta, não estava um Rei, e isso naquele momento não teria sido surpresa maior.

Porque estava um príncipe.

- O senhor deve ser o senhor Hígor Hanson, estou certo? -

Hígor tentou responder, mas a voz não saiu. - Eu sou o príncipe Áxel Terra Branford - ele sabia que não necessitava de apresentações, mas o fez ainda assim por cortesia. - Oh, e a senhora deve ser a senhora Érika Hanson! Maria muito fala da senhora - Áxel aproveitou a própria deixa para entrar no casebre e beijar a mão da senhora Hanson. Maria quase chorou

de felicidade. O irmão sorriu, mas apenas quando Áxel não olhou para ele. Hígor não sabia se fechava a porta, se se ajoelhava ou se curvava nem quais os pronomes de tratamento a serem utilizados com um príncipe em seu casebre.

-Alteza... eu...

- Sim, eu sei que deve estar chateado comigo por não ter vindo pedir sua permissão para sair com Maria. Essa deve ter sido sua reação quando ela lhe contou que passeamos esta noite, não?

- Oh... sim... não! - Hígor estava se sentindo embaraçado, o que era um sentimento perfeito para o papel a que estava se prestando naquele instante. - Ela...

- E ela lhe contou sobre os lugares a que fomos? Maria, não se esqueça de descrever como é a vista de Andreeanne de cima da Catedral da Sagrada Criação! Senhora Hanson, juro que se pudesse traria tal vista para a senhora - Érika sorriu. Já achava o príncipe adorável, ali naquele momento passou a achá-lo muito mais que isso. - Por isso, resolvi vir aqui lhe dizer que isso não mais acontecerá, senhor Hanson. Da próxima vez que sair com Maria, se ela assim quiser, obviamente, virei aqui pessoalmente ou mandarei um mensageiro para pedir-lhe a permissão. - Áxel começou a se dirigir à saída. - E a trarei também antes das dez, juro. Não o fiz hoje porque me perdi com o olhar das estrelas e a conversa doce dessa menina.

Aliás, o senhor, como pai, deve saber a filha doce e dedicada à família que tem e que, garanto, muitos pais gostariam de ter, não é verdade, senhor Hanson?

- Sim... sim... sim, ela é... meu orgulho! - não era mentira, mas, naquele momento, o fraquejo dava a parecer.

- Eu acredito. Inclusive tenho motivos para supor que a doçura de Maria esteja, em parte, na criação que deve ter recebido. É um homem muito sortudo, senhor Hanson! Sua filha fala do senhor o tempo todo, sabia?

- Ela... fala? - pensar que a filha falava de sua pessoa a um príncipe real era de embasbacar qualquer lenhador.

- Meu filho, que mau jeito do meu marido! Quer tomar um pouco de chá de frutas, Áxel? - perguntou Erika, falando como se já estivesse com qualquer bom rapaz escolhido pela filha. Maria se envergonhou um pouco ao ver que chá de frutas era o máximo que tinha a oferecer para um príncipe e, por isso, ignorou que, exatamente aquele mundo mais limitado que o dele, porém povoado de pessoas tão ricas, apesar da vida humilde, era o que fascinava Áxel Branford.

- Bem, desculpe a pressa, mas está tarde e tenho de me levantar muito cedo. Por isso, realmente preciso ir. Mas agradeço profundamente a hospitalidade com que me receberam e adoraria provar seu chá outra hora, senhora Hanson! E também uns doces, que ouvi dizer serem os melhores de toda a região e que andaram povoando minha imaginação no caminho

até aqui! - a senhora Hanson se maravilhou tanto, que se fosse Áxel o mais pobre dos plebeus teria ali ganhado a pretendente à sogra ainda assim. - Quanto ao senhor, senhor Hanson, diga-lhe para não esquecer de guardar esse cinto que tem em mãos! Não seria nada bonito ver a cena de um lenhador perdendo as calças no meio do trabalho, não é verdade? - as mulheres, e mesmo João, riram.

Apenas o senhor Hanson estava tão confuso, que não entendeu o motivo da graça.

- Trabalhar... sem as calças? - perguntou confuso.

- Sim. Não é para isso que servem os cintos, senhor Hanson? -

pergunta feita olhos nos olhos.

- Oh, sim! Claro, Alteza. Com toda a certeza... - risos amarelos, cabeças baixas, corações intranquilos.

- E agradeço mais uma vez por me receberem tão tarde. Adeus a todos. E até mais, João! - João achou que Áxel não o tinha percebido, mas não era o caso, pelo visto. Não acenou nem se despediu também. Apenas resmungou alguma coisa e voltou para a cama, cheio de sono.

Áxel Branford deixou a casa e rumou para a carroça onde o troll cinzento o esperava. E, enquanto era avistado de longe por uma família embasbacada, disse a seu fiel companheiro: - Ah, que mundo fascinante esse da plebe, Muralha! Já lhe disse como admiro as pessoas desse povo?

- Todos os dias, senhor!

- Hum... então sigamos logo pro Grande Paço. Não dormirei por muito tempo. Antes mesmo de o sol estar novamente no céu, nós já teremos partido. E que as fadas estejam conosco, velho amigo. "Elas estão sempre no meio de nós, Alteza."

Ainda era madrugada e toda a escuridão do breu mais profundo dominava o mar. As luzes cintiladas das estrelas e da lua eram as maiores fontes de luz naquele navio, e toda a tripulação ainda parecia garantir forças para o que iriam fazer no amanhecer próximo. Um deles, porém, já havia se levantado e estava com a adrenalina no corpo implorando por ação, embora fosse mais conhecido pela prudência do que por ser guiado por emoções.

Snail Galford, o novato do grupo, estava deitado no convés, olhando a estrela de Ali, que, segundo o pai, era a estrela mestre. Mas não era ele a pessoa que acabou de ser descrita, ávida por ação. Essa pessoa era sim a mesma que chutou um balde de água suja e fria no chão do navio, o que fez a água se espalhar até atingir as costas de Snail, que se ergueu irritado em um pulo. Quando viu quem era o implicante, nem sequer reclamou de qualquer coisa, contudo.

Estava diante do chefe. O líder temido. O herdeiro do Jolly Rogers. O filho de Gancho.

Jamil, o Coração-de-Crocodilo.

- Você, novato. Aqui! - Snail não estava longe de Jamil, o líder poderia muito bem ter se aproximado. Aquilo, na verdade, era apenas uma forma para lembrar quem era o líder e quem era o subordinado.

- Pois não, senhor?

- Subir de posto neste galeão lhe interessa, novato?

- Muito, senhor.

- Me disseram que é bom na arte da punção, e vim aqui conferir se isso é verdade. O que me diz?

- Cresci nas ruas. Se não soubesse a arte da punção, estaria morto, senhor!

- Não me interessam suas histórias tristes, negro! Todos aqui temos uma, e garanto que bem mais cabeluda que a que tiver pra contar. Eu lhe fiz uma pergunta e quero a resposta.

Somente a resposta.

- Sim, eu sou muito bom sim, senhor...

- Preciso de um homem competente para uma missão de coleta. Vou dar a ele um mapa e a indicação do que deve ser trazido a mim. Entretanto, é uma missão arriscada demais para ser entregue a um incompetente. E não sei por que estou dizendo isso a um verme que nem você! - Jamil virou de costas e se dirigiu de volta à cabine onde descansava.

- Senhor! - Snail chamou. - Não se esqueça disso, senhor!

Uma bolsa com dez rainhas, disposta onde estava propositadamente, foi arremessada na direção de Jamil. O

pirata sorriu. Balançou a cabeça positivamente duas vezes.

E a arremessou de volta a Snail.

- O trabalho é seu!

- Eu já sabia - disse Snail, provocando em seu capitão uma gargalhada maquiavélica que ecoou por mares escuros, ferindo a alma de qualquer ser vivo que, em um momento infeliz, a escutasse.

Em mais algumas horas, adiantaremos o tempo. Pelo andar da carruagem, acho que você já sabe o que isso representará. Será o momento em que o sol estará quase a nascer e, com isso, um príncipe seguirá viagem. Também será o momento em que dois galeões irão avistar um porto, porém apenas um deles teria o legítimo direito de erguer as bandeiras ostentadas por ambos nos mastros.

Significará um dia divisor de águas em Arzallum e em toda Nova Ether.

E, se Áxel Terra Branford soubesse o que iria acontecer em sua cidade naquele dia, talvez não partisse. Mas também, se soubesse dos acontecimentos futuros na viagem que se seguiu, talvez decidisse partir ainda assim. Realmente como partiu.

Eram quatro da manhã, quando Muralha o acordou, já que o troll só precisaria dormir vinte e quatro horas depois.

Poucos servos estavam presentes no pátio, com as montarias preparadas. Um Rei e uma rainha também ali estavam, e não por vontade própria, acrescento. A ambos, ele pediu uma bênção e a recebeu. Teria dito outras coisas, se soubesse o significado daquele e dos outros dias seguintes.

Como não sabia, não disse nada mais.

Os servos lhe entregaram os equipamentos pedidos. Ao redor da sela de Bóris, o corcel do Rei, que passaria a ser do príncipe, estavam duas bolsas contendo equipamentos básicos para quem passaria dias fora. Havia utensílios como cordas e lampiões e provisões, produtos e frascos. Mais provisões havia na grande sela cobrindo as costas do mamute de guerra adolescente, Pacato, onde Muralha seria carregado, pois de muito mais alimento precisaria um troll cinzento.

Rei Branford entregou a Áxel uma espada de batalha, que ele prontamente ajeitou na cintura, embora não gostasse de espadas. Tratava-se de uma espada longa, mas leve, que poderia ser usada com apenas uma das mãos. A lâmina era afiadíssima; a largura, a de um antebraço. Muito rápida era, portanto, em batalha e, por isso, digna de nota. Afinal, aquela espada era Dharuma, e foi com ela que Primo Branford iniciou a Caçada de Bruxas.

- Eu vou trazê-lo de volta...

Áxel queria acreditar nas próprias palavras. Na verdade, acreditar em sua volta já era um feito. Um integrante de sua comitiva faltava àquela despedida, porém. Mas não por muito mais tempo ele, ou melhor, ela, permaneceria oculta. Áxel Branford colocou dois dedos na boca e assobiou muito alto.

Mas um assobio diferente daquele utilizado para chamar Muralha. Era um assobio único, como uma marca registrada que vibrava um som retumbante.

E da torre mais alta do Grande Paço ela surgiu.

Logo ela estava no céu, que, mesmo escuro, agradecia a beleza conferida por sua presença. A simples visão daquele ser mitológico era suficiente para justificar a existência de um Criador que olhava por todos eles. A penugem era vermelha como fogo, o peitoral tinha manchas que mais pareciam um símbolo em violeta, um desenho tribal dourado circundava um dos olhos e, aliado ao brilho próprio natural, reluziam o bico e os olhos prateados do ser fantástico. Todas essas características ajudavam a formar uma das mais belas visões de toda a Nova Ether.

Pois há poucas coisas mais lindas que o vôo livre de uma águia-dragão.

O nome desse ser tão raro era Tuhanny. E a forma como esse ser fantástico chegou ao Grande Paço será revelada um dia que não hoje. Neste momento, não importa sua origem, mas sua existência. E também a ligação quase sobrenatural mantida com aquele príncipe, a ponto de saber quando era chamada, sem necessitar que gritassem seu nome ou estivessem em sua presença.

A águia-dragão soltou um grito, um guincho que mais parecia um kiai de um semideus. Arrepiava a pele humana quando o bradava. Muito raro era aquele animal e, por isso, poucas vezes Áxel a chamava para fora do imenso viveiro no alto do Grande Paço, onde as portas ficavam abertas para que ela pudesse ir e vir quando bem entendesse. E o príncipe necessitaria dos aguçados olhos do fiel mascote e de todas as suas capacidades. Ela seria sua guia e muitos de seus sentidos naquela viagem de boas e más lembranças indeléveis.

Quando estavam os três prontos, os portões do Grande Paço foram abertos. Eles partiram antes do nascer do sol do Dia do Fogo, desejando voltar o mais rápido possível e com boas notícias no encalço. Uma mãe chorou vendo um segundo filho partir para o mesmo local de um outro desaparecido. Um pai igualmente derramou lágrimas, porém menos que a mãe.

E o fez não por receio pelo filho, mas porque era sensível o suficiente para notar que a energia negativa estava pesada aquele dia no ar.

A energia lhe dizia que alguma coisa estava errada e que aquele dia não seria como os outros. Pois realmente um dia em que a madrugada começa com um príncipe se despedindo da família sem a certeza plena de que iria retornar seguro não poderia mesmo ser igual aos outros. E não seria. Isso posso afirmar porque duas horas após a partida de Áxel Terra Branford dois galeões se aproximaram do porto real de Andreanne, em meio à cerração da madrugada, para mudar a história daquelas terras.

E isso, meu amigo, nem as fadas poderiam impedir.

ATO II CAÇADORES DE FADAS

O sol ainda estava nascendo, quando uma âncora foi arremessada nas águas do porto de Andreanne. E ninguém naquela cidade tinha noção de como esse fato iria mudar a história daquela cidade pelo resto da existência.

O emissário responsável pelo porto permitiu a aproximação daquele galeão sem nenhuma revista prévia ainda em alto-mar, e isso foi uma total imprudência, com certeza. Seu nome era Bolton, e a sua linha da vida na palma da mão direita o avisava de uma morte precoce. De fato foi sua a inteira incompetência de não ordenar uma revista naqueles navios antes que aportassem, baseado apenas em uma já antecipada espera, e em uma bandeira conhecida e identificada em seus mastros; logo, não poderá culpar seu destino como injusto.

Bolton não estranhou nem mesmo o fato de ser esperado apenas um único galeão com aquela bandeira real, e ali lhe aparecerem dois, além de uma dezena de barcos menores.

Também não estranhou que ambos estivessem com um imenso cobertor a cobrir as bordas do navio principal, caindo um pano sobre o costado como se escondessem alguma coisa.

Porque escondiam.

Talvez se Bolton houvesse ordenado a revista, a história fosse outra. Talvez, como talvez não. Mas o fato é que os navios se aproximaram, e essa é a verdadeira história. As âncoras foram jogadas no mar em seu devido momento, e a prancha usada para aqueles homens descerem ao chão firme do porto também foi estirada. Bolton subiu ao galeão que aportou primeiro e sorriu, pensando lidar com um mercante, o que justificava a bandeira real de Stallia no mastro.

- Boas-vindas, marinheiros de Stallia! - ele disse, dando um sorriso, o último de sua vida. - Em nome de Rei Primo Branford e da cidade de Andreanne, das terras de Arzallum, eu, Bolton De Arrieta, emissário real responsável por este porto, bem recebo a presença de membros da comitiva do Reino de Stallia em nossos mares e em nossas terras - esse discurso era dito a todo e qualquer navio que aportasse em Andreanne, mudando somente o local de origem da bandeira nos mastros.

O capitão daquele navio começou a se aproximar, e Bolton achou-o parecido com alguém conhecido. Quatro soldados de Arzallum estavam perto da prancha de entrada do navio, e mais dois em terra, esperando pelo emissário.

Quando Bolton percebeu, porém, de quem se tratava, infelizmente já era tarde demais.

- Não perca tempo com cerimônias, senhor De Arrieta. Este local não deve conhecer o perigo há muito tempo para alguém tão incompetente não exigir uma revista em alto-mar - Bolton viu o rosto do homem, e o coração saiu do lugar. Ele sabia; já sabia que iria morrer, o que temia naquele momento era agora apenas como isso iria acontecer. - Mas, já que resolveu facilitar

nossa vida...

Uma lâmina fria lhe perfurou dolorosamente o abdômen.

Bolton tentou gritar, mas o pavor causado por aquele rosto já o havia paralisado de forma tão eficaz, que mesmo se o inimigo fosse uma criança seria capaz de pôr fim a sua vida sem resistência. E foi, enquanto a carcaça caía, sufocada pelos últimos sopros, que um homem conhecido por seus comandados pela alcunha de Jamil, o Coração-de-Crocodilo, ordenou o ataque.

Você deve estar se perguntando se um porto da importância de Andreanne não teria uma segurança específica e forte. Sim, e tinha, com certeza. O ato de incompetência de Bolton fora uma exceção de quem já estava informado de que o galeão de Stallia chegaria, e que sua carga deveria ser entregue com urgência ao comércio ainda naquela tarde. Imprudência cometida pela pressa, o que é comum, mas que não deveria ser, principalmente quando se fala de altos cargos.

Quando perceberam que se tratava de um ataque, o problema-mor dos soldados era bem direto: a surpresa provocada pelo despreparo diante do inesperado. Enquanto cada um deles pensava onde estava seu utensílio de combate, centenas e centenas de piratas atacaram aquele porto, rosnando e rufando como animais selvagens. Traziam nas mãos machados, facas, espadas, pés de cabra, porretes, correntes, bastões e tudo o que servisse como arma. Os olhos dotados de fúria, os lábios com um sorriso de quem ama a adrenalina desencadeada com a presença da morte. Invadiam gritando agudo feito índios e desordenados como uma horda de mortos-vivos erguendo-se do mar. E, para os soldados, essa, acreditem, não foi a pior visão daquele dia.

A pior visão foi ver os cobertores caírem, revelando as cobertas de armas que aqueles galeões possuíam e escondiam, estivessem a bombordo ou a estibordo do navio.

E pior ainda foi sentir o cheiro. Cheiro de pólvora. O pó negro usado pelos piratas era o recurso mais destrutivo daquelas terras. Esse artifício ali em Nova Ether era muito difícil de ser conseguido e tinha um cheiro forte, intensificado ainda mais quando posto em chamas, fruto da combustão explosiva de enxofre, salitre, carvão e sabe-se lá mais o quê. Poucos eram loucos de usar a pólvora para atacar quem quer que fosse, pois pouco se sabia ainda sobre esse artifício, mas aqueles homens eram loucos o suficiente para testá-la e haviam conseguido realizar muitos objetivos com tal façanha.

Depois do cheiro, o som. O som da EXPLOSÃO da pólvora em Nova Ether parece querer consagrar-se como o mais alto de todos os sons de pólvora explodindo, se é que isso faz algum sentido! O que não fazia nenhum sentido era a visão daquelas balas de ferro de muitos quilos atiradas por bocas de fogo dos navios, explodindo e derrubando construções do porto pacífico. Zuniam e deixavam rastros como pequenos meteoros, passando por cima de cabeças baixas e troncos trêmulos, seguido da explosão de destruição do mundo. E, para piorar, os invasores usavam a bandeira e os uniformes oficiais dos homens de Stallia, o que trazia ao

porto mais confusão e mais desordem. Sim, seria óbvio que eram piratas e mercenários disfarçados, mas, como dito, naquele momento nada parecia fazer sentido.

Quando os homens de Jamil, que já gritavam como se tudo fosse uma grande festa macabra de sangrenta diversão, desceram dessa vez dos navios menores, com armas cortantes à mão, a visão de horror piorou. Lâminas e mais lâminas se cruzavam poucas vezes, antes de um corte. E pessoas gritavam. Balas de canhão ainda zuniam e explodiam paredes.

Cheiro de pólvora e cheiro de sangue se misturavam a nuvens de poeira e fumaça. E as pessoas gritavam. Muitos soldados eram feridos e mortos a cada instante, tombando diante de lâminas frias e outras imaginações da morte. E foi enquanto a explosão da pólvora ensurdecia, seguida da destruição provocada pelas bolas de ferro cuspidas em bocas de fogo, e foi enquanto bestas atiravam setas afiadas em suas cabeças e tentavam matar a maior quantidade de piratas possível antes de tombarem mortos, que muitos soldados tiveram a mesma visão que um homem, já conhecido por você, havia tido na noite anterior.

Seu nome era Stiff, e ele viu uma mulher chorando, vestida com roupa carmesim e com cabelos longos até além das costas. Ele, na hora, parecia desolado, e agora lhe digo o porquê: pois ele sabia que aquilo aconteceria, embora jamais imaginasse que seria de uma forma tão cruel como aquela. E

muitos soldados viram aquela mesma mulher passeando e chorando no barulhento campo de batalha em que aquele porto se tornou. E eram desesperadores os gritos das crianças que ali estavam, e das mulheres que viviam de agradar aos marinheiros, e dos mendigos que viviam de conseguir alimento para mais um dia de sofrimento. Todos gritavam, e todos corriam, e todos tombavam, quando não morriam, pois, se um pirata já não se interessava em diferenciar inocentes de culpados, também não o faria por nenhum deles. Para tais assassinos dos mares, matar alguém vestido com o escudo real era matar o próprio Rei ou ao menos assim era o pensamento sinistro e negro das mentes revoltadas, cada qual por seu motivo.

Snail Galford estava no meio da confusão. Nocauteou e matou alguns guardas reais, é verdade, mas o fez mais porque do contrário seria morto. Entretanto, não atacou nenhuma mulher ou criança, o que não diminui sua culpa no processo.

Em um momento, porém, achou que não iria sobreviver. Isso aconteceu quando sentiu um braço agarrar-lhe o pescoço e apertá-lo tão forte, que a língua se projetou para fora e os olhos se esbugalharam como se fossem explodir. Caiu no chão com o forte soldado a lhe apertar a traqueia, soldado este que provavelmente deveria ter perdido a espada em meio ao combate, pois muito mais eficiente teria sido perfurá-lo pelas costas. Mas a lâmina não parecia fazer tanta falta, já que não seria preciso muito mais tempo para sufocar Snail ou mesmo lhe quebrar o pescoço. E, se fosse outra pessoa, o negro teria se conformado com a morte iminente, afinal sua vida era miserável e parecia sempre ir a lugar nenhum. Mas então ele se lembrou da promessa feita ao pai de agarrar chances e mudar destinos e outras coisas do tipo que não havia cumprido.

Usando os últimos recursos de energia, Snail conseguiu esticar o braço, sentindo dor em cada milímetro como se os ossos estivessem se deslocando, enquanto o homem aumentava ainda mais a pressão do aperto, e se perguntava por que aquele maldito não morria estrangulado de uma vez! Snail e seu estrangulador estavam próximos da parede, e, vez ou outra, um pirata ou soldado em combate tropeçavam em suas pernas ou pisavam em seus tornozelos. Um animal, porém, tentando fugir em desespero de todo aquele caos, correu próximo demais aos dois caídos, e foi quando Snail o agarrou por reflexo. O animal negro e asqueroso lhe serviria bem para o que necessitava improvisar. Refiro-me a uma ratazana, dessas que andam dentro das fossas, mas um pouco maior do que a maioria das ratazanas existentes. Digo isso porque essa especificamente era imensa, horrorosa e grande como um filhote de cachorro vira-lata.

E Snail agradeceu por aquele animal existir.

E foi assim que agarrou o roedor, pegou o corpo daquele rato, que gemeu e se debateu ouriçado e sem controle, e aproximou aqueles dentes desesperados até o braço do estrangulador, que recebeu uma mordida tão dolorosa quanto contaminada. Se sobrevivesse àquela chacina, com certeza passaria muito tempo de cama com febre alta e morreria antes que um bardo conhecesse suas memórias.

Quando o atacante afrouxou o aperto, Snail Galford rapidamente se virou e arremessou o horroroso animal dentro do uniforme do pobre soldado, que ficou em uma situação tão ridícula quanto perigosa, debatendo-se como uma bizarra minhoca! E o pirata novato não ficou ali esperando para ver o que iria acontecer ou para lutar até não restar mais nenhum soldado de pé, pois suas instruções eram diferentes das dos outros e dadas diretamente por Coração-de-Crocodilo. Foi por isso que Snail, ao se libertar, partiu sem receio.

Como se fosse invisível em meio ao caos.

Por mais longe que corresse, porém, nada parecia diminuir nos tímpanos o eco do encontro de metais entre as espadas, os gritos agonizantes de morte ou aquele maldito choro de crianças implorando por um herói. Um herói que ele não era, e tinha total consciência disso. Também difícil era sentir o cheiro de sangue, escutar a explosão da pólvora, e em seguida mais gritos e mais sangue se intensificando. Correu sem olhar uma única vez para trás para não confirmar com os próprios olhos a imagem doentia projetada pela mente do campo de batalha abandonado.

E Snail Galford não viu também, para seu próprio bem, o mal encarnado. E traduzo isso em Jamil atacando sem piedade quem estivesse pela frente e não fosse de seu bando. Usava uma espada em forma de foice e apropriada para levar à morte, pois uma das lendas dizia que a morte carregava uma arma parecida em tamanho maior. E ele era o líder e o causador e tudo o mais que uma pessoa que vivia nos caminhos que homens como aquele viviam poderia ser. Ele era o filho bastardo de James Gancho e já consagrado como pior que o pai, o que dá a exata noção de uma reputação.

Abria um caminho de sangue e ignorava gritos de clemência e piedade. Gostava do que fazia,

sentia-se respeitado. No dia em que morresse, Aramis, o Reino das Bruxas, estaria esperando-o com um trono em sua honra. E nem mesmo a isso ele temia, pois não temia nenhuma bruxa. Não temia nada. Nem ninguém.

E foi ele, Coração-de-Crocodilo, quem promoveu a última morte e derramou o último sangue naquele porto. A foice perfurou o peitoral de um marujo que não ofereceu muita resistência, pois sabia que resistência alguma impediria a profecia de uma visão da morte. Jamil jamais saberia disso, mas aquele marujo perfurado se chamava Stiff. E seu corpo inerte, quando caiu ao chão, revelava dois olhos arregalados que temeram aquele momento muito antes de ele existir.

E, então, uma lágrima desceu por entre um dos olhos do caído.

Exatamente como as lágrimas da mulher de vermelho que caminhava solitária em meio ao caos.

Crianças com roupas manchadas de sangue passaram correndo pelo centro de Andreeanne. Barracas foram montadas, e o comércio estava acordando aos poucos. E, para um povo acostumado com a paz, era indescritível a sensação de desespero ao receber o aviso de uma guerra, ainda por cima iniciada em seu próprio território, sem aviso ou preparação.

- Fechem as portas!!! - gritava uma criança. Repetidamente.

- Piratas!!! Piratas!!! Chamem a guarda!!! A guarda!!! Chamem a Guarda Real!!! - berrou outra.

- O porto foi destruído!!! Protejam-se!!! Saiam das ruas!!!

Saiam!!! - gritava um adolescente. E coisas do tipo eram repetidas por outros.

A reação do povo era difícil de ser descrita. Alguns se apavoraram logo de cara e saíram em disparada para encontrar suas famílias e trancar suas casas. Mas muito raros foram esses. A maioria ficou ali mesmo, se olhando e pensando o que era verdade e o que era trote naquelas palavras perigosas. Não seria a primeira vez que um trote parecido seria provocado por aquelas crianças de rua, e daí vinha a falta de credibilidade dos meninos que traziam o aviso da morte.

Mas, ainda que distante feito um eco que ressoa em uma caverna de um plano inferior, aqueles comerciantes haviam escutado o barulho das explosões de pólvora. E as mentes também se perguntavam o que era verdade, o que era mentira e o que estava realmente acontecendo. A fumaça do porto lhes passava uma sensação de que era melhor acreditar nas palavras daquelas crianças enquanto ainda havia tempo.

E não tiveram tempo para pensar em mais nada.

De muitos e de todos e de nenhum lugar, surgiram homens armados, bradando horrores e trazendo devastação ao que antes era bom senso, como um tufão rubro e negro de destruição. Usavam pinturas nos rostos, vestiam-se de negro e berravam gritos agudos, agitando facas, machados, sabres, adagas e outras armas brancas cortantes. Liderando-os, estava um homem vestido de negro como eles, mas com uma pintura que deixava o rosto pálido como o de um palhaço, com um imenso desenho de um olho entre as sobrancelhas. "E quem eram, afinal, aqueles homens?", você pode se perguntar com razão! Bem, aquela cidade os conhecia por um nome bem característico: os Sombras, mas, naquele momento, eles já eram homens de Jamil Coração-de-Crocodilo em uma união criminosa que reverenciava o horror.

Esses homens de Jamil não eram os mesmos que guerreavam no porto. Nem eles seriam tão rápidos para estar em locais tão diferentes em período tão curtos de tempo. Acontece que tais homens já estavam em Andreeanne, e isso há pelo menos uma semana. Mas eram homens que chegaram aos poucos por terra, e não por mar. A tropa inteira de Jamil não caberia em um,

nem em dois galeões, e esse era seu maior trunfo.

Durante semanas, em horários e momentos diferentes, eles foram chegando à cidade e fazendo os preparativos daquele momento em profundo segredo.

Mais, os homens se uniram a uma das duas guildas que disputavam o poder paralelo daquela cidade. No caso, se aliaram aos Sombras, em vez de se aliarem àqueles a quem chamavam Fantasmas, e esse motivo era puramente numérico, pois a diferença entre ambas estava em aproximadamente duas centenas de homens, e isso é um diferencial importante em uma batalha curta daquele porte, acredite. Assim, em troca da ajuda para esmagar de uma vez o rival, os Sombras lutaram ao lado dos homens do pirata em uma aliança tão temível quanto cruel. Era como se a Morte houvesse dado definitivamente as mãos à Destruição, e ambas festejassem na casa do Horror.

E ao centro da cidade de Andreanne foi levado o terror máximo.

Diversos comerciantes viram ali à sua frente o Mal aparecer e lhes tirar tudo o que levaram uma vida inteira para construir.

Suas barracas foram derrubadas, destruídas, queimadas. Suas vidas foram tiradas, quando não pior: privadas da morte para sucumbir ao sofrimento de ver e sentir a dor da perda, pois só um coração que sangrou para bater tranquilo sabe o que é chorar pela perda do sentido do mundo. Homens entravam nas casas, pichavam paredes, molestavam damas, roubavam objetos e pilhavam tudo o que pudesse ser pilhado.

Era como se o Dia do Fogo quisesse justificar seu nome.

O caos tomou uma forma física real. O mundo, se um dia foi bom, naquele dia não era mais. Um Mundo de Fadas conhecido especialmente por bons contos estava conhecendo o lado sombrio de tais histórias em sua pior forma, e rezavam primeiro ao Criador, depois às avatares e depois ao Rei, por uma solução rápida. Crianças choravam incessantemente enquanto os pais brigavam da maneira como podiam para evitar que os negócios de toda uma vida, quando não as próprias casas, a maioria construída com as próprias mãos, fossem invadidas e tomadas e pilhadas e destruídas.

Eram homens e mulheres humildes, que se defendiam com pás, pedras, vassouras e mesmo vasos baratos de cerâmica, o que só os colocava em extrema desvantagem. Muitos pagaram o preço por isso com sopros e vida. Muito choro e muito sangue molharam a terra. E não havia nada que fadas pudessem fazer, pois tudo aquilo era atitude dos homens, posto que nem animais teriam coragem de tamanha brutalidade contra outros da própria espécie.

O embate e o horror auferidos àquelas pessoas duraram mais de uma hora, mas parecia toda uma vida para quem realmente perdeu toda uma vida, se não a própria vida. E o terror só diminuiu, dando lugar à melancolia de quem via o inimigo fugir, sem se felicitar por isso, quando surgiu no horizonte, que naquele dia pareceu tão distante e soturno quanto um

crepúsculo, a Cavalaria Real. Os heróis surgiram, embora parecesse sempre que os heróis surgiam tarde demais, quando não em cima da hora.

Havia um motivo na demora. Quando o Rei foi avisado da gravidade da situação no porto, toda a sua tropa militar foi deslocada para lá. Apenas no meio do trajeto, e do combate já iniciado, outro agrupamento, menor do que o destacado ao porto, foi deslocado apressadamente para o centro. E tudo isso estava dentro dos planos de Jamil, que há meses preparara com perspicácia cada detalhe do ataque!

Muitos piratas foram mortos no porto, mas a maioria já havia se posto a fugir antes que qualquer cavalaria aparecesse. E isso incluía Jamil, que não se esquecera nem mesmo do pai carcomido e moribundo, carregado em uma maca por piratas robustos cientes do que aconteceria aos pescoços se o deixassem cair no trajeto.

E, no centro, eles também fugiram à menor visão empoeirada dos cavalos que emitiam vibrantes galopes em direção ao caos.

Por mais que os raios de sol já tocassem o firmamento, ainda assim eram esquivos e sabiam se tornar invisíveis em centros urbanos. Entretanto, aqueles que não se tornaram invisíveis morreram na lâmina fria da espada de homens de bem.

E quando o Mal se dissipou temporariamente, e quando o silêncio que precede o esporro da guerra ecoou solitário, chegou a hora mais triste de todas; a visão de uma realidade que ninguém gostaria de ratificar. Era como se cada sobrevivente daquele ataque tivesse visto a carcaça de uma avó devorada por um lobo assassino quando era apenas uma criança pura. E a pureza dava lugar ao desespero. E o Criador e todos os semideuses sabiam que isso era apenas um passo para a loucura. Ninguém, ninguém mais dos que ainda sobreviveram viu naquele momento uma dama de vermelho passar por aquele centro, com seu vestido carmesim e lágrimas vertidas de um lado só. E, se ninguém a viu aparecendo, também não a viriam desaparecendo daquele triste campo de batalha. Chorando.

Como se nunca houvesse existido.

João Hanson levantou da cama em um pulo, engasgando um grito abafado. O nariz sangrava como nunca. E aquilo assustou a mãe, a irmã e o pai que não dormira direito pensando no papelão vivido na frente de um príncipe e da filha que tanto amava, e tinha exatamente o excesso de zelo e amor como maior adversário.

A família não sabia mais como tratar a doença de João, que se manifestava sem explicação lógica e também com outros sintomas concomitantes. Por muito tempo, inclusive, acharam que havia se curado, pois meses, e até anos, passaram sem que se manifestassem tais sintomas. Mas, em pouco tempo, e em intervalos cada vez menores, o nariz de João começava a sangrar, como se o corpo humano fosse desprovido de um micro-organismo natural para estancar as feridas.

Algun tempo depois de João acordar daquela forma, vieram os gritos. Pessoas desesperadas mandavam trancar as portas das casas, clamando para que todos se protegessem como pudessem. Para sorte daquela família, mesmo correndo o risco de bancar novamente o papel de bufão, o senhor Hanson acreditou que não se tratava de um trote e correu para trancar portas e janelas e toda entrada possível de existir.

Mais, buscou a velha espingarda e deixou-a pronta para uso.

Assim como já foi explicado, a pólvora não era muito popular; mesmo os caçadores tinham de consegui-la com mercadores ilegais, mas as pessoas já se davam conta de seu poder, o que poderia em pouco tempo mudar todos os rumos do mundo inteiro. Entretanto, as armas de fogo de Nova Ether, como aquela espingarda do senhor Hanson, eram extremamente duras e difíceis de manipular. Muitos já haviam deslocado o próprio ombro com o recuo violento que a arma fazia quando disparava, isso sem contar o barulho exagerado e assustador.

Ninguém estranhava, portanto, se andasse por aí e cruzasse com a maioria esmagadora de guerreiros que preferisse muito mais o silêncio, a rapidez e a agilidade de uma flecha do que todas essas características das armas de fogo de Nova Ether.

Mas como não possuía arcos, e nem mesmo bestas no interior do casebre, foi com uma espingarda que o senhor Hanson se armou para se proteger.

Afastada alguns poucos quilômetros do centro comercial atacado, o que mais tarde foi considerado um milagre por aquela família, a casa da família Hanson não foi atacada, como seria se fosse diferente sua posição geográfica. Entretanto, pelas brechas ali existentes, eles viram muitos homens correrem na direção contrária de uma cavalaria que parecia tremer a terra por onde corria, como os piores terremotos que acontecem apenas nas terras à noroeste de Arzallum.

Por muito tempo ainda, permaneceram dentro do casebre, antes de tomarem coragem para se

mostrar às ruas. E

caminhavam lenta e pesadamente como zumbis, procurando por almas vivas. Os olhos arregalados tentavam entender o acontecido, e a mente perturbada buscava a resposta de um enigma que denunciava a terrível maldição abatida. João viu de longe o casebre dos Narin, e também a jovem Ariane, assustada como apenas uma vez na vida estivera.

E os Hanson foram andando, junto a tantas outras famílias que escaparam dos ataques devido unicamente à posição geográfica dos casebres. E todas elas caminharam quilômetros sem perceber a distância, pois cada vez mais apertada eram elas em corações. Pessoas puras chegaram ao centro comercial, o qual todos os dias costumavam visitar e para onde muitos parentes haviam se dirigido mais cedo com o intuito de trazer alimento para sua gente, e saíam maculadas.

A visão era trágica. Parados, parecendo tão menores do que eram no mundo, João e Ariane gravaram a visão daquele centro destruído. Das barracas derrubadas, das queimadas, das devastadas. Todas saqueadas. Todas. As casas que ali se encontravam pagaram o preço de se localizarem no centro comercial, o que as encarecia anteriormente na hora da venda. Veja que destino irônico!

Mas o pior era a visão das pessoas. O choro desesperado de quem havia perdido tudo era real, o choro das crianças, e impressionava como o choro desesperado de uma criança era capaz de perfurar tão profundo a alma de um adulto sem guarda, e das mulheres que afundavam rostos no peito dos maridos desolados. Algumas caíam de joelhos e se agarravam ao tecido da calça de homens cujos olhares eram os de quem não sabia nem mesmo o porquê de o mundo girar daquela forma. E o que dizer dos cachorros que lambiam os rostos dos corpos mortos dos donos, achando tratar-se de uma brincadeira macabra?

Um senhor de idade era ajudado por outras pessoas, pois estava sofrendo uma parada cardíaca. Uma mãe que não sabia onde estava o filho recém-nascido tinha de ser contida para não se jogar dentro do primeiro poço em desespero. Meninas puras tinham os vestidos rasgados, os olhos inchados. Uma egrégora de revolta tomou conta daquele lugar e um desejo desolado se espalhou de uma forma etérea, como é bem propício a um mundo chamado Nova Ether. E nenhuma daquelas pessoas havia ainda visto o porto destruído. Ah, e graças aos semideuses, não o fizeram.

Teriam enlouquecido de vez se isso acontecesse.

Rei Primo Branford chegou imponente, montado em um cavalo real que possuía manchas brancas no pelo, como é típico dos cavalos tobianos. Foi pessoalmente conferir o acontecido no porto da cidade, pois nenhum homem, nem mesmo este contador de histórias, teria competência suficiente para descrever tamanha visão de horror em meras palavras frias. O que disse, ratifico, em tal papel, tento expressar o que significavam aquelas visões, mas posso apenas passar algo próximo do real sentimento de desespero que tomou conta daquele povo naquele dia. E nem mesmo a presença concreta de um Rei, não importa se o maior ou o pior de todos, poderia mudar aquela sensação de que o futuro parecia pior em perspectiva imaginária.

Primo e seu cavalo cavalgaram como um só, mesmo que com sentimentos diferentes, já que haveria de ter sido uma chacina de cavalos para que o corcel sentisse o que o cavaleiro sentia. Uma imensidão de vermelho-sangue tomou conta daquele porto; sangue de soldados e de tantas outras pessoas.

Inocentes. Por todo o local, havia a presença do sentimento de injustiça que corteja um ser humano diante da morte de inocentes.

Tão ruim quanto era ver os emblemas reais manchados. Pois eram homens com famílias para alimentar e uma pátria a servir, como serviram, e muito bem. E as crianças? Meninos de rua. Inocentes. As mulheres que viviam para divertir os marinheiros, se não estivessem mortas, estavam em situações deploráveis, o que era lamentável. Primo se perguntava onde estava aquele Reino de paz e prosperidade que construía. E

também o que fizera para o Criador jogar tal situação em suas costas, tendo uma nação novamente disposta a ver seu Rei provar ser realmente o Maior de Todos. Quando estão nas piores provações, as pessoas buscam suas maiores virtudes e suas maiores forças e renascem mais fortes.

Ou sucumbem de vez.

E o Rei parou bem no meio daquela terra de sangue, apoiou o cotovelo direito sobre o dorso do cavalo e encostou parte dos dedos indicador e médio do punho direito fechado na testa, na cabeça baixa. E muitos soldados se arrepiaram com a cena, pois eles sabiam que, quando um Rei se desespera na frente de seus soldados, é porque dias piores virão.

Mas os soldados teriam chorado, e isso é fato, se pudessem ver o que aconteceu em seguida, após Primo resolver retomar o controle para ordenar um enterro digno às pessoas mortas ali e em outros lugares. Também providenciou que os feridos fossem tratados, e uma convocação geral e obrigatória dos médicos daquela cidade fosse feita. Mas foi quando o Rei ordenou que o cavalo fizesse uma meia-volta militar, que ela apareceu passeando entre os corpos.

Solitária. E chorando por apenas um dos olhos, vermelhos como o vestido e os fios de cabelo. Seria uma descrição como já feita anteriormente da sinistra dama etérea. Mas, dessa vez, foi

diferente. Pois, dessa vez, o Rei, com os próprios olhos, a viu caminhar por entre os corpos.

E, do alto do corcel, uma lágrima desceu por um dos lados de seu rosto.

Uma tocha foi aproximada do olho de um cidadão morto no centro de Andreeanne. Quem o havia feito fora um homem conhecido por muitas pessoas daquela cidade mais por sua excentricidade ao lecionar do que por outras qualidades: o professor Sabino von Fígaro.

- É... está morto mesmo! - a conclusão derivava da não contração da pupila com a aproximação da chama da tocha. -

Difícil pensar que há apenas dois anos esse rapaz deixou minha sala de aula...

Ao lado de Sabino estava Maria Hanson. Quando viu o professor, correu ao seu encontro e chorou em seu ombro.

Agora o acompanhava na busca por algum detalhe deixado.

Mal sabiam eles que aquele ataque havia sido planejado para não ter falhas, nem detalhes, nem nada por demais revelador.

Não?

- Foi uma tragédia! Essas pessoas perderam tudo neste ataque -

lamentou Maria.

- Sim, esse raciocínio qualquer um pode ter. A questão, senhorita Hanson, está em... por quê?

- Por que essas pessoas perderam tudo?

- Não. Por que esses ataques, feitos especificamente aqui e dessa forma...

- Mas como faremos para conseguir descobrir algo desse tipo, professor? - repare o "faremos" utilizado pela jovem.

- Com paciência. Você por acaso vai a algum lugar?

- Nem que eu quisesse.

- Então dê um jeito de arranjar uma pena, tinta e um local para escrever certos detalhes que irei lhe dizer - Maria era realmente a única aluna de Sabino que levaria aquilo a sério. -

Pois, enfim, a pátria precisa urgentemente de nós, senhorita Hanson. Sim, dessa vez, não há como negar.

"A pátria com certeza precisa de nós."

“João, o seu nariz não para de sangrar.”

Verdadeiras as palavras de Ariane. A pequena toalha quase não tinha mais espaços limpos para serem utilizados e ajudar a estancar o sangue. Mas, verdade seja dita, naquele momento o sangramento estava diminuindo. Mas, se ele diminuía, a dúvida e o medo aumentavam. Os pais conversavam entre si, e as crianças transitavam com certa liberdade.

E era essa certa liberdade que as fazia entrar sem pedir licença em locais que sempre viram, mas nunca imaginaram que um dia iriam adentrar sem pedir permissão. Tratavam-se das casas arrombadas e saqueadas dos pobres comerciantes que moravam ali mesmo no centro comercial da cidade. A casa mais próxima deles, onde entraram para conferir o estrago, foi a da família Basbaum e tinha mobílias dignas de uma família nobre, embora fosse o sangue de cor azul, como se todo sangue não fosse vermelho, que determinasse o status.

O senhor Basbaum jazia nas redondezas, e não havia sinal da mulher e da filha ali na casa. João e Ariane pediram às fadas que ao menos elas estivessem bem. Nada de valor ainda se encontrava. Nada. Tudo havia sido levado por seres tão inescrupulosos quanto assassinos. Inclusive, deixaram marcas nas paredes que chamaram a atenção da dupla.

- Olha isso, João! Desenho esquisito!

João parou em frente ao desenho indicado a ele e colocou uma das mãos no queixo em silêncio, como fazia sempre ao dedicar raciocínio extremo a uma situação. O desenho traçado na parede não fazia sentido. Tinha o formato de uma frase escrita com letras de uma pessoa de caligrafia ruim, mas não era lógica a junção das letras. Ficava algo como "LV OP GN Y

G" e uma letra musical no final. Ao menos era isso que parecia a João, o que só piorava suas dúvidas.

- Parecem siglas...

- Tem certeza de que aquilo é um "p", João?

- Não tenho certeza de nada, Ariane. Eu sei é que esse lugar tá me dando arrepios! - na verdade, essa sensação nada mais era do que resquícios daquele fatídico incidente aos sete anos.

Ficar trancafiado numa jaula escura, sendo alimentado até servir de refeição para uma bruxa canibal deu a João Hanson uma aversão a lugares fechados e escuros, o que podemos chamar de legítima claustrofobia, pois os sintomas eram os mesmos.

- Ei! Recoloca essa toalha aí no seu nariz. Tá sangrando mais ainda! Olha só, já sujou toda a sua blusa! - Outra verdade.

Quando João foi tentar entender o que estava escrito na parede, esqueceu por um instante do nariz, que começou a sangrar novamente de maneira intensa.

- Mas que saco, cara! Quando é que isso vai acabar? - resposta tão difícil quanto entender o que significavam aqueles desenhos.

- Esquece, daqui a pouco melhora! Vem, vamos ver se lá fora as pessoas já sabem mais do que a gente.

João e Ariane saíram da casa do comerciante morto. Não avistaram os pais e tinham a impressão de que isso não aconteceria tão cedo, pois cada vez maior era o número de pessoas que chegavam ao centro, buscando uma explicação que não receberiam para uma situação impossível de ser explicada naquele momento. E se passou pouco tempo até que as crianças e todo mundo naquela praça vissem um emissário real chegar ao centro. Quando todos achavam que traria explicações do fatídico acontecido ou ao menos ameaças de punição aos assassinos, descobriram que ele, na verdade, estava ali por outro motivo: - O Rei Primo Branford lamenta e chora profundamente os inocentes mortos nesses atos que marcam dia tão terrível.

Porém, para ajudar a salvar aqueles que se feriram em tal embate e não foram levados ao Reino das Fadas, Vossa Majestade exige a convocação obrigatória neste momento dos cidadãos de Andreanne com conhecimentos médicos para prestarem ajuda aos necessitados - e fechou o pergaminho.

Nada mais havia a ser dito, ou o seria. Murmurinhos ecoaram dentre a população, e quem tinha conhecimentos médicos, aos poucos, foi se destacando entre a multidão e seguindo para cumprir com as obrigações. Por isso, não demorou para os feridos receberem curativos nos corpos, e apenas nos corpos, pois o emocional daquelas pessoas permaneceria por muito tempo ainda abalado, e isso nenhum médico poderia mudar.

E Ariane e João enfim avistaram os pais, mesmo no meio de tantas pessoas. E foram na direção deles, até Ariane parar de repente em um solavanco. Parecia paralisada. E estava de verdade. Tudo por causa de uma visão. E pelo sentimento de saber que não era a primeira vez que a via.

Destacada no meio da multidão, lá estava a mulher de vestido carmesim que, assim como os contadores de histórias, parece ignorar as leis físicas das linhas do espaço e do tempo de Nova Ether, podendo estar inclusive em dois lugares ao mesmo tempo. Mas se, no caso de um Rei, o diferencial era que o Rei a vira, ali, naquela situação, não estava em saber que era Ariane quem vira a mulher de vermelho.

Mas não de que a mulher de vermelho sabia que Ariane a vira.

Uma linha vermelha rasgou o horizonte, e os poucos que puderam vê-la se maravilharam por alguns instantes. E

pararam o que estivessem fazendo, pois sabe-se lá quando, em suas vidas humildes, iriam ver novamente uma águia-dragão sobrevoar os mesmos céus que estavam acostumados a encontrar todos os dias. Tuhanny galgava as nuvens e mantinha um fascinante olhar fixo, como as águias imponentemente costumam ter, guiando um corcel e um mamute de guerra adolescente, atentos a ela para manter a trajetória. Ela sabia aonde seu príncipe queria chegar, e não me pergunte como nem por que seu cérebro era assim diferente dos das águias comuns, e a ligação com Áxel, muito mais parecida com a de um irmão gêmeo por outro do que com a de um dono por uma mascote. De qualquer forma, ela guiaria Áxel e Muralha de uma forma tão competente, que ambos não se perderiam ao menos enquanto fosse ela sua guia.

O corcel e o mamute de guerra causavam certa estranheza nos aldeões, que viam aquela estranha dupla passar correndo erguendo poeira, ainda mais acompanhada por aquele traço escarlata no ar. A velocidade que impunham aos trotes e galopes também era de certa forma impressionante, considerando o peso que continham. Enquanto Bóris, o corcel do príncipe, alcançava uma velocidade próxima de oito quilômetros por hora, o mamute de Muralha, com as longas patas que faziam o chão tremer quando se encontravam, variava entre seis e sete quilômetros, o que não era um diferencial tão grande assim, pois bastava o corcel diminuir um pouco o ritmo, que o mamute logo o alcançava novamente.

E, mesmo que ambos se perdessem completamente, bastava o perdido olhar o céu e seguir o rastro vermelho-fogo que o riscava como um fósforo, seja lá o que isso for exatamente. E, por mais rápidos que fossem os pensamentos de Áxel, eles ainda ficavam para trás um pouco. Perguntava-se como ficariam o pai, a mãe, o povo, a morada e mesmo aquela menina que nada era dele, mas que lhe povoava pensamentos.

Quando se lembrou da figura de Maria Hanson, o corpo ainda continuou a galopar no dorso do bravo corcel, mas a mente havia retornado a um momento inesquecível em cima de uma catedral.

- ... e o pobre menino ficou então conhecido como "veadinho cute-cute", pode uma coisa dessas? - havia dito Maria, fazendo o príncipe rolar e quase cair de toda aquela altura de tanto rir.

- Bem inteligente seu irmão, Maria! Ele também tem um senso de justiça forte, pelo visto.

- Não apenas isso. Na verdade, é fato que é apaixonado por Ariane desde que a viu! - ela sorriu. - Uma vez até encontrei uma poesia escrita por ele, escondida a sete chaves.

- Hum... e o que aconteceu?

- Ele rasgou a folha, tadinho! Me senti muito culpada. Ah, Áxel, mas era tão lindinha a poesia...

- Imagino que fosse - aquele jeito de menina escondido em adolescente responsável era de certa forma admirável. - Mas, Maria... o que é isso? - Áxel, que nesse momento alisava o braço de Maria, chegou às cicatrizes de queimaduras leves.

- Oh... não é nada. É apenas a lembrança de algo que eu gostaria de esquecer. Mas se você fizer questão...

- Não, não faço. Se quisermos mesmo esquecer alguma coisa, temos de evitar pensar nela - o príncipe olhou para o céu estrelado. - Vamos falar de outra coisa. Está vendo aquela estrela? - e ela estava. - Aquela é Blake. E se trata de uma das estrelas mais brilhantes e a mais romântica que o firmamento teve a honra de conhecer...

Aos poucos, as lembranças em construção foram fragmentadas. Exatamente como a sensação de um galope, e era isso que aquele corcel fazia com a lembrança de um flerte real. Era incerta a possibilidade de Áxel ver Maria novamente, ou mesmo qualquer pessoa de sua cidade. O que sabia, pois isso era fato, era que as Sete Montanhas ficavam na divisa de Arzallum e do Reino de Cálice, comandado pelo tio, Rei Segundo Branford. Por três ou quatro cidades, ao menos, teriam de passar antes de chegar até lá, e, de acordo com suas previsões, três dias ao menos levariam para isso, se "descanso"

não estivesse em seu caminho. Muita ingenuidade do príncipe, obviamente, estava em achar que conseguiria um feito desse em três dias, mas ninguém, se não um Rei, tem moral para questionar as decisões de um membro da realeza de tamanho porte.

E Áxel olhou para o céu brilhante. Podia parecer loucura, mas os olhos acreditavam que, mesmo naquele céu azul e brilhante, ele conseguia ver a luz de uma estrela, muitos anos-luz dali. Não importava o que diriam os sábios, a estrela de Blake, o astro do amor, estava olhando por ele naquela caminhada, e ele tinha total crença nisso. Por isso, pediu em pensamentos, da forma mais humilde que um príncipe poderia fazê-lo, que olhasse também por Maria Hanson. Ele sabia que as estrelas costumam ter seus donos e, que o desculpassem os antigos donos de Blake, mas aquele astro, a partir da noite anterior, seria de dois jovens de destinos tão incertos quanto ver o brilho de uma estrela em pleno céu azul. E por isso, naquele momento, diante de seus semideuses, o príncipe tomou a posse do astro.

E quem, já tendo amado uma vez na vida, iria culpá-lo por isso?

Sala Redonda do Grande Paço, portas fechadas, mesa octogonal. Sempre que essa situação ocorrer, e aquela sala se fechar para uma reunião do Rei com os Sete Conselheiros de Andreanne, saiba que isso significa assinar um termo de compromisso garantindo que as coisas estão fora de seus eixos em Arzallum.

- Vossa Majestade... - a voz vinha do Conselheiro mais corajoso, capaz de quebrar um silêncio de quase cinco minutos, imposto por um Rei com olhar fixo em um ponto, em divagação.

- Repeti - disse o Rei em tom baixo, ignorando o Conselheiro, como se fosse ele o primeiro a quebrar o silêncio. - Quais foram os responsáveis pelo ataque no centro de Andreanne? -

Primo não dirigiu a pergunta a ninguém em específico.

- Os Sombras, Vossa Majestade. De acordo com os relatos dos sobreviventes, essa facção foi a responsável, mas teve ajuda de um segundo grupo maior - quem respondeu ao Rei foi o mesmo Conselheiro que teve coragem de quebrar o silêncio real. Tratava-se do Conselheiro Azul, afinal, cada Conselheiro era tratado por uma das sete cores, mais Primo. Uma forma encontrada de ignorar o sangue nobre ou mesmo a figura pessoal de cada um e se concentrar apenas no que representavam em serviço à pátria.

- Afirmando que só existem duas formas de evitar um novo espetáculo de horrores e responder à altura de tais animais selvagens: sítio ou guerrilha urbana - nunca em toda a história aqueles Conselheiros, acostumados por muito tempo, desde a Caçada de Bruxas, apenas a votar assuntos leves como a reconstrução ou não do Reino, haviam visto Primo novamente tão frio e seco como daquela forma. - Verde?

- Guerrilha - o voto partia de um Conselheiro que sempre buscava a esperança de tempos melhores.

- Vermelho? - Primo virou-se na direção da parte da mesa octogonal com um rubi à frente da cadeira.

- Guerrilha - o Conselheiro Vermelho não havia pensado muito. Impulsivo como era, na verdade, mesmo se Primo nada dissesse teria ele proposto exatamente tal solução ainda assim.

- Laranja? - uma pérola estava fincada na parte da mesa do Conselheiro.

- Sítio - Laranja tinha seus motivos, mas apenas os falaria se o Rei assim ordenasse. Cordialidade era sua maior característica.

- Amarelo?

- Abstenção - isso era permitido. Um Conselheiro poderia pedir uma vez a abstenção em uma

primeira rodada, e seu Rei poderia aceitá-la ou não. Amarelo era conhecido por ser o de maior intelecto, e isso justificava o tempo maior que demorava para ponderar sobre a questão. Por isso, seu voto costumava, algumas vezes, valer simbolicamente por dois.

- Aceita. Púrpura? - continuou o Rei com o jeito secarrão.

- Sítio - esse era sempre quem mais se preocupava com as consequências geradas pelos votos daquela sala redonda ao povo.

- Preto?

- Abstenção - esse Conselheiro costumava sempre pensar nas piores consequências para todos os atos e, por isso, caso houvesse uma possibilidade mínima de morte de inocentes, preferia se abster. Sempre.

- Aceita. Azul... - repare que dessa vez não era uma pergunta, mas uma intimação.

- Abstenção - Azul pensou muito sobre seu voto, mas ainda não estava certo se apenas uma das duas soluções propostas por Primo seria mesmo a melhor solução. Era de longe o Conselheiro de maior intuição, e isso fora muitas vezes provado, e exatamente por isso era o último a votar, para que seu voto não influenciasse os outros Conselheiros.

- Negado - como dito, seu voto sempre era bastante aguardado. Azul mordeu o lábio, como se já soubesse que aquilo aconteceria. A votação estava empatada, embora Primo, representado pela cor branca, ainda não tivesse dado seu ultimato.

- Sítio, voto justificado - outra regra da Sala Redonda. O

Conselheiro poderia, ao votar, pedir um voto justificado, e então o Rei aceitaria ou não escutar sua justificativa.

- Aceito - e todos se viraram e concentraram a atenção no Conselheiro.

- Vossa Majestade, acredito no estado de sítio como melhor escolha neste difícil momento apenas porque a guerrilha urbana seria uma pior solução. E digo isso porque minha intuição diz que, se começarmos uma guerra civil neste momento, perderemos o controle da população, dando adeus a qualquer governo sadio neste Reino...

Os Conselheiros se olharam. Os que votaram pelo "sítio"

pareciam concordar, embora por justificativas diferentes. Já os que votaram pela guerrilha urbana, não pareciam convencidos a mudar de idéia.

- O que aconteceu hoje enervou a população e sinto que ela está em um estado de choque tal, que uma guerrilha explodiria revoltas e faria surgir diversos candidatos a herói neste Reino - concluiu o Conselheiro Azul.

- E por que esse receio em ver surgir heróis? - perguntou o Rei.

- Porque heróis só surgem, Majestade, quando existem vilões -

o Conselheiro falava de forma lenta e pausada, escolhendo palavras, e mais parecia jogar um dominó de vidro. - E até agora ainda não temos um grande vilão. São apenas piratas e mercenários assassinos, e nada mais.

- Temes então que a guerrilha urbana possa mudar tal status?

- Perfeitamente. Vossa Majestade, o que temo mesmo... é que a guerrilha urbana produza o vilão... que esses heróis precisariam ter.

Primo virou-se para o outro lado, e isso queria dizer que estava satisfeito com a justificativa do Conselheiro. Já este suspirou, pois nervoso ficava quando aquele pedia sua justificativa. Não é fácil se justificar a um Rei irritado, pois não se pode menosprezar a opinião real nem fazê-la diminuta ou ridícula. Deve-se mostrar imponência, certeza, sabedoria, mas, ao mesmo tempo, humildade. Definitivamente, não era dos trabalhos mais fáceis. E um silêncio mais uma vez se fez.

Era hora do voto e da decisão do Rei, que descansava o queixo no entrelace dos dedos das mãos.

E o ultimato foi dado: - De acordo com este Conselho, e com a autoridade a mim atribuída, eu, Primo Branford, Rei de Arzallum, decido que seja determinado, portanto, o estado de sítio em todas as terras deste Reino! - e um punho real bateu firme na mesa, significando que não haveria volta na decisão tomada.

E sete punhos bateram firmes na mesa, o que significava a bênção de suas sabedorias naquela decisão.

Snail Galford entrou sorrateiro como sempre, e mais uma vez ninguém notou sua presença. Ninguém nunca notava. Mais ainda quando se tratava de um ambiente como aquele, de semi-escuridão, com diversas pessoas andando de um lado para o outro e falando ao mesmo tempo, rindo e jogando jogos de azar.

Acontece que Snail estava abaixo da terra, no melhor lugar que um bando de mercenários teria para se esconder em plena luz do dia, e em uma cidade que ganharia brevemente o status de sitiada.

Estava nos subterrâneos de Andreanne, o esconderijo perfeito descoberto por Jamil.

Sabe-se que Andreanne é uma cidade portuária. Graças a isso, era uma das pouquíssimas cidades de Nova Ether que possuía um sistema de esgoto com tubos que desembocavam diretamente no mar. Cada casa não possuía um banheiro próprio nem nada do tipo, mas ao menos existiam fossas espalhadas pela cidade, e essas, sim, tinham um sistema que levava os dejetos até o mar. Esse sistema fora uma das projeções mais brilhantes já feitas por um homem em toda Nova Ether, recebendo inclusive o título de honraria do próprio Rei Primo Branford pelo feito.

Mas o que importava era que muitos túneis tiveram de ser cavados e abertos para que os construtores reais pudessem fazer seu trabalho, e garanto que homens agiram com a eficiência de legítimas minhocas para isso. Dessa forma, algo parecido com cavernas interligadas se formaram no subsolo de Andreanne. Muito tempo ainda após as obras, esses locais e suas várias entradas foram patrulhados, mas o tempo foi passando e a preocupação com tais lugares acabou esquecida.

Ninguém jamais voltou até lá, ainda mais depois que começaram a surgir contos e lendas urbanas e populares sobre como monstros lendários fizeram daqueles subterrâneos suas moradas, incluindo crocodilos gigantes. Faça-me o favor.

Por muito tempo, porém, ali realmente se tornara morada de lendas sombrias, mas nenhuma delas fantástica. Tratava-se do grupo denominado como os Sombras, a guilda de ladrões com o maior número de integrantes que aquela cidade já tinha visto, embora fosse pouca a concorrência, e graças ao semideus. Eram eles próprios quem tratavam de espalhar tais contos e lendas nas tavernas, contando sobre "os terrores do subterrâneo", para afastar os mais ousados de seu obscuro esconderijo. Não, não foi à toa que Coração-de-Crocodilo escolheu aquele grupo especificamente para se unir, em vez dos rivais Fantasma, e a geografia de seu esconderijo foi um fator talvez mais importante do que os cem homens a mais que vinham no "pacote".

Tochas foram devidamente posicionadas já nos tempos em que serviam para a construção da tubulação de esgoto da cidade e apenas foram trocadas e reaproveitadas. Uma verdadeira

cidade subterrânea estava criada e, infelizmente, para o bom povo daquela cidade, frequentada pelos piores tipos. E Snail estava andando entre eles, sem sequer ter sua presença notada, ou, ao menos, destacada dos demais.

Logo ele chegou ao salão, porque os buracos abertos mais pareciam uma série de salões interligados por corredores subterrâneos, onde estava o próprio Jamil, e aí já seria muita audácia de sua parte ainda tentar não ser notado. Foi apenas questão de dar um passo, apenas um passo, para que a lâmina de uma espada média lhe arrepiasse o pescoço.

- Nome e pretensão! - duas exigências, simples, diretas e aliadas à lâmina de uma espada média, de perfeita compreensão. Quem segurava o cabo da espada era Mik, um gigantesco integrante dos Sombras, que, por isso, obviamente não tinha como conhecer os piratas de Jamil.

- Galford, Crocodilo.

- Deixe-o entrar, moleque! - ordenou a voz de Coração-de-Crocodilo. A palavra utilizada, "moleque", deixou o homem profundamente irritado, ainda mais por ser facilmente observável que Jamil e Mik não tinham idades muito diferentes. Mas não era o tempo de vida que o pirata levava em consideração na hora de julgar alguém mais ou menos crescido.

A espada foi tirada do pescoço com um resmungo injuriado, e Snail caminhou até próximo de onde Jamil estava sentado, ao lado de um homem que se autodenominava "Mestre Sombra", e mantinha o rosto pintado com um detalhe de um grande desenho de um olho aberto bem no meio da testa.

Ah, sim, Crocodilo achava o nome "Mestre Sombra" a coisa mais ridícula que já tinha escutado na vida, mas sabia fazer política.

- Trouxe? - o pirata também sabia ser curto e grosso, como um espelho que refletia na mesma proporção a imagem recebida.

Snail já não era de muita conversa mesmo e nem se deu ao trabalho de dizer algo. Em parte, Jamil preferia homens assim, pois muito mais úteis lhe eram aqueles de pouca fala que passavam despercebidos e cumpriam ordens com êxito. E o negro, vestido com a típica e já clássica bandana, virou a bolsa pequena e despejou o conteúdo na mesa.

Era um gigantesco diamante.

- Hum, muito bom, novato. Difícil de conseguir?

- Pouco. Com o caos armado no centro, as atenções da Guarda estavam em diversos lugares, menos na segurança de coisas como esta.

- Ei, por acaso esse é o diamante do Museu das Boas Memórias? - a pergunta partiu de Mestre Sombra.

Snail ignorou a pergunta. Sentir-se-ia patético se tivesse de prestar contas a um homem vestido de preto e com a cara pintada, mais ainda com um olho gigantesco bem no meio da testa.

- Bom trabalho. O próximo talvez seja um pouco mais difícil.

Algum problema? - perguntou Jamil.

- Agradeço por dificultar um pouco as coisas. Estava achando que teria uma vida entediante daqui pra frente - disse, fazendo o pirata gargalhar uma risada sinistra que ecoou por todo o subterrâneo e arrepiou qualquer ser humano que ali estivesse e possuísse uma alma para ser vendida.

- Prepotente você, não, garoto? - Mestre Sombra imprudentemente tentava um diálogo.

- Quem é o bufão? - perguntou Snail para Jamil, apontando o polegar na direção do homem, mas de uma forma tão natural e com um desdém e um sarcasmo tão evidentes, que o pirata se segurou muito para não soltar outra gargalhada ainda mais estridente que a anterior.

- Como... como ousa? - Mestre Sombra se levantou nervoso, puxando uma faca. Mik, aquele mesmo da espada média, correu também.

- Ei, Sombra, sente-se aí! Bem, já te disse que essa fantasia não dá certo... - o homem sentou-se, ainda mais irritado, mas uma coisa era bancar o macho com um novato impertinente; outra, com um pirata sanguinário já lendário.

E Mik avançou sobre Snail.

Certo, pode parecer que agora fosse o momento de um grande combate, e deveria ser realmente. Mas nem em momentos como esse Snail parecia perder a calma característica. Pois, ainda olhando para Jamil, como se nada estivesse acontecendo, ele esticou um dos braços e tinha a lâmina de uma faca na mão. E muito mais não precisou se preocupar, porque o movimento havia sido calculado para apenas se colocar entre ele e a corrida de seu atacante, como um portão de um castelo que se eleva quando intrusos tentam invadi-lo.

E Mik, que vinha correndo com a espada em punho, realmente parou a corrida bruscamente quando percebeu que um passo, mais um único passo à frente, levaria seus órgãos genitais diretamente para a lâmina de uma faca. Golpe baixo?

Bem, essa era a ideia. Mik, coitado, não ousou nem se mexer, pois, se Snail fizesse um movimento mais tangenciado com aquela lâmina abaixo de sua genitália, ele passaria a vergonha de falar fino pelo resto da vida.

- Qual é a próxima? - Snail continuava falando como se nada de mais estivesse acontecendo e com uma calma que lembrava um lago intocado pelo vento.

- Ah, sim! Tome... - e Jamil lhe entregou mais um pergaminho. Impressionava como em pouco tempo Snail havia aumentado seu conceito com o pirata mais rápido do que qualquer outro marujo jamais conseguira. E chamar Mestre Sombra de "bufão" na cara do próprio, coisa que Jamil esperava a hora certa de fazer, havia contribuído bastante para isso.

- Ah, sim! Pra quando? - Snail falou, bocejando.

- O mais rápido possível - e Jamil também bocejou por influência do bocejo de Snail. Nenhum sábio ainda explicou por que esse artifício humano era tão contagioso. Depois, o pirata pegou uma gorda garrafa de rum e começou a beber pelo gargalo.

- Tá certo! - Snail olhou para o assustado Mik, que ainda tinha uma faca abaixo da genitália. - E você, tá me olhando assim por quê? Tô com um olho pintado na testa, por acaso? - Jamil cuspiu em um movimento involuntário tudo o que estava na boca. Olhou e fez um gesto para Mestre Sombra, como se pedindo desculpas por não conseguir se segurar.

- Nã... não, que é isso? É... que... - ver seu comandado gaguejar como um adolescente na frente de um pai com um cinto na mão, só deixou Mestre Sombra mais irritado.

- Ah, então vai amolar outro, moleque!

E Snail saiu da sala, fechando com louvor o papel representado para conseguir a credibilidade desejada do líder máximo. E conseguiu, admito, pois foi quando saiu, e depois do "moleque", que Jamil voltou a beber seu rum e a fazer comentários para si próprio, enquanto colocava os pés em cima da mesa de madeira.

- Liga não, Sombra! Agora, fique chateado de eu insistir não, mas... tira essa coisa da tua testa enquanto dá tempo...

Entrada forçada. Gavetas arrancadas. Portas de quartos arrombadas (detalhe interessantíssimo). Janelas quebradas.

Pichações em letras grandes na direção de outra parede (esse, então!). Uso de tinta vermelha, provavelmente sangue.

Essas eram apenas algumas das estranhas anotações de Maria, enquanto seu professor Sabino observava tudo nas casas em que entravam, como se fosse um perito em investigação.

- Professor, aonde o senhor pretende chegar com isso tudo?

- Não me interrompa, senhorita Hanson! Não vê que estou trabalhando? - o professor continuou apertando os olhos atrás das pequenas lentes habilidosamente equilibradas sobre o nariz fino. E continuou a olhar cada coisa com os dedos no queixo, murmurando em intervalos de tempos "hum-hum".

Passaram-se mais algumas dezenas de minutos, e ele se deu por satisfeito. Ou pelo menos pareceu, pois mudou aquele olhar apertado e voltou a sorrir da mesma forma como em suas aulas, quando de bom humor.

- Quer ler tudo de novo para mim, por favor? - e o senhor sentou-se em um sofá de uma casa que não era sua, mas ainda tinha a sorte de ter um sofá, já que todo o resto parecia ter sido levado ou destruído pelos saqueadores.

Maria leu aquelas anotações e, pelo menos, mais uma dúzia, tão esdrúxulas quanto. Ou, ao menos, aparentemente esdrúxulas, vindas da fonte que vinham. O professor pareceu satisfeito com o que escutou, virou-se para a menina e perguntou: - E então, qual a sua conclusão?

- O quê? - assustou-se a jovem.

-Vamos, baseada em todas essas informações, qual seu raciocínio e sua conclusão sobre o ocorrido neste lugar?

- Professor... eu... eu... concluo que... se tratou de roubos e saques em massa!

- Não! Não! - Sabino se irritou. Muito. - Se você não tem raciocínio ou conclusão sobre o que lhe for perguntado, admita. Não finja conhecimento, admitir que não sabe nada pelo menos é mostrar que aprendeu alguma coisa! - Maria estava meio assustada, achando que as palavras de Sabino, ao mesmo tempo, faziam sentido, porém, era uma injustiça recebê-las, já que ainda não compreendia a situação por completo. - Você não concluiu que foi uma pilhagem em massa, Maria Hanson. Você chutou! Eu vou perguntar novamente: qual a sua conclusão de acordo com as informações que escreveu?

- Eu... não sei, professor.

- Pois eu irei lhe dizer, senhorita Hanson. O que aconteceu neste centro comercial não foi uma pilhagem, nem um saque, nem nada do tipo. Esses crimes até aconteceram, seria estúpido negar, mas o motivo disso tudo foi um aviso.

- Um aviso? Mas como? E para quem?

- Isso aí é exatamente o que nós temos de descobrir!

“ARIANE!”

- Já vou.

- Ah? - questionou assustado, João. - Que foi?

- Ué, você não escutou a minha mãe me chamando?

- Não, ué! Não escutei nada.

"ARIANE!"

-Aí, de novo!

- Cara, será que eu estou ficando surdo? É uma voz baixinha?

- Baixinha? Ela parece que tá berrando!

Ambos ainda estavam bem no meio do centro comercial, após terem saído de dentro do casebre onde viram os desenhos que pareciam siglas escritas. Ariane estava procurando a mãe em meio às pessoas que andavam assustadas de um lado a outro, depois da manhã de caos.

"ARIANE!"

- Caraça, que saco! TÔ AQUI! - berrou a menina, fazendo João arregalar os olhos.

- Aí, cara, na boa... ou é você ou sou eu quem está pirando por inteiro!

- Humpf! Eu acho que o seu caso não é loucura! É surdez! E

me ajuda a achar ela logo, que eu não aguento mais os gritos da minha mãe.

João subiu na estátua de Primo que ficava bem no meio do centro comercial e que teve não apenas a cabeça destruída na confusão como também foi pintada com um símbolo negro semelhante ao formato de um morcego mal desenhado. De cima da estátua, ele pôde ter uma visão aérea e geral do cenário urbano e, inclusive, avistar a senhora Narin, comentando imediatamente: - Ei, tá cheio de gente! Não vai dar pra encontrar sua mãe daqui.

- Ah, peraí - e Ariane, do seu jeito, também trepou na estátua sem cabeça para achar a mãe. - Claro que você não vai ver olhando pra esse lado, João. A minha mãe está chamando daquele... - e Ariane se virou. E viu a mãe. João também enfim a viu e disse boquiaberto: - É... pelo jeito eu ganhei! O caso era loucura mesmo.

E Ariane Narin arregalou os olhos. Pois a mãe realmente a estava procurando, olhando na direção deles e fazendo sinais com as mãos para que se aproximassem, com a intenção de voltar para casa. Isso tudo era esperado, e não haveria loucura nenhuma nessa situação perfeitamente aceitável.

Mas isso, claro, se a senhora Narin não estivesse agitando os braços lá no horizonte, a mais de cento e cinquenta metros da filha.

E mais uma vez um emissário real se posicionou bem no centro para declarar uma ordem do Rei. Abriu outro daqueles pergaminhos, tão charmosos a ponto de parecerem mágicos, porém, a única magia estava mesmo no charme ou na aparência. E todo aquele povo parou para escutar suas palavras, ditas sempre em alto e bom som: - Senhoras e senhores, cidadãos de Andreanne e de todo o Reino de Arzallum. Eu, como emissário real, aqui estou para declarar que, devido aos atos de terror provocados neste dia fatídico, e visando à segurança total da nação, o Rei Primo Branford decretou, com o aval dos Sete Conselheiros Reais, o estado de sítio nesta cidade e em todo o território do Reino de Arzallum.

E muitos murmurinhos tomaram conta daquele lugar. Muitos se assustaram quando souberam que o Rei havia determinado o estado de sítio no Reino. Outros resmungaram que era uma solução idiota. Alguns diziam que o melhor seria uma caçada imediata aos culpados. A maioria, que somava a quantidade dos dois grupos anteriores juntos, concordara com louvor com a atitude do Rei e seu sábio Conselho. O restante, bom, o restante tentava entender o que significava "estado de sítio".

Para esse pessoal alheio ao significado daquele ato, uma breve explicação. Quando um Rei determina "estado de sítio" em seu Reino, significará que nenhum cidadão de qualquer raça inteligente poderá entrar ou sair pelos portões de alguma cidade, dentro dos limites do território real, sem dar maiores explicações sobre seus passos. Também haverá restrição de horário para as pessoas permanecerem nas ruas, limitado pelo toque de recolher. Quem for encontrado nas ruas uma hora após o primeiro toque de recolher deve ser levado para passar uma noite nas celas reais, fato que aconteceria após um interrogatório por tempo indeterminado.

Os soldados também irão vasculhar todas as casas em tempo indeterminado, proibidos, porém, de saquearem mesmo o menor dos bens, ameaçarem qualquer cidadão sem motivo justo, revirarem móveis ou cometerem abusos de autoridade, ao menos em teoria. E aos cidadãos caberia não atrapalhar nem questionar o serviço dos soldados, nem lhes esconder nada que fosse pedido pela autoridade responsável. As portas e os portões de entrada de todas as cidades serão reforçados, como serão necessárias autorizações especiais concedidas apenas por representantes reais para uma pessoa sair de sua cidade atual, independentemente de se tratar de um morador nativo ou estrangeiro.

Também serão pagas pequenas recompensas aos que fornecerem informações importantes. E recompensas mais altas para quem denunciar os esconderijos dos principais líderes inimigos. Outro artifício interessante do estado de sítio era a diminuição da pena, e até mesmo quase o perdão, dependendo dos crimes cometidos, dos indivíduos pertencentes a organizações criminosas, em troca de informações verdadeiras para se chegar aos grandes culpados.

Essa medida era, portanto, assumida apenas quando necessário um cerco a uma determinada ameaça, exatamente como aquela que acontecia. Esse estado também foi determinado na época

da sangrenta Caçada de Bruxas. Primo não era Rei naquele momento, mas sim o Conselheiro Vermelho, e tomou para si a liderança do combate quando o último dos Ricelli, a antiga família real, morreu deixando o trono sem herdeiros. E fora após seu êxito como líder nesse momento, e por assumir tão vitoriosamente as rédeas de uma nação em pleno caos, que tanto nobres como plebeus e Conselheiros escolheram-no como o novo Rei no fogo da guerra.

Agora novamente isso era cogitado, o que era um terrível sinal. Parecia um retrocesso, quando o ideal seria sempre avançar. O desejo era que tudo fosse resolvido rápido, que, cercados, os homens fossem logo capturados e tudo terminasse bem. A última coisa que Primo e alguns Conselheiros desejavam era uma guerrilha urbana para gerar ainda mais medo, violência, heróis e vilões desnecessários.

Para que todas essas informações fossem enviadas, e para que a ordem se instalasse no Reino todo de uma única vez, diversos pombos-correios trabalhavam incessantemente, pois, de suas competências dependia a segurança do Reino. Em estados de emergência como aquele, pelo menos cinco pombos-correios eram enviados a um mesmo local para garantir que, se mesmo quatro morressem no caminho, ao menos um chegaria com a mensagem ao destino. Claro que também existia a possibilidade mínima de morrerem os CINCO pombos no caminho, mas era um risco a ser corrido, já que não haveria como enviar todos os pombos do mundo para todas as cidades de Arzallum.

E, dentro do Grande Paço, Primo imaginava como suas decisões dificultariam, ou não, a busca em que o caçula Áxel havia se metido atrás do irmão. Esperava que tudo desse certo o mais rápido possível. Exatamente como o cerco aos assassinos que ousaram levar o caos ao Reino, onde houve muita batalha para se livrar da pior ameaça: bruxas. Era só uma questão de tempo para que tudo voltasse a se encaixar.

Fariam o sítio, trancafiariam os culpados e reconstruiriam o que fora destruído. Esperava com fé no Criador que assim fosse. Contudo, mal sabia o Rei o que o Criador lhe reservava.

Apesar de achar que conseguiria, ele teve de parar. Áxel estava sentado próximo do corcel Bóris, bebendo em uma garrafa de água e comendo um "pão de minuto". Achava que conseguiria ir muito mais sem precisar parar e perder tempo, mas foi descobrir na prática e na marra que não apenas os montadores, mas também as montarias precisavam parar de vez em quando e se alimentar para prosseguir.

Ao seu lado, estava sentado um troll cinzento, com certeza absoluta, o único troll do mundo a montar um mamute de guerra adolescente em viagem. E mesmo um troll, imenso e com reserva de gordura extra, precisava se alimentar e muito agradeceu aquela parada momentânea.

- Pelos meus cálculos, Muralha, chegaremos a Metropolitan nas próximas seis horas - disse o príncipe, causando uma careta no acompanhante, o que é um detalhe digno de nota.

- Tem certeza disso? Nem se esse mamute voasse eu acredito que isso seria possível...

- Não, nós temos que chegar o mais rápido! Não quero virar a noite no meio dessa trilha de terra.

- Bom... só de convencer você de que não conseguiria dormir sobre a sela do cavalo já me foi uma conquista...

Tuhanny desceu dos céus para ficar frente a frente com Áxel.

Sempre que tinha oportunidade para fazer isso, o príncipe ficava hipnotizado pelo olhar da fêmea legendária, Senhora dos Céus e de parte de sua alma, embora ele não conseguisse muito bem definir o porquê dessa ligação natural. E o ser fantástico, talvez um dos mais bonitos que aquele mundo já conheceu, apenas se satisfazia com um gole de água e meio pão. Um afago de Sua Alteza lhe era um momento de apreciação, e logo, satisfeita, já cortava os céus, extasiada e desejando a aventura, guinchando o tradicional kiai de água-dragão.

O cavalo, Bóris, relinchou. Era como se dissesse que também estava satisfeito e pronto para seguir viagem. O mamute nem se manifestou, e ainda bem, pois muito estranho seria um mamute que entendesse os sinais de um cavalo, não é? Logo, sem perceber a prudência do Criador em não permitir que espécies de animais diferentes se comunicassem, Áxel e Muralha seguiram viagem.

"Um. Dois. Três."

Não, não vamos avançar nem retroceder as linhas de espaço e tempo, nem congelar um momento, nem nada do tipo. Já acabamos de fazer isso e você nem percebeu. E digo isso porque apenas agora vou mostrar Áxel e Muralha no mesmo espaço e tempo que a narrativa exige, para que, ao menos, dê a impressão de que os acontecimentos estão em ordem

sequencial.

Mas quem contou o um, o dois e o três ainda há pouco não fui eu, nem era meu desejo, mas o próprio príncipe Áxel Terra Branford.

- Mas que diabos está acontecendo? - perguntou extremamente confuso um príncipe.

As dúvidas de Áxel tinham uma explicação: há horas cavalgavam, ao menos o que estava no cavalo, pois não é fácil definir o termo correto para o que faz um troll em cima de um mamute, e, ao observar os céus percorridos por um ser fantástico como uma águia-dragão, surgiram de algum lugar tantos pombos reais, que fizeram com que o príncipe perdesse as contas.

Eles não voavam para os mesmos lugares, apenas se faziam companhia até determinadas marcações, aonde cada um ia, desvencilhando-se do bando e seguindo seu destino ordenado. Comum era realmente a utilização de pombos-correios em Nova Ether, mas nunca Áxel vira tantos ao mesmo tempo. E ainda mais os pombos-correios reais, reconhecidos por seus uniformes, já que mesmo um pombo real tem de vestir sua bandeira.

- O que acha que seja, Muralha? - berrou o príncipe, freando os impulsos de seu corcel para que se emparelhasse com o barulhento mamute adolescente de Muralha.

- Problemas, Alteza. Notícias com muitas explicações são sempre más notícias - não pense que, por ter o raciocínio comparado ao de adolescentes, trolls não tenham seus momentos sábios.

- E mais essa agora!... - Áxel acelerou ainda mais o corcel em uma estrada de poeira que já ia escurecendo e, cada vez mais, parecia não levar a cidade alguma. Ele só sabia que estavam na direção certa, pois Tuhanny cruzava os céus como gigantes tombando das nuvens e guiando-os melhor do que uma bússola faria, mas o receio não estava em errar o caminho e sim em errar o tempo.

E, por falar em Tuhanny, do alto de seu Reino aéreo ela tudo via com uma perfeição que os humanos jamais alcançarão, mesmo em um milhão de anos de evolução. E ela já havia percebido aquele número enorme de pombos-correios muito antes de um humano e um troll o fazerem. E teria respondido a eles qual o motivo de tamanha urgência, mas isso era impossível. Afinal, espécies diferentes não conseguem se comunicar entre si. Graças ao semideus.

Anoiteceu.

Naquele dia, ainda não haveria o toque de recolher. Mas isso se deu apenas porque o povo se reuniu na Catedral da Sagrada Criação para celebrar missas em nome dos mortos do porto e do centro comercial, e desejar uma boa passagem daquelas almas para Mantaquim, o Reino das Fadas.

Oito. Esse foi o número das repetições em um único dia que o jovem clérigo Cecil Thamasa fez de sua ladainha, na Catedral da Sagrada Criação. Esse número foi para suprir o número imenso de fiéis que queriam pedir ao semideus Criador e suas avatares que encaminhassem as boas almas de parentes falecidos para Mantaquim, intercedendo em seu julgamento cósmico e evitando que tomassem o caminho de Aramis, o temível Reino das Bruxas e morada das piores e sofridas almas.

Cada sessão, um grupo distinto. As primeiras, pelo início da tarde, foram para as famílias nobres, com uma das sessões contando inclusive com o Rei e a rainha, as seguintes, do meio para o fim da tarde, foram para os familiares dos soldados, e as últimas, mais à noite, foram para a plebe, contando com as famílias e amigos dos comerciantes falecidos. Dia triste. Muito. Uma cidade de corações apertados, viúvas em angústia e crianças ainda tentando entender o motivo pelo qual não poderiam mais ver os pais.

Seria desleixo meu deixar de afirmar que o clérigo Cecil sentiu bastante a energia negativa que se apossou do lugar, provavelmente fruto de tamanha tristeza e pesar de tantas pessoas. Na verdade, há tempos aquilo estava acontecendo: o clérigo sentia uma energia negativa na egrégora local, sugerindo que algo muito ruim ainda iria acontecer. Acabava sempre trabalhando para que o ambiente ficasse puro ali dentro da Catedral sob sua responsabilidade, mas aquele limite territorial era o máximo que poderia fazer. Apenas fazia com competência seu trabalho e rezava para que aquele povo estivesse pronto para o que o Criador quisesse lhe comunicar.

Cecil Thamasa era um caso nunca antes visto no sacerdócio semidivino. Muito mais a oeste, e além das Sete Montanhas, existe uma região chamada Quimera. Esse local era, e ainda é, considerado o lugar de maior concentração energética semidivina do mundo, e digo mais: sua importância naquele mundo etéreo era tamanha, que era considerado um Estado próprio e autônomo, apesar de seu território estar concentrado dentro do Reino de Cálice e não se interessar em ter sua própria legislação ou emissão de moeda. Na verdade, chamavam mesmo Quimera de "Coração de Nova Ether".

Muitos sábios teorizaram que inclusive para lá era enviada a energia dos pensamentos semidivinos dos semideuses, que então se distribuiria dali para o resto do mundo.

Bom, aqui entre nós, essa teoria é uma besteira, mas há certa lógica em entender que os sábios

e os filósofos a tenham concluído. Faz parte da evolução do raciocínio, e quanto mais evoluírem mais entenderão o funcionamento de seu próprio universo. Mas posso justificar minha afirmação. Acontece que nenhum local de Nova Ether vai deixar de ter mais ou menos concentração semidivina porque está mais próximo ou não de Quimera. Isso equivale a dizer que o Criador é injusto e separa as pessoas de acordo com seu gosto pessoal. Se Quimera realmente era o local de maior receptividade semidivina, isso acontecia não por uma atitude especial do semideus com os moradores daquele lugar, mas exatamente pelo contrário, por uma atitude especial das pessoas que ali viviam em relação ao Criador, e conseqüentemente aos outros semideuses.

Quimera era um local sagrado a partir do momento em que lá as pessoas só pensavam na própria evolução. Quando os devotos iam até lá, queriam se conectar ao semidivino e entregar a alma de coração aberto, desejando realmente descobrir qual o motivo de sua criação em Nova Ether. E isso era fé. E, em um mundo criado por um semideus, cuja existência é mantida por semideuses, a fé e a energia semidivina do pensamento movem sete montanhas.

Em Quimera, localizava-se o único templo do mundo autorizado por todo um quadro de Reis e clérigos a formar sacerdotes do semideus Criador. O Templo da Criação estava aberto a todos os que buscavam a evolução espiritual e queriam viver da devoção. Porém, também estava sempre aberto a qualquer pessoa que buscasse a própria fé e quisesse entender melhor o motivo de sua existência. É exatamente por isso, para presentear de forma justa aquela devoção exibida e verdadeira, o Criador criou e entregou aos sacerdotes um poderoso artefato mágico: as Pedras da Criação.

Quando as Pedras se manifestam em pura quinta-essência, isso quer dizer que algum sacerdote está apto a ostentar o título de clérigo, embora um legítimo sacerdote não tenha ego suficiente para ostentar qualquer coisa, senão o orgulho da fé.

Todos os clérigos possuem uma Pedra da Criação e com ela expandem a fé semidivina e produzem seus rituais e cerimônias.

A Pedra tem a cor rubra como um céu em chamas. Muito de seu visual lembra um rubi e pode ser confundido com um, acrescento, se não fosse pelo brilho anormal e propriedades semidivinas. Há diversos triângulos nas bordas, e muitos acreditavam que isso estava diretamente ligado com o número três, elo da conhecida ligação Semideus-homem-terra ou, em outras palavras, a pirâmide Criador-criatura-criação.

O nome era apto ao artefato. A pedra dava ao portador a chave que permitia acessar a dádiva da transmutação, da mudança, da gênese e toda forma de criação possível, ao menos na mente e intenção do utilizador. Era com ela, e graças a ela, que os sacerdotes conseguiam, durante os rituais, transformar água em vinho ou multiplicar pães na frente de famintos. Ela era a maior prova da existência de um Criador olhando por seus fiéis, e por isso era tão importante e valiosa.

Porque ela fortalecia a fé.

O Criador, entretanto, não iria entregar algo de tamanho valor sem exigir um preço. E não, antes que os venenosos se manifestem, nunca disse nem assinei nenhum termo que acusasse o Criador de "negociante" ou "mercador". Dou uma surra em qualquer um que ousar repetir algo idiota do tipo. E

espero que tenham escutado o que eu disse, com as orelhas limpas e enceradas. Ora, francamente! Apenas acho e admito que não me expressei bem. Deixe-me tentar novamente: para evitar tal artefato caindo em mãos erradas, sendo mal utilizado, o Criador definiu que as únicas pessoas capazes de utilizá-lo fossem aquelas que passassem por provas de fé.

Acho que agora consegui me explicar melhor: apenas os sacerdotes formados em Quimera, no Templo da Criação, eram capazes de utilizar tal artefato semidivino. Carregadas em forma de um cordão que estava sempre aceso feito um vaga-lume escarlate, os sacerdotes autorizados penduravam tais pedras no pescoço, coisa que poderia ser forjada por qualquer farsante, e a utilizavam quando necessário, coisa que farsante algum jamais poderia fazer.

Não apenas isso bastava para que os poderes e os pedidos se manifestassem, contudo. Na verdade, também não bastava apenas fé. Não era porque um sacerdote perdia acidentalmente a casa para chamas iniciadas por uma tocha derrubada por um vendaval que poderia agarrar a Pedra da Criação e desejar a reconstrução em nome da fé. Nem mesmo teria direito se fosse para obter dinheiro para o pão. Um detalhe diferencial, essencial e definido pelo Criador para que a Pedra funcionasse, era que todo pedido deveria ser feito pelos sacerdotes com pura fé, sem buscar benefício próprio ou ganho pessoal.

Deveria ser, portanto, um pedido puro, verdadeiro, honesto e fidedigno. Nada mais do que era ensinado nas lições escritas e passadas por avatares e outros representantes semidivinos do Reino das Fadas, como o sagrado Christo, que Mantaquim o tenha, Merlin Ambrosius. E como é difícil ilimitar a mente quando não em proveito de si.

Por tudo isso, a Pedra da Criação era o artefato mais poderoso do mundo, mas apenas nas mãos dos maiores devotos do mundo. Era um elemento de luz e destinado a trazer luz. E

todo o sacerdócio sabia que luz nada mais é do que um corpo bruto da energia semidivina.

Quando um sacerdote morria e sua alma, esperamos, encaminhava-se para Mantaquim, sua Pedra da Criação era cravada em um ponto acima do altar de cerimônias de sua Catedral e representava a memória daquele servo religioso. O

mais místico de toda essa história é que, no momento da morte do sacerdote seguinte, a antiga pedra ali cravada se rompia e virava pó, tornando-se energia antes mesmo de tocar o chão. Já o local ficava ali, vazio, esperando que a pedra do último sacerdote falecido fosse posta no lugar da antecessora.

A Catedral da Sagrada Criação em Andeanne possuía com muita honra a pedra rubra do falecido clérigo Manson, e Cecil sempre o reverenciava nos cultos locais, não deixando de

imaginar o dia em que seria a sua vez de se encaminhar ao Reino das Fadas e servir àquele local com a própria Pedra carregada no peito. Esse dia poderia estar longe ou bem próximo, de acordo com as decisões e atitudes que teria de tomar em pouco tempo. E em breve ele iria descobrir.

Ainda era noite do Dia do Fogo quando Áxel Branford parou seu percurso. O corcel necessitava de descanso, alimentação e boa noite de sono. O único ser vivo que parecia não necessitar disso era o próprio príncipe cavaleiro, que não conseguia dormir de jeito nenhum com toda aquela vontade excessiva de prosseguir. Bom, quanto a essa parte, seu corcel estava se lixando para ela.

Já Tuhanny o entendia. Sempre. A águia-dragão tinha o mesmo desejo de seu príncipe e agora percebo como é difícil explicar essa relação quase sobrenatural do príncipe com sua mascote, pois muito pouco, quase nada, na verdade, falei sobre Tuhanny. Ao longo da narrativa, nem mesmo a forma como ambos se conheceram foi contada. Mas lembro-me; ah, sim, disso me lembro bem, disse que um dia que não hoje esse encontro será contado.

Mas não pense que Tuhanny não esteve presente antes na história de Áxel. Ou quem você acha, por exemplo, que era a estrela cadente escarlate que abençoou o beijo de Áxel e Maria na Catedral da Sagrada Criação? Na verdade, Tuhanny sempre estava acompanhando os passos do príncipe, mas era a Rainha dos Céus, e lá do alto só poderia ser vista quando permitisse. Áxel, porém, não precisava vê-la para saber onde estava, ou se estava bem ou mal. Ele podia sentir como ela se sentia.

Bom, se o corcel estava pouco se lixando para a opinião de Áxel, muito menos se importava com a opinião de uma águia, fosse ela normal ou dragão. E, por isso, descansava feliz da vida sem nenhum peso na consciência, até porque em sua cabeça só sabia que precisava correr sem destino, carregando um doido nas costas e nada mais conseguia compreender.

Uma fogueira estava acesa. Isso tinha dois motivos: aquecer o corpo e afastar animais, embora também existisse a possibilidade de que outros animais fossem atraídos pela mesma fogueira. Não importava, não era essa a preocupação de Áxel naquele momento. Ao seu lado, estava Muralha.

Acordado. A partir daquelas horas, cada vinte e quatro horas a mais que não pudesse dormir iriam influenciar diretamente no estado físico e mental, o que deve ser sempre pensado em grandes proporções quando o assunto é um troll.

- Acho que errei meus cálculos, Muralha!

- Por que diz isso? - perguntou o troll, enquanto mordida um pedaço de coxa de frango trazida crua e assada ali na fogueira.

Comia-a cozida, como poderia também tê-la comido crua.

- Acho que deveríamos estar muito mais longe do que estamos. Desse jeito, temo levarmos muito mais do que quatro dias para chegarmos aonde deveríamos.

Na verdade, aqui entre nós: Áxel realmente havia se enganado. Sua viagem, no mais rápido dos corcéis, levaria ao menos uma semana de corrida sem intervalo para chegar de Andreeanne até as Sete Montanhas. A par disso, continuemos.

- Então, vamos descansar em Metropolitan e também em outra cidade que esteja no caminho.
- Não lhe trará más recordações voltar a Metropolitan?
- Não, meu senhor. Agora sou livre, membro de uma comitiva real, e isso significa a volta por cima para um troll cinzento.
- Com certeza, bom amigo. E acho que você tem razão. Já que a viagem vai demorar mais do que eu esperava, que então descansemos devidamente. Vamos parar em Metropolitan para descansarmos, está certo?

O troll sorriu, se é que trolls podem sorrir, e olhou para o céu, onde, naquele momento, a estrela mais brilhante era Christie, a que nunca se apaga. E era por estar hipnotizado com tanto brilho, que o troll não percebeu o olhar distante de Áxel Branford. E esse olhar era derivado de um desejo: uma prece silenciosa feita naquele momento em silêncio, do fundo do coração intranquilo, ao semideus Criador.

E o Criador com certeza o escutou.

Ah, sim, posso garantir a você, com certeza absoluta, que Ele o escutou.

E todas as armadilhas foram desarmadas. E todas as fechaduras, destrancadas. E todos os guardas, silenciados.

Nada mais impedia Snail Galford de entrar no último cômodo daquela mansão de nobres corruptos, que negociavam secretamente com os Sombras a lucrativa venda de alucinógenos proibidos que enlouqueciam pouco a pouco seus usuários. Snail não se tratava de nenhum herói que roubava dos ricos para dar aos pobres, como Robert de Locksley; estava era muito mais para um ladrão que roubava dos ricos para si mesmo, e só porque dos pobres não tinha o que roubar. Naquele momento, porém, o fazia como missão para seu líder, Coração-de-Crocodilo, e isso equivale a dizer que o fazia para sobreviver.

O local era a mansão nobre da família Gardner. A porta que estava destrancando, e esperava que fosse a última, dava acesso ao escritório do senhor Gardner, o chefe da família e do tráfico de pó de fadas também. Lá estaria o colar de cento e oito contas, considerado uma das jóias mais caras do mundo, exatamente por ser única, sem réplica, e ter a fama de possuir o poder místico de cento e oito vidas, por ser utilizada ao longo da História nos cânticos e rituais de oração de cento e oito monges. Snail destrancou enfim a fechadura e entrou no quarto, soturno como um roedor que não desejava chamar a atenção.

O local estava escuro, a única luminosidade era a lua prateada a invadir a janela. E o rapaz sabia que não seria preciso procurar nem desarmar nenhuma armadilha, o que era uma surpresa. E a surpresa maior não se dava pela consequência dessa informação, mas sim a causa. Snail notou que não precisaria fazer nada disso, pois outra pessoa já havia feito.

Uma mulher.

E, se você não entendeu a ênfase demasiada a esse detalhe, é porque então não entendeu profundamente a surpresa causada por essa informação em Snail Galford. A roupa dela era preta, exatamente como a dele, mas muito mais leve, colada no corpo. A mulher, na verdade, era uma garota branca, de cabelos lisos, ruivos e curtos até a altura dos ombros, aparentando uns dezessete anos.

A distância da caixa de madeira em cima da mesa entre Snail e a jovem, que também ficou surpresa com a entrada dele, era bem parecida. Tanto que Snail foi andando calmamente, enquanto a jovem fez o mesmo. Pararam os dois, um de frente ao outro, com a mesa e a cobiçada caixa entre eles.

- Certo, pra quem você trabalha? Fantasmas? - perguntou Snail, com as mãos nos bolsos do casaco negro que vestia.

- Eu tenho cara de fantasma, por acaso? - respostazinha malcriada.

- Pior que tem... - a calma de Snail e a cara de deboche davam a perfeita impressão de que um dia a Ironia e o Deboche resolveram se materializar ,em corpos humanos e assaltar ao mesmo tempo a mesma mansão.

- Tá me chamando de "branquela"? - ela perguntou, e Snail achou graça.

- Bom, eu não ia dizer nada, mas...

- Certo, se eu então tenho cara de fantasma, você então deve ser um dos Sombras, né?

- Eu tenho cara de sombra, por acaso?

- Pior que tem... - e ambos sorriram e transformaram a situação absurda em um absurdo ainda maior.

- Bem... eu admiro você ter chegado até aqui. Agora, não me leve a mal, pois não é nada pessoal, mas tenho de levar o conteúdo da caixa - disse Snail. Na verdade, nem lhe passava pela cabeça encontrar Jamil sem o que lhe fora pedido.

Poderia ficar sem a cabeça para lhe passar o que quer que fosse no futuro.

- E eu lhe digo que isso não vai acontecer...

- Menina, você fala firme. Mas teria de ser mais rápida e melhor do que eu nisso. E, bom... ninguém é melhor do que eu nisso.

- Nós vamos ver.

E duas mãos foram colocadas na mesa. A jovem branca destravou a caixa. O jovem negro permitiu. Ambos se olharam por mais um instante.

"E um. E dois. E três."

Ela abriu a caixa; e, mal o fez, Snail já BATEU a tampa, quase esmagando os dedos da jovem, que os retirou por puro reflexo!

- Seu idiota! Meus dedos...

- Ah, menina, vê se cresce antes de querer brincar como gente grande - ele se virou para ir embora.

- Ei, desistiu, é? - a garota disse isso com um dos dedos ainda um pouco vermelho, enfiados na boca. - Para mim, isso é uma sábia decisão.

Snail parou. Virou-se com uma cara de tédio e um cinismo escancarado: - Tá certo, menina. Vai, que eu quero ver a sua cara de besta!

Abre.

A jovem tremeu. Isso porque aquele negro falava cheio de uma convicção impossível. Ela própria sabia que era impossível ele ter conseguido pegar a jóia naquele intervalo mínimo de tempo em que ela abriu e ele próprio fechou a caixa de madeira quase em seus dedos. E, mais, sem que ela tivesse visto! Era impossível. Tinha de ser impossível.

E suando ela abriu a caixa.

E descobriu que o impossível não existia.

- Satisfeita?

- Você pensa que eu sou idiota, né? É óbvio que a caixa já estava vazia, e você sabia disso. Você está indo embora de mãos abanando tanto quanto eu - talvez a jovem tivesse tentado ali um blefe, mas a provocação funcionou.

- Ah, certo. Isso aqui deve ser invenção da minha cabeça -

Snail retirou de dentro de um dos bolsos o cobiçado, mítico, místico e valiosíssimo colar de cento e oito pérolas.

- Obrigada por entregá-lo com tamanha boa vontade, senhor Sombra. Sabe muito bem como presentear uma mulher...

Snail não entendeu, a princípio ao menos, o que aquilo significava. Porque estava a metros da jovem e com o desejo de ambos bem acima das mãos. Sentia o peso da joia e sabia que ela jamais conseguiria se aproximar e pegar aquela preciosidade tão bem segura, ainda que fosse a ladra mais rápida do mundo.

Seria impossível.

Mas, no momento em que a jovem esticou o braço direito e abriu a palma da mão, tudo mudou. Pois a jóia.... ela... bom, ela saiu voando (!), como se houvesse se revoltado com a vida que não tinha e ganhado o livre-arbítrio para escolher o dono.

E, da mão de Snail Galford, ela própria se atirou até as da ladra.

E ele descobriu que o impossível não existia.

Muito tarde já era. Passada a meia-noite, com certeza.

Uma vela, porém, que já havia sido trocada ao menos três ou quatro vezes, estava se deformando cada vez mais devido ao derretimento da cera, e sua luz se enfraquecia como as ondas do mar, ao se aproximarem da costa. Isso prejudicava principalmente - e posso dizer unicamente, pois ninguém mais havia naquele cômodo - o idoso que se debruçava a cada hora sobre novos livros.

Sabino von Fígaro e sua obsessão pareciam voltar à ativa, como há tempos não acontecia. O velho soldado de guerra estava de volta, ao menos em sua cabeça, e muito feliz com isso. Gostava de lecionar, que ninguém duvide, mas aquilo, o quebra-cabeça, o desafio, a importância do desvendar era o que lhe arrepiava os pelos e vibrava o espírito. Havia nascido para fazer aquilo, era seu pensamento constante mesmo ao dormir. Se dormisse, é claro.

Lia livros que falavam sobre tantas coisas e tantos assuntos, e tudo buscava e juntava na memória, e relia as anotações tão benfeitas pela aluna Maria Hanson. Buscava uma lógica. Sabia que era esse o segredo do desvendar: não era necessário haver lógica alguma a princípio, apenas era preciso juntar os fatos e observar sem emoção. O óbvio então se pronunciava, e o caso era resolvido. Qualquer caso era resolvido. Qualquer caso tinha de ser resolvido.

“Bruxa!!!”

Uma mão tentou agarrar alguma parte do tecido da roupa da ladra, mas era praticamente impossível agarrar um pedaço de tecido de uma roupa colante, ainda mais se agarrada ao corpo de uma jovem que dava piruetas e se movia como felinos.

A menina achou graça do xingamento e não deu importância.

Talvez porque tivesse de aproveitar exatamente a surpresa de Snail Galford ao ver uma joia voar da mão dele até a dela própria, para passar pelo rapaz e sair pela única porta do cômodo. Claro que isso não seria fácil, mesmo se ela tentasse correr e ser mais rápida do que ele. Logo, a melhor ideia foi se decidir por saltos espetaculares e de belos efeitos visuais.

Pois, se você distrai os olhos, distrai a mente.

O pobre ladrão demorou a reagir. Para ele, o que aconteceu era o exemplo mais real de bruxaria de que já havia se aproximado na vida. Sim, pois não é por viver no Mundo de Fadas que ele acreditava ser possível existir pessoas capazes de mover jóias sem precisar tocar nelas. A leveza dos movimentos daquela ladra faziam sua mente se arrepiar ao imaginar que, a qualquer momento, a desgraçada se transformaria em um gato preto e sairia correndo com aquilo que deveria ser seu.

E lá saiu a garota na direção da porta, rápida como uma presa fugindo do predador. E também rápido, mas sem a leveza da dama, partiu o predador, louco pelo sangue da presa escolhida. E esse detalhe do "louco por sangue" é mais real do que parece, porque Snail guardava por debaixo dos bolsos, tanto dos verdadeiros quanto dos falsos, pequenas lâminas que afiava em momentos de tédio. E eram muitos os seus momentos do tipo.

Ele puxou ao menos três de suas pequenas facas e partiu em busca da bruxa que lhe passara a perna. Uma faca foi arremessada e cruzou um corredor enfeitado com pinturas de preços muito mais altos do que seu real valor artístico. A ladra, com toda a leveza, apoiou um dos pés em uma parede do corredor e pegou impulso para trás, girando um meio círculo de costas, com perfeição.

A lâmina continuou seu caminho até CRAVAR-SE na parede!

O salto para trás custou caro. Isso porque a atrasou e diminuiu o tempo e a distância entre ela e o perseguidor. Snail, que vinha correndo como um tufão, buscando apenas a destruição, estava mais próximo dela do que antes, e isso era tão assustador, que não houve tempo nem de ela fingir que não era, fazendo com que seus olhos se arregalassem.

A ladra, que ainda se recuperava do salto, viu aquele negro parrudo se aproximar com uma

faca em cada mão, pronto para cortá-la no embalo. Não havia como pegar novo impulso para um salto ou mesmo tentar correr novamente. Não havia tempo. O golpe seria iminente. E fatal.

Um corpo feminino então se curvou para trás.

Um movimento tão involuntário, que surpreendeu a própria ginasta. Puro reflexo. E desespero. Os joelhos dobraram para sustentar o peso, e a cabeça foi abaixo da linha da cintura, fazendo uma letra "u" invertida. O golpe da faca fez um semicírculo horizontal que atingiria a bruxa no pescoço, se o pescoço estivesse se mantido no lugar.

O resultado foi a situação patética de Snail ver a si próprio e seu golpe passarem direto no nada, no vazio, como um touro que avança sobre um toureiro para chifrar apenas um pano vermelho em um espetáculo pouco apreciado nas terras de Arzallum, mas bastante popular no Reino de Minotaurus.

- Olé! - provocou a menina. Isso irritou muito o jovem ladrão.

E talvez por conta da irritação ele tenha usado tão bem o atrito a seu favor, a ponto de parar o avanço brusco e retroceder na direção oposta tão rápido quanto um animal selvagem dando meia-volta. Mesmo a jovem ladra se surpreendeu (de novo) com tão espantosa reação, tanto que não fez mais piadas. Em sua direção, vinha um rapaz irado com duas facas nas mãos, dançando as lâminas em movimentos que lembravam o símbolo do infinito à frente do corpo e que a fariam em pedaços se a alcançassem.

E eu gostaria que você pudesse estar lá para ver aquilo.

Pois uma das coisas mais impressionantes e temerosas que já se viu em Nova Ether foi Snail Galford dançando aquelas lâminas daquele jeito poético e, ao mesmo tempo, fatal, enquanto uma ladra assustada - e que não fazia mais nem questão de esconder isso - dançava o próprio tronco em movimentos frenéticos em todas as direções, rezando para não se encontrar com aqueles metais afiados. E, enquanto as pernas do atacante avançavam, as da dama recuavam assustadoramente em direção à janela no fim do corredor. O

resultado daquele baile macabro parecia ser a morte da jovem ou naquelas lâminas ou ao cair da janela. Próximo da janela, existia uma tocha, e era nela que ela jogaria sua última esperança de sobreviver. Como jogou.

Um corte.

Não fora nenhum corte profundo o suficiente para lhe tirar a vida, mas o suficiente para lhe tirar sangue. Entretanto, a adrenalina lhe impedia de sentir dor em meio àquele baile macabro que realizava com o balançar do corpo e os passos mortais das lâminas de um rude cavaleiro.

Ah, sim, a tocha! Ela a buscou em meio àqueles movimentos friamente calculados. E, se perguntada, poderá lhe dizer que rezou ao Acaso para que a ajudasse. Com as costas da mão

direita, ela bateu de baixo para cima na base, liberando o aparato da presilha e fazendo a tocha subir o suficiente para que pudesse agarrá-la com os dedos de uma mão. E, assim que a agarrou, a dama a rodopiou à frente, criando um círculo de fogo que instantaneamente afastou seu atacante e o cegou temporariamente.

O tempo foi suficiente para que ela olhasse além da janela e calculasse a altura até o telhado do cômodo menor ao lado daquele onde estavam. O salto era possível. Para ela, ao menos. E, por isso, ela saltou para trás e ficou de cócoras no parapeito da janela, em uma posição aparentemente confortável. Voltou a sorrir, como se não houvesse mais medo, enquanto o agressor ainda tentava voltar a enxergar pouco a pouco.

- Acho que é aqui que eu me despeço, gato!

- Tá! Não esquece de bater com a cabeça lá embaixo - Snail já tinha condições de atacar, pois a visão estava novamente boa, mas não o fez. A dama estranhou a atitude, e esse foi o erro primário do ladrão.

Pois foi por essa estranheza que ela, em vez de saltar, observou aquelas mãos furtivas do rapaz, que tentavam ocultar uma jóia de cento e oito contos! A mesma que deveria estar junto dela.

Snail a havia reconquistado mais uma vez.

- Mas quem é esse demônio? - ela se perguntou silenciosamente. Percebeu enfim que o momento em que se dedicou a cegá-lo temporariamente já havia sido suficiente para que lhe tirasse a jóia das vestes, sem que ela percebesse.

Com certeza, havia pegado a jóia mesmo sem enxergar o que estava fazendo, apenas no instinto e na habilidade anormal que tinha como punquista.

- Ei, você está com algo que não lhe pertence! - ela disse.

- É, a ideia é essa...

- Bom, ao menos até o dono aparecer, o que vai acontecer em uns... doze segundos.

- Nem vem, é um blefe! Não caio na sua de novo, garota.

- Ah, sério que você não consegue escutá-lo? Pensei que fosse bem treinado... - podia ser atuação, talvez fosse, mas quem olhava para aquela garota ruiva tinha a impressão de que dali a menos de oito segundos o senhor Gardner, ou algo pior, apareceria realmente ali naquele corredor.

Snail queria olhar para trás. Mas tinha consciência de que não se deve desviar o olhar de uma bruxa. Não por misticismo, mas por precaução. Sabe-se lá o que esses monstros podem esconjurар nesse lapso de tempo.

- Não, o jogo acabou - Snail apontou o dedo indicador para a garota. Seu problema foi balançá-lo, o que indicava nervosismo. E ela, baseada nisso, ficou em pé no parapeito e deixou-se iniciar um movimento de queda para trás.

- Certo, querido! Eu tentei... - a gravidade começou a puxar o corpo.

Snail, suando frio como nunca, balançou um pouco, imaginando se era verdade o que dizia a jovem. Vê-la despencar para trás sem a jóia cobiçada por ambos aumentou ainda mais a ansiedade. E não resistiu à tentação de conferir se era mesmo um blefe ou não o fato de o senhor Gardner estar a poucos segundos de aparecer ali.

Olhou para trás e nada viu nem escutou no corredor. Mas esse olhar nervoso foi suficiente para segurar com muito menos firmeza a jóia que deveria levar a Coração-de-Crocodilo. E foi nesse momento que a ladra esticou a mão esquerda e viu mais uma vez a jóia voar da mão de Snail à sua, como que ganhando vida própria.

- Você é um amor! - e ela caiu além da janela, com a jóia a segui-lo com vida própria e a lhe pousar nas mãos. Porém, não seguiu o conselho de bater com a cabeça lá embaixo. Caiu virando mais um de seus giros felinos, amortecendo a queda e descendo com leveza a distância de quatro metros aproximadamente da janela ao telhado do cômodo ao lado.

Nada que nunca tivesse feito antes.

- Nããooo!!! - berrou o negro, correndo ao parapeito da janela.

- Eu sabia que era um blefe, BRUXA!

- Pois eu sei é que, se você der mais um passo, ou disser mais alguma coisa, eu estouro a sua cabeça, vagabundo!

E Snail olhou para o corredor.

Um nobre, criminoso, é verdade, mas dentro da própria casa, estava com uma espingarda apontada para ele. Tinha uns quarenta anos, barba por fazer e força suficiente para conseguir não apenas apertar o duro gatilho dessa arma como também segurar o recuo violento. Por isso, Snail Galford não ousou dizer nada, e apenas ergueu os braços.

Seus pensamentos, porém, não poderiam ser ameaçados, nem mesmo proibidos, e eles martelavam o cérebro com duas informações incessantes. Uma que haviam se passado provavelmente doze segundos desde o aviso da garota que lhe levara a jóia e o deixara naquela frágil situação.

E a outra o relembrava que nunca, em hipótese alguma, um homem deve desviar o olhar de uma bruxa.

Amanheceu. Bom, quase.

A aurora boreal que ratificaria o nascer do Dia da Terra, o quinto dos cinco dias, ainda não havia nascido, e quando isso acontecesse não tenha dúvida de que quem já estivesse acordado para testemunhá-la ficaria embevecido. Mas, se Áxel já não queria dormir, quanto mais esperar para seguir viagem. E assim, antes mesmo da claridade solar aparecer, o corcel e o mamute de guerra já estavam novamente a prosseguir viagem.

Daria um bonito quadro nas mãos de um bom pintor a saga daqueles dois, admito. Porque o olhar de obstinação do príncipe e a seriedade do corcel, além de seus companheiros de viagem curiosos e não por menos determinados, eram bonitos de se ver. Escutar aquelas cavalgadas suaves ou aquele pesado impacto das patas do mamute adolescente passava a impressão de que heróis ou protagonistas de contos heróicos (seja qual for a diferença), desses que o mundo sempre precisa, estavam a caminhar para locais que precisariam deles, mesmo porque heróis sempre caminham para tais lugares, ainda que não saibam disso.

E, quando a aurora surgiu, o quadro que jamais seria pintado se tornou ainda mais precioso e belo. Ali estavam presentes encarnados a obstinação, o heroísmo e a coragem. As árvores localizadas de um lado ou outro da trilha por onde vinham pareciam reverenciar a Alteza que corria por seus territórios.

Nesse quadro imaginário, também não faltaria a águia-dragão, Senhora dos Céus, tocada pelos raios da estrela-mor, mais como se fosse uma extensão do Sol do que um animal fantástico em pleno voo semidivino. O resto, a natureza tratava de pintar, pois bela ela já era mais do que qualquer pintor poderia retratar.

O local por onde o homem e o troll passavam era um arvoredos, e olhando ao longe, e esse longe era o oeste, viam-se as Sete Montanhas. Mas, se em vez do oeste se olhasse ao norte, então a visão era da aurora, e difícil seria dizer o que era mais bonito de se ver.

As árvores daquela região, chamada popularmente de Denims, nome que também era dado à estrada, estendiam-se de seis a doze metros de altura, e seus frutos eram vermelhos e na forma de maçãs, mas muito mais doces e saborosos. Por isso, o interessante nome: maçã doce. A trilha de terra batida fora feita há muitos anos, antes mesmo de se sonhar uma Caçada de Bruxas e, por muito tempo, recebeu comitivas de Andreeanne dispostas a conhecer a Arena de Ferro e o comércio de Metropolitan, hábito que dura até hoje. Comum também era as pessoas se acomodarem e dormirem em acampamentos improvisados. Mesmo as viagens de aventureiros ou comerciantes solitários eram consideradas normais, e nada disso causaria estranheza.

Agora, não me diga que era normal ver uma senhora de muita idade, e digo pelos padrões humanos, pois você faria rir um elfo, se eles existirem, ou um gigante, que todos sabem que

são reais, se dissesse a eles que noventa anos é mais que uma infância e o mesmo que uma velhice. Mas, para os padrões humanos, noventa anos caracterizava um idoso, e quem é humano sabe bem disso. E ali, naquele momento, uma senhora de noventa anos estava naquela estrada, solitária e sem montaria, estirada no chão, parecendo mesmo inconsciente, e que ninguém no mundo venha me convencer de que isso era uma situação normal.

Nem a mim, nem a um príncipe real.

Dia da Terra.

O quinto dos cinco dias de Nova Ether. Esse era o dia de folga dos homens, das mulheres e das crianças, que trabalhavam ou estudavam nos outros quatro. Mas também o seria ainda que aquele fosse o primeiro ou o segundo, ou outro que não o quinto dos dias, pois ninguém se esquecera da chacina ocorrida no anterior Dia do Fogo apenas porque dormira muito mal uma noite.

O estado de sítio passaria a valer e seria seguido com rigor a partir daquele dia, com certeza. Os sinos já estavam posicionados para serem acionados nos momentos corretos, e os cochichos das pessoas nas ruas não deixavam ninguém se esquecer das mudanças que iriam acontecer. Já que o mal havia retornado, as pessoas de bem desejavam novamente extingui-lo.

Como deve ser fácil de notar, o estado energético de Andreanne estava pesado, triste, mórbido. As pessoas quase não saíam de casa, o comércio estava fechado e até mesmo o Majestade não iria funcionar para mais uma apresentação de Caçadores de Bruxas, como vinha acontecendo duas vezes por dia no Dia da Terra. A própria trupe de teatro havia se reunido para pensar se já não seria melhor avançar para outra cidade, pois parecia que levaria tempo até que Andreanne superasse as consequências do ataque sofrido.

Alguns locais ainda abriram as portas naquele dia, e por ordens reais, apenas. Um desses era a Biblioteca Real, que, se não estava completamente vazia, possuía apenas três pessoas, e uma delas era a senhora Stephanie, a bibliotecária. E talvez não cause muita estranheza a informação de que as duas pessoas que não deixaram a senhora Stephanie imersa na solidão fossem os irmãos Maria e João Hanson. A frente deles, livros. Muitos livros. João havia conversado com a irmã sobre os estranhos desenhos que viu, e Maria muito pouco falou a ele sobre o professor Sabino e suas teorias complicadas. Mas ambos estavam ali pesquisando sobre assuntos pelos quais a senhora Stephanie jamais havia visto algum jovem se interessar na cidade.

Eram livros que tratavam de assuntos como idiomas antigos, culturas de antepassados, rituais estranhos e até ocultismo.

Maria desenhou as figuras relatadas por João e ambos buscavam entender se aquilo era uma mensagem ou um desenho. João também tentava juntar um quebra-cabeça que a princípio parecia sem lógica, ou não.

- Não... não tem nada parecido no alfabeto vannoniano (idioma falado pelos homens na época em que a região onde hoje se localiza Carabás era conhecida apenas como Vannon) - disse Maria, fechando um pesado, velho e empoeirado livro.

- Achou alguma coisa?

- Hum... não! Mas ainda acho que aquilo era um desenho! Um tipo de pichação, sabe? - João concluiu, sem tirar os olhos de um livro de ocultismo com diversos desenhos esquisitos.

- De repente! Ah! Será que eles vão consertar hoje a estátua de Primo? Ficou horrível sem a cabeça, né? - Maria mudou o assunto.

- É verdade. Ela estava pichada ainda! Saco! Não consigo achar nada!

- "Pichada", é? - Maria olhou para o alto e desfocou o olhar.

Estava cansada de olhar livros.

- É. Ah, cara, vou desistir! Deve ser idiotice achar que tem algo demais naquelas pichações.

- João... essas pichações que você viu na casa do senhor Basbaum ficavam de frente para uma janela? - nem Maria sabia explicar direito por que esse raciocínio lhe veio à cabeça.

- Como é que é? Quer perguntar nada mais difícil, não?

- É sério. Lembra do lugar, toma, desenha aqui a sala que você viu!

E Maria ficou observando João desenhar o local. Ele demorou, e a dúvida estava exatamente na posição da janela, pois sabia que era esse detalhe o mais importante para a irmã, embora nem ele nem ela soubessem ainda direito o porquê. De qualquer forma, desenhar fez bem à memória e ele relembrou o local exato, ainda que não com tanta firmeza quanto afirmo agora.

Ah, sim, a janela ficava na direção da mensagem.

- Cara, acho que é isso! Mas não posso dizer com certeza!

Maria não escutou. Estava concentrada na informação recebida, e mais parecia seu professor, fazendo vez ou outra sons parecidos com "hum-hum".

- Eu olhei algumas casas com o professor, e nenhuma delas tinha a parede virada para a janela pichada. Essa é a primeira!

- Mas qual a diferença de estar ou não virada pra janela?

- Ora, João, raciocine! - Maria foi meio ríspida, mas estava tão concentrada no que quer que estivesse desejando concluir, que nem notou.

- Hum... - repare que João poderia ter se feito de vítima ou se irritado com a irmã, mas ele sabia que, se Maria tinha que lhe mandar raciocinar, era porque não estava tão concentrado como deveria. - Então você está achando que essas mensagens eram um aviso a alguém? Por isso ficavam de frente para a janela?

- Exatamente! - Maria sorriu satisfeita. - Era isso que o professor procurava!

- E como vamos ter certeza disso, Maria?

- Nós vamos lá, ué! Agora!

Bóris, o corcel, freou num impulso. Já Pacato, o mamute que vinha atrás, teve mais tempo de se preparar para a parada inesperada. A águia-dragão apenas bailou um pouco em seu salão de nitrogênio e desceu ao solo, como poucas vezes Tuhanny fazia. Quando Muralha conseguiu descer do dorso da montaria, Áxel já estava socorrendo a pobre senhora no chão de terra.

- Muralha, água! Rápido! - e para um troll, que costuma ser mais pesado do que rápido, Muralha agiu com rapidez.

Áxel deu de beber à senhora com cautela e molhou o rosto idoso e febril, típico de quem estava há horas sem comer e, principalmente, beber alguma coisa. Pouco a pouco ela voltou a falar, especialmente após comer uma das maçãs doces recolhidas por eles no caminho.

- Obrigada, meu filho - ela disse, sem reconhecer o príncipe. -

Fui atacada por monstros assaltantes, que levaram meu burro e minha carroça. Eu não tinha dinheiro, e eles levaram minhas ervas... meu Criador, minhas ervas... - a frase não foi dita nessa rapidez. Gostaríamos bem mais tempo de narrativa se a reproduzíssemos na velocidade original.

- Senhora, meu nome é Áxel Terra Branford e vejo que a senhora precisa de cuidados médicos que não posso oferecer aqui - a senhora não pareceu reconhecer o príncipe, mesmo quando ele disse seu nome. - Estamos a caminho de Metropolitan, e lá a senhora poderia receber os cuidados de que necessita. Também lá posso procurar a autoridade local e tentar encontrar os homens que lhe fizeram tal covardia.

Gostaria de seguir viagem conosco?

- Muito gentil da sua parte, meu jovem. Mas não posso. Não posso não... - e mais um tempo levou até que ela tomou fôlego e voltou a falar. Curiosamente, havia plantas e galhos nas mãos dela, assim como outros espalhados pela estrada. -

Tenho de voltar a Andreanne, e o mais rápido. Minha filha morre, e apenas eu sei como tratar a febre que mata aos poucos. É um remédio de família que minha mãe fazia, e a mãe dela já havia aprendido com uma antiga avó, e nós mulheres fazemos em chá, e vai salvá-la, eu tenho certeza.

Sim, vai salvá-la sim. Eles levaram minhas ervas, mas consegui arrancar um pouco antes de partirem. Oh, boas fadas, espero que a salve sim! Mas eu temo. Eu temo não conseguir mais chegar em tempo de... em tempo de... oh, Meu Criador... - a mulher olhou para baixo. O conflito era óbvio.

Áxel olhou na direção do leste. Andreanne estava lá embaixo.

Ele já havia percorrido mais de meio caminho até Metropolitan e sabia o quanto iria demorar para aquela senhora chegar à cidade. A vida da filha realmente estava ameaçada, se ela era mesmo a única a conseguir preparar o tal chá milagroso, seja lá o que um chá misterioso assim deva conter. E o príncipe olhou na direção de Metropolitan e olhou para o céu. Sabia que, mesmo em um corcel comum, ela talvez não chegasse em tempo suficiente. Seria preciso mais que um corcel. Seria preciso o maior de todos.

Seria preciso Bóris.

Entretanto, se ele providenciasse isso, muitos dias a mais deveriam ser contados em sua viagem, e os seus planos, já frustrados, frustrar-se-iam muito mais. Suspirou. Estava confuso e não sabia o que fazer. Não sabia se agia com a cabeça ou com o coração, o que era bem típico de um ser humano. Olhou então para os olhos de Tuhanny, que o estava observando muito de perto. Os olhos de uma águia-dragão intimidam o observador, pois refletem a imagem de volta de uma maneira distorcida, reproduzindo o sentimento da pessoa.

No caso, Áxel se viu nos olhos de Tuhanny com expressões confusas, tendo de optar entre razão e emoção. A razão lhe mandava seguir, pois não podia mudar o mundo sozinho, e a tendência era que, mesmo entregando seu corcel, e dando esse animal tudo de si, a morte da filha da senhora ocorresse.

Já a emoção lhe mandava entregar o cavalo, pois, enquanto há vida, há esperança.

Muralha o observava de longe, agradecendo, naquele momento, estar na pele do troll, e não do humano.

E o príncipe então tomou a decisão.

- Pois Bóris será a melhor montaria que poderia ter em todo o Reino, boa senhora. Venha, monte neste animal, que a levará com a rapidez do vento e salvará sua filha, tenho certeza, e rezarei ao Criador por isso...

Para que Áxel chegasse a essa decisão, antes pesou os conflitos do pensamento. E trocou a visão específica pela qual enxergava a situação. Sua razão reparou então que a situação ali não era mais do que a seguinte: a desculpa para desejar seguir, que não poderia mudar o mundo sozinho, não passava de um outro nome para egocentrismo e seus derivados, já que o ego enxerga um indivíduo diferente e independente do outro, de uma maneira que, se eu ferir você, por exemplo, isso não me causará nenhum mal. Além disso, o ego acredita na autopreservação. A tendência que enxergava, de não haver tempo suficiente, ainda que lhe entregasse Bóris, era uma forma delicada de não se sentir culpado e transferir a culpa para um terceiro inocente: o próprio tempo. Além do mais, se a senhora foi assaltada e machucada em Arzallum, a responsabilidade disso recaía obrigatoriamente sobre as autoridades que a governavam, e a maior autoridade de todas era seu próprio pai.

O mínimo que poderia fazer era entregar seu corcel e salvar a vida da jovem que a esperava.

Era sua obrigação. Enquanto houvesse vida, haveria esperança, sim. E assim foi feito.

Muralha abaixou a cabeça, concordando com o ato de grandeza, mas também sabendo que aquilo diminuiria não apenas o tempo de viagem de ambos como também as provisões e a água, pois não seria aconselhável prender mais coisas em Pacato, que já teria Áxel como peso extra.

- Antes que parta, senhora, me diga como eram os homens que lhe fizeram mal? - perguntou o príncipe.

- Não eram homens, meu jovem, eram humanóides! Tinham a pele cor de anil e a face de porco, ou javali, se não me engano!

Sei que me davam medo! E eram três! Seguiram na direção de Metropolitan, acho...

- Então siga boa viagem e dê lembranças a sua filha! Tenho certeza de que tudo acabará bem - disse Áxel, colocando o corcel a correr. - Orcos! Imprudentes, como sempre. Como podem assaltar alguém bem no meio de Denims? Vamos, com sorte ainda os encontramos!

Muralha achou graça do comentário e se posicionou tomando as rédeas do mamute. E logo, enquanto a senhora estava a galope na direção de Andreanne, o príncipe estava montado no dorso do mesmo animal que seu guarda-costas, pensando em alguma forma de amenizar as consequências daquele imprevisto.

- Como faz para tomar suas decisões importantes? - perguntou Muralha, enquanto guiava Pacato.

- Fazendo sempre o que acredito ser o certo.

- E como consegue não tremer na decisão, mesmo sabendo que o certo irá prejudicá-lo momentaneamente? - isso era complicado realmente de ser entendido na cabeça de um troll, pois essa raça pensa a vida de forma diferente dos humanos, o que é natural, ou do contrário seriam humanos, e não trolls.

- Com fé.

Casa dos Basbaum.

A residência invadida estava intacta, e apenas no dia seguinte uma autoridade real tomaria alguma providência quanto a isso. A menina parou na entrada, procurando alguma coisa.

Era incrível a influência de Sabino sobre ela, modificando pouco a pouco, e em pouco tempo de contato, até a forma de raciocinar e de observar as coisas e as pessoas.

- O que acha que significa? - perguntou João. Estava de frente a algo totalmente imperceptível antes, mas pelo qual Maria parecia ter se interessado: um desenho que mais lembrava um morcego negro como ébano, na parede de entrada, próximo à porta.

- Sei lá se é mesmo, mas parece com aquele desenho pichado na estátua. Mas pode haver desses em mais um monte de casas.

- É, talvez... - João deu de ombros e seguiu para dentro do casebre.

E ambos entraram no local. Logo, Maria observou com cuidado os desenhos descritos pelo irmão, que ainda estavam nas paredes em um vermelho-sangue, bastante legíveis.

- É, João! É aqui!

- É aqui o quê?

- Esta casa. Aqueles homens estavam atrás de alguma coisa que conseguiram nesta casa. E esses desenhos na direção da janela são para informar isso a alguém que olhe de fora. Ao menos, eu acho.

- Caraça. Será? Mas o que poderia haver de valor aqui na casa dos Basbaum?

- Não sei, vamos dar uma olhada em tudo.

Mas nem João nem Maria iriam olhar o que quer que fosse.

Pois um baque rangeu a madeira. Uma gota de suor percorreu o pescoço. As mãos começaram a tremer. Os pelos de ambos se eriçaram. Os corações pularam do peito para a boca. O

nariz de João voltou a sangrar.

E ambos descobriram que não estavam sozinhos como pensavam naquele lugar.

Em Andreanne, existe um local já mencionado chamado Jaula. Trata-se do local para onde eram enviados os presos da cidade. Esse nome não era exatamente o oficial, mas o popular, e nem sua segurança era máxima, apenas suficiente.

A Jaula, porém, era um local seguro o bastante para manter os piores tipos "enjaulados", e a maioria dessas pessoas tratava-se de integrantes das facções criminosas Sombras e Fantasmas, o que obrigava a prisão a ser dividida em alas diversas que não poderiam se encontrar jamais.

Ali, diversas pessoas viviam esperando. Esperando o dia em que seriam melhores, ao olhar de sua sociedade, ao menos. E, se dependesse desse olhar especificamente, ficariam ali trancafiados para sempre, pois ninguém daquela sociedade, com exceção de um ou outro parente de um enjaulado, costumava estar do lado de fora dos portões daquele lugar nos dias de visita. A vida ali era ruim pela liberdade confinada como em qualquer presídio, mas, quando falamos especificamente sobre o tratamento dado aos presos, é possível afirmar que não era lá tão ruim assim. Os presos recebiam uniformes e tinham diariamente uma boa alimentação e trabalhos manuais para pagar o que consumiam do Reino. Não havia superlotação nas celas e todo o cuidado era feito para evitar guerras entre as facções. Mas, como dito, poucas visitas aconteciam dentro daquele lugar, e assim Fantasmas e Sombras era o que mais se viam realmente em um local como aquele.

Imagine então que estranheza e murmurinho não causaria uma presença real.

Rei Primo Branford andava por aqueles corredores com a imponência característica e a capa a se arrastar pelo chão, acompanhado por soldados de expressões fechadas. Primo passou diante de diversas jaulas, e nenhum daqueles enjaulados ousou fazer uma piada. Digo mais, prendiam a respiração de forma que, apenas quando tinham certeza de que Primo já passara por suas jaulas, voltavam a respirar normalmente.

Virando em alguns corredores, o Rei enfim parou na entrada de uma pequena sala. Esperando por ele estava o senhor Gedd, há anos diretor competente daquele presídio, e mais alguns guardas reais. Como de costume, todos eles fizeram uma reverência característica ao monarca.

- Ele está aí?

- Sim, Vossa Majestade - o diretor apontou a entrada da sala como se fizesse outra reverência.

- O homem está aí.

Primo entrou. Três guardas vieram em seguida. O diretor do presídio depois. A sala era pequena, apertada, dessas que causam horror a claustrofóbicos e intimidam até mesmo pessoas acostumadas a viver nas menores moradas. A cadeira em que o homem estava sentado tinha as pernas traseiras mais curtas que as dianteiras. Isso obrigava o preso a afundar na

cadeira e se sentar em um ângulo torto, olhando aquele que o interrogasse de baixo para cima. Isso era proposital; intimidava quem estivesse sendo interrogado e ainda fazia a figura do interrogador parecer muito maior e mais assustadora do que realmente era.

O Rei observou o homem vestido com o uniforme do presídio e com as mãos e as pernas algemadas. Se pudessem, os soldados até o amordaçariam para evitar qualquer ataque imprevisível ou comportamento inadequado na presença de Primo. Entretanto, ele teria de falar e responder a perguntas, e a mordaca não seria viável. Infelizmente, pensava o senhor Gedd.

- Deixe-nos a sós! - disse o Rei. E, se já era difícil imaginar a surpresa dos guardas, imagine a do senhor Gedd, que quase cuspiu a própria dentadura.

- Mas Vossa Majestade não...

- O Rei agora precisa repetir ordens?

- Não, Majestade - disse o diretor, retirando-se, acompanhado por seus guardas. - Qualquer coisa, mas qualquer coisa mesmo, grite que estaremos aqui antes do grito, meu Rei!

E Gedd saiu. Primo então se aproximou do homem e reparou na pele negra como piche. A expressão de ambos era séria, e os dois sabiam que deveriam encarar com bastante seriedade aquela conversa.

- Como é o seu nome, rapaz?

- Galford. Snail Galford... Majestade - Snail se lembrou da forma de tratamento correta, expressa nas palavras de Gedd antes de se retirar da sala.

- Pelo que eu soube, você foi capturado nessa madrugada...

- Sim... - Snail olhava para baixo e só erguia os olhos quando não conseguia mais escondê-los. Como citado, a arquitetura e a projeção da sala e da cadeira já haviam sido feitas para tornar aquele momento o mais assustador possível; diante de um Rei mal-humorado, nem se fale. Primo também não falava usando pronomes em segunda pessoa, como na Sala Redonda diante de Conselheiros, ali a linguagem era agressiva e popular.

- E você sabe o que aconteceu a esta cidade no dia anterior, Galford?

- Sim, infelizmente sei, senhor... - ele não sabia se "senhor"

podia ser usado no lugar de "Majestade", mas o testou ainda assim.

- "Infelizmente", Galford? - o Rei fez uma expressão de estranheza.

Snail não era burro. Muito longe disso. Sabia muito bem a que o Rei estava se referindo e não

pretendia enrolar mais a situação, ou fingir não entender o que estava acontecendo.

- Sim, senhor - como Primo não reclamou do pronome de tratamento, Snail resolveu se dar o direito de usá-lo quando quisesse. - Apesar de ser integrante da tropa de piratas de Jamil Coração-de-Crocodilo, não tomei parte da chacina do porto e nem mesmo sabia que proporção alcançaria.

- "Piratas"? Soube que faz parte é da facção criminosa conhecida como Sombras! Onde está a verdade?

- Eu tenho cara de Sombra, senhor? - Snail era maluco de não resistir à tentação de perguntar aquilo ao Maior de Todos os Reis.

- Você tem a cara do que é! - Primo aumentou o tom de voz, e isso foi suficiente para Snail ter a sensação de que estava engolindo o próprio pomo-de-adão. - E quem faz as perguntas aqui sou eu! Ou isso não parece claro?

- Com certeza. Com certeza, Majestade... - a pancada foi tão forte que o ladrão resolveu tirar de si próprio o direito de se dirigir ao Rei por "senhor".

- Vou repetir: você faz parte da organização criminosa Sombras, Snail Galford?

- Não, Majestade. Apenas sou um aliado momentâneo - disse, olhando novamente para baixo, com a voz mansa de um gato de estimação que usasse botas e porventura falasse com o dono.

- Certo. Acho que agora estamos começando a nos entender.

Vamos continuar assim então: continue e conte-me tudo o que você sabe e que eu adoraria escutar. Da minha parte, garanto que, em troca, você não vai se arrepender! Juro que não vai.

"Palavra de Rei."

“Muito me admira vê-la chegar até aqui, Maria Hanson!”

Professor Sabino. Era de sua voz fina, mas cheia de malícia, que vinha a frase. Ele também foi quem quase matou os irmãos Hanson de susto quando apareceu de surpresa na escuridão da casa dos Basbaum. Tinha aquele sorriso fino na boca e o olhar de quem observa todas as coisas do mundo ao mesmo tempo.

- Professor! Quase me mata de susto!

- Ora, sem exageros, eu não sou tão feio assim - João riu da piada de Sabino.

- Não! Eu quis dizer que...

- Ele fez uma piada, garota! - disse João energeticamente, limpando nas roupas o sangue que lhe escorria do nariz.

- Exato. Agora, andei escutando o que vocês diziam - Sabino se ajeitou na poltrona, sorridente. - Poderia repetir para mim o raciocínio que levou ambos a virem até aqui, apenas para que eu tenha certeza do que imagino?

- Ah... claro! Bom... eu e o João estávamos procurando informações na Biblioteca Real e... João, seu nariz!

- Você só notou agora, avoada? Se preocupa não, daqui a pouco passa...

- Certo. - Sabino interrompeu antes que Maria continuasse a divagar. - E por que estavam a olhar os livros da Biblioteca Real, senhorita Hanson?

-Ah, sim, isso aí foi porque João me falou sobre as letras que tinha visto aqui na parede desta casa...

- "Letras"? - Sabino inclinou a cabeça levemente para o lado e olhou Maria de baixo para cima, como se pedisse no gesto para que ela confirmasse a certeza daquele detalhe.

- Eu achei que fosse um desenho, na verdade - disse João.

- Um... desenho, senhor Hanson? - repare no "senhor".

- Sim! Mas também achei que pareciam as letras: "LV OP GN

Y G", você não acha? - João olhou primeiro para a parede, novamente, e depois curioso para Sabino.

- Hum... interessante! Muito interessante! Mas não se preocupe com o que eu acho, não agora! Continuem, continuem!

- Pois nós comparamos o desenho mais próximo que ele fez disso com outras figuras de muitos livros. Mas não achamos nada parecido - disse Maria, frustrada.

- Entendo! E por que vieram aqui novamente? Para ver se o "desenho" do senhor Hanson era parecido?

- Não. Porque João me disse que o desenho ficava de frente a uma janela! - Sabino se surpreendeu. - Exatamente como nenhuma das outras pichações, ao menos da casa onde eu e o senhor fizemos aquelas anotações!

Sabino quebrou o pescoço um pouco para o outro lado e encolheu os ombros lentamente. Sorriu muito devagar, com o olhar apertado. Parecia que tinha gostado do que havia escutado. Muito.

- Perspicaz, senhorita Hanson. Muito perspicaz - era a primeira vez que Maria escutava aquela palavra, "perspicaz", da boca de alguém. - Então, foi por isso, por esse detalhe, que chegaram até aqui?

- Sim. Queria ver de novo os desenhos. Às vezes, ainda acho que não são letras! - disse João.

- E eu queria confirmar que ficava em frente à janela para poder contar ao senhor - concluiu Maria.

Sabino riu. A princípio, de surpresa pelo último comentário.

Mas estendeu a risada um pouco além do necessário para uma mera surpresa boba já passada, e por isso Maria perguntou: - Acha que estamos no caminho certo para resolver o mistério, professor?

- Quer saber realmente, senhorita Hanson? Estou impressionado! Muito louvável foi o raciocínio de ambos para chegarem novamente até aqui. Ainda que as observações sejam falhas, que os raciocínios sejam incompletos e que os detalhes realmente importantes tenham sido ignorados, ainda assim é louvável que tenham chegado até aqui!

- Hein?! - perguntaram uníssonos os irmãos, surpresos e sem saber se haviam sido ofendidos ou elogiados.

- Não façam essas caras. Eu admiro a brincadeira de vocês até aqui e sei que vocês não foram treinados para isso, logo, não é vergonha alguma pensarem como amadores, pois afinal vocês são amadores! - Sabino não parecia querer desmerecê-los. Ao menos, foi o que Maria achou. - Digo-lhes a verdade: parabéns por chegarem até aqui!

- E você por acaso pode nos dizer como pensa um profissional? - se você acha que João disse

isso em tom desafiador, então isso demonstra que percebe essa frase com a entonação correta. Em sua cabeça, ele estava, sim, sendo bem "esculachado", e há tempo.

- Sim, não só posso como vou, senhor Hanson! - e Sabino ergueu-se do sofá em um salto. - Sentem-se e escutem, senhores, que lhes direi o que realmente aconteceu. E pare de limpar esse nariz na própria roupa, senhor Hanson! Arrume um grande pano, pois, se ainda não se deu conta, assim não adianta!

"Ele não vai parar de sangrar".

“Ariane”.

A menina escutou o chamado da mãe, que dessa vez não estava a muitos metros dela, mas a bem poucos. Na verdade, estava a dois passos de sua cama. Ariane Narin abriu os olhos ainda apertados, esfregou neles os punhos fechados e limpou as remelas. A mãe já a observava.

- Já se esqueceu de que dia é hoje?

- Dã! É o meu aniversário! - disse ainda sonolenta.

- Muito bem - a mãe sentou-se na cabeceira da cama. - Mas hoje também é um dia que espero há muito tempo, querida!

- E por que, mãe? - o sono de Ariane até começou a passar.

- Hoje você faz treze anos, meu bem. E treze é um número muito especial.

- Sério? Me dá um exemplo então de como esse aniversário é diferente dos outros!

- Claro. Sente direito na cama, querida.

"É hora de eu lhe contar o porquê de você ter ido sozinha aquele dia à casa da sua avó."

- ...e deveria dessa vez roubar o colar de cento e oito pedras -

Snail olhou involuntariamente para cima e para a esquerda, ativando a memória visual do cérebro. - Foi quando vim parar aqui...

- Então você está trabalhando para Jamil Coração-de-Crocodilo?

- Até estava, mas, nas atuais circunstâncias, acho que vou pedir demissão. Seria demitido mesmo de qualquer jeito...

- Nem pensar, ladino. Preciso de você empregado, e muito bem. Você vai voltar ao seu chefe, mas cumprindo ordens minhas.

- Desculpe a ignorância, Majestade, mas acaso quer que eu me torne um agente duplo? - surpreendeu-se o preso. O Rei apenas sorriu. - Rá, nem pensar, senhor! Jamil me mataria apenas se desconfiasse.

- E o que você acha que eu (com muita ênfase nesse "eu") vou fazer? - sabe, talvez fosse apenas um blefe, desses com os quais Snail está tão acostumado a lidar. Talvez. Mas não o culpe, por favor; garanto que mesmo você tremeria sozinho naquela sala e naquela posição, diante de uma ameaça vinda de uma figura tão imponente quanto a do Maior de Todos os Reis, conhecido por queimar bruxas sem piedade.

- Mas... se eu aparecer sem o colar... eu morrerei de qualquer jeito!

- Mas você vai aparecer com o colar - e o Rei tirou uma réplica de um colar de cento e oito pedras de alguma brecha do manto real. - E vai levá-lo ao seu chefe com muito cuidado, espero.

- Mas, Majestade... não sei se essa história de agente duplo me agrada ainda! Talvez apodrecer na Jaula seja mais seguro...

- Ora, vamos, Galford! Você vai trabalhar para o Rei. Quando imaginou que teria um patrono desse porte?

Talvez Primo tenha mandado outro blefe. Sim, talvez, mas funcionou de novo. Porque, ao dizer aquela última frase, toda uma história de vida voltou à mente do pirata em poucos segundos. E trouxe a imagem antiga, mas bastante viva, do pai.

- E então? Prefere aceitar os termos ou continuar na Jaula?

- Me ajude a tirar uma dúvida, senhor! Me diga, afinal: por que tem tanta certeza de que não vou traí-lo?

- Não tenho. A única certeza é que penduraria suas tripas na torre mais alta desta cidade se o fizesse. Bom, você já entendeu a velha história do "talvez um blefe, mas que funciona", não?

- Entendo - Snail tentava se manter calmo, embora engolisse em seco. - Acho que não tenho muitas opções, Majestade.

- Isso é um "sim"?

Snail tremeu na base. Era hora da palavra final. Um ato que mudaria toda a sua vida.

Novamente a imagem do pai lhe veio, dessa vez trazendo uma célebre e saudosa frase, que tanto marcou a vida do filho: Se um dia tiver uma real oportunidade, e achar que é a única de sua vida, agarre-a com unhas e dentes.

Ele tinha uma oportunidade de trabalhar com um Rei. O

Maior de Todos, na verdade. Certo, era um trabalho ingrato, em que não saberia mais nem se acordaria vivo no dia seguinte, e que poderia ser esfaqueado por tantos lados, que nem saberia se conseguiria dormir, mas... também não havia sido assim toda a sua vida desde que o pai o deixara por conta própria?

- Sim, eu aceito, senhor...

- Muito bem. Vou limpar sua ficha. Será como se você nunca tivesse estado aqui - e ele só podia cumprir tal afirmação porque era o Rei. - Agora me diga: para que Coração-de-Crocodilo quer que roube tais objetos de valores tão diferentes?

- Ele não fala muito sobre porquês, Majestade. Mas soube que tem algo a ver com um ritual.

- Ritual? Quer dizer que primeiro ele se infiltra em Andreanne e se une secretamente a uma facção criminosa e agora... quer fazer um ritual? E afinal, para que esses ataques a Andreanne?

- Não posso lhe responder nada com certeza, senhor! Mas juro que vou tentar fazer o melhor para descobrir - promessa difícil de cumprir. - E eu gostaria de pedir permissão para fazer uma pergunta agora, Majestade - e o Rei aquiesceu. -

Senhor, me diga... como farei no futuro para chegar até sua pessoa sem levantar suspeitas?

- Simples, ladino. Apenas grave o que digo agora e não precisará se preocupar com isso!

"Nunca olhe para as estrelas. As estrelas olharão para você."

“Esse menino tem uma sensibilidade energética absurda. Tão absurda quanto o fato de vocês não terem percebido isso”.

Professor Sabino limpava os óculos enquanto explicava a Maria e João Hanson, dois irmãos perplexos.

- "Sensibilidade energética"? O que é isso, professor?

- É simples, senhorita Hanson. Raciocine comigo: você vive em um mundo de energia etérea semidivina, concorda comigo?

- Sim... sim, eu entendo.

- Perfeitamente. Se somos formados de energia tão sutil a ponto de só nos materializarmos por influência de manifestações mentais semidivinas, então também é possível que pessoas como João sintam facilmente uma oscilação nessa matéria de éter. - Certo, não ficou lá muito didático, mas ele ao menos tentou.

- Devagar, professor! O senhor está dizendo que existem pessoas, como o João, que são capazes de perceber...

OSCILAÇÕES DE ENERGIA?

- Para de fazer drama, garota! O que ele tá querendo dizer é que tem pessoas como eu que são sensíveis e conseguem perceber quando alguma coisa tá errada. Eu sempre desconfiei disso, mas achei que era piração da minha cabeça. - E, se a mãe de Ariane estivesse naquele local, teria achado graça do termo "piração".

- Pois não era "piração", senhor Hanson. Não é muito difícil para uma pessoa com conhecimentos como os meus afirmar que o senhor tem uma sensibilidade apurada para um determinado tipo de energia etérea.

- E que energia seria essa? - perguntou Maria.

"Energia negativa."

E João abriu a boca, como se uma luz aparecesse nas trevas e lhe iluminasse o óbvio.

- Será que nenhum de vocês conseguiu reparar que o nariz dele só sangra em situações extremas ou locais impregnados de energia ruim? - Sabino não estava sendo arrogante. Em sua cabeça, apenas era mesmo patético ninguém ter percebido isso antes.

- Locais como este? - perguntou João.

- Sim. Locais como este. Diga-me, senhor Hanson, desde muito cedo tem essa sensibilidade?

- Não. Na verdade, isso só passou a acontecer depois daquele incidente com a... bom... você deve saber... os bardos contam... a Casa de Doces - João estava visivelmente incomodado.

- Hum... entendo, entendo. Talvez o impacto do trauma a que você foi submetido tenha libertado essa sensibilidade - disse o professor, balançando o dedo indicador três vezes à frente da boca. - Traumas realmente sempre foram os casos mais comuns...

- Mas, professor, o senhor disse que o nosso raciocínio estava incompleto. Será que poderia nos contar como o senhor chegou até aqui?

- Oh, bem lembrado, senhorita Hanson! Certo, acompanhem-me, e prestem bastante atenção para não tropeçarem no caminho - esse comentário foi apenas uma piada ruim mesmo. - Como nossa cara senhorita Hanson mesmo percebeu, e muito bem, admito, esta é a única casa, ao menos de todas as que visitamos, e não preciso visitar todas para ter certeza desse raciocínio, que mantêm as... "pichações" (termo pouco apropriado) de frente para a janela da casa, e a uma altura em que uma pessoa do lado de fora consiga visualizá-la bem.

- Qual seria o termo correto para "pichações", então, professor "Sabitudo"? - Maria deixou escapar um sorriso involuntário com a pergunta de João.

- Boa pergunta, senhor Hanson! Muito boa pergunta.

Aproxime-se dela, tomando todo o cuidado com esse seu sangramento que só vai piorar. E, para isso que você chama "pichação", a terminologia correta é runas.

- "Runas"? O que que é isso? - João percebeu que o nariz realmente não parava de sangrar quando se aproximava das paredes.

- Runa é a denominação dada aos caracteres de alfabetos antigos. São idiomas que não são mais utilizados hoje em dia.

Línguas mortas.

- Ma... mas, por que alguém iria pichar um lugar com coisas desse tipo? Ainda mais em uma linguagem que ninguém consegue ler?

- Esse "ninguém" é por sua conta, senhorita Hanson. Claro que existem pessoas capazes de ler runas, e foi exatamente para pessoas como essas que essa mensagem foi escrita. Outro detalhe que não deve ser deixado livre e despercebido é o desenho negro pintado na entrada desta casa.

- Ué, tá falando do morcego? Nós notamos isso! - disse Maria.

- Mas achamos que se tratava de mais uma pichação!

- Pois nada deve ser ignorado em uma investigação, senhores!

Nada! Esse simples desenho diz muito! Morcegos são um símbolo de misticismo - continuou o excêntrico senhor. - E

que características mais vocês notaram?

- Parando para analisar... eu acho que o desenho é idêntico ao que pintaram também na estátua sem cabeça do Rei!

- Oh, perspicaz, senhorita Hanson! Estamos no caminho correto e asseguro-lhe que esse comentário não foi uma besteira, muito longe disso.

- Já saquei - raciocinou João. - Esta é a única casa com esse símbolo. E com essas... runas... de frente para a janela. É por isso que o senhor não tem dúvidas de que foi esta casa a escolhida para mandar uma mensagem a essa tal pessoa capaz de ler essa "pichação" aí!

- Mas o que é isso? Estou diante de dois jovens promissores, se a vida não me prega uma peça! - animou-se o professor. -

Agora, estão enfim pensando como profissionais. Pois é exatamente isso. E, levando em consideração esse tipo de runa, que, infelizmente, apenas uma pessoa mais especializada poderia traduzir, o sangue utilizado para sua escrita e o massacre neste centro comercial, já sei por que esses piratas resolveram, de uma hora para outra, invadir Andreanne!

- Então, diga logo, professor! Afinal de contas, esses homens vieram atrás de quê?

- A questão não é "de quê", senhorita Hanson, mas "de quem"!

Esses piratas não vieram a esta cidade para pilhar ou saquear o que quer que seja, como pareceu a princípio. Não, muito longe disso. Tudo foi apenas uma distração. Eles vieram atrás de algo muito maior.

- Eles vieram atrás de quem, então? - intimou uma adolescente prestes a explodir.

"De uma bruxa."

- Eu seria o quê, mãe? Repete...

- Iniciada.

Bom, você não deve estar entendendo a surpresa de Ariane.

Façamos o seguinte então: deixe-me usar um exemplo para situar o grau de desentendimento da menina. Imagine que eu lhe dissesse neste exato momento o seguinte: "Sabe que horas são? Vinte e sete do terceiro mês, na primeira à esquerda". A sua reação a essa resposta seria a mesma de Ariane à da mãe.

Compreendido isso, podemos continuar nossa narrativa.

- O que significa "ser iniciada", mãe?

- Pense o seguinte, Ariane... digamos que eu, o seu pai, o João, a Maria e até mesmo o príncipe Áxel tivéssemos um grupo secreto - a mãe tentava outra forma de explicar à filha o que queria, mas se esquecia de um detalhe importante -, uma espécie de "clubinho". Então, para alguém entrar nesse "clubinho", teria antes de ser "iniciado", entendeu?

- Mãe, por que você tá falando comigo como se eu fosse uma retardada ou tivesse seis anos de idade? - era a esse detalhe que me referia. - Eu já entendi. Eu só quero saber... deixa eu explicar... eu só quero saber o que é esse "clubinho", entendeu? "Ser iniciada" significa fazer parte de quê?

- Oh, desculpe! Você tem razão, eu estou falando com você como se ainda fosse uma criança. E você já é uma adolescente.

- Tá. Fala logo! - Ariane nunca foi conhecida por ser paciente.

- Certo, filha. Acontece que eu, sua avó e todas as mulheres desta família estamos ligadas a um grupo muito especial de pessoas. E você não é diferente, aliás, muito pelo contrário.

- O que você quer dizer?

- Que você talvez seja a mais abençoada de todas nós.

- Mãe, estou ficando cada vez mais confusa. O que que tem eu?

- Ariane, você nasceu no dia treze, numa noite de Lua Negra e no Dia da Terra. Filha... você nasceu tocada.

- Mãe, você está me assustando... - a garota já não tinha mais um pingão daquele sono que lhe

deixou remelas e a fez esfregar os olhos ainda há pouco. - Você tá querendo dizer que aquele dia na casa da vovó eu...

- Naquele dia, você foi sozinha pela primeira vez à casa da sua avó, mas havia uma proteção em você, e nenhuma pessoa ou animal poderia ter-lhe feito mal durante o trajeto.

- Mas... mãe... a vovó... ela foi atacada...

- A proteção estava no seu trajeto, querida. Não dentro da casa de sua avó. Você mesma não se lembra de que encontrou o lobo assassino antes de chegar à casa, quando parou no lago, no meio do caminho?

- Sim, eu me lembro. Eu tava sozinha, fiquei com medo de ele querer me devorar ali mesmo! - a garota nunca esqueceu esses detalhes do episódio. Como sempre digo: ninguém deixava.

- E por que você acha que ele não a devorou ali?

A menina gelou. Estava aí um raciocínio que ela, nem ninguém, nunca tivera! E tudo vinha ao mesmo tempo martelar a mente repleta de pensamentos, como a arma de um aldeão que busca dar vários golpes em um ninho de marimbondos a fim de derrubá-lo. Realmente o lobo poderia tê-la devorado ali, seguido para a casa da avó e completado a "refeição", sem problema ou trabalho algum.

- Ele não poderia, mesmo que quisesse. Algo o impediria. Esse algo se chama proteção à travessia e é uma concentração energética que afasta o perigo do protegido em um trajeto previamente mentalizado.

- Como você entende disso tudo, mãe? - essa era uma pergunta bastante cabível à situação.

- Porque faço parte do "clubinho", Ariane. E você, a partir de agora, depois do seu décimo terceiro aniversário, já está mais do que apta a conhecê-lo.

- Certo... - não pense que Ariane estava segura de si na situação. Apenas estava conseguindo amontoar as informações em um local determinado, com uma ordem lógica, e isso já era um grande avanço. - Agora, vê se tem sentido o que eu vou dizer: se eu, naquele dia, estava protegida por essa tal de... de...

- Proteção à travessia.

- Certo. Se eu estava protegida por isso aí, não é esquisito que o lobo tenha tido a ideia então de ir até a casa da vovó e me esperado por lá? - outra pergunta bastante cabível.

- Perfeitamente, querida. Você não saberia ainda como se comunicar com os animais para que ele soubesse o exato local para onde você estava indo - essa parte nos contos dos bardos, que não têm culpa por não saberem de informações tão específicas, narra como a menina de chapéu vermelho não apenas conversou com o lobo (como se ambos falassem a mesma língua,

vê se pode) como ainda lhe contou que ia à casa da avó levar doces. Obviamente, nenhum dos ouvintes repara que ela nunca dá o local da residência da hoje já falecida senhora, e não haveria, portanto, como o lobo assassino saber ainda assim onde era a residência correta da vítima, para lá chegar e entrar antes da menina. E, não, nada de "a única casa no caminho". Existem diversas casas erguidas por famílias de lenhadores e caçadores no trajeto da antiga casa da senhora Narin, suficientes para confundir um lupino, ou até mesmo dois.

- Mas claro que eu não poderia me comunicar com os animais, mãe! Isso é impossível. Que idéia...

- Na verdade, não! - e os olhos da menina se arregalaram. -

Mas você ainda não conseguiria!

- Mãe, peraí, para! Assim você vai me pirar! - a expressão era engraçada aos ouvidos da mãe.
- Você tá falando de "super-poderes"? Como o das fadas?

- Mais ou menos, querida. Eu estou falando de manipulação de energia etérea semidivina - e se antes a mãe ignorava que a filha não era mais uma criança agora ignorava que também não era uma adulta. - Significa estar em contato e manipular essa energia da qual nós todos somos feitos.

- Nossa, que complicado! Mas eu tenho outra pergunta, eu ainda não entendi tudo direito. Você disse que o lobo não poderia me atacar, porque eu estava com a "travessia do sei-lá-o-quê", não é verdade?

- É... - a mãe ria.

- Então, eu insisto: como o lobo foi parar na casa da vovó, já que ele não tinha como saber onde era e, muito menos, que apenas lá dentro ele conseguiria me atacar?

- É isso que estou querendo lhe dizer, Ariane. O animal que atacou a sua avó não era um animal comum. Ela não foi morta por um animal faminto, que buscava alimento no meio da floresta.

"Ela foi, sim, assassinada por um animal marcado."

Enfim, surgiram no horizonte os portões da cidade de Metropolitan.

Áxel e Muralha montavam o mamute de guerra, sem fraquejar, dispostos a cumprir o objetivo máximo da missão em que se envolveram. Deveriam ter chegado há tempos, mas, se fora necessário ser daquela forma, que o fosse, pois ao menos a visão de Metropolitan já animava um pouco as coisas.

E o animal de carga foi se aproximando dos portões, e talvez nem tanto o troll, mas o humano percebeu que alguma coisa estava diferente. A energia parecia estar mais pesada, ou com o excesso de uma preocupação ainda desconhecida, ao menos para ele. Jurou ter escutado o som de três ou quatro bestas se armando, o que era ridículo, considerando que dois viajantes solitários se aproximavam e isso não seria perigo algum à guarda da cidade. Metropolitan estava acostumada a receber estrangeiros de diversas raças, e até mesmo um troll se aproximando era algo comum naquela cidade em que seres de todos os tipos se enfrentavam em anfiteatros.

Mas o mais estranho é que o grande portão de entrada da cidade, sempre aberto, parecia-lhe... fechado. E, ao se aproximar, o príncipe teve a certeza de que ele realmente estava fechado, e se isso acontecia era porque algo estava realmente fora dos eixos. Como tudo parecia estar ultimamente.

O mamute adolescente parou na entrada do portão.

Uma voz firme partiu do lado de dentro, de um ponto mais alto do que a altura do troll, que chegava em cima da exótica montaria.

-Viajantes, vocês estão para entrar na cidade de Metropolitan, e, de acordo com as ordens reais de Sua Majestade, Rei Primo Branford, como o responsável de hoje pela Guarda de Entrada desta cidade, exijo saber seus nomes e o motivo de ingresso neste local.

- Passamos por Metropolitan a fim de descansar e prosseguir viagem até as Sete Montanhas - disse Áxel, cumprindo o regulamento, embora apenas o que diria a seguir fosse suficiente. - Meu nome é Áxel Terra Branford, segundo príncipe de Arzallum, e esse é meu guarda-costas Moonwakrston!

- Oh, des... desculpe, Alteza! - a voz nesse momento perdeu um pouco da firmeza. - Homens, abram o portão!!!

E um ranger de mecanismo, um roçar de cordas e alguns estalares de correntes abaixaram lentamente o grande portão de entrada de Metropolitan, que, pelo visto, não estava fechado há muito tempo. Muralha comandou o mamute, que passou lentamente pelo portão da cidade, pensando em como seria sua própria recepção, se Áxel não estivesse com ele.

Nos céus, Tuhanny contornou os portões que não a impediriam de entrar nem se quisessem, e o fez sem que ninguém percebesse. Como já disse, as pessoas só eram capazes de vê-la se ela assim o desejasse. O mais curioso é que ela não tinha a capacidade de se tornar invisível ou mesmo se misturar ao ambiente como alguns animais de capacidades camaleônicas. Ela simplesmente só era vista se assim quisesse, e nenhum especialista em animais havia se aproximado antes de uma águia-dragão o suficiente para estudá-la e descobrir o porquê.

- Ainda sinto o cheiro dos humanóides... - comentou Muralha.

Áxel sorriu, como se gostasse daquilo. O capitão se aproximou.

- Alteza, eu sou o capitão Vitório Darabort e peço desculpas por não ter reconhecido sua figura logo de imediato e por tê-

lo submetido a... - o dono da voz firme aparecia na figura de um homem na faixa dos quarenta anos, com uma farda verde-escura impecavelmente limpa, com belas ombreiras brancas e os símbolos da patente e de sua cidade bordados à mão nos lados direito e esquerdo, respectivamente, do peito.

- Não perca seu tempo se explicando, porque fez muito bem seu papel, capitão! - Áxel já havia descido do mamute.

Muralha, porém, preferia observar as coisas lá de cima ainda.

- Prefiro que me diga por que Metropolitan está com as portas fechadas, e por que sinto uma energia de preocupação excessiva neste local.

- Então, Vossa Alteza ainda não sabe? Vosso pai, nosso Rei, instaurou estado de sítio em todo o Reino de Arzallum!

Áxel arregalou os olhos. Aquilo era uma notícia nova, esquisita e muito, muito surpreendente. Perguntou-se, primeiro, o que teria acontecido; depois, o que teria acontecido com seus pais; e, ainda, se tomara a decisão correta de sair de sua cidade. Como não chegou a conclusão nenhuma, até porque eram muitas perguntas e poucas informações, prosseguiu: - Essa notícia chegou pelos pombos-correios, capitão? -

perguntou o príncipe, lembrando dos animais do dia anterior.

- Sim, Alteza. Na verdade, três pombos-correios chegaram até aqui trazendo a mesma mensagem - disse Vitório, olhando para o alto e achando que, da posição em que estava, a cabeça do troll tocava as nuvens de Brobdingnag, a terra dos gigantes.

- Então essa mensagem está com seus superiores, no centro militar de Metropolitan, devo supor. Você poderia me guiar até lá?

- Oh, claro que sim, Alteza! Claro que sim. Deixe-me apenas destacar outro homem para fazer

meu papel de interrogador no portão desta cidade. Com sua licença - e o capitão bateu uma espécie de continência e saiu apressado, pois nenhum militar que se preze gosta de deixar um príncipe da casa real à espera.

E, quando o capitão saiu, Muralha desceu do esforçado Pacato, que não reclamou nem um pouco quando o troll cinzento lhe aliviou o peso das costas. Não iriam desfilar pela cidade em tamanha montaria, e o mamute seria encaminhado para um local onde seria bem tratado, com certeza, já que ninguém ousaria maltratar uma montaria real, fosse ela um corcel ou um cachorro.

E foi quando Muralha já havia descido, e foi enquanto ainda esperavam o capitão Vítório Darabort terminar de instruir seu soldado, que Áxel lembrou-se do que Muralha dissera quando ambos viram tantos pombos-correios cruzarem os céus para locais tão diferentes de Arzallum.

- Você tinha razão, bom amigo.

"Notícias de muitas explicações são sempre más notícias."

- Foi aqui.

"Neste lago, neste exato local. Eu havia parado pra descansar e beber um pouco de água, e ele apareceu. Era grande, muito maior do que eu pensava poder existir, e parou ali próximo àquelas folhas, olhou para mim de um jeito horrível, lambeu os beiços, rosnou algumas vezes... foi quando pensei que ia me atacar. Então, se virou de costas. Me olhou mais uma vez... e se foi. E eu achei que nunca mais iria vê-lo."

Uma lágrima se uniu ao depoimento. Era a primeira vez, em quatro anos, que Ariane Narin não só falava com detalhes do que passara aquele dia como também voltava ao local onde tudo ocorrera. Dessa vez, porém, não estava sozinha. A mãe, antes duramente criticada pelas pessoas por ter deixado a filha ir sozinha à casa da avó aos nove anos, agora estava com ela.

Um Dia da Terra. O dia em que Ariane completava treze anos. Se desde o acordar até aquele momento - que não foi tanto assim, digo mais - a jovem havia sido submetida a tantas surpresas e sentimentos diferentes, o que poderia esperar do resto do dia?

- Você tem percebido algumas coisas diferentes, querida? Algo estranho que escute ou veja? - Anna lhe perguntou.

- Bom... sim, mãe! - e Ariane olhou para cima e para a esquerda. - Sabe, quando atacaram o centro... eu estava com o João no meio da multidão, mas, até antes, quando eu estava dentro da casa dos Basbaum... eu... eu escutei a senhora me chamando várias vezes como se estivesse falando no meu ouvido, mas MUITO alto, sabe? - a menina estava receosa de que a mãe comesse a ter um ataque de risos.

- Eu sei, Ariane - e a menina estranhou muito a resposta da mãe. - Eu realmente a chamei!

- Ma... mas, mãe? Como é que pode isso?

- Isso é o chamado! Você o desperta quando está pronta, como agora - Anna falava como se tudo fosse o mais natural. - Eu posso estar a muitos quilômetros de você, Ariane, mas, se eu chamá-la, você vai poder me escutar como se estivesse ao meu lado.

- Sério? Que irado - a mãe não compreendeu muito bem o comentário da filha. - Bom, essas esquisitice pelo menos são melhores do que ver aquela mulher chorona...

- Como é que é? - e Ariane sentiu o tom de voz mais sério da mãe.

- Não... é que... sabe, eu achava esquisito contar isso, mas você mesma já me disse tanta coisa esquisita hoje, que eu acho que nem sei mais o que é esquisito...

- Filha, me conta direito! Quem você viu?

- Eu vejo ainda, de vez em quando, mas eu não gosto dela. Ela tem o cabelo vermelho, longo. É meio feio, porque é maltratado - tal comentário só poderia mesmo ter vindo de uma mulher.
- O vestido dela também é vermelho, e... ela tá sempre chorando! Mas... o mais estranho, sabe, é que quando eu a vejo eu também choro, mas só consigo chorar por um lado apenas dos olhos.

-Você... você a viu várias vezes? - a mãe tentava ficar normal, mas não conseguia. - Você viu Beanshee várias vezes, Ariane?

- Quem? "Bian-Si"? - realmente a mãe estava tão atordoada a ponto de esquecer que a filha nunca escutara tal denominação. - Você sabe então quem é essa mulher, mãe?

- Sim, sei - os olhos da mãe estavam focados no nada. - Mas não me arrisco ainda a dizer por que você a viu tantas vezes e ainda está aqui para me dizer isso. Vamos à casa da sua avó.

Lá, eu poderei responder a isso, em breve.

- Como assim "ainda está aqui para me dizer isso, mãe"? E o que tem na casa da vovó pra você ter as respostas lá?

- Você verá, Ariane. Lá, você verá.

- Por que um pirata iria querer encontrar uma bruxa? -

perguntou João.

A pergunta foi feita para Sabino, que estava, naquele momento, pensando em muitas coisas diferentes, inclusive no fato de ser época de mutação das lagartas, embora isso não tivesse nada a ver com o assunto e por isso não alongou tal raciocínio por demais, ainda bem. Maria, por sua vez, olhou curiosa para seu professor, pois a dúvida do irmão menor nada mais era do que a sua própria.

- Hum... não é uma pergunta lá muito fácil de ser respondida, senhor Hanson. Muitos motivos não me vêm à memória neste momento, mas dentro do que vejo como plausível... aposto no... hum-hum...

E, mais uma vez, os Hanson ficaram a observar o senhor excêntrico, que parecia se desligar do mundo acompanhado de seus típicos gemidos de "hum-hum". Eles ainda estranhavam, mas também já haviam percebido que, depois de tais murmúrios, vinha sempre uma brilhante observação e, por isso, não reclamavam mais da excentricidade.

- Aposto no motivo de um trabalho!

- "Trabalho"? E como uma bruxa pode trabalhar para alguém?

- perguntou assustada Maria, lembrando a figura da única bruxa que conheceu no mundo.

- Através de um pacto, senhorita Hanson. Na época da Caçada de Bruxas, muitas das pessoas presas e interrogadas haviam contratado bruxas para cumprirem determinados rituais -

Sabino rememorou aquela época com lembranças tão vivas quanto o mosquito que insistia em tentar picar-lhe o rosto, de segundos em segundos.

- Verdade mesmo? E o que essas pessoas pediam para as bruxas fazerem nesses... rituais? - insistiu Maria.

- Ora... pedidos. Variavam desde pedidos de amor forçado até de desejo de doença e morte de pessoas...

- Nossa, que horror!

- Mas o que um pirata poderia pedir em um ritual a uma bruxa? O mal para o Rei e os soldados?

- Talvez, senhor Hanson, quem sabe? Mas não acredito que viajassem de tão longe para algo

do tipo, nem que tivessem o trabalho de escrever essa mensagem em runas tão específicas... apenas para isso.

- Bom, de qualquer forma, isso significa que... existe ainda uma bruxa em Andeanne!

- Perspicaz, senhorita Hanson! Muito perspicaz! Seu raciocínio é perfeito, e por isso a situação é preocupante.

Agora vamos, ajeitem seus colarinhos, penteiem seus cabelos e me sigam - e lá se foi o professor, já na direção da porta.

- Hein? Mas para onde o senhor quer ir agora, "Sabitudo"? -

João fez uma cara de desânimo, de quem achava que ia ser testemunha de mais uma esquisitice de um senhor esdrúxulo.

- Ora essa... se o Reino está sofrendo uma ameaça, o que você acha que devemos fazer?

"Vamos falar com o Rei, ora bolas!"

Áxel olhou para o nada mais uma vez e depois voltou a atenção à carta que havia lido duas vezes, presa na mão direita. O documento havia chegado àquele Reino por meio de um pombo-correio e a assinatura vinha do punho de um Rei. E ele conhecia não só a assinatura como o carimbo de autenticidade.

A assinatura e o carimbo de Primo Branford.

Mas o principal fato era que não conseguia simplesmente acreditar que Andreeanne tivesse sido atacada, como nunca antes, e exatamente no dia em que deixou a cidade! Parecia uma brincadeira do Acaso, ou mesmo uma jogada mirabolante e imprevisível do Destino, que costuma sempre estar de mãos dadas com o Acaso em suas brincadeiras de roda.

Pensou nos pais e em como estaria a cidade. Pensou no que talvez tivesse feito, se lá estivesse, até que percebeu como esse pensamento era uma besteira, pois não estava lá, e o fato já havia acontecido, e qualquer pensamento ignorando esse fato seria nada mais que uma perda de tempo. Pensou na família dos soldados e no que faria com Jamil Coração-de-Crocodilo, se o Acaso e o Destino lhe dessem uma oportunidade.

E pensou em Maria Hanson. E pediu ao semideus Criador que ela estivesse bem, independentemente da situação.

- E o que fazemos, Áxel? - era interessante que Muralha não mantinha um padrão de tratamento com seu protegido. Havia momentos em que se referia ao príncipe por "Alteza", outras por "senhor", outras, como nesse momento, por "Áxel", e até mesmo havia situações em que o chamava de "você", algo que nenhum outro cidadão fora da família real - talvez com exceção de crianças, e de Maria Hanson - ousava fazer, sem receio de sofrer advertências. Mas acontece que, para o troll cinzento, não era tão fácil decorar esse monte de formas de tratamento porque, como já foi dito, trolls pensam diferente de humanos, e em suas mentes existia apenas o "chefe" e, no mais além, o "chefe do chefe". E tudo funcionava bem assim.

- Não. Vamos manter o percurso por enquanto - Áxel fraquejou na decisão, mas a disse firme, como se tivesse plena certeza do que dizia. - Voltar seria pior agora. Meu pai sabe segurar seu Reino nos momentos de crise, e nós vamos voltar, sim, mas com nosso objetivo cumprido. E, então, isso sim fará uma grande diferença.

- E quanto a agora?

- Vamos descansar nesta cidade, já que, em locais em estado de sítio, não é aconselhável se aventurar demais. Eu particularmente aconselho você a ir dormir imediatamente, Muralha. Suas vinte e quatro horas já estão devendo, e precisaremos que esteja no máximo de seu potencial.

- Sabe... dormir até que não é má ideia. Você acha que não vai precisar de mim?

- Claro. Não vou fazer nada de mais - Muralha não confiou naquele tom de voz. - Só precisamos arrumar um local adequado pra alguém do seu tamanho.

O capitão Vitória havia se aproximado nos últimos momentos e escutou o comentário final do príncipe.

- Vossa Alteza, se me permite a intromissão, gostaria de deixar à disposição nosso alojamento militar. Acredito que, se colocarmos três camas unidas, e o senhor... ah...

- Pode chamá-lo de Muralha! - disse o príncipe, achando graça.

- ... se o senhor Muralha... - o homem se sentiu ridículo ao dizer o termo, mas fazer o quê? - ... tentar se deitar na diagonal, então, acho que poderemos resolver essa questão.

- Ah, ótimo! Problema resolvido, "senhor Muralha"! Muito obrigado, capitão. Agora, com licença, gostaria de um local para me lavar e melhorar o cheiro de um viajante cansado, e depois pretendo andar um pouco pelos arredores desta cidade, antes que vocês deem o toque de recolher...

- E, Áxel, sabe, não sei se vou ainda me arrepender de dizer isso, mas... - fraquejou Muralha -... o cheiro deles vem do oeste.

Áxel sorriu e alongou o pescoço em um estralo.

Metropolitan é uma cidade de grande porte, com gigantescos muros e uma população aproximada de quatrocentos mil habitantes. Muitos já se perguntaram se não deveria ela, e não Andreanne, ostentar o título de capital do Reino, e, após os últimos ataques, talvez o Rei Primo viesse a levar em consideração novamente esses argumentos.

De qualquer forma, Metropolitan, se não tinha o potencial turístico e as belezas naturais encontradas em Andreanne, por outro lado, possuía um comércio de imenso potencial e o mais bem desenvolvido em todo o Reino. Por todo lugar que se andasse, havia uma pequena feira, um amontoado de comerciantes que armavam barracas e gritavam ofertas diversas a preços flutuantes, alterados de acordo com o horário, a procura e a cara do freguês.

Observando tais condições para estipular o preço de um produto, não era de estranhar que eles atingissem valores estratosféricos quando o freguês era... o príncipe real! Áxel sabia que estava sendo roubado em algumas delas, principalmente nas barracas de comida, mas não se importava. Motivo: por mais que aumentassem os preços, ainda assim, para o príncipe, tais valores eram pequenos. E, se os comerciantes não o escutassem, o espírito humanitário do rapaz o fazia perceber que estava diante de pais de família de vida difícil. Assim, o valor pago a mais funcionava como um "extra" consciente doado àquelas famílias, sem que elas percebessem.

Mas não apenas de barracas e amontoados de comerciantes vivia o comércio de Metropolitan. O mundo dos espetáculos era garantido pela Arena-de-Ferro, e o mesmo podia-se dizer dos torneios de pugilismo. Muitas tavernas possuíam suas próprias arenas e eram autorizadas a receber lutadores de diversos rankings que ali se enfrentavam.

A Luzes Gêmeas, joalheria mais famosa de Arzallum, também ficava em Metropolitan, e era visita obrigatória de nobres mais propensos a futilidades. Mesmo Áxel, que não era lá o melhor exemplo de pessoa fútil, rendeu-se a seus encantos e produtos, e gastou uma quantia de moedas de reis em um colar de pedras brilhantes, cada uma em formato octogonal.

Entretanto, por mais que a mente se distraísse diante das luzes, ela não se distraía muito. No fundo, Áxel passava por aquelas lojas e feirantes e comerciantes, mas porque todos estavam em seu caminho na direção de um objetivo fixo. Um objetivo que ele encontrou na figura de uma taberna, no momento em que percebeu uma carroça estacionada, com os burros amarrados em um poste. Havia sinais de luta naquela carroça e sujeira e ervas espalhadas pelo banco.

Áxel entrou no local com a expressão fechada.

O lugar era a taberna Caneco de Ouro, interessante ideia que fazia referência à cerveja e à própria arena, e o príncipe atraiu muitos olhares quando entrou no lugar. Explico: as mulheres o fizeram por motivos óbvios; os homens, por acharem que teriam uma luta de ranking A com um pouco de sorte.

E, bom, houve ainda um terceiro grupo, no qual Áxel se fixou, pois falavam muito alto e não eram humanos.

- ... e desde quando velha deve andar sozinha no meio da noite? - disse uma das vozes, rouca como se o dono houvesse falado sem parar desde o nascimento.

- Hu-hu! Acaba tropeçando... - disse a outra voz, tão rouca quanto.

Áxel, em meio ao vozerio local, não escutou tais comentários.

Entretanto, ele não precisaria. Porque aqueles homens não eram homens, mas goblinoides, cuja pele tinha cor de anil e os rostos indicavam uma variação de porcos ou javalis.

O cheiro deles vem do oeste.

Orcos. Três orcos. Áxel estalou mais uma vez o pescoço. E

chegou à conclusão de que não precisaria nem mesmo entrar em qualquer arena para acalmar o principal motivo de ansiedade...

Quatro anos.

Esse era o tempo exato que fazia que a menina não voltava ao local, e vou lhe dizer que não era o melhor lugar para se estar.

Mas não havia jeito, o dia estava tão estranho desde que acordou, que Ariane Narin não estranhou a mãe tê-la levado a lugar tão traumático. Afinal, creio eu, e espero que você também, que o melhor presente de aniversário para uma menina de treze anos não deva ser entregue na mesma casa onde viu a própria avó ser devorada por um lobo faminto, ou, como diria a mãe, por um marcado.

- Venha, Ariane! - Anna entrou no lugar, de mãos dadas com a menina.

Ariane observava tudo, e seria mentira não dizer que o local, ao mesmo tempo em que lhe dava receio e uma sensação variante de medo, também lhe dava uma certa excitação, um estranho sentimento de querer entrar naquele local, se fosse mesmo ali que estivessem as respostas às perguntas que ela ainda não sabia direito como formular.

A porta rangia. O assoalho, também, dependendo do taco pisado. Tudo estava no mesmo lugar, mas mais bem-arrumado. Tudo. A cama, os lençóis, o chinelo da falecida senhora. Provavelmente Anna Narin havia arrumado a casa tempos depois, pensou a menina. E estava certa. E foi Anna quem seguiu para o quarto daquela que, para ela, era mãe e que, para a filha, era avó. Ariane a seguiu, notando que quatro anos não foram suficientes para extinguir as marcas de sangue que ainda manchavam determinadas partes do chão e da parede. Mas, no quarto, Anna se dirigiu ao armário, o qual Ariane sempre imaginou servir para guardar roupas, o que é um pensamento bem óbvio.

Entretanto, e curiosamente, acabou por arregalar os olhos ao descobrir que não, que o local só deveria parecer um armário.

Isso porque, e Ariane só foi saber disso naquele momento, a casa comprada pela falecida senhora Narin pertencera antes a um caçador que, como era comum entre os caçadores, construirá um pequeno quarto subterrâneo para executar o trabalho de retirar o pelo das caças. Alguns bardos, em uma das visões próprias da lenda iniciada por aquela história trágica, contam como o lobo assassino se escondera no armário daquele quarto, de tamanho tão desproporcional para seu porte gigantesco. Ariane não fazia ideia se esses bardos tinham aquela informação, desconhecida dela própria. E não se importou mais com esse detalhe.

E pela primeira vez, em treze anos, a menina adentrou o lugar.

O quarto era maior do que parecia, e havia um único acessório dentro dele, colocado a um canto. Uma caldeira, velha, preta, um pouco suja e parecendo bastante usada. No mais,

existiam pedaços de vela queimada, alguns rabiscos no chão e uma iluminação bem frágil, em que era necessário acender uma vela ou mais para enxergar alguma coisa.

Os pelos de Ariane se arrepiaram.

- Mãe.... mas o que é isso? - perguntou a menina, ainda tonta com tantas descobertas em um único dia.

- Este é um local sagrado, querida. Aqui são realizados os sabás! - era a primeira vez que Ariane escutava a denominação.

- Como é que é? "Sa-o-quê"?

- Sabá! É uma reunião realizada de tempos em tempos por um grupo de pessoas, minha filha... e que se reuniam aqui, na casa de sua avó.

- Espere aí, mãe... quais tipos de pessoas frequentam essas tais reuniões, sabás ou sei lá que outro nome esquisito você vai dizer?

- Quais tipos de pessoa? - e Anna parou para pensar por um momento. - Bem, o que posso dizer, minha filha?

"Bruxas."

Ariane Narin estava, com certeza, no dia mais confuso de toda a sua vida. Era como se tivesse começado a nascer realmente naquele dia, pois toda a sua história até ali parecia apenas um conto saído da mente de um narrador criativo em uma história totalmente inverossímil e desvirtuada. Bom, ao menos de acordo com a versão que a própria mãe expunha.

- Recapitulando, mãe.... ah, você é minha mãe, né? - a pergunta foi feita olhando a mãe de baixo para cima, com a boca aberta e a testa franzida, com uma careta de desgosto e um dedo indicador apontado de forma invertida, como é típico das adolescentes pararem no meio das frases.

- Sim... - e a mãe soltou um sorriso. - Eu sou sim, minha filha.

- ... certo! Então eu nasci no dia treze... de um Dia da Terra...

numa tal de Lua Negra (que até hoje eu pensava chamar "Lua Minguante")... em uma família de bruxas... em que a minha avó era sacerdotisa de um tal de "cove"...

- Coven!

- Oh, sim... coven... onde são realizados... sabás, acertei?

- Ah, sim, dessa vez acertou o nome! - comemorou a mãe.

- É... eu não sei se tenho esse direito, mas... - e aqui o tom de voz da menina estava baixo como passos de formigas -... POR

QUE RAIOS VOCÊ ESPEROU TODOS ESSES ANOS PARA ME CONTAR ISSO? - e o tom de voz se elevou tão alto quanto a explosão de um canhão.

- Na verdade, Ariane, foi uma circunstância isso tudo ter sido assim. Como disse, era para você ter sido iniciada aos nove anos, exatamente como a sua avó previu que deveria acontecer, e você bem sabe o que impediu isso. E a experiência daquele acontecido havia mexido demais com as suas emoções para que eu tocasse novamente nesse assunto. E

juro que só fiz isso agora porque acho que não existe idade mais apropriada para explorar todo o seu potencial.

- Mas... QUE "POTENCIAL" eu tenho, mãe?

- Não sei, Ariane! Não sei! - a voz estridente da filha começava a irritar a mãe. - Quem saberia responder isso era a sua avó! Não percebe que eu estou tentando fazer o melhor...

ou o que ela achava que eu deveria fazer se ela... se ela... se ela estivesse aqui, droga! - e Anna se escorou a um canto da sala, sentou-se e se pôs a chorar.

Ariane se sentiu culpada. Correu até a mãe e se sentiu uma criança mimada, que gostava de fingir que cresceu, mas que, no fundo, sempre agia como criança.

- Mãe... desculpa... - a voz voltava a ser mansa como a de um filhote de cão alimentado pelo dono - eu não queria magoar você! Olha...

- Não, querida. Não é você. Eu sinto falta da sua avó. A presença dela, a bondade... a sabedoria que ela tinha... ela saberia iniciar você melhor do que qualquer outra pessoa...

- Mas, mamãe... - e Ariane só chamava a "mãe" de "mamãe"

quando queria ser extremamente carinhosa -... eu realmente preciso ser "iniciada"?

- Sim e não, minha filha! Acontece que você tem o livre-arbítrio para escolher o que quer, mas... se você realmente nasceu tocada, como acreditamos... então a Criadora reservou um papel importante a você na sua Criação. E acho que você deveria cumprir o papel para o qual foi criada, não acha?

- Faz sentido. Mas, peraí... você disse... Criadora? - esse termo geraria um susto em muitas outras pessoas.

- Sim - e mais uma vez a mãe achou graça. - Esse termo é usado porque nós acreditamos na forma do Criador como a de uma mulher. Na verdade, sabemos que, para o Criador, não importa como nós, sua criação, o visualizamos, seja na forma de um semideus ou na forma de

uma semideusa. Ele apenas quer que tenhamos fê na sua existência, e isso temos, com certeza.

- Mas... sabe... eu já havia pensado antes na figura do semideus Criador como a de uma mulher, sabia? - Ariane achou a ideia interessante. Certa vez, justificou essa idéia para João, afirmando que, para criar todo um universo, era necessária uma sensibilidade que os homens nunca seriam capazes de demonstrar, e por isso pensava na figura dos semideuses como a de semideusas.

João riu da besteira que ela dizia.

- Eu acredito. Acontece que os homens vão imaginar essa força semidivina como a figura de um homem; os orcos, como um orco; os animais, como um animal; e nós, bruxas, como uma mulher! - e Ariane achou perfeito o raciocínio. -

Mas é como lhe disse, querida, não importa o nome nem a forma, importa a fé!

- Peraí, mãe! Você fala como se "bruxas" fossem "do bem"! -

Ariane emburrou a cara.

- E quem disse que não são? - estranhou Anna.

- Claro que não, mãe! Bruxas são "do mal"! Não escuta as histórias dos bardos? Não viu o que fez aquela bruxa com o João e a Maria?

- Babau! - disse, quase num sussurro. Anna ainda disse o nome olhando para baixo, e Ariane percebeu a mudança emocional da mãe.

-Você conhecia aquela bruxa, mãe? - e a menina elevou a voz, mas logo se arrependeu, com medo de provocar outro abalo nos nervos da mãe.

- Sim - e isso foi mais um choque para a menina. - Escute, querida... eu preciso lhe explicar o que é bruxaria, antes de falar melhor sobre esse assunto. E sente-se, pois é uma longa história.

"Há muitos anos, em Nova Ether, o poder da magia para o homem, e quando digo o homem me refiro também às mulheres, foi exercido por avatares da Criadora, senhoras do poder feérico e da transmutação do éter. Por muito tempo, essa combinação foi perfeita, consciente e equilibrada, com seres humanos e mesmo com outras raças inteligentes, sendo testados e tendo desejos atendidos ou negados, de acordo com as escolhas e performances nos testes por elas propostos.

"Um dia, porém, uma das fadas se rebelou contra a Criadora.

Isso se deu porque nenhum dos seres humanos que testou foi aprovado em seus testes, ou ao menos no que ela esperava de tais testes, pois nenhuma fada é igual à outra, e um grande desprezo passou a ter tal avatar por tais seres. Em um certo momento, esse desprezo tornou-se

ódio. Quando isso aconteceu, a Criadora retirou dela parte da essência mágica e transformou-a em mortal, como martírio, pois triste é um ser se tornar o que odeia.

"Essa punição, porém, de viver entre os humanos e ainda sem a maior parte de sua natureza mágica apenas aumentou o ódio da fada negra, que passou a reverter a boa magia, cujo poder vinha da fonte da Criadora, em uma magia egoística, da qual tirava poder por meio das energias pesadas e pactos com entidades sombrias, com um alto custo no preço. O resultado foi que essa fada se tornou a primeira maga negra da história de Nova Ether e começou a ensinar humanas que também estivessem com o coração preenchido de ódio, como ela.

"O nome dessa fada caída era Bruja, e 'bruxas' foi o nome dado às suas aprendizes.

"O efeito nessas pessoas que usavam a magia negra e a energia negativa para seu próprio benefício foi imediato: os corpos físicos começaram a manifestar o reflexo da maculação de seus corpos espirituais, e, conseqüentemente, elas foram se tornando corcundas, cheias de deficiências, deformidades e outras aberrações do tipo.

"Mas Bruja foi apenas a primeira a cair. Outras vieram depois dela, e de então até hoje muitas escolas secretas de bruxaria foram criadas, e técnicas secretas de magia, passadas à frente.

Por essas pessoas, e por essas escolas, eu entendo que você tenha o conceito de todas as bruxas serem 'do mal', Ariane.

"Entretanto, existiram bruxas que se redimiram. Quero dizer, querida, que existiram praticantes que, por forças do destino, acabaram se arrependendo do caminho escolhido e trocaram aquele sentimento de ódio por outros mais próximos da redenção. Essas pessoas perceberam que aquelas técnicas ensinadas anteriormente, que cobravam alto por suas eficiências, simplesmente não valiam a pena.

"Hoje, uma 'bruxa' nada mais é do que a conhecedora dessas técnicas de manipulação de energia e que as utiliza em rituais voltados para um objetivo específico. O que define, porém, se ela é 'do bem' ou é 'do mal', como você diz, é a forma como ela utiliza esse conhecimento. Se o faz de forma consciente, querendo o bem dos outros e apenas para o bem dos outros, ela é uma maga branca. Se o faz por fins egoísticos, pensando apenas no próprio bem-estar ou na destruição dos outros, então será uma maga negra, e sofrerá as conseqüências por tal corrupção.

"Você me compreende?"

Ariane Narin realmente estava certa de estar no dia mais confuso de toda a sua vida.

- ...então quer dizer que três brutamontes como vocês gostam de atacar velhinhas bastante perigosas e com certeza cheias de ouro, como suas inteligências limitadas devem imaginar?

- Áxel já havia chamado a atenção do Caneco de Ouro muito antes disso. Ao começar a falar diretamente aos humanóides, o recinto se calou.

Os orcos, de cor variada entre o anil e o plúmbeo, bateram a caneca com raiva no balcão, esparramando cerveja das mais fortes. Olharam para o príncipe e, acredite se quiser, o que não deve ser tão difícil assim, não o reconheceram. As inteligências limitadas, contudo, haviam entendido que aquele homem sabia do assalto à velha na entrada da cidade - fato agora compartilhado pela taverna inteira - e, o pior, queria ainda tirar um sarro da cara deles.

- Tu falou com eu, cumpadi? - não tente entender ou aprender a falar a linguagem orca. Você nunca, nem no dia em que um anão nascer alto, vai conseguir usá-la com perfeição, ao menos se não crescer no meio deles, o que deve ser uma desgraça, desculpe a franqueza.

- Infelizmente - e Áxel riu com o que disse involuntariamente, em resposta à pergunta. O riso foi tão natural e espontâneo, que toda taberna também riu, enfurecendo mais os orcos, que tanto prezam o orgulho.

- Tu tá querendo porrada na cara, mané? - a pérola foi dita por um segundo orco.

- Algo em que tua figura seria inoperante, xucro! - disse o príncipe.

Os orcos ficaram se olhando. Já a taverna vivia uma espécie de comportamento gregário, como se estivessem em um show de bufões e uma única frase de meia graça fosse suficiente para provocar excesso de risos.

- Ora, vamos... admitam que vocês não entenderam nada... - e nem Áxel aguentou e começou a rir, afinal, mesmo ele estava contagiado por aquela egrégora carregada, responsável por fazer a taverna rir como uma plateia de teatro em uma peça de humor.

- Humpfl... Hunc.... Hoinf... - esses grunhidos estranhos vinham dos próprios humanóides, que os emitiam quando estavam com raiva, reafirmando o parentesco com porcos e javalis.

- Nossa... talvez seja mais fácil entender uma vara de porcos! -

a taverna ria tanto com o príncipe, que muitas pessoas que passavam do lado de fora entraram no recinto para saber o motivo de tamanha euforia.

- Eu vou pegar! - e um dos orcos deu um SOCO na lateral do balcão, tremendo canecos e estruturas. - E eu vou soprar e soprar e bufar até derrubar!

- Para poupar-nos da cena ridícula, espero que você queira dizer "socar" e "chutar"... - disse o príncipe, e toda a taberna riu mais uma vez.

Os três orcos saíram de perto do balcão e andaram devagar na direção do príncipe. Eram grandes. O menor deles devia ter por volta de um metro e oitenta. Os outros dois, algo próximo a um metro e noventa. E, enquanto se aproximavam, Áxel foi lenta e calmamente colocando uma luva em cada mão, acessório que não achou que utilizaria tão cedo.

- Sabem... quando cheguei a esta cidade, até imaginei se não teria alguém ranqueado por aí para que eu pudesse me exercitar e manter a forma para a seletiva do Punho De Ferro.

Mas, pelo visto, fazer o quê? - e a taverna fez silêncio. - Se não tenho alguém do ranking, me sirvo desses três para equilibrar! - a taverna urrou de felicidade.

Áxel Branford, já com as luvas, tomou bem o centro da taverna. Os orcos fizeram um meio círculo à sua frente. O

príncipe ergueu as duas mãos na altura dos ombros e balançou os dedos duas vezes na própria direção.

- Por culpa de vocês, tive de ceder meu corcel mais veloz a uma senhora machucada. E vocês aqui me dão duas oportunidades ótimas: uma, a de extravasar a minha frustração em saber que chegarei mais tarde do que o planejado em meu destino e, a segunda, encher de porrada três imbecis, tão imbecis a ponto de atacar uma vítima desse porte dentro dos limites do Reino de responsabilidade da minha família - o povo não inibiu a vibração.

"E então? Vão ficar me olhando, suas antas?"

E três orcos gigantescos avançaram bufando contra ele.

- Peraí, mãe... eu acho que estou começando a entender, mas... pega leve! - intimou Ariane. - Me explica mais umas coisas....

- Claro, pergunte o que quiser.

- Se tudo é assim como você me disse... caramba... por que isso não é explicado pra todo mundo? Tipo... sei lá... falar nas escolas... você me entendeu, né?

- Querida, você se lembra daquela peça que assistiu há pouco tempo no Majestade? Caçadores de Bruxas? - Ariane fez um sinal afirmativo com a cabeça. - Eu sei o que foi a Caçada de Bruxas. As escolas secretas de magia negra se proliferaram, e as magas maculadas queriam tomar o poder para elas. Bruja chegou a conseguir matar o antigo Rei Ricelli nessa época, e que as boas fadas o tenham no Reino de Mantaquim. Primo Branford, na época, nem era Rei e liderou o Reino nessa caçada, exterminando esse mal, o que influenciou outros Reinos a também fazê-lo...

- Mãe, eu estudo história! Eu sei a história do Rei! - e sabia mesmo. Toda criança era fascinada por ela.

- Pois então, querida. Seus professores não vão contar que essa história teve um lado bom e um lado ruim - Anna disse com pesar. - Se, por um lado, seremos eternamente gratas por Primo ter impedido a proliferação das escolas de magia negra naquele momento, por outro, também sofreremos, e acho que eternamente, pelo fato de ele ter generalizado toda bruxa como uma maga tenebrosa.

"Muitas pessoas inocentes, magas brancas que pregavam apenas a bondade e a evolução da humanidade, foram queimadas em praça pública, unicamente porque os homens não sabiam diferenciar bruxas 'do bem' e bruxas 'do mal'. E a perseguição violenta a que foram submetidas obrigou tanto as bruxas negras quanto nós, bruxas brancas, a escondermos nossa verdadeira natureza e mantermos nossas práticas em um segredo ainda mais absoluto."

-Você... também foi perseguida, mãe?

- Sim, querida. Mas, na minha vida, para minha proteção, a semideusa me colocou no caminho de seu pai.

- Como assim?

- Eu conheci Golbez por acaso, ele me cortejou e eu aceitei o mais rápido que pude, pois me casar com ele seria uma proteção, você me entende?

- Então você não ama o papai, mãe? - a pergunta vinha em choque.

- Amo, claro. Mas hoje em dia eu o amo. Na verdade, eu aprendi a amá-lo, e o seu nascimento só serviu para nos aproximar ainda mais - Ariane sentiu uma imensa alegria em escutar aquilo.

- Só digo que não me casei com seu pai por amor, não naquela época, você me entende? Eu o fiz mais para me proteger da loucura que estava acontecendo...

- Eu entendo, mãe - e Anna se orgulhou da maturidade da filha. - Mas... e as outras magas brancas que não tiveram a mesma sorte que você? - se Sabino estivesse na sala, garanto que elogiaria, e muito, a bela pergunta.

- A maioria delas fez como a sua avó! Compraram ou construíram casas isoladas dos centros, principalmente no meio da floresta ou em grutas e platôs afastados - e Ariane se surpreendeu, pois tudo passou a fazer sentido.

- Eu sempre pensei que a vovó fosse maluca por morar sozinha no meio do mato...

- Não era. Ela até teve sorte em conseguir comprar essa casa de um lenhador aposentado que queria se mudar para Metropolitan. Entretanto, assim como as magas brancas, outros tipos de bruxas também se espalharam por todos os lugares... - Anna iria explicar melhor esse raciocínio, mas Ariane a interrompeu demonstrando ser desnecessário.

- Já entendi, mãe. Você tá querendo me dizer que existiram bruxas "do mal" que também se esconderam. Como aquela que atacou a Maria e o João há alguns anos.

- Perfeitamente, querida. Eles, infelizmente, caíram nos domínios de Babau, uma das piores magas negras sobreviventes, que escapou da fúria de Primo na época da Caçada de Bruxas - Anna desfocou o olhar, como se vivesse tudo novamente. - Tratava-se de uma bruxa tão ruim, que mantinha o hábito de se alimentar de carne de seres humanos, e, graças às semideusas, isso não aconteceu com os dois irmãos...

- Mãe... o que é um animal marcado? - Anna se surpreendeu por Ariane lembrar de tal informação e a utilizar em momento tão oportuno.

- Bom, querida... como eu lhe disse, as bruxas conhecem técnicas para manipular energias positivas ou negativas, e uma dessas possibilidades é utilizar a natureza. As magas brancas utilizam os animais para avisar pessoas em perigo, receber avisos deles, fazer perguntas sobre o local onde vivem, coisas desse tipo. Já as magas negras ordenam o mal, ou pior... a morte de pessoas - Ariane engoliu em seco.

- Por isso você disse que alguém mandou matar a vovó Narin!

- Ariane falou mais para si própria.

- Na verdade, querida... não foi bem para matar a vovó Narin que eu suspeito que alguma bruxa negra tenha marcado aquele lobo. Se puxar a memória, vai lembrar que, na verdade, eu acreditava que o animal estava marcado para matar...

"... você."

E o povo vibrou.

Isso aconteceu porque um orco de mais ou menos um metro e oitenta voou no balcão de uma taverna. Você talvez deve estar pensando que o taverneiro estava com as mãos na cabeça, enlouquecido, pensando no que sobraria de sua taverna, certo? Pois o contrário! Afinal, as pessoas de Metropolitan tinham um excelente faro para negócios, e o taverneiro do Caneco de Ouro sabia que quem provocou a briga tinha dinheiro mais do que suficiente para cobrir o prejuízo; e, depois, só a popularidade trazida por uma briga sua àquele estabelecimento já pagava todas as perdas, e com juros.

Uppercut.

O gancho invertido. Um golpe violento, perigoso e intenso.

Não é fácil saber o momento certo de aplicá-lo, pois a guarda se abre no momento da preparação, mas, caso o golpe consiga ser executado, então não tenha dúvida de que o estrago será retumbante. Como no momento em que um orco recebeu um punho no queixo, e pôde-se ouvir, ainda que em meio à barulheira da união de diferentes vozes, o estalar da quebra de uma mandíbula!

Ah, sim, você se lembra daquelas luvas que o príncipe calçou, momentos antes de começar o combate direto? Elas não eram mágicas, nem nada do tipo. Não davam nenhuma força de ogro ou de gigante, e nem sei se essas coisas existem. Mas não podemos realmente dizer que eram luvas simples e puramente estéticas, como a maioria. Acontece que a diferença delas estava na altura dos ossos acima dos dedos, os mesmos que se projetam quando o punho de um pugilista é bem fechado. Nesse local, a luva era revestida de bolas de ferro que não apenas marcavam bem quando acertavam o ponto de impacto como também promoviam dores ainda maiores do que o normal.

O golpe do príncipe, porém, custou caro. Certa mão gigantesca pegou o rapaz pela perna; o corpo foi agitado no ar como o de um boneco de palha e depois arremessado violentamente na direção do balcão, estatelando-se nas prateleiras, caindo com ela e provocando o estilhaçar de dezenas de copos e garrafas de vidro. Áxel Branford caiu atrás do balcão, e devo admitir que o povo se preocupou, pois nenhuma daquelas pessoas achava possível levantar se recebesse um golpe de tamanho porte.

Talvez por essa sensação, por achar que naquela situação fracassaria, nenhuma delas se aguentou de prazer, excitação e euforia quando o príncipe apareceu lentamente atrás do balcão, erguendo-se e sorrindo, embora sangrando um pouco, devagar como uma centopeia pondo-se na vertical.

Afinal, por isso era tão adorado por aquele povo.

Áxel representava o sonho, o mito dos príncipes perfeitos, a mensagem de que qualquer pessoa, nobre ou plebeia, não deveria desistir de seus desejos ou se achar incapaz de realizá-los. Foi esse sentimento que ele trouxe à tona naquele estabelecimento, quando fez um ou dois alongamentos que produziram altos estalos de ossos do corpo e saltou o balcão, dizendo em alto e bom som: - Agora, esquentou de vez! - e o príncipe já caiu em posição de combate diante de uma taverna alucinada.

Um jab. Outro. Um terceiro. Um direto.

Quatro socos pareceram um único para o orco que os recebeu no rosto! Mas digo isso não por causa do dano, mas da velocidade. Era como se Áxel houvesse nascido para aquilo e nada mais, posso afirmar. Os movimentos, mais do que suficientes para liquidar adversários, ainda compunham uma espécie de dança, um vaivém sincrônico entre equilíbrio, velocidade e força; e, ainda que fosse o mais desconhecido dos lutadores, cairia nas graças do público.

Toda essa beleza e graça, apesar da extrema violência, porém, não impediram o orco de socar-lhe violentamente o estômago, fazendo o príncipe se curvar, pois nenhum ser humano pode se manter imóvel diante do soco de um humanóide daquele porte. Afastou-se três passos e, enquanto ainda estava com o tronco apontado para baixo e a cabeça na vertical, Áxel tomou fôlego, respirou umas três vezes e voltou a atacar com força, como se não houvesse levado golpe algum.

Uma série.

No pugilismo, isso se refere a dois ou mais golpes sucessivos, com o objetivo de abrir a guarda do adversário. É preciso fôlego e boa respiração para aplicar altas sequências.

Felizmente, Áxel tinha os dois.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. O orco tentava encaixar um golpe próprio entre tantos ataques, mas, depois do quarto soco, já dava graças em conseguir defender tantos golpes daquela maldita luva com dolorosas bolas de ferro. Um oitavo soco. Uma finta. O orco ergueu as duas mãos para defender o que parecia um ataque no rosto, e isso abriu caminho para que recebesse o golpe violentamente no estômago!

O corpanzil do humanóide dobrou para a frente, e a cabeça ficou na altura do peito do príncipe. Cross! Um golpe cruzado em que o braço direito se mantém flexionado, ficando o cotovelo em uma altura acima da mão. Aproveitando a gravidade, o punho revestido pela luva de ferro desceu destruidor como uma rocha solta de um barranco. E, acredite se quiser, o carac-de-javali não caiu. Isso demonstrava apenas a falta de inteligência, pois até um troll o teria feito para evitar um prolongamento maior daquele embate.

Meia-lua vertical. No pugilismo de Nova Ether, "meia-lua" é o nome dado ao golpe aplicado com o cotovelo, e foi um desses que aconteceu. Uma meia-lua de baixo para cima, que fez o corpo do orco erguer-se do chão em um semicírculo para trás e tombar de costas com os

braços abertos sob gritos eufóricos.

Vibração tão excessiva e intensa de uma plateia plebeia, que aquela taverna se tornou uma barafunda. Os gritos eram muito interessantes, e diziam que no pugilismo ele era o Rei.

E, tenho de admitir, Áxel Branford adorava aquilo.

O momento em que o príncipe se tornava Rei.

As portas da taverna se abriram violentamente, tanto que Áxel se virou achando que alguém havia tirado o mamute adolescente de Muralha do lugar onde estava dormindo e invadido a taverna. Mas se tratava de mais de uma dezena de soldados preparados para distribuir violência para todos os lados.

- O que raios está acontecendo por... Alteza? - o soldado se assustou.

- Recolham esses três, soldados - ordenou firme o príncipe. -

Eles foram responsáveis por um ataque covarde a uma senhora nos arredores de Metropolitan, e eu posso testemunhar contra isso, se assim for exigido.

O soldado estava paralisado, sem saber direito como agir. Na verdade, não poderia jamais decretar e manter presa uma pessoa ou humanóide apenas porque uma outra a acusava de algum crime. Isso lhe foi ensinado no treinamento militar, mas jamais lhe explicaram se isso se estendia aos membros da família real, o que achava bastante difícil. Uma lição, porém, em seu treinamento, o soldado apreendeu mais do que qualquer outra: não existia nada acima de um Rei, apenas os semideuses. Logo, acima daquele príncipe à frente, havia apenas seu Rei ou sua rainha. E, como nenhum dos dois iria mesmo aparecer naquele momento, concluiu que não havia outra opção a não ser dizer: - Não há necessidade, Alteza! Vossa palavra não necessita de testemunhas. Vamos levá-los imediatamente e dar-lhes o tratamento adequado.

E lá se foram os orcos, cada um carregado por três ou quatro guardas. A plateia aplaudiu a saída de seu príncipe real do estabelecimento, e ele não se esqueceu de jogar para o taverneiro sorridente uma sacola com moedas de reis suficientes para reformar uma taverna inteira, ou até duas.

Então, Áxel partiu, adorando aquela situação que arrepiaria os cabelos de seu guarda-costas, se esse os tivesse. Mas, claro, sem imaginar que um olhar o seguia em especial. Desde que entrou naquele lugar. E, talvez, desde muito antes.

- Quem poderia querer... me matar? - uma frase forte, penso, partindo de uma garota de treze anos.

- Provavelmente alguma maga negra, filha - disse Anna. -

Alguém que não queria seu encontro com sua avó naquele dia, para evitar que fosse iniciada como planejado. Como não conseguiu atacar você, o animal teve a ordem de atacar sua avó...

- Mas... eu não entendo ainda direito o porquê disso! O que afinal eu tenho de diferente, mesmo tendo nascido com aquele bando de esquisitices todas que você disse, pra alguém querer fazer uma coisa horrível dessas?

- Isso nós vamos saber, querida.

Um ranger.

Mesmo de onde estavam, era perfeitamente possível escutar o ranger da porta de entrada no andar de cima da casa. Passos.

Um baque seco no chão de madeira podia ser sentido facilmente um andar abaixo. Um... dois... três... quatro... e muitos outros fizeram Ariane se assustar no andar inferior, imaginando quem estava entrando na casa. Admito a você que essas histórias de magas negras, fadas caídas e bruxas carnívoras assustaram a menina de forma eficiente. O coração começou a acelerar. Suor. Frio, daqueles que escorregam devagar pela lateral do crânio, próximo à orelha, e aumentam o frescor do vento quando ele toca o pescoço. A respiração passou a ser oral, a boca não fechava e o som dentro da pequena sala era o do ar que entrava e saía em exagero, acompanhando um olhar arregalado e uma voz rouca que parecia se agarrar à garganta para não ser jogada à morte no ar.

- O... q... que... quem é isso, mãe? - Ariane tremia.

- Acalme-se, querida - a mãe não possuía um terço do nervosismo da filha. - Você não queria respostas?

"Elas chegaram."

Sala Redonda do Grande Paço, portas fechadas, mesa octogonal. Uma vez mais, a cena se repetia, o que significava que a situação ainda estava fora dos eixos em Arzallum. Um punho bateu na mesa. Punho de Rei, daqueles que aumentam e exageram o som do soco. Os Conselheiros presentes apertavam os lábios e mantinham-se imóveis.

- Jamil, o Coração-de-Crocodilo, está neste momento na minha cidade, reunido aos Sombras e ordenando roubos de materiais tão distintos e exóticos quanto frutas e jóias raras! -

as informações haviam sido espremidas pelo próprio Rei, antes, de Snail Galford. - Algum de vós tendes uma visão pessoal disso?

- Majestade - disse o Conselheiro Amarelo -, acredito que o interesse de Jamil está em esconder seus reais propósitos com tamanhas atitudes. Em meio a essas excentricidades está apenas o desejo de ter verdadeiramente apenas alguns desses itens, e o resto é mero material para gerar especulações e desvios do verdadeiro foco.

- Como estamos fazendo agora? - perguntou o Rei, e ele não parecia contente.

- Sim, Vossa Majestade... - e o Conselheiro Amarelo preferiria não precisar ter respondido a tal pergunta, mas... é aquilo, ninguém deixaria de responder à pergunta de um Rei. Mesmo as mais difíceis.

- Mais alguém? - o Rei bufou, nervoso.

-Vossa Majestade, acredito que esse pirata está juntando tais apetrechos como forma de pagamento a mais algum poderoso aliado - disse o Conselheiro Preto, sempre pensando nas piores consequências.

- Um poderoso... aliado? - não sei se é assim que você vê, mas eu não tenho dúvidas em afirmar que Primo já estava impaciente e irritado em ver seu Reino pegando fogo enquanto ele estava ali, sentado com um bando de nobres encapuzados que não pegavam em armas, os quais ele próprio já imaginava que não pudessem ajudá-lo em qualquer coisa naquele momento.

- Sim, Majestade - continuou o Conselheiro Preto -, primeiro ele se aliou aos Sombras, agora... quem sabe ao que mais?

- Claro... talvez quem sabe a um... dragão? - perguntou Primo, batendo uma vez as palmas das mãos. Os outros Conselheiros se seguraram para não rir. Não que a piada fosse muito engraçada, mas a cara de irritação de Primo e a de idiota do Conselheiro Preto tornariam a situação cômica, se não fosse trágica. - Será que algum de vós, por acaso, não teríeis uma solução prática, direta, de real eficácia? - o Rei aumentou o tom de voz. - Pessoas morreram! Eu estou cansado de ouvir teorias disso ou daquilo, eu quero saber de soluções práticas!

Soluções que impeçam que amanhã eu tenha de entrar outra vez na Catedral da Sagrada Criação e ver dezenas de famílias chorando de desespero porque perderam seus chefes devido às insanidades de um maluco com alcunha de Jacaré!

Ninguém ousou corrigir o Rei. Era mais fácil passarem a chamar Jamil de "Coração-de-Jacaré" do que tentarem o feito.

E por falar de ousadia, e do que ninguém teria coragem de fazer, acredite ou não, mas bateram à porta da Sala Redonda naquele momento. E interromper uma reunião a portas fechadas sem motivo era assinar um contrato de férias de pelo menos um mês no pior calabouço da Jaula de Andreanne.

- Eu mereço... alguém abra essa porcaria! - Primo apoiou o rosto na mão, pedindo ao Criador que o ajudasse e lhe mandasse uma resposta.

O Conselheiro Laranja se levantou e abriu a porta da Sala Redonda. Do outro lado, estava um oficial de baixa patente, suando frio por nervosismo de interromper uma reunião daquele porte.

- O que foi, sargento? O Rei espera que tenhas um bom motivo para... - o sargento ignorou a existência do Conselheiro Laranja e entrou na Sala Redonda sem a autorização do Rei, o que fez todos os Conselheiros pensarem que alguém estava realmente a fim de garantir férias em um calabouço escuro.

- Majestade!... Tem um homem... e uma garota... e um garoto... - o sargento estava ainda mais nervoso do que antes.

- Por mil bruxas, o que fiz de tão ruim? - e a mesa recebeu mais um soco do Rei, que se levantou. - O que diabos estás fazendo, sargento?

Queres interromper a reunião para me dizer que existe um homem, um garoto e uma garota nesta cidade? Eu posso te afirmar que isso não é uma exclusividade local!

- Não... Majestade... eles estão aqui!

- "Aqui"? Aqui-o-quê? Aqui dentro do Palácio?

- Não! Aqui do lado de fora! - e todos os Conselheiros arregalaram os olhos.

- Mas com que direito vós deixais plebeus andarem pelo Grande Paço, incompetentes? - Primo Branford sempre foi conhecido por ser um Rei bondoso. A forma nervosa como falava, irritado, mesmo xingando vez ou outra seus subordinados, mostrava apenas o nível de estresse e abalo emocional que o estavam atingindo ultimamente.

- Mas, Majestade... ele sabe as senhas! - o sargento disse com um profundo susto.

- Senhas? Mas de que malditas senhas tu falas?

- As senhas dos cofres!

Pausa para explicação.

Quando se entra no Grande Paço, existe um único caminho que conduz até a Sala Redonda. Nesse trajeto, existem vários salões e, em cada um deles, no mínimo, um quarteto de soldados. Cada um desses salões possui um cofre, localizado próximo a um dos soldados. Apenas os Conselheiros e o Rei sabem as senhas das combinações para abrir esses cofres, e isso tem um propósito.

Quando alguém consegue abrir um cofre, tem direito a se dirigir até o salão seguinte, e assim sucessivamente. Isso foi criado para evitar que impostores se passassem por falsos Conselheiros e assim tivessem acesso aos planos do Rei, e até ao próprio monarca, podendo gerar tentativas de regicídio.

Assim, os Conselheiros, ao chegarem ao Grande Paço, abriam os cofres e seguiam em direção ao próximo, o que até hoje era feito.

Imagine então um senhor plebeu capaz de chegar até ali, o que poderia simbolizar.

- QUÊ? - o Rei então se lembrou do detalhe. - Ele passou por todas as senhas de todos os cofres?

- Todas, Majestade! E pede que o receba. Diz que o futuro da paz de Andreeanne depende de Vossa Majestade ouvi-lo ou não!

- Isso foi uma ameaça, sargento? - o Rei precisava ter certeza.

- Sinceramente, meu Rei, não vejo assim. Observando bem a figura e o jeito como fala, acredito que seja mais um aviso de quem tem certeza do que diz...

Todos os Conselheiros olharam para o Rei. Provavelmente acharam que traria tal decisão, a de deixar um estranho entrar na Sala Redonda, à votação. E então o escutaram dizer: - Pois manda o sujeito entrar.

- Mas, Majestade... - iniciou uma tentativa de diálogo o Conselheiro Verde, ao ver frustrado o que parecia a iminência de uma votação.

- E vós, calai! - disse firme o Rei. - Que falásseis quando pedi vossas opiniões, sempre teóricas.

"Pois eu tenho a sensação de que a prática que busco enfim me apareceu."

Era uma senhora.

As vestes eram estranhas e diferentes, pelo menos do ponto de vista de Ariane Narin. Trazia um chapéu pontudo na cabeça e, quando perguntada, explicava que era apenas um acessório, pois o formato cônico "auxiliava na captação de energia".

Bom, aquela pessoa era uma bruxa. E, por mais que tivesse ouvido e entendido todo o conceito explicado pela mãe, saber que estava na presença de uma bruxa desconhecida, ainda não era a melhor sensação do mundo para Ariane. Esse raciocínio limitado tinha lógica. Ele vinha influenciado diretamente pelos contos narrados pelos bardos das histórias ambientadas em Nova Ether, envolvendo príncipes, bruxas e dragões. Até porque nenhum desses contos envolvia bruxas "do bem", e ainda mais bonitas como sua mãe; apenas mostravam o conceito de bruxas vestidas de negro e com caldeirões fervendo, o que realmente existia por lá, mas não de forma exclusiva como a menina pensara.

Anna lhe explicara que aquela senhora recém-chegada era Madame Viotti, a sacerdotisa que deveria assumir o coven após sua avó Narin ter deixado aquele plano.

O mais assustador, porém, era que ambas explicaram que iriam iniciar Ariane naquele dia, e isso causou um certo desconforto, a princípio. Mas esse desconforto passou quando Ariane viu que não se tratava de uma imposição, mas de uma escolha.

- Ariane, minha doce criança, você quer ser iniciada? -

perguntou Madame Viotti, com um jeito doce e calmo, sorrindo para a menina.

Sabe, vou ser sincero: Ariane estava com o "não" pronto. Ali, na ponta da língua, prestes a vê-lo pular para fora da boca como um sapo. E garanto que se a obrigassem a ser iniciada, se dissessem algo do tipo "você vai ser!", ela teria dito "não"

mais rápido do que posso narrar. Mas ela estava ali, diante de bruxas... e pior... ou melhor... bruxas "boas", que usavam a magia para o bem. E sua avó era a antiga sacerdotisa daquilo que ela já havia aprendido que se chamava coven!

E então ela se lembrou de tudo o que a mãe lhe dissera até ali.

E de como ela e a falecida avó pensavam que era especial, como nasceu em um dia tão diferente, numa tal de lua estranha, e como via coisas esquisitas e ouvia um tal de chamado. Uma coisa era certa: ela tinha muitas perguntas, tantas que nenhum professor poderia ajudá-la. Não um professor comum da Escola Real do Saber. Mas ali... bom... ali ela poderia ter respostas e aprender com professoras especializadas em responder a dúvidas como as dela, em um número cada vez maior.

Ariane Narin pensou que, naquele momento, não deveria ter medo nem receio, pois não corria perigo. Pelo contrário, estava para decidir se viveria o resto da vida na ignorância ou na possibilidade do conhecimento da verdadeira sabedoria. E

não havia nenhum dos irmãos Hanson por perto para dar sua opinião, antes de formar a sua própria. Nem sua mãe iria dizer o que ela deveria fazer.

Nunca sua própria vida esteve tanto em suas próprias mãos.

E talvez tenha sido isso, essa liberdade de escolha e esse desejo de respostas talvez tenham feito a menina pensar um pouco, olhar de lado para Madame Viotti e responder com a maior firmeza com que já respondeu a uma pergunta.

"Sim."

“Sabino von Fígaro.”

Duas surpresas nessa frase, ao menos para Maria Hanson.

Uma: era a primeira vez que escutava o nome completo de seu professor. Duas: a frase partia do próprio Rei, o que significa que ela não apenas havia saído por uma noite com um príncipe real como também estudou com um professor ciente dos códigos especiais para chegar à Sala Redonda do Grande Paço. Era incrível como, de uma hora para outra, sua vida monótona começava a parecer muito, mas muito mais emocionante.

- Vossa Majestade então ainda lembrais deste guerreiro de mil batalhas? - Sabino sorriu, ignorando a presença dos outros Conselheiros.

- Juro que és a última pessoa que pensava encontrar neste dia horroroso - disse o Rei, expressando a mais pura das verdades.

- Também me surpreendo de saber que ainda te lembres dos códigos de acesso.

- Estais pensando que fiquei caduco, Majestade? - sim, assim como os presentes naquela sala e como você, também acho que os dois conversavam como se fossem bons e antigos amigos. - Muito pelo contrário, estou como vinho, apenas ganhando valor com o tempo. Minha astúcia está cada vez mais aguçada, tanto que aqui estou para vos tirar a vós e a vossos Conselheiros das trevas da ignorância!

- Ora, Vossa Majestade não leveis a sério este ultraje... - a frase nunca completada foi do impulsivo Conselheiro Vermelho.

- Mede tuas palavras, Vermelho - disse firme o Rei. - Antes que conluas, lembrar-vos-ei que este homem já se sentou em uma dessas cadeiras coloridas do Conselho. Exatamente como eu e como vós!

Maria e João arregalaram os olhos. Talvez estivessem surdos, ou alucinados, ou talvez Primo Branford tivesse realmente acabado de confirmar que aquele senhor com quem estavam "trabalhando" já havia sido em outras épocas um...

Conselheiro Real! Bom, isso explicaria, por um lado, como tinha acesso às senhas dos cofres. Falando nisso, eles estavam mesmo na mesma sala que o Rei! Ah, sim, e o Conselheiro Vermelho se sentou sem dizer mais nada depois das palavras do Rei, apesar de se roer por dentro.

- Muito bem, Sabino, vejo que voltaste à ativa, e isso talvez seja bom neste momento! - voltou a falar o Rei. - Lembro-me muito bem de que talvez não tivesse conseguido ir tão longe sem tua ajuda na Caçada.

- Vossa Majestade deve lembrar de tudo muito bem, como eu!

Pois infelizmente venho até aqui vos dizer que talvez uma nova Caçada tenha de ser mais uma vez empreendida, senhores!

Vozearia entre os Conselheiros. Na verdade, ainda não estavam interessados no fato de aquele senhor estar realmente trazendo informações importantes ou não, mas sim na atenção que ele estava conseguindo do Rei, a qual eles próprios haviam passado o dia tentando. E com insucesso.

- Silêncio! - e Primo bateu tão forte na mesa dessa vez, que as pessoas largaram o que estivesse nas mãos. - Juro que se me irritarem uma vez mais, uma única vez que seja, eu dissolvo esta porcaria de Conselho e passo a tomar minhas decisões em praça pública, ao lado do povo! - nobres tremeram só de imaginar uma situação daquelas. - Sargento, tu podes ir! - e poucos notaram que o sargento ainda não havia se retirado.

Apenas pelo fascínio de ver por dentro, e em atividade, a Sala Redonda.

- Oh, sim! Com licença, Vossa Majestade!

- E quem são estas duas crianças, Sabino? - era fácil notar a irritação do Rei. Na verdade, tudo parecia irritá-lo naquele dia.

- Meus dois... assistentes, Majestade! Peço-vos que, por favor, permitais suas presenças, pois sem eles não teria chegado à conclusão tão alarmante que me fez vir até aqui.

- "Assistentes"? Claro... que seja! - e o Rei apoiou novamente o rosto sobre a mão. - Vamos, diga-me: afinal, o que descobriste de tão alarmante em Andreanne que te fez vir tão rapidamente até aqui?

- Majestade... Conselheiros... venho vos informar que Jamil Coração-de-Crocodilo não veio a estas terras atrás de nada material, ou ao menos não com essa intenção primeiramente.

E a atenção de todos os Conselheiros, que não iriam se arriscar a contestar mais uma vez Sabino, enfim se fixou naquele senhor. Por mais ou menos mordidos que estivessem, a cidade em que eles e suas famílias moravam estava em perigo iminente, e talvez valesse a pena escutar alguém que parecia tão seguro do que dizia, uma vez que eles próprios ainda não haviam estabelecido um consenso.

-Vamos, Sabino, conta-me o que quero ouvir - disse o Rei.

- Vossa Majestade, infelizmente irei contar o que vós não quereis ouvir!

"Existe uma bruxa em Andreanne. E é atrás disso que esses piratas sanguinários estão."

Doze metros.

Era essa a altura em que estava Áxel Terra Branford. Não lhe passava pela cabeça que o pai estivesse naquele momento na Sala Redonda, e ainda mais com Maria Hanson e seu irmão.

Nem imagino o que pensaria se soubesse. Não mesmo.

Mas, se estava a doze metros, não o fazia com flutuação ou nada parecido, apenas pediu permissão para subir na torre de vigília a oeste de Metropolitan; se bem que príncipes não pedem permissão, ao menos não da forma como faria um militar. Talvez movido por uma insanidade temporária, subiu, quase matando os soldados do coração, no telhado da torre, e lá permanecia quieto, observando o horizonte.

A observação a oeste tinha um motivo: era naquela direção que podia avistar, e muito bem, as Sete Montanhas. Pareciam tão próximas com seu tamanho descomunal, mas, ao mesmo tempo, tão distantes, como a pequenez que sua figura real parecia realçar diante de tamanha vista. Ordenou que nenhum soldado ou qualquer outra patente o incomodasse; estava concentrado demais para isso. E exatamente por isso, por ter dado um aviso anteriormente, irritou-se profundamente quando escutou uma voz lhe perguntar: - Muitos dias ainda levará de viagem, príncipe! Muitos mais do que contara inicialmente!

- Mas será possível que... - Áxel se virou e quase caiu do telhado de surpresa. Não, não estou exagerando. Vou lhe dar três bons motivos para isso, e você irá concordar comigo. O

primeiro: a voz não era a de um homem, mas a de uma mulher. Segundo: a moça, de pele negra e uma beleza profunda, com cabelos encaracolados, não estava tocando o chão. Terceiro: ela era uma fada. Se esses três motivos não forem suficientes para fazer você cair de susto do telhado de uma torre, meu bom amigo, eu realmente desisto! Acho melhor enterrá-lo de vez.

- Surpreso, Áxel Terra? - interessante como a fada usou apenas o sobrenome da mãe. O comum era as pessoas se referirem a ele usando seu primeiro nome e o sobrenome do pai, quando queriam usar apenas dois nomes ao se referir a ele. - Eu sou Yama, conhecida entre os seus como a Fada do Crepúsculo, e vim aqui lhe dizer que você passou em meu teste proposto.

- "Teste"? - gostaria que você pudesse ver a cara de besta que Áxel fez no momento. Ele próprio estava tentando descobrir se ainda mantinha alguma sanidade, e os olhos mais pareciam os de um peixe recém-colocado em um aquário.

- Sim, ou você se esqueceu do que pediu a seu Criador? - Bom, era covardia querer que ele se lembrasse. Garanto que até mesmo você deve ter se esquecido disso.

- Moça... eu devo estar muito cansado, pois tive uma luta desgastante hoje e... talvez por isso

esteja tendo alucinações! -

Áxel esfregou os olhos. - Por isso, sinto informar que a senhora não existe, e não é bom para soldados descobrirem que seu príncipe anda por aí falando sozinho...

- Sim, violenta luta a sua. Aliás, você deveria agradecer àqueles orcos!

- Sério? - perguntou o príncipe, fazendo uma careta em que os lábios se uniam e o nariz se deformava. - E por que deveria?

- Porque foram eles que permitiram que eu estivesse aqui, e com boas notícias.

- Olha, eu não sei quem está me pregando esta peça, mas devo admitir que é muito benfeita! Agora...

- Meu Criador, por favor, me ajude a chegar às Sete Montanhas o mais rápido, para que possa encontrar meu irmão e voltar a tempo de ajudar o povo de Andreanne, caso minha ajuda seja essencial! - disse a mulher já em cima do telhado para evitar que Áxel achasse que sua existência era fruto de uma alucinação. - Não foi isso que pensou e pediu quando corria em seu corcel na direção de Metropolitan, Áxel Terra?

Áxel parou um pouco para pensar. Lembrou-se do pedido para que o semideus Criador o ajudasse a chegar mais rápido a seu destino, mas... se havia dito com aquelas palavras exatas, seria exagero afirmar. De qualquer forma, o cérebro começou a processar toda informação que tinha sobre fadas, pois começou a acreditar que não era bem uma alucinação à sua frente.

- Bom... eu não posso afirmar...

- Mas eu posso! Em um mundo de pensamentos etéreos, a fé pode mover sete montanhas, você já deve ter ouvido falar!

- Sim - agora o papo era sério. A mulher parecia trazer a Áxel uma luz; um sentimento guerreiro e bondoso que arrepiava a pele, como arrepiaria a minha ou a sua no lugar dele. - Eu me lembro agora. Havia visto os pombos-correios e imaginava se meu pai e meu povo precisavam de mim...

- Sim - a fada pareceu satisfeita. - E então você rezou ao Criador um pedido de fé verdadeira, em que desejava apenas o bem-estar de semelhantes, excluindo o egoísmo. Fez um pedido altruísta e, por isso, tive ordem de testá-lo.

-As fadas testam as pessoas e as ajudam ou punem de acordo com o resultado, não é isso que contam os bardos?

- Sim. E seu teste foi com aquela senhora no meio da estrada, e com muito louvor acompanhei sua iniciativa de ceder o corcel, ainda que isso o prejudicasse muito mais - disse a fada, fazendo o príncipe se sentir orgulhoso. - Não, não se orgulhe nem pense em se vangloriar ou

colocará tudo a perder.

Áxel quase caiu do telhado de novo.

- Mas como...

- Quantas vezes terei de dizer para que entenda que neste mundo o pensamento é mais perigoso do que uma espada? Só estou aqui porque seu pedido ao Criador foi humilde, e com humildade deve aceitar o que digo, ou do contrário me retirarei imediatamente, como se nada houvesse acontecido.

- Não! - o príncipe tremeu. - Me desculpe! Você tem razão, senhora. O que eu fiz no caso citado nada mais foi do que a ação de qualquer pessoa de bom senso e índole de respeito. E ainda acrescento: agradeço essa lição que me deu.

As fadas podem saber se o que as pessoas dizem é verdadeiro ou não. Na maioria das vezes não é, mas, naquele momento, era. Ela podia ouvir os pensamento de Áxel Branford, sentir a pureza e saber que era real o desejo do príncipe de acertar, pois não queria falhar naquele momento, especialmente com o irmão e seus conterrâneos.

- Enquanto mantiver a humildade que demonstra agora, príncipe, o Criador o ajudará em sua jornada. Perca a fé, deixe o ego dominar, e tudo se tornará mais difícil, você compreende?

E o príncipe fez um lento sinal positivo com a cabeça. A luz daquele ser o emocionava. Explico melhor: o sentimento de Áxel naquele momento atingia tais proporções porque era como se o próprio semideus Criador estivesse falando com ele e usando aquela fada apenas como um veículo. E, para alguém que tem fé, escutar o verdadeiro Criador é algo que ultrapassa o emocionante e toca em domínios do êxtase.

-Você é um príncipe. E príncipes não têm direito de errar. As pessoas precisam de exemplos, e esse é um dos motivos da criação de pessoas como você - disse a fada. - Você passou em um dos inúmeros testes que terá na vida, e espero que não esqueça lições como essa. Como de praxe, irei recompensá-lo, mas nunca, e reafirmo esse nunca, aja esperando recompensa minha ou de quem quer que seja, e nunca deixe de fazer o certo ao saber que não receberá nada em troca. Pois isso é ser probo, é merecer existência e honrar a criação.

"Ao anoitecer, quando a lua estiver dançando com o sol, e esse baile formar o crepúsculo, chame-o. Ele virá... se mantiver o coração puro, a mente sã e o objetivo em foco...

ele virá."

E então Áxel estava sozinho, doze metros acima do solo, se perguntando se o que havia se passado era realmente verdade.

Por um momento, a dúvida lhe assolou a mente. Por um momento, apenas. Pois a mente está

realmente à todo momento se assolando, buscando a razão e procurando explicações racionais para as coisas. Mas o príncipe não seria enganado dessa vez por suas razões.

Sim, ele sabia que havia passado pelo que havia passado. E

posso lhe afirmar claramente que nenhum pingo de dúvida pousava sobre a consciência em êxtase. Isso tinha um motivo, e o sorriso diante das Sete Montanhas expressava a certeza.

Pois sua emoção lhe dissera.

Havia, enfim, escutado seu coração.

Snail Galford estava sentado em uma arquibancada, com uma das mãos apoiadas sobre o rosto, pensando no que faria da vida. Não sabia mais se estava do lado de um pirata sanguinário ou de um Rei obcecado. Estava certo de que, se traísse qualquer um dos dois, estaria morto na mesma hora. E

de que não era possível permanecer fiel a ambos ao mesmo tempo. Logo, era fácil entender por que mantinha o rosto escondido por uma das mãos, como se nada mais importasse.

E sabe onde estava pensando nessas coisas todas? Acredite: em uma arquibancada de circo. Nunca havia mencionado, mas ao mesmo tempo em que estreara Caçadores de Bruxas no Majestade, alguns dias antes, o Circo Gabbiani também havia se instalado na cidade de Andreanne. Inclusive, era esse o segundo passeio previsto para as crianças da Escola Real do Saber, que assistiram maravilhadas à peça, como Ariane Narin e João Hanson, naquele momento cada um em seu próprio dia esquisito.

Snail não gostava de circos. Apenas era um local em que poderia ter uma hora ou pouco mais que isso para pensar.

Pensar em como sobreviver. Estava no meio da selva urbana e não sabia como ir até Jamil Coração-de-Crocodilo e, além de rezar para que o pirata não desconfiasse que estava agindo como agente duplo, ainda dizer-lhe que não tinha o colar de cento e oito pedras. Bom, na verdade não diria isso, o Rei antes de soltá-lo lhe entregara uma réplica, mas... qual a garantia de que Jamil não saberia diferenciar as duas? Haveria de ter muito sangue-frio para entregar uma réplica a um pirata que lhe pediu uma jóia original.

Definitivamente, sua situação não era nada boa.

O tempo foi passando. E o negro de bandana na cabeça e jeitão taciturno estava viajando tanto nos próprios pensamentos, que nem notou as apresentações dos palhaços, do malabarista, do engolidor de fogo ou mesmo do domador de leões. Uma influência sofria da arquibancada vazia, pois as pessoas não estavam lá muito animadas ou seguras para ir a shows como aquele depois do acontecido no centro da cidade.

E afirmo que o circo só não havia devolvido os ingressos e cancelado o espetáculo por causa daquele tal passeio das professoras com os alunos da Escola Real do Saber, realizado naquele Dia da Terra em que não haveria aula, mesmo em condições normais.

Mas talvez o Destino tenha decidido brincar mais uma vez, ou talvez o Acaso tenha tido pena de tão sofrível conflito, e por isso alguma força maior permitiu a Snail Galford prestar atenção à penúltima apresentação circense: os acrobatas do trapézio. E mal-humorado, com seu jeito debochado e impaciente, ele viu um casal pular de um trapézio para o outro e dar saltos mortais que iluminavam os olhares infantis predispostos exatamente à excitação dos

sentidos.

Passou-se um salto. E mais um giro. E mais um ou outro detalhe. E cada vez mais os olhos do jovem Snail se apertavam. Estava longe do palco; mais ainda dos trapezistas, que estavam metros acima do solo, mas boa visão era uma de suas qualidades, e se não tinha uma memória prodígio ao menos uma boa memória podia se gabar de possuir.

Observando bem, com o máximo de detalhes que podia, as feições da menina que se balançava no trapézio, Snail conseguiu identificar a última pessoa que imaginava estar tão próxima de si e fazendo coisas daquele tipo bem em cima de suas barbas, se tivesse uma. Pensando bem, ele então avaliou que fazer acrobacias se encaixava perfeitamente no perfil daquela jovem, o que explicava a habilidade atlética quase que sobrenatural.

E, por falar em sobrenatural, Snail percebeu, e foi o primeiro a conseguir o feito em três anos de espetáculo, que algumas vezes o trapézio avançava em direção à jovem sem que ela precisasse necessariamente avançar em direção a ele. Era como se ela pudesse... chamar a barra para si, e ele se acharia maluco se não houvesse visto certas coisas ultimamente.

Foi quando, então, Snail sorriu. E passou a pensar que a Sorte resolvera voltar a acompanhá-lo finalmente.

Por mais uma vez, a água lhe caiu pelos tufos de cabelo e escorreu pela espinha, fazendo-a se contorcer em um misto de frio e satisfação. O local era uma banheira especialmente preparada com ervas e líquidos que deixavam um agradável perfume na água morna. Ela não sentia vergonha de nada, estava na presença apenas da mãe e da sacerdotisa em quem já confiava, por ser de confiança da mãe e, no passado, ter sido da avó, e quem em pouco tempo iria iniciá-la na "bruxaria do bem".

- Limpe a mente, Ariane! - a voz de Madame Viotti era agradável, convidativa e consciente. - Esqueça pensamentos negativos, ignore os sentimentos ruins, sinta o que há de melhor dentro de você.

Os olhos da menina permaneciam fechados. Tudo o que era dito era feito. E posso admitir por ela que Ariane Narin começou a sentir uma paz lhe invadir o corpo. A água, que já estava morna, pareceu se aquecer mais, e tudo ficou mais confortável. Os ombros estavam soltos, e a cabeça caiu para trás, de tanto que relaxou o pescoço.

- Medite. Peça à Criadora que você seja um instrumento de bondade nesta existência. Agradeça pelas informações que está recebendo e por ter sido escolhida para desempenhar um importante papel neste mundo. Entregue-se e escute o que Ela tiver a lhe dizer.

Ariane poderia jurar que parecia não ter, por algum momento, o corpo físico. Estava tão leve que parecia flutuar.

E, já acostumada a enxergar o semideus Criador na forma de uma mulher, pediu à Criadora que realmente guiasse seus passos. E ouviu.

Ariane.

Era outra vez o chamado. Mas dessa vez a voz não parecia com a da mãe. Acreditou que a Criadora estava a falar com ela e continuou concentrada. Não demorou para que a voz novamente ecoasse de fora para dentro dos ouvidos.

Segue sua busca, filha.

Ariane abriu os olhos. Ainda estava no quarto de baixo, dentro da banheira, com apenas a mãe e Madame Viotti a observá-la. Contou o que havia escutado, embora com um pingo de receio que uma ou as duas não acreditassem e achassem graça do que dizia.

- Você está pronta, menina - disse Madame Viotti. - Logo vai anoitecer, e então começaremos sua iniciação. Você tem um papel grande neste mundo, querida. Cabe agora descobrirmos qual.

Madame Viotti subiu as escadas e, pelos passos no chão de madeira, lá no quarto de baixo era possível saber por onde se deslocava. Ariane olhou para a mãe e sorriu, porque a mãe sorria

para ela.

- Eu escutei, mãe! De novo. O tal chamado - a menina se sentia orgulhosa.

- Querida, escute o que vou lhe dizer, e isso é muito sério.

Nunca conte nada do que acontecer dentro de um coven para as outras pessoas, está certo? Não são todas as pessoas que entenderão a existência de magos brancos e magos negros. As pessoas tendem a achar sempre que uma bruxa é uma pessoa tenebrosa, assim como pensam que não existem fadas ruins, quando foram fadas caídas que ensinaram as magias proibidas às bruxas negras.

- Entendi, mãe. Sabe... eu admito até que eu mesma me assustei a princípio... mas... eu tenho certeza de que você é a mulher mais incrível que conheci, e também... tipo... que é tudo que eu gostaria de ser quando ficar maior... e que, se eu for metade da mulher que você é, eu já serei uma menina satisfeita... e por isso... sabe... eu queria lhe dizer... porque quando a vovó morreu... eu fiquei pensando que acho que nunca disse a ela o quanto eu gostava dela e... eu queria dizer hoje que... tipo...

"... eu amo você, mãe."

E Anna Narin agradeceu à Criadora por permitir-lhe ser mãe.

Por apenas isso.

- Vós estais a ver? Ou por que vós achais que Jamil "Crocodilo" precisaria de componentes tão diversos? - Sabino comandava a reunião que parecia não ter hora para acabar na Sala Redonda.

O Rei olhou para o senhor com uma cara de desdém, mas não era esse na verdade o real sentimento. Na verdade, estava certo de que Sabino sempre resolvia as coisas, e era exatamente por isso que achava graça e fazia aquela cara com o show particular que o velho senhor parecia gostar de fazer antes de desvendar seus casos.

- Fácil, senhores! - continuou Sabino. - Verdade tão simples e óbvia, que apenas confirma o pensamento anterior. Jamil e seus piratas estão aqui atrás de uma bruxa, e os tais raros e diversos componentes que buscam nada mais são do que instrumentos necessários para a conclusão de um ritual!

E, mais uma vez, a vozaria se fez entre os Conselheiros.

- Calados! - bradou o Rei, e isso já estava virando um costume.

- Mas... diga-me sinceramente, Sabino: que tipo de ritual um pirata poderia exigir de uma bruxa?

- Ora... muitos!

- Não vás dizer que falas de um ritual de amor, professor... -

disse, de forma debochada, o Conselheiro Púrpura. E todos os outros Conselheiros também sorriram.

- Talvez isso fosse mais indicado para ti, Conselheiro Púrpura!

- e os irmãos Hanson soltaram um riso daqueles que se expira forte e se tenta travar, mas é mais forte do que a própria vontade. - Eu me refiro à rituais de força, desgraça e morte.

- Achas que ele pode tentar um ritual contra Sua Majestade? -

perguntou o Conselheiro Preto, que por sinal não havia rido da piada do Conselheiro Púrpura.

- É possível. Tudo é possível quando se envolvem piratas e bruxas.

- Mas que raiva! - e agora não tenha dúvida de que foi o soco mais alto de todos que Primo dera naquela mesa. O barulho foi tão alarmante, que Maria deu um salto para a frente e se contorceu de susto. - Será isto um poço sem fundo? A cada momento me aparece uma notícia ou uma nova informação que apenas piora o insuportável! - se exaltou o Rei.

E bateram na porta. Três vezes.

- O que fiz de tão grave para isso tudo estar acontecendo? -

continuou Primo.

E mais uma vez bateram na porta.

- E, depois de enfrentar uma guerra inteira contra essas malditas aberrações, agora ainda descubro que existe mais uma viva, na minha cidade, para me fazer um vodu?

E pela terceira vez bateram três vezes à porta.

- E alguém abra essa maldita porta, antes que eu mesmo enforque quem deseja testar minha paciência! - o Rei já estava completamente sem controle emocional.

Maria Hanson, que estava de pé, correu e abriu as portas da Sala Redonda. O mesmo sargento estava lá, com uma expressão a denunciar que ali era o último lugar aonde ele gostaria de voltar.

- Desculpe interromper novamente, Vossa Majestade, mas tenho de informar a vós que... - o sargento suava frio.

- Dize logo antes que te mande à forca, sargento! - esbravejou Primo. - Já chegamos enfim ao fundo do poço mesmo!

Nenhuma notícia que me deres pode piorar ainda mais minha situação!

- Bem - o sargento engoliu em seco lamento muito informar, mas é meu dever comunicar a vós, Vossa Majestade e Conselheiros Reais, que acabamos de saber que Jamil Coração-de-Crocodilo está com a princesa Branca e a rainha Rosaléa Coração-de-Neve em seu poder. Um Rei afundou o rosto entre as duas mãos.

"Maldito poço sem fundo."

Um balde de água fria.

Foi com isso que Áxel Terra Branford conseguiu acordar seu guarda-costas. E Muralha demorou a entender o que estava acontecendo e também a se levantar, pois seu raciocínio estava ainda mais lento, e os músculos doíam como se houvesse levado uma surra. Essa era a resposta natural de seu corpo, caso fosse acordado antes das vinte e quatro horas que necessitava descansar.

- Certo, bom amigo, eu sei que você não está nas mais perfeitas condições, mas confie em mim mais uma vez: precisamos partir, agora!

Áxel agradeceu ao capitão Vitório pela hospedagem e por tudo que fizera por eles. Ambos disseram uma ou outra piada sobre os orcos trancafiados e como dá-los de alimento a lobos famintos, e logo uma carruagem puxada por cavalos com expressões cansadas os levou até a saída, a oeste de Metropolitan. Muralha tinha de ficar meio inclinado, pois, do contrário, a cabeça seria comprimida contra o teto do veículo.

Obviamente, o local não ficou lá muito confortável para o príncipe e o capitão.

Áxel também recusou prontamente o insistente desejo de Vitório de lhe arrumar um corcel, e isso inicialmente era impossível de ser entendido na cabeça de Muralha. Na realidade, o próprio Áxel não tinha lá total certeza do que estava fazendo e por que estava trocando aquele certo por algo tão duvidoso.

Mas assim o fez.

E logo os portões de Metropolitan foram abertos, e Pacato, o mamute de guerra adolescente, trazido com selas limpas e banho tomado. Muralha subiu em seu dorso, e Áxel para sua surpresa o acompanhou a pé. O príncipe olhou para os céus e se sentiu aliviado quando conferiu que Tuhanny estava lá.

Ele não precisaria ter olhado para lugar nenhum para saber disso.

- Alteza... - o troll cinzento não sabia bem como dizer o que queria - ... não me incomode que pretenda andar um pouco, mas... não acharia mais sábio montar em Pacato?

- Confie em mim, Muralha... apenas confie em mim - e o príncipe andou um ou dois quilômetros à frente dos muros de Metropolitan e parou. Ficou ali, calado e parado, sem nada dizer. Muralha também nada perguntou, pois havia entendido que deveria confiar em seu protegido, e isso lhe era suficiente.

E ambos ficaram ali, parados.

- Está quase na hora...

Uma hora. Esse foi o "quase" de Áxel Branford.

De qualquer forma, dali de onde estavam, na estrada de terra e poeira, com um imenso bosque no horizonte, eles puderam avistar o baile do sol e da lua. Seria a última noite de Lua Cheia, mas o tipo de lua não lhe importava, e sim o bailar dos astros. O inevitável e semidivino processo do crepúsculo.

Ao anoitecer, quando a lua estiver dançando com o sol, e esse baile formar o crepúsculo, chame-o. Ele virá...

O crepúsculo então se anunciou no céu, e a luminosidade foi pouco a pouco diminuindo. Áxel se posicionou à frente do mamute, talvez treze passos, e disse baixo para si, mas alto o suficiente para que ele o escutasse.

"Vem."

E o silêncio se fez.

Foi quando o vento sibilou como uma cobra e cortou o silêncio. E então veio o trotar, e a poeira, e a magia. Pois, naquela estrada de terra, ao longe, mas cada vez mais perto, ele vinha correndo como se já soubesse de seu destino. Pois sabia.

Ele virá.

Muralha não acreditou inicialmente no que os olhos viam, mas não poderia ignorar por muito tempo que era pura realidade ou, do contrário, poderiam interná-lo como um doente insano. Mas ele não era insano, e aquele momento não era um de loucura, mas de intensa expressão semidivina.

Afinal, não são todos os dias, e não são todas as pessoas que poderiam se orgulhar de ter o privilégio de ver o trotar de um corcel de magia. Um animal sem sela, sem medos, sem defeitos. Era como se Muralha e Áxel pudessem vê-lo correr em uma velocidade muito mais lenta do que realmente corria; maravilhados demais para perderem um único detalhe.

O cavalo negro, sem nenhuma mancha no pelo, com os dentes mais perfeitos que um cavalo poderia ter, freou de frente para o príncipe e abaixou a crina em um sinal de humildade, revelando com muita graça o chifre negro. E Áxel compreendeu que mesmo os animais eram dotados de humildade e tocou-lhe o crânio como se fosse um pai acariciando um filho pela primeira vez após o parto.

- Um unicórnio... negro? Dentre todas as histórias que ouvi, apenas uma delas citava esse animal, e não acreditei que viveria para ver sua existência - disse o troll cinzento.

- Agradeça à Yama, Fada do Crepúsculo, bom amigo! - Áxel não esperava que Muralha

entendesse a frase. Montou no corcel, que o aceitou de bom grado. - Peço permissão para que seja minha montaria, e muito me honra simplesmente saber de sua existência, mais ainda cavalgá-lo - o animal parecia compreender o que o humano dizia, seja isso ilógico ou não.

- Lembro-me de que esses animais permitem que homens montem seu dorso, mas... não me lembro do que exigiam de seu montador para isso - Muralha falava com Pacato, sua montaria, e dessa vez não parecia nem um pouco que o mamute compreendesse o troll, o que era ao menos lógico.

- Precisamos chegar até as Sete Montanhas! - e o príncipe olhou o horizonte. - Você poderia nos levar até lá?

E um unicórnio negro se colocou sobre duas patas, enquanto um príncipe lhe agarrava a crina e o pescoço, sem necessitar de sela alguma. Era como se animais como aquele houvessem nascido para serem cavalgados por pessoas como aquela, em momentos importantes como aquele.

Assim, uma nuvem de poeira foi erguida, quando um homem em um unicórnio negro e um troll cinzento em um mamute de guerra partiram com um mesmo objetivo, uma vontade de ferro e um desejo sincero de fazer o melhor que poderiam fazer. E, quando partiram, pareciam deixar gravadas no ar as palavras da fada de pele negra e cabelos encaracolados, que recompensara um príncipe por sua nobreza e o ensinara o valor da humildade diante da vida.

Se mantiver seu coração puro, sua mente sã e seu objetivo em foco, ele virá.

E ele veio. Sim, ele veio. Exatamente como em um conto narrado por bardos.

Um conto fantástico.

Um conto de fada.

O espetáculo estava encerrado.

As crianças já saíam, mesmo porque havia acabado de anoitecer, e as professoras da Escola Real do Saber não queriam que os pais se preocupassem demais. Era a última coisa que desejavam, na verdade, e isso é sério. Óbvio que ainda assim, e por mais cautela e zelo que as professoras tivessem, os pais se preocuparam demais - consequência de uma cidade em estado de sítio - e, por isso, muitos já estavam do lado de fora do circo, esperando seus filhos. Garanto que você também o faria, se fosse seu filho quem estivesse fora de casa, em um Reino onde soaria, em algumas horas, um toque de recolher.

Como já disse, o Circo Gabbiani estava há poucos dias em Andreanne e só havia colecionado problemas desde então.

Não conseguiu uma boa estréia pela concorrência com o espetáculo Caçadores de Bruxas no impecável Majestade, e ainda uma série de tragédias se seguiram. Para se ter uma ideia, esse espetáculo foi o segundo que conseguiram apresentar sem prejuízos. Na verdade, também sem lucros.

Curiosa a história desse circo. Já fora um dos maiores circos de Arzallum, desses que paravam as cidades quando chegavam. E isso porque o senhor Gabbiani sabia fazer as coisas, gerenciar espetáculos e lidar com pessoas influentes.

Sabe como aprendera isso? Sendo um dos nobres mais ricos de sua geração. Ele pertencia à nobreza, sim, mas apenas antes de ser o dono do circo. Na época, a família Ricelli ainda estava no poder em Arzallum, e o senhor Gabbiani tinha um certo prestígio no Grande Paço, cuidando inclusive das contas do Tesouro Real.

O problema do senhor Gabbiani, o que realmente acabou com sua vida, eram duas características suas. Nada como alcoolismo e ganância ou coisa do tipo, muito pelo contrário.

O que acabou com a carreira desse senhor foi exatamente a personalidade forte insubornável e a honestidade. Pois isso é um problema quando você descobre que existem nobres roubando o Tesouro Real bem debaixo das barbas do Rei.

Consequências dessa descoberta: armações contra sua pessoa, intrigas nos ouvidos do Rei e a difamação como traidor da Coroa nas ruas do Reino. Gabbiani despencou do ápice para o buraco negro sem fim, aliás, um estágio que Rei Primo Branford estava conhecendo naquele momento, no qual as coisas sempre podem ficar piores do que já estão. Em pouco tempo, não havia quase mais nada que os sustentasse e quando uso "os", refiro-me a ele e a filha, Liriel Gabbiani.

Foi dela que partiu a ideia do circo. Era um custo barato na época porque havia descoberto

um circo falido, prestes a fechar as portas definitivamente porque ninguém mais queria investir capital nesse tipo de espetáculo. Liriel fez o pai investir tudo o que havia sobrado em um risco que os faria passar fome se desse errado. E funcionara.

Pois um homem sempre dá o melhor de si quando sabe que é sua última chance.

O circo renasceu com o nome Gabbiani. A menina Liriel nessa época se tornara uma adolescente e continuou aprimorando o que mais amava praticar desde que se entendera como gente e ainda vivia como filha de nobre: aulas de dança e de uma tal de ginástica ritmada, que mesclava acrobacia, alongamentos avançados e uma flexibilidade excessiva. Aproveitando uma abençoada ultra-flexibilidade, não demorou a fazer espetáculos do tipo e, por eles, consagrou-se nos palcos armados sob as tendas.

Os nobres que haviam feito falir o senhor Gabbiani, por sua vez, não se intrometeram na nova profissão de seu inimigo.

Isso porque achavam ideal ver o nobre derrotado terminar a carreira chamando palhaços para um picadeiro. Era a perfeita visão da decadência, ao menos na ótica desses nobres corruptos, que gostavam inclusive de comparecer aos espetáculos apenas para exibirem um largo sorriso nas arquibancadas mais caras. Alguns anos se passaram, e a dor de ver seu nome sujo como traidor, porém, foi acabando pouco a pouco com o emocional do bom senhor.

Logo, algum tempo depois de ver o renascimento do circo que comprara, o senhor Gabbiani, infelizmente, veio a falecer em profunda tristeza. E dessa vez, sim, parecia que o circo morreria uma vez mais. Liriel nessa época tinha quinze anos.

E foi com essa idade que ela assumiu sozinha os negócios, impedindo que o circo se extinguisse novamente. Também se tornou a principal estrela e passou a dominar o trapézio com números impressionantes sem a rede de proteção.

Naquele atual momento, um ano e meio depois, ainda era a estrela e o coração daquele circo. Costumava ter um carisma incrível com as crianças, que a consideravam linda com os cabelos ruivos lisos até o ombro e um olhar que parecia não focar em nada e em tudo ao mesmo tempo, típico de quem tem os olhos claros. Já os adolescentes adoravam ir ao espetáculo também por causa do carisma de Liriel, embora eles tivessem ideias diferentes das crianças sobre o que definia uma pessoa com carisma.

E era essa mesma Liriel Gabbiani que estava secando os cabelos em seu camarim com uma toalha, após o mesmo espetáculo em que os pais se adiantaram às professoras nas saídas. Jogou a toalha em cima de uma cadeira, abriu a gaveta de um criado-mudo buscando um pente. Olhou no espelho.

Arregalou os olhos. Sentiu uma faca no pescoço.

- Mais algum truque, bruxa? - a voz vinha de Snail Galford. A faca, também.

A Sombra havia enfim encoberto o Fantasma.

Soe o toque de recolher. Agora!

Como sempre, um Rei não precisava repetir duas vezes uma ordem. E, não mais que dez minutos após ter dito tais palavras, estridentes sirenes foram ativadas em pontos estratégicos de Andreanne, ecoando um aviso sonoro muito claro: quem estivesse nas ruas que corresse para suas casas.

Muitos pais agradeceram aos semideuses a própria iniciativa de terem ido pessoalmente buscar os filhos na porta de um circo, e os que não o fizeram pensaram que ideia estúpida fora a de deixar seus filhos concluírem tal passeio apenas porque já o tinham pago.

Mas, ainda assim, haveria tempo de chegarem em casa por causa da uma hora de tolerância dada pelo Rei. O mesmo Rei que, se já estava nervoso, ficou ainda pior quando soube do sequestro de uma rainha e uma princesa de outro Reino em suas terras.

- Quando soubeste? - perguntou Primo, da forma mais calma que podia.

- Há cerca de dez minutos, Majestade! - repetiu o sargento, tremendo como sempre. Perguntou-se por que diabos tinha de ser a patente mais alta no Grande Paço naquele momento.

Preferiria que seu tenente ou capitão estivessem ali, enquanto ele próprio estivesse nas ruas comandando soldados. Mas isso seria impossível, pois as mais altas patentes estavam naquele momento nas ruas, comandando investigações sobre um sequestro que poderia render futuros conflitos diplomáticos.

- Agora me diz, sargento, com base apenas nas informações que recebeste - Primo falava muito baixo, talvez com receio de se exaltar demais -, diz-me como esse maldito fez isso...

- Bem, Majestade, sabemos que a princesa e a rainha estavam voltando para o Grande Paço a fim de dormirem sua última noite em Arzallum após terem bem se alimentado no Garfo dos Nobres, quando um grupo grande de Sombras surgiu, logo que a escuridão se iniciou após o crepúsculo...

- E tu não vais me dizer que não havia homens nossos fazendo a escolta da rainha, não é, sargento? - o Rei continuava tentando manter o tom de voz baixo.

- Infelizmente, havia sim... - e o sargento olhou para baixo.

- "Infelizmente", sargento?

- Talvez apenas um ou dois sobreviventes, Majestade...

E Primo Branford apertou o punho e apoiou o nariz sobre ele, cobrindo a própria boca.

Inspirou fundo uma vez. Expirou fazendo barulho. Voltava a pensar no poço sem fundo.

-Vossa Majestade - disse Sabino -, apesar de saber que a situação é péssima, é meu dever dizer que o sequestro de uma rainha e uma princesa praticamente define minha teoria envolvendo Coração-de-Crocodilo e uma bruxa aqui em Andreeanne como correta.

- E por que dizes isso? - o Rei não queria fazer aquela pergunta, mas sabia que era sua obrigação escutar a resposta.

- Os maiores rituais de magia negra... - e Sabino pesou antes de concluir a frase - exigem grandes sacrifícios humanos...

BAM!

Era esse o barulho de um punho real - dessa vez rachando uma parte da mesa redonda - que, com força tão devastadora e intensa, causou enorme estrago. Os Conselheiros olharam assustados e nenhum deles sabia o que dizer, o que fazer ou como solucionar aquele poço sem fundo.

- Queres teu maldito posto de volta, não é, velho perspicaz?

- Sabeis que sim, Vossa Majestade.

- Pois então que assim seja, Sabino von Fígaro! - nomeou o Rei. - A partir de agora, novamente estás de volta ao cargo de Consultor Real e serás considerado a autoridade máxima em Artes das Trevas. Pensei que não precisaríamos mais de teu serviço, mas provaste que estás certo.

- Isso muito me honra, Majestade - disse Sabino, e Maria e João Hanson se olharam surpresos e boquiabertos. - Garanto que vamos superar mais essa crise.

- Disso, não tenho dúvidas - e um Rei ajeitou a capa e se dirigiu com a cabeça erguida e um andar real de guerra até o salão seguinte, onde militares de patentes maiores que a do sargento enfim se acomodavam, vindos das ruas.

-Vossa Majestade... - tentou dizer o capitão mais próximo, quando o Rei entrou no salão.

- Não me digas nada, capitão - interrompeu o Rei erguendo um dedo indicador. - Eu sei muito bem o que está acontecendo.

"Chegamos ao fundo do poço."

Devolva, e eu penso se corto ou não sua garganta com o maior prazer do mundo - foi a proposta de Snail - Sinto lhe informar, querido, mas seja o que for que pretenda fazer não posso lhe ajudar - disse Liriel, com o cuidado de não encostar o pescoço em uma lâmina que parecia bem afiada.

- Não me faça perder tempo, garota. Não de novo. O colar de cento e oito contas... agora! - a faca se aproximava mais ainda.

- Não está mais comigo - repare que ela poderia fingir que Snail era maluco e tentar ganhar tempo, mas sabia que era uma ideia idiota irritar ainda mais alguém que está com uma faca em seu pescoço. Além do mais, dizia a pura verdade.

- Com quem está? - repare que Snail poderia achar que ela estava mentindo. Entretanto, já tinha experiência suficiente para saber que ladrões só roubam peças como aquele colar se for para vender o mais rápido possível para alguém. Portanto, o estranho, no caso, seria o colar ainda estar realmente com a garota. E, no fim das contas, caso ela estivesse mentindo...

bom... ele agora já sabia mesmo o endereço. Era só voltar e cortar-lhe a garganta.

- Alguém grande demais para você pensar em tomar...

O negro se irritou com a resposta. Virou Liriel de frente para si. Pegou-a pelo pescoço e ergueu-a, pressionando-a contra a parede e sufocando a pobre menina, que agonizou. Bem verdade é que a jovem poderia ter aprendido artes marciais ou um mínimo de autodefesa, mas tinha um legítimo trauma com armas e lutas que a tornava a mais frágil das pessoas nessa situação. Tudo em virtude da experiência com a morte do pai.

- Cora... Cora... - ela tentava falar, mas a voz não saía.

- "Cora"? Que diabos é isso? - Snail demorou para perceber que estava apertando demais o pescoço da menina. Era a consequência de agir com raiva. Afrouxou um pouco o aperto e a escutou dizer para sua surpresa: - Cora...ção-de-Crocodilo! - respondeu Liriel, rezando para não apagar totalmente.

Snail soltou o pescoço da garota com o susto. Liriel desabou no chão, colocando as duas mãos no pescoço e se perguntando como não morrera sufocada. Já Snail se perguntava o porquê daquilo! Se ele havia invadido a mansão dos Gardner para conseguir o colar a mando de Jamil, e se aquela menina também pelo mesmo motivo, então o pirata estava armando algum plano maior do que ele pensava envolvendo os Sombras e os Fantasmas!

Olhou novamente para a menina. Não iria mais cortar a garganta da garota, nem nada do tipo. Sabia que não era ela o inimigo. Estava irritado; tinha a impressão de que não podia confiar

em ninguém neste mundo, fosse homem, mulher, pirata ou Rei! Sabia que algo grande iria acontecer e precisava descobrir, já que agora era um agente duplo e trabalhava para ninguém menos que Rei Branford.

Ah, sim, e não pense que ele queria descobrir o que estava acontecendo para "zelar por sua consciência", "agir pelo bem"

ou qualquer coisa nessa linha. Queria sim descobrir uma informação valiosa, dessas que poderiam desequilibrar um lado da batalha, e pesar exatamente para qual lado iria entregá-la: o do Rei ou o do pirata. Era essa a maior vantagem em ser um agente duplo. Cedo ou tarde, as informações passariam a valer ouro, exatamente como em um arremate.

E quem vivesse veria isso. Desde que o pagasse - e muito bem -, é claro.

Quando um Rei fala para seus comandados em estado de guerra, o ambiente muda. A energia atmosférica muda. O tom de voz do monarca parece diferente e evoca sentimentos tão diversos e ao mesmo tempo únicos, que os comandados passam a querer a batalha e esquecem o medo durante a luta.

É como se uma orquestra invisível e inaudita rufasse harmonicamente tambores inatingíveis, e cornetas e bumbos e todos os outros instrumentos tomassem vida, cada qual em seu momento adequado, de acordo com as palavras do Rei e da necessidade de atingir determinado sentimento.

- Como bem pregou meu Conselheiro, o surgimento de heróis traz consequências profundas com essa gênese. E digo isso porque traz com ele a existência de uma força oposta para obrigar tal nascimento. E, quanto mais poderosa for a força heróica, quanto mais vigorosa for a energia dispensada para proteger inocentes e aliados, com certeza isso dirá bastante sobre a força contrária a ser combatida. - Uma pausa. - Uma vez, lutei ao lado dos maiores heróis desta terra e tive a honra de ter meu nome cantado por bardos ao lado dos nomes deles na Caçada que mudou este mundo. Hoje, esses grandes heróis não estão aqui para lutar ao nosso lado, mas a ameaça que parece retornar a este Reino exigirá de Arzallum uma energia e um heroísmo tão profundos quanto os daquele tempo. Não sei se ainda me resta a mesma energia, ou a mesma vitalidade, de outros tempos de guerra. Mas algo existe dentro de mim, forte o suficiente para assumir como Rei diante de vós: sou hoje um homem que admite seus erros muito mais facilmente do que outrora. Um homem que bem sabe a responsabilidade de liderar a maior nação do mundo e o quanto pequenos e grandes erros nessa liderança podem custar a todos os cantos de Nova Ether. - Outra pausa. E outra reflexão: - Aqui assumo: não sei se minha habilidade se equipara a de meus tempos joviais, mas juro a vós que meu sangue ferve pela confirmação. Hei de admitir que não mais suporto aguardar como um político enquanto ataques correm nos lados de fora deste Paço. Basicamente, uma nova guerra urbana será iniciada e, dessa vez, envolvendo mais do que apenas fadas caídas, mas também um pirata estrategista aliado à maior organização criminoso desta cidade. E o que mais quero nesta hora é um corcel e minha espada para enfrentar aqueles que desafiam o poder do Maior de Todos os Reinos. Soldados, preparai-vos para a batalha, pois vosso Rei hoje é um guerreiro como vós. Pois, agora, o momento se faz. É a hora de renascer no fogo da fênix. É a hora de dançar sob a lua de sangue.

Se ela existisse, a orquestra invisível teria aumentado o tom naquele momento de clímax - ah, sim, teria feito isso, com certeza - para fechar seu espetáculo etéreo no momento mais heróico e sublime. O mesmo em que Rei Branford retirou lentamente uma espada de duas mãos da bainha e concluiu seu discurso, firme como uma rocha, de frente para um exército que o seguiria até a morte.

"Senhoras e senhores, é hora de caçarmos algumas bruxas."

ATO III CAÇADORES DE BRUXAS

Lua Cheia.

Era a última noite daquela lua brilhante, redonda como uma bola de prata no céu. A lua ideal para rituais de prosperidade e iniciações. E isso incluía rituais como o que aconteceu naquele quarto, naquela noite. Da mão da sacerdotisa, um giz foi entregue à própria menina. E, com ele, um círculo foi traçado no chão, de mais ou menos um metro de diâmetro, e Ariane Narin se posicionou dentro. Não havia ansiedade, nem medo, nem receio. Ansiedade, talvez. Curiosidade, também.

Mas medo, não. Isso não.

Também um grupo grande não estava ali. Apenas Madame Viotti e Anna Narin observavam Ariane, e mesmo assim de longe, sem interromper em momento algum. Ambas já haviam explicado à menina o que ela deveria fazer e estavam ali apenas após pedir a permissão da Criadora para isso. A vassoura já havia sido usada para limpar as energias negativas do local. Um pouco de sal foi salpicado no círculo pela menina. Ela já havia entendido que ele simbolizava o elemento terra.

- Com esse elemento terra... é... ah, eu consagro o círculo de poder! - disse Ariane, meio enrolada.

À frente do círculo, estava montado um pequeno altar na direção norte, e esse detalhe era importantíssimo. Nos quatro quadrantes do círculo, foram assim divididas as velas: ao norte, uma vela negra; ao sul, uma vela branca; a leste, uma vermelha e a oeste, uma azul. Velas traziam o elemento fogo.

Um incensório prendia um incenso de mirra, que dominava o ambiente com o perfume. Ele não estava ali em vão, simbolizava o elemento ar. E a presença de uma vasilha com água retirada do rio já identificava de forma bem óbvia seu elemento.

No altar, um athame no ponto cardeal leste, um cálice com água no ponto cardeal oeste, um bastão no ponto sul e um pentáculo no ponto norte. Esses objetos também representavam elementos e eram outra versão respectiva dos símbolos ar, água, fogo e terra.

- Eu te invoco, sagrada Criadora, semideusa do mundo de Nova Ether - Ariane havia decorado as falas, mas, caso esquecesse, tinha instruções para dizer o que lhe viesse à cabeça e a fizesse se sentir bem. - E eu convido todos os elementais da Terra, do Ar, do Fogo e da Água, para... tipo...

entrarem neste círculo e me auxiliarem em minha iniciação, tão me entendendo?

Mantinha-se na direção norte. Pegou o athame e beijou a lâmina, como lhe fora passado,

colocando-o em seguida de volta no altar. Depois se apoderou da vasilha com água e ali jogou três punhados de sal.

- Abençoado seja o sal, que purifica o... a água, e que o amor da Criadora me purifique - disse, enquanto algumas gotas de água caíam da vasilha no chão.

Pegou o incenso e girou no sentido horário três vezes ao redor do círculo.

- Abençoada seja a força desse incenso, e que ele leve à Criadora meu desejo de alegria! - Anna Narin se surpreendeu com as palavras usadas pela filha. Ainda que ela e Madame Viotti a tivessem preparado momentos antes, a menina tudo fazia com uma naturalidade espantosa.

E Ariane virou-se de frente para o altar e ergueu as mãos na direção dos céus.

- Eu, Ariane Narin, me apresento diante das semideusas e prometo aceitar e seguir tudo que me for ensinado. Juro...

assim... nunca fazer mal com o que aprender, nem fazer uso de forças negativas, nem dedar para outras pessoas os segredos que aprenderei e... prometo seguir a Lei de Amor a todos os seres vivos, por inteiro. Ah, e que assim seja!

O silêncio se fez. Se fosse dizê-lo na íntegra, o discurso que Ariane deveria fazer era um pouco (bom, bastante até) maior do que disse e com palavras um pouco mais complexas para seu vocabulário adolescente, mas ela não gravaria mesmo, nem que quisesse, aquilo tudo que lhe disseram, então improvisou a maior parte. Havia feito o seu melhor, de coração aberto e da maneira como se sentia bem, e isso era o que importava fosse para a Criadora ou Criador, que não menosprezaria ninguém por um discurso melhor ou pior que outro.

Ariane permaneceu naquela posição ainda alguns minutos.

Então, iniciou-se um formigamento que lhe tomou o corpo.

Como Madame Viotti bem a tinha instruído, imaginava dois fâcos de luz branca incidindo sobre cada palma da mão. Mas o formigamento era tão intenso, que os fâcos mais pareciam um tubo de luz ao redor de si. A alma, que já era pura como o significado do nome "Ariane", foi nutrida com o amor da Criadora. Uma voz pareceu chacoalhar na cabeça, como se ela própria fosse uma perfeita telepata, embora nem mesmo soubesse o significado de telepatia. Era uma voz suave, como a de uma mulher madura que sabe bem o que está dizendo, exatamente como uma mãe. E as palavras que dizia revelavam, ou ela achava que revelavam, o seguinte: Filha, cumpre teu destino.

Ariane abriu os olhos. E, pasmem, ela viu, juro que viu. Ao redor do círculo, cada qual perto da vela de seu elemento, havia um de cada, representando cada elemental. E ela viu sim um gnomo, próximo à vela da terra, uma ondina próxima à vela da água, uma salamandra próxima ao elemento do fogo e um silfo próximo à vela do ar. Se Ariane conhecia seus nomes, ou se sabia o que representavam, não importava.

Importava, sim, que ela podia vê-los, e isso era raro mesmo entre os já iniciados.

Claro que tudo poderia ser fruto de alguma alucinação, mas há de se ter muita imaginação para ver seres elementais dos quais nunca se teve ideia da existência. E, assim como no início, naquele momento, Ariane não sentiu medo. Nenhum tipo dele. Sorriu para as criaturas, que pareciam felizes em ver que ela os entendia.

E era como se aquela orquestra invisível e inaudível, que parecia manifestar seus instrumentos nas falas dos Reis, se apresentasse novamente ali, mas, dessa vez, para soar uma música de batida forte e de um agradável gosto adolescente, que jamais seria ouvida. A impressão era de que ela tocava, enquanto Ariane olhava e sorria para cada um daqueles seres fantásticos, e Anna e Madame Viotti, de longe, observavam-na tão maravilhadas quanto a menina, pois mesmo elas estavam surpresas.

E aquela sensação estupenda, e aqueles sorrisos sinceros, e aqueles seres fantásticos, e aquela música indelével e ao mesmo tempo inexistente, formaram uma única egrégora, um único bloco energético, e, por um momento, houve um uno.

E falo do(a) Criador(a), da criatura e da criação. E, quando as velas se apagaram após a queima de toda a cera, e quando o incenso terminou após a queima de toda a resina, então o um se tornou novamente o todo.

O ritual, enfim, terminara.

A iniciação chegara ao fim.

Dois mil quilômetros seriam percorridos em menos de doze horas. E, se isso é difícil de acreditar, imagine então de se ver.

Mas alguns poucos tiveram essa felicidade, embora isso não seja motivo de comemoração, pois iriam acreditar sinceramente que tiveram uma visão ou um sonho dos mais vívidos. Não os culpe; você faria o mesmo. Ou como você acha que iria reagir ao ver o trotar fantástico de um unicórnio negro?

Deixe-me explicar tecnicamente como funciona esse trotar para que você entenda. Esse ser fantástico, montaria de homens, não pode ser comparado a nenhum corcel. Não o faça, por favor, seria covardia. Pois, se um cavalo corre a média de dez quilômetros por hora, o unicórnio negro poderia aumentar quase dez vezes essa constante de velocidade.

Agora, como atingir tal velocidade? Já ouviu falar que os unicórnios brancos são capazes de se teletransportar? Pois bem, e sabe como fazem isso? Eu respondo: através de um campo energético do tamanho de sua aura, que transfere suas moléculas de um ponto a outro com base em uma rede etérica de entrelaçamento quântico.

Os unicórnios negros se utilizam, portanto, do mesmo processo dos unicórnios brancos, mas com um importante detalhe a mais: o campo de teletransporte deles é ainda mais amplo que apenas a distância da aura, podendo alcançar o dobro ou mesmo o triplo dessa distância. Isso quer dizer que Pacato, o mamute de guerra, também sofreria a transferência molecular de um ponto a outro se estivesse dentro do campo de alcance do unicórnio fantástico.

Dessa forma, à todo momento, o campo de transferência molecular emitido se manifestava e, basicamente, arremessava os dois corredores quilômetros à frente. Quando me referi aos poucos que tiveram a felicidade de vê-los correr, referia-me a essas pausas entre um salto molecular e outro; dos momentos em que o unicórnio e o mamute apareciam de lugar algum, movimentando a atmosfera ao redor feito um tufão, para num impulso desaparecerem novamente. E não venha me dizer que você acharia a coisa mais normal do mundo ver aparecer de lugar algum um unicórnio negro com o príncipe do seu Reino no dorso (!), e com um mamute adolescente de guerra montado por um troll cinzento (!!), que eu não vou acreditar!

Claro que, como em tudo, existiam os "acidentes de percurso".

Isso quer dizer que não apenas Pacato e Muralha poderiam ser arrastados no momento em que houvesse a transferência molecular, mas também o mesmo poderia acontecer com qualquer um que estivesse dentro do campo no momento de cada manifestação. Dessa forma, imagine o que passava pela cabeça de um aldeão que, em um momento, estava despre-ocupado, lavrando a terra suada, e em outro, no tempo de um piscar de olhos, via surgir de lugar nenhum um quarteto fantástico avassalador como aquele para, de repente, aparecer com as mesmas roupas e objetos que segurava dez quilômetros a oeste de sua posição original! Não, definitivamente,

não venha me dizer que você iria considerar isso a coisa mais normal do mundo, se estivesse em situação tão esdrúxula.

Bom, independentemente desses "acidentes de percurso", o unicórnio seguiu com o príncipe ao seu destino. E, se naquele momento o ser fantástico corria e dava o seu melhor para que não falhasse em sua missão, o príncipe por sua vez observava o céu estrelado, buscando encontrar ali alguma referência do que acontecia em sua cidade, acompanhado de uma ponta de esperança de que nada ruim estivesse acontecendo a seu povo.

Entretanto, se o príncipe queria que o céu escuro e estrelado desse a ele boas notícias, então havia se equivocado na decisão, pois não deveria ter escolhido observar o céu. Não, com certeza, ele não deveria tê-lo escolhido.

Estrelas não mentem jamais.

Vários integrantes do grupo marginal conhecido como Fantasmas estavam reunidos. Discutiam com preocupação excessiva a aliança temporária entre Jamil Coração-de-Crocodilo e seus inimigos diretos: os Sombras. Do jeito que a coisa andava, e andava mal, em pouco tempo os Fantasmas seriam esmagados por seus oponentes, sendo lembrados apenas como um fracassado grupo criminoso exterminado.

Para piorar, Jamil estava recrutando membros renegados dos Fantasmas e perdoando as diferenças em troca de uma traição ao grupo original e a revelação de alguns segredos dos antigos companheiros. E não adiantava negar; ele estava sim atraindo muitos integrantes que preferiam mesmo virar a casaca a permanecer em um grupo condenado ao extermínio. Os homens ali reunidos, contudo, estavam dispostos a traçar um plano que iria mudar os rumos daquela batalha. Um grupo decidido a não trair seus companheiros e a morrer para isso, se necessário.

Líderes estrategistas e suas ideias foram citados. Propostas, apresentadas; apoios ou recusas, manifestados. Tudo estava sendo feito em um galpão abandonado que recebia umas trinta ou quarenta cabeças de homens das mais importantes hierarquias dos Fantasmas. E, no saldo final desses debates, uma luz na escuridão, e isso se torna uma frase interessante quando tratamos de um grupo com tal nomenclatura, parecia surgir. Um plano de guerra e contra-ataque foi traçado e...

ora... poderia mesmo dar certo!

Poderia.

E então veio o cheiro forte do enxofre, e do carvão, e do salitre. O cheiro atordoante da pólvora negra! Seguiu-se o barulho estridente do crepitar. Também os olhares, a adrenalina anunciando o medo, o testemunho dos batimentos cardíacos. E mais nada.

Dali deu-se apenas o som do ribombar de um trovão trazendo a morte.

A explosão da madeira e da carne em uma sequência cadenciada de sons que estouravam tímpanos! De um segundo a outro, corpos e mais corpos foram arremessados para o nada e explodiram junto com bombas ensurdecedoras, sem entender direito o que acontecia. Gritos ecoaram e morreram na mesma velocidade, e de repente tudo o que antes era vida em instantes não era mais. E tudo que era ideia e estava sendo preparado para se tornar real permaneceu etérico.

Não houve nenhum sobrevivente. Nenhum.

Jamil Coração-de-Crocodilo enfim dera o principal passo para exterminar de vez mais um inimigo. Com certeza, os que sobreviveram, porque deram a sorte de não estar lá, trocariam

de lado o mais rápido possível. Não seriam malucos de ignorar o poderio daquele homem-demônio, talvez herança genética da crueldade do pai. Naquele dia, o mesmo Dia da Terra em que um Rei anunciou ter visto seu Reino chegar ao fundo do poço, o grupo conhecido como Fantasmas foi praticamente exterminado.

E a luz que parecia surgir bruscamente se apagou. Os Fantasmas estavam de volta, definitivamente, à mais profunda escuridão.

Casa dos Basbaum.

Primo Branford, o Rei em pessoa, via com os próprios olhos as runas deixadas pelos piratas especificamente naquela casa, tendo ao lado um especialista que lhe explicava por que aquela casa era diferente das outras: o excêntrico cavalheiro Sabino von Fígaro, e ninguém duvidava, gostassem ou não, que era o melhor e mais capacitado homem naquela cidade, e em muito além, a explicar o assunto ao Rei.

- Isso então poderia ser uma mensagem?

- Provavelmente - respondeu Sabino. - Mas o problema está exatamente em decifrá-la. Meus assistentes buscaram em muitos livros da Biblioteca Real e nada encontraram.

- Quem achas que poderia ler runa tão antiga, Sabino?

- Uma bruxa, Majestade. E apenas uma delas.

O Rei bufou uma vez. Um capitão entrou na casa e não tinha expressão de bons amigos.

-Vossa Majestade...

O capitão de expressão preocupada vinha então informar da explosão acontecida no galpão, onde descobriram os corpos de dezenas de integrantes do grupo criminoso conhecido como Fantasmas. De fato, era impressionante a velocidade com que se espalhavam as notícias.

Principalmente as ruínas.

Em outro ponto de Andreanne, soldados reais obedeciam a ordens de seus superiores, invadindo locais duvidosos, entrando nas casas de famílias e revistando os lugares, fazendo perguntas, seguindo pistas e prendendo suspeitos.

Sabiam bem o que precisavam encontrar: uma bruxa. E não mediam esforços, pois todos entendiam bem como a capital do Reino, que há dois dias era um exemplo a ser seguido, agora estava se tornando uma avalanche de destruição.

Para se ter uma idéia do que estava acontecendo, a Lobo Mau teve de mostrar toda a sua despesa, e nem mesmo o Majestade escapou de uma revista maior, para surpresa de muitos! A impressão era de que ou a situação iria entrar nos eixos, com tamanha determinação das pessoas seguras do que estavam buscando, ou sairia de vez com a visão de que ninguém sabia direito o que estava fazendo.

- Irá dirigir-se para lá agora, Vossa Majestade? - a pergunta era do mesmo capitão que havia informado ao Rei sobre o extermínio de uma grande parte do grupo Fantasmas.

- Não! - a resposta surpreendeu a maioria das pessoas próximas. - Chega de cometer erros. Ir até lá só vai me tomar mais tempo, e de forma inútil, pois nem Jamil, nem ninguém mais estará lá. Preciso pensar onde um grupo como aquele poderia se esconder, e onde a rainha e a princesa poderiam estar...

Sabino, naquele instante, iria ajudar o Rei a raciocinar. Iria tecer uma teoria que talvez fosse mesmo interessante e prestativa e levasse a um raciocínio mais completo da situação. Mas não disse. E não o fez não por falta de vontade, mas sim porque... aquilo aconteceu.

E até mesmo o professor acostumado a misticismos se surpreendeu.

E eu, com todos os meus anos como contador de histórias, posso afirmar que, quando uma pessoa como Sabino von Fígaro se surpreendia realmente com alguma coisa, sem falsidade era porque você e eu e todo o resto deveríamos nos preocupar de verdade.

Primeiro, foi um barulho. Sabe aquele crepitar, o estalar que a madeira faz quando queima? Era mais ou menos parecido.

Mas o som não era o mais impressionante. O sentido mais desperto e improvável estava exatamente na visão, que viu efetivamente aquilo. Não era um truque; não podia ser um truque!

Mas, por todos os semideuses de Nova Ether, era inaceitável para o raciocínio e a sanidade daquelas pessoas que coisas como aquela pudessem ser feitas. Sabino se surpreendeu, eu disse e era verdade, mas a mente ao menos sabia que teoricamente aquilo era possível. Mas saber e ver acontecer nem sempre são reações compatíveis.

Era um pergaminho.

"E como um pergaminho pode assustar alguém?", você deve perguntar, com todo o direito do mundo. Bem, era um pergaminho escrito com sangue, o que também não deve lhe convencer de que assustaria um Rei por isso. Não o culpo, não convenceria a mim também. Agora, se me dissessem que esse pergaminho escrito com sangue foi transformado em energia pura e transferido e materializado ali naquela sala, na frente de todas aquelas pessoas, aí sim eu iria concordar que isso deve ser bem assustador!

Pois foi o que aconteceu.

Em cima de uma mesa, do éter, na frente de tantas testemunhas, ele surgiu lentamente, como uma teia desenhada por uma aranha bêbada e manca.

- A mente transformada em energia pura - disse Sabino. Ele sabia que existiam pessoas capazes de desmaterializar e materializar objetos a partir de sua própria estrutura atômica, mas nunca imaginou ter a oportunidade de ratificar isso em tempo real.

Quando a carta foi materializada, o Rei a pegou e a vontade foi rasgá-la. Mas então a leu em voz alta, e todos entenderam a irritação do Rei. Pois ali, em sinistras letras vermelhas de

sangue, e no pior momento possível, a caligrafia bizarra trazia a mensagem clara e direta:

Você vai pagar, Primo Branford Por seus crimes, você irá pagar.

A culpa de todo fracasso está em seus atos, e seus descendentes carregarão isso.

Você está marcado, Rei.

Eu juro.

As pessoas se entreolhavam assustadas. Ninguém sabia consolar um Rei.

Elas olhavam nos olhos do monarca e imaginavam ver o medo. Outros viam a fraqueza, iniciando um manifesto que não poderia existir no olhar de um Rei. Existiam mesmo os mais sensíveis, e aqui cito os irmãos João e Maria Hanson, que percebiam o desespero humano, querendo que tudo aquilo terminasse com um final feliz, como nas fábulas dos bardos.

Mas existia ali uma única pessoa com experiência de vida suficiente para saber o que representava aquele olhar. Sabino já vira coisas do tipo antes, mas nunca com um Rei, e isso o assustava ainda mais, pois não poderia compartilhar tal informação com mais ninguém. Sabia que, quando os comandados de um Reino perdem a esperança em seu Rei, eles perdem a esperança neles próprios. Por isso, não iria compartilhar seus temores ali. Entretanto, momentos mais tarde, ele próprio teria dificuldade em dormir, lembrando daquele olhar real e da mensagem que trazia com ele.

Porque o professor sabia que ali não estava se manifestando um princípio de medo, nem de fraqueza ou desespero. Era algo muito mais grave e preocupante, porque era muito maior do que tudo isso junto. Sabino von Fígaro sabia que Primo Branford, o Maior de Todos os Reis, estava, na realidade, bambeando na perigosa raia do salto da sanidade para a verdadeira e legítima loucura.

Snail Galford também soube do acontecido com os Fantasmas.

Mas de uma forma única e direto da fonte. Estava entrando no subterrâneo onde era o esconderijo de Jamil e seus novos comandados. Não sei se você reparou um detalhe interessantíssimo, que poderia ter mudado toda a história se houvesse sido feito de modo diferente: Snail sempre soube onde era o esconderijo dos Sombras, tanto que foi para lá nesse momento, mas não o revelou a Primo Branford em momento algum.

A questão é: e por que fizera isso? Bom, primeiro, achou idiota o Rei cair nessa informação, citando como resposta a essa questão um local que sabia apenas ser, na verdade, um dos esconderijos não dos Sombras mas dos Fantasmas. Como os guardas prenderam alguma corja lá, Snail pôde se safar dizendo que Jamil já deveria ter mudado de esconderijo, e ele nada poderia fazer. Funcionou. E, segundo, uma informação dessas teria terminado com a guerra, e sabia-se lá, naquele momento, o que iriam fazer com ele quando se tornasse um inútil, já que não teria mais importância alguma para os soldados. Resultado: mantendo-se calado e dizendo apenas o que achava conveniente, tornou-se um agente duplo que, jogando o jogo direitinho, iria se tornar rico o suficiente para ser respeitado, ainda que fosse um negro em um cenário de nobreza branca.

Além do mais, se a situação apertasse, ele iria ao Rei para dizer a localização exata do esconderijo, obviamente se estivesse vivo até lá. Em outras palavras, não iria entregá-la realmente ao Rei: iria vendê-la. Entretanto, depois do acontecido com os Fantasmas, Snail passou a repensar se realmente tomara a melhor decisão. Não que se importasse com as vidas perdidas, considerava cada uma delas da pior escória mesmo, mas apenas porque não poderia, de jeito algum, perder a oportunidade de vender a informação no momento mais precioso, quando a cotação estivesse lá no alto, atingindo cifras estratosféricas de moedas de reis.

Bom, naquele momento, estava no subterrâneo, e a única preocupação era sair vivo após um encontro em que entregaria uma jóia falsa a um pirata sanguinário experiente.

Apenas isso. E juro que ele se surpreendeu quando viu o que estava acontecendo naqueles túneis. Era uma visão bem esquisita ouvir o som de música, ver muitos homens bebendo álcool de muitas misturas e ouvir muitas vozes falando ao mesmo tempo, comemorando algo que parecia um aniversário nobre.

Na verdade, não era difícil imaginar o que estavam comemorando: a derrota e, mais do que isso, o extermínio de seus inimigos diretos. Os homens que cantavam, bebiam e comemoravam naqueles túneis nada mais eram do que os integrantes legítimos dos Sombras, nem um pouco arrependidos de terem se unido aos piratas de Jamil Coração-de-Crocodilo. A maioria estava bêbada demais mesmo para perceber a presença de Snail, e logo ele saiu em direção à sala que conhecia bem.

Encontrou pelo caminho da rede de túneis alguns dos piratas do Jolly Rogers. Todos o reconheciam; era um dos pouquíssimos negros do galeão e isso tinha um motivo: negros costumavam ficar em terras além-mar ao sudeste, e se a pele tinha aquela tonalidade era porque algum antepassado seu teve a maldita ideia de desafiar os mares na busca vazia por uma vida melhor no outro lado. Snail esperava sinceramente que esse imbecil tivesse morrido na profunda miséria para deixar de sê-lo. Aliás, era isso o que mais odiava em uma pessoa: a imbecilidade. Nada o irritava mais do que alguém se deixar enganar com facilidade.

Chegou à temida sala. Aquela mesma em que Jamil ficava sentado ao lado do patético, opinião própria, Mestre Sombra, o pior nome que já tinha visto alguém dar a si próprio. Bem, de qualquer forma, concentrou a mente no que bem deveria fazer. Naquele momento, ao menos, Jamil estava sozinho, e isso talvez fosse um bom sinal. Talvez fosse.

- Olá, chefe! - o comentário era debochado, mas, ao mesmo tempo, pela expressão séria de Snail, parecia que não. Claro que Jamil sabia tratar-se de um deboche (e Snail sabia que ele sabia), mas era assim que os piratas, e os nobres, acrescento, conviviam, ou seja, sabendo claramente as reais intenções uns dos outros, mas sempre fingindo que não.

- Olha, quem está vivo sempre aparece, não? - respondeu o pirata. Viu? É uma frase irônica também, mas, ao mesmo tempo, se pode fingir que não. Então, finge-se e pronto! E

assim todos permanecem vivos.

- Tive trabalho com o que pediu.

- Imagino que sim. Sente-se e me conte, novato! Beba um trago! - e uma garrafa fechada com uma rolha foi oferecida a ele.

- Obrigado - Snail se sentou, abrindo rapidamente um sorriso falso e pegando a garrafa. Não queria se sentar nem muito menos beber nada, sabe-se lá que veneno poderia existir ali, mas não se recusa uma ordem desse porte de um pirata sanguinário, ainda mais na situação em que estava.

- Trouxe sua encomenda - e ele bebeu enfim um gole da garrafa. Aquilo desceu por seu peito queimando, principalmente a garganta, em brasas. Desejava mais que tudo na vida um copo de água gelada, mas quem olhasse para ele veria um homem com a cara séria e mesmo entediada, de quem achava tudo a coisa mais natural do mundo.

- Ah! - riu debochado o pirata. Novamente o jogo: claro que Snail sabia que ele ria assim porque já haviam lhe entregado sua encomenda e, portanto, Snail estava tentando um blefe, mas fingia que não, para ver até que ponto a coisa iria. - Eu nunca duvidei da sua competência...

- Obrigado! Bom, você quer ouvir a história pelo visto, não?

Certo, eu vou lhe contar...

Jamil sorriu cinicamente e se ajeitou em uma posição mais confortável.

- Entrar na mansão dos Gardner foi ridículo - Snail não sabia ser dramático, mas tentou. - Os mesmos defeitos de trancas de sempre, os seguranças incompetentes de sempre, e até mesmo as armadilhas de sempre, que qualquer ladrãozinho pé de chinelo saberia desarmar. Eliminei um ou dois sentinelas no trajeto e cheguei à sala do cofre sem soar alarme algum ou mesmo gerar suspeita da minha presença no lugar.

- Grande garoto! - disse Coração-de-Crocodilo, entre mais três ou quatro goles daquela mistura alcoólica horrível. Aquilo parecia uma mistura de rum, ácido sulfúrico, querosene, acetona, corante vermelho número 2 e talvez até um bizarro toque de pepperoni. - E o que aconteceu quando entrou na sala do cofre? Serviço rápido?

- Era o que achava que iria acontecer, mas... bom, tive uma pequena surpresa - até que a dramaticidade dada por Snail à narrativa, com caretas e entonações certas, estava agradando.

- "Surpresa"? E o que seria: um animal de guarda? - Não disse?

A dramaticidade de Snail estava agradando tanto, que o próprio Jamil resolveu entrar no jogo.

- Não. Você não iria acreditar: era uma garota. Sério! Uma ladra mesmo, de não mais do que... sei lá... dezesseis ou dezessete anos!

- Uma garota? Mas que interessante... - Jamil ofereceu novamente a garrafa, e Snail teve a infelicidade de se ver obrigado a tomar mais um gole da bebida recolhida num vulcão.

- Você... ainda não... escutou... nada! - a frase foi dita com dificuldade, pois a garganta queimava. - Obviamente, ela queria também se apoderar do colar de cento e oito contos. E

tivemos um impasse. Pois eu também queria aquele colar!

- Ho-ho, com certeza... - e Jamil engoliu mais uns cinco ou seis goles em sequência. Snail se perguntava como aquele cara aguentava beber aquele troço daquela forma, e com aquele prazer.

- No início, eu ainda disputei com ela a joia, claro, da forma mais silenciosa possível para não atrair a atenção de sentinelas. Mas então percebi o que estava acontecendo e deixei que ela a levasse!

- Você deixou que ela a levasse? - foi fácil Jamil expressar surpresa, porque era real. Snail havia surpreendido Jamil de verdade. - E por que teve essa atitude? O que foi que a garota fez pra que você fizesse essa caridade, seu sem-vergonha? -

veja que esse comentário não é irônico, mas sim de alguém que quer disfarçar uma vontade extrema de saber a continuação de uma informação. Snail percebeu e adorou.

- Ora, chefe, eu simplesmente raciocinei o seguinte: se eu estava querendo aquela jóia, e você já a queria antes de mim, e aquela menina também, então muitos outros ladrões deveriam ter a mesma cobiça, não é lógico? - o jogo tomava um rumo diferente.

- Sim, sim, obviamente - Jamil começava a sentir o efeito da bebida e do raciocínio sendo afetado. Realmente parecia que, depois de uma temporada de azar, a sorte estava com um pouco de pena de Galford.

- Então... seria muita estupidez de Gardner deixar sua jóia exatamente onde todos esses ladrões esperariam que estivesse, ou seja: dentro do cofre! - reparou a ênfase no "exatamente"? -

Logo, eu pensei, aquilo com certeza seria apenas uma isca para os ladrões mais inexperientes... ou idiotas!

- Oh... era exatamente o que estava pensando - esse comentário imbecil nunca teria sido feito por um Jamil sóbrio. - E como continuou o caso, novato?

- Simples, chefe. Eu fingi que tinha interesse naquela jóia e fiz com que a garota escapasse e a "roubasse" de mim no último instante - juro que, se você estivesse naquela sala, acharia que Snail falava a verdade, tamanha calma e cara de pau com que fazia o discurso. - E ainda descobri informações interessantes sobre ela. Realmente nunca imaginaria que ela é um agente duplo!

- Como? - Jamil se preocupou ainda mais. Por mais que tentasse disfarçar, era visível. - Ela é o quê? "Agente duplo"?

Ora, vamos...

- Sério, chefe! Ela trabalhava para os Fantasmas, mas também traiu muitos deles para a Coroa - Liriel Gabbiani teria um ataque se soubesse o que aquele rapaz estava fazendo com seu nome. - Além do mais, tive uns diálogos interessantes com a guria e descobri... que ridículo... que ela queria vender aquele colar, e falo daquele colar falso, para... sei que vai rir... o senhor! - Snail soltou uma gargalhada estridente.

Jamil cuspiu o gole da bebida.

-Vender... pra mim? - tentou disfarçar, sorrindo debochado.

- Exatamente! Pode um negócio desses? - e diante das falas de Galford, Jamil tentava manter um sorriso forçado no rosto, em meio a expressões bêbadas, o que estava cada vez mais difícil. - Eu disse a ela que nunca uma garota cheirando a leite como ela iria enganar alguém tão ardiloso quanto o senhor, e ainda mais com uma joia falsa, faça-me o favor, não é?

- Oh, com certeza... - e aqui Jamil não tinha mais raciocínio para saber o que poderia ser blefe e o que poderia ter sido o negócio mais imbecil da sua vida. - E o que mais você fez?

Vamos, me conte!

- Bom... eu demorei mais um pouco depois que ela se foi, mas descobri em que lugar estava a verdadeira joia! Infelizmente, paguei um alto preço por isso! Fui preso - e aqui Snail quebrou o próprio Jamil. Pois o pirata esperava que o rapaz negasse esse fato, que obviamente chegara rapidamente aos seus ouvidos algumas horas após a prisão, tendo assim um motivo legítimo para chamá-lo de mentiroso ou traidor e fazê-lo andar na prancha do galeão.

- E... - repare o temor de continuar a frase. - Como escapou da prisão?

- Fácil! Enganei o Rei! - Galford expressou-se com modéstia, mas, ao mesmo tempo, superioridade. - Eu fiz um acordo de trocar minha liberdade pela localização de seu esconderijo!

Logo, disse a localização de um esconderijo dos Fantasmas, e eles acreditaram que eram homens da sua tropa! Assim me soltaram, já que para eles eu era apenas um ladrão pé de chinelo mesmo.

- Que inteligente! Realmente não havia entendido como os soldados haviam encontrado um dos esconderijos ao sul dos Fantasmas, mas... agora tenho de admitir que você foi brilhante! Muito brilhante. Não... tenho de admitir, você foi brilhante mesmo - repetia o pirata, como é típico de bêbados.

- E o melhor: ainda lhe trouxe o verdadeiro colar de cento e oito contos - e Snail Galford enfim tirou a réplica do colar dada a ele pelo Rei e entregou-a ao pirata psicótico no momento mais crucial da vida.

Jamil abriu a bolsa que Snail lhe entregou e tomou a réplica nas mãos. Há de se admitir: o escultor daquela réplica deveria ganhar um prêmio; era um trabalho soberbo como cópia. E, se uma pessoa sóbria não saberia diferenciar a verdadeira da réplica sem instrumentos adequados, imagine então um pirata bêbado, convencido de que tinha entrado em um negócio furado com uma menina que ainda tomava mamadeira, mas que já havia lhe passado a perna.

- É... realmente você foi... brilhante, novato! - Jamil parecia ter levado um nocaute. - Sabe, não tenho como lhe pagar o resto prometido agora porque não esperava sua chegada, mas não se preocupe, que será bem recompensado. E, para provar minha gratidão, amanhã irei nomear você em um posto mais alto, e ganhará respeito diante desta tropa, eu prometo.

- O que é isso, chefe? Eu entendo. Vou me retirar um pouco, pois ainda não dormi até agora, acredita? - bom, isso não era lá total mentira.

- Claro... claro... sim, vá dormir, novato. Vá dormir que você merece... - e um pirata virou-se para o outro lado e começou a relembrar o rosto da jovem ladra.

Snail levantou-se, tentando esconder a felicidade daquele momento, acompanhada do fato de poder um dia contar a seus netos, se um dia tivesse netos, como enganou Jamil Coração-de-

Crocodilo em um perigoso blefe, no qual o semideus Criador rolara os melhores dados para ele. E foi assim que se levantou e se dirigiu à saída, doido para sair daquele lugar. Vivo. E com a ficha limpa, ao menos diante do pirata.

E quase conseguiu.

- Ei, novato... - e o sangue gelou quando a voz lhe bateu no ombro. Virou-se lentamente com uma expressão muito sem graça. - Tem certeza de que não revelou ao Rei, nem mesmo uma pista que fosse, deste esconderijo?

- Não tenho dúvida disso, chefe - Snail nunca raciocinou tão rápido. - Se o tivesse feito, com certeza você não teria tido tempo nem mesmo de ordenar a morte dos Fantasmas, concorda comigo?

- Sim... é verdade - e o pirata voltou a focalizar o vazio. -

Preciso pensar agora, novato. Vá... vá dormir... deixe-me pensar...

E enfim Snail Galford conseguiu sair vivo daquele encontro.

A bebedeira de Jamil o impediu de fazer a única pergunta que teria desmoronado o blefe de Snail: e como ele havia ficado com a jóia se fora preso? Como tal detalhe foi esquecido, que os netos do rapaz aguardassem por suas histórias! E que ele vivesse até lá, sem emoções fortes como aquela. Sem a necessidade de blefes como aquele.

E com bebidas muito mais saborosas, com certeza.

Antes de sair, contudo, deu uma olhada na ala onde costumavam se concentrar os piratas. Não era porque trabalhavam juntos que esses homens se misturavam aos Sombras quando estavam fora de missões. E, mais uma vez, Jamil o surpreendeu com suas estratégias, o que apenas aumentou o orgulho de ter, há poucos minutos, ludibriado o próprio. Snail pensou até onde iria a audácia daquele marginal dos mares. Pois ali, naquela sala, ele viu as duas representantes reais de Stallia amarradas e amordaçadas, pelo visto rezando para que não sofressem maus-tratos daqueles homens.

Pois eram a princesa e a rainha dos Coração-de-Neve quem estavam ali, a alguns passos de Snail Galford, vítimas de um sequestro que trazia a certeza de temidas consequências catastróficas: naquele jogo de cartas marcadas, ninguém duvidava de que Jamil Coração-de-Crocodilo estava prestes a jogar sua aposta mais alta.

Ariane e Anna Narin insistiram em ajudar Madame Viotti, mas a senhora recusou veementemente. Estava na hora de todas voltarem para casa, ainda mais porque em breve iria soar o toque de recolher, e isso era motivo suficiente para se dirigirem o mais rápido para seus lares. Certo, você e eu sabemos que o toque de recolher havia sido antecipado, mas elas não conseguiriam ouvi-lo de onde estavam, ainda mais naquele quarto escondido.

E esse fato mudaria todo o andamento da história.

Madame Viotti disse que só faria uma limpeza rápida com a vassoura no lugar e queria fazer isso sozinha. Também queria pensar sobre Ariane e o que representava sua iniciação.

Senhora e senhorita Narin resolveram enfim acatar o pedido da sacerdotisa, mas não antes de questioná-la sobre a mulher a quem Ariane estava vendo frequentemente. Na verdade, Anna já imaginava quem seria, mas precisava do respaldo da sacerdotisa.

- Cabelos longos e vermelhos como os olhos? Vestido carmesim... sempre a chorar... bom... não há dúvidas de que você vê Beanshee, querida!

- De novo esse nome? Foi isso que minha mãe me disse!

- Eu achei que fosse isso, Madame, mas resolvi antes consultar a senhora. Agora... no início, eu me preocupei, mas... você não acha estranho uma menina que pode ver Beanshee várias vezes e... ainda ter tempo de contar isso depois?

- Sim, isso realmente não é normal - Madame Viotti fez uma careta curiosa, lembrando muito as de Sabino. - Sabe, querida Anna, entendo que deveríamos nos preocupar se Ariane nos tivesse revelado isso por uma única vez. Mas, se a mocinha já a viu um número tão alto de vezes, a ponto de perder as contas, então acho que está bem claro.

-Você quer dizer que ela pode vê-la sem ser necessariamente afetada, é isso?

- Perfeitamente, querida. Pois não fomos testemunhas de que ela viu os elementais? E garanto que verá mais coisas que poucas podem ver. Por isso digo: vão, ficarei aqui ainda um pouco. Preciso pensar sobre o que simboliza essa menina. E

talvez uma mãe Criadora converse com uma velha filha um pouco...

- Aí... tipo... será que dá pra alguém me explicar afinal de contas, por favor, pelo amor de um semideus, quem é essa tal de "Bian-Sí"?

- Beanshee é a enviada da morte, querida! - disse Madame Viotti, e Ariane gelou e arregalou os olhos, prendendo a respiração. - Quando alguém a vê, chora porque sabe que sua morte é próxima e inevitável. Mas, pelo visto, você pode vê-la assim como, provavelmente, aos

poucos, o fará com outros seres invisíveis à maioria das pessoas.

- É por isso que ela está sempre chorando?

- Sim, é por isso. E as pessoas, quando a veem, sabem ou sentem o que vai acontecer com elas próprias e choram também. Mas com um detalhe interessante...

- Elas choram por um único lado do rosto! - disse Ariane, causando surpresa não apenas na senhora como também na própria mãe.

- Exatamente, meu amor. Agora, vá. Leve sua mãe direitinho para casa, pois, como disse, uma filha ainda tem muito o que conversar com a mãe...

E Ariane e Anna Narin saíram daquele quarto e dali partiram.

Nada estava desarrumado no caminho do casebre, e, por isso, ambas não se preocuparam demais. Continuaram a caminhada em direção à própria casa, já esperando por um interrogatório do velho Golbez Narin quando chegassem.

Era nisso que pensavam quando ouviram o barulho.

Arbustos se mexendo demais, farfalhares em excesso, vozes distintas e aquela energia esquisita que tomou conta do ambiente. Não, dessa vez não era nenhum lobo violento querendo atacar uma ou duas Narin, mas o medo era o mesmo. De súbito, uma dúzia de soldados apareceu trajando uniformes com o escudo real bem visível no peito e armas cortantes bem distantes das bainhas, armadas e prontas para um ataque.

- Senhoras, posso ser informado sobre o que as duas fazem sozinhas no meio dessa floresta após o toque de recolher? - o soldado era curto e bem ríspido.

- De... desculpe... - Anna estava assustada. Ariane, idem. -

Estamos indo já pra casa. Não sabíamos que o toque de recolher já havia sido dado, e...

- Olhe, senhora, a situação atual do nosso Reino não é a mais apropriada para uma mãe e uma filha andarem sozinhas em trilhas isoladas no meio de uma floresta, e mais ainda após o toque de recolher, fui claro?

- Sim, vocês têm toda a razão - disse Anna, da forma mais calma que conseguia. - Vamos correr imediatamente para casa... venha, filha, vamos logo...

Ariane sentiu a mão suada e fria da mãe. Ela imaginou que fosse o susto, mas mal sabia que o medo da mãe estava em algo muito maior, que Ariane não tivera tempo de vida para ver com os próprios olhos, mas Anna, sim. Refiro-me ao olhar daqueles soldados. Porque os soldados de Andreanne costumavam ser simpáticos e zelosos, principalmente com mães e filhas sozinhas. Apenas uma vez na vida Anna Narin vira um olhar determinado, cauteloso e

preparado para o combate e a morte como vira naquele momento. Apenas na época que não gostava nem mesmo de puxar à memória, tamanho o terror a que foram submetidas todas as magas, fossem elas brancas ou negras. A época da escuridão.

A época da Caçada.

E, com base nessa informação, talvez você entenda por que Anna Narin pegou a filha pelo braço e se dirigiu na direção oposta a que eles estavam indo naquela trilha, doida para que se afastassem o mais rápido possível.

E parecia que iria conseguir.

Parecia mesmo.

- Senhora... - o soldado a chamou e ela pediu à Criadora que o sangue corresse sob a face para tirar o rosto branco de medo que imaginava estar. - Desculpe pelas palavras rudes com que me dirigi à sua pessoa e à sua filha. Mas é que realmente estamos submetidos a uma pressão muito grande atualmente.

Os tempos estão difíceis e ainda temos a ameaça de haver mais uma bruxa viva em Andreanne, ameaçando o Rei e todo o Reinado. Por isso, se deixar vocês duas andarem por essa floresta sozinhas do jeito que estão, não conseguirei dormir com bons sonhos, e isso se puder dormir depois desta noite.

Portanto... ei, Kassius! - e um soldado próximo se apresentou.

Tinha um bigode engraçado e aparentava estar na faixa etária de trinta para quarenta anos. - Acompanhe essas duas até a casa delas, está certo?

- Sim, senhor! Sigo depois de volta à base, senhor?

- Sim, faça isso. E espero que tenha boas notícias para me contar depois! - disse o primeiro soldado, que pelo visto tinha uma patente acima dos outros. Bom, Anna Narin não entendia nada de patentes militares e, para ela, todos aqueles homens eram soldados do Rei e ponto. Se entendesse, saberia que se tratava de um jovem sargento.

Assim, lá se foram mãe e filha pela estrada afora. E, quando os soldados partiram para um lado e o trio partiu para o outro, Ariane enfim virou-se para a mãe e perguntou: - Você viu, mãe?

- Vi o quê, Ariane? - resposta fria, dessas que indicam a outra pessoa a impossibilidade de uma das partes falar naquele momento. Mas não culpe Anna, a cabeça dessa mãe estava muito mais concentrada no soldado que ia à frente das duas, vez ou outra cortando uma planta no caminho com a espada.

- Nada, mãe. Nada - e Ariane sorriu amarelo. Não incomodaria mais a mãe; sabia que ela

realmente não tinha visto o que ela perguntara. E bastava dar tempo ao tempo.

A sua frente, acompanhando e fazendo a escolta das duas, um soldado chorava, sem perceber, por apenas um dos lados da face.

A freada foi tão brusca, que o príncipe teve de se abraçar ao pescoço do unicórnio que o carregava, quase que o enforcando, para não ser arremessado muitos metros à frente, como consequência da ação da inércia. Esse foi o resultado de uma freada em cima de um ser que corria muitos quilômetros por hora e ainda transferia o campo molecular quilômetros à frente no processo.

Já Muralha não teve tanta sorte e voou pelo menos doze metros de seu mamute de guerra adolescente, antes de tocar o chão e continuar se arrastando numa luta contra o atrito. Não deve espantar ninguém o barulho estrondoso que aquele corpanzil provocou ao tocar o solo, ainda mais a uma velocidade absurda como a que estavam.

Sabendo, porém, que era preciso muito mais do que aquilo para derrubar um troll cinzento, Áxel não se preocupou. Até porque estava muito mais excitado em constatar com os próprios sentidos que... caramba... eles realmente estavam na região fria das Sete Montanhas! Haviam passado da entrada das montanhas, e olhar para o alto e ver aquela imensidão da natureza era um sentimento de difícil descrição.

Eram sete montanhas, e nenhuma do mesmo tamanho. A menor delas tinha em torno de cinco mil e quatrocentos metros de altitude, enquanto a maior de todas chegava a quase sete mil. O sol não chegava de forma perfeita nas pequenas aldeias instaladas entre as encostas, mas a temperatura não era rigorosa demais. Falando nessas aldeias, o príncipe sabia que, nelas, eram criados animais tipicamente montanheses, e isso incluía ovelhas e cabras que serviam de matéria-prima para estabelecimentos comerciais como a "Cute-Cute", por exemplo.

O terreno gélido e desnivelado abrigava uma aldeia em especial que, com certeza, era o local mais conhecido dali e também atingira mesmo um estado mítico, não necessariamente por causa de sua existência ou posição geográfica, mas de seus habitantes. Falo da Aldeia da Mina, uma aldeia que seria igual a todas as outras, não fosse o fato de estar próxima a uma mina de metais preciosos e de ser uma referência de não apenas um mas de sete Mestres Anões.

Áxel se virou para ver o unicórnio, mas aquele animal fantástico já não existia mais. Ao menos, não ali. O príncipe ficou tão fascinado que nem percebeu sua partida, nem mesmo agradeceu, mas sabia que o animal não iria se ofender por isso. Muralha, por sua vez, já havia se recuperado do tombo humilhante e perguntava ao príncipe o que deveriam fazer.

- Ele deve estar em alguma dessas aldeias... - disse Áxel, sem tirar os olhos da visão geral que tinha, sobre a falha geográfica mais elevada em que o unicórnio negro o deixou.

- Mas como vamos saber qual? - perguntou coerentemente o troll cinzento.

- Sabe rezar, Muralha?

- Não... - respondeu o guarda-costas.

"Pois então aprenda."

Madame Viotti largou a vassoura no susto, quando escutou a forma como a porta do casebre onde ainda estava foi aberta.

Não era preciso estar no andar de cima para se ter a certeza de que não era uma entrada amistosa. Na verdade, foi uma ação tão rápida, que parecia não haver tempo para mais nada.

E não havia.

Antes mesmo que pudesse pensar, soldados de Andreanne invadiram todos os cômodos da casa, que não eram tantos assim, e isso incluía aquele mais escondido em que ela estava, com diversas provas do crime de bruxaria nas mãos e ao redor. Se Anna Narin ao menos houvesse imaginado um mínimo do que aconteceria depois que ela e Ariane saíssem da casa, com certeza teria escondido bem a entrada do quarto no subsolo. Só que, como também jamais poderia imaginar que uma nova Caçada de Bruxas havia se iniciado em tão pouco tempo, não se preocupou em ocultar por demais a entrada do lugar.

Os soldados agradeceriam, se soubessem.

Não havia nem mesmo como tentar um argumento. Não adiantava querer explicar sobre "magos negros" ou "magos brancos" aos soldados, nem dizer que ela não morava ali e que não sabia de quem era aqueles objetos macabros ou aquele altar de magia negra. Soldados não são treinados para pensar, mas para cumprir ordens. E suas ordens eram claras: existia uma bruxa em Andreanne e ela deveria ser encontrada.

Como foi.

Aquela mulher, e isso não deixava dúvidas para nenhum deles, era uma bruxa, e, portanto, aquela tropa havia cumprido sua missão. Uma intuição, porém, tocou a alma daquele mesmo oficial de patente maior que os outros, mas que Anna Narin não soube diferenciar o quanto: - Ei - disse virando-se para Madame Viotti, que estava já amarrada e entre dois soldados robustos -, aquela mãe e aquela menina... elas saíram... daqui, não foi?

Os olhos de Madame Viotti se arregalaram no reflexo de saber que algo ruim poderia acontecer às duas. Um erro, fatal.

Ainda que tentasse disfarçar, ou fingir uma expressão de desentendida em seguida, já era tarde demais. O soldado, que na verdade era sargento, já havia visto o que queria ver.

- Rufus... - e mais um soldado, de pele tão morena, que vinha provavelmente de uma ascendência negra, apresentou-se prontamente. - Corra, rapaz. O mais rápido que puder! Ache aquelas duas! Faça o que for preciso, e tem autorização minha para isso. Faça o que for preciso!

"Só não falhe na caça daquelas malditas bruxas."

- Tome - disse Jamil Coração-de-Crocodilo, arremessando uma bolsa com trezentos reis, o que era muito dinheiro naquela época, e ainda seria um bom hoje, para o tal Mestre Sombra, o líder dos Sombras antes de sua chegada.

- Mas pra que é isso? - surpreendeu-se o fantasiado.

- Ouvi dizer que você fazia certos trabalhos com competência antes de se perder na liderança deste grupo patético - Jamil não tinha escrúpulos em esculachar de vez com Sombra e seu grupo, ainda mais depois de ter praticamente eliminado os rivais Fantasmas e posto um Reino inteiro em estado de sítio apenas em alguns poucos dias na cidade. E, por mais que o tal Mestre Sombra se irritasse com isso, ele não poderia ignorar que realmente a sua liderança para a de Jamil estava na mesma proporção da de um pitbull para um basset.

- Poupe-me disso. Fiz muitos trabalhos antes de liderar este grupo, sim. Mas não estou mais na ativa.

- Já reparou que tem trezentos reis nessa bolsa? Acho isso valor suficiente para você fazer uma exceção. acredite, eu realmente gostaria que você fizesse o serviço.

- E por que quer que seja eu?

- Porque ouvi dizer que você era mau...

- Ei, que serviço você quer que eu faça? - perguntou bem curioso o fantasiado.

- Eliminação.

Seria mentira dizer que Mestre Sombra não se surpreendeu muito com a proposta. Realmente, no início de "carreira", fazia serviços como aquele e se considerava um dos melhores do ramo, mas fazia tanto tempo que não "voltava à ativa", que pensara realmente estar aposentado desse tipo de "trabalho".

- Seja quem for o coitado, imagino que o tenha prejudicado bastante a ponto de você querer me pagar tudo isso!

Antigamente, por um valor desse, eu faria um "pacote" de uma família inteira! - verdade. - Conte-me, o que ele lhe fez?

- Ousou tentar me passar a perna - a cara de poucos amigos de Coração-de-Crocodilo foi suficiente para Mestre Sombra evitar mais perguntas sobre o assunto.

- Entendo! - desviou. - Mas acho que não vou pegar o contrato. Deixei de fazer esses serviços menores desde que assumi a chefia do grupo.

- Que pena. A vítima era o último dos Fantasmas - Crocodilo sabia o que dizer e quando dizer. Por isso era um líder. A frase mexeu com Sombra. Jamil foi se dirigindo à saída, ainda dizendo. - E eu ainda estava pensando em lhe dar uma gratificação de duzentos reis de acordo com a história que me contasse depois...

- Está certo, seu maldito, eu faço! - disse Mestre Sombra, enquanto Jamil sorria sem se virar, certeza de que aquilo aconteceria. - Quem é ele?

- Não é ele. É ela! - e Jamil continuou de costas, sem se virar em momento algum, falando apenas por cima do ombro. -

Olhe direito dentro da bolsa e achará os dados que precisa.

Não me importa o quê nem como você o fará. Apenas faça-a se arrepender de ter ousado. De ter tentado. Faça-a sofrer.

"Faça-a implorar."

Havia descido a falha geográfica íngreme onde estavam e caminhado na direção da primeira aldeia. Não tinham certeza nem se a pessoa que procuravam chegara realmente lá, ainda mais se estava viva. Seria uma loucura procurar pelo irmão desaparecido, pois isso poderia levar anos sem uma solução.

Mas foi especialmente para isso que ela os acompanhou.

Tuhanny surgiu no imenso céu nublado, abaixo das montanhas dos gigantes, e sua felicidade era tão imensa, que se mostrava a qualquer um que olhasse os céus naquele momento. Não havia como voar dentro do campo de transferência molecular do unicórnio negro, pois estava alto demais e havia fugido do campo no primeiro teletransporte e conseqüentemente também dos outros.

Não ter mais a necessidade de voar, porém, na mesma velocidade de um corcel ou de um mamute de guerra tinha uma vantagem: agora ela podia voar em sua velocidade máxima na direção das Sete Montanhas, e por isso não chegou lá muito tempo depois do príncipe e seu protetor. Bom, mas por que afinal sua presença era crucial? Resposta direta: águias-dragões são dotadas da visão mais perfeita e aguçada que um animal possa possuir nas terras de Nova Ether, e isso independe das condições de luminosidade local. Havendo um mínimo de luz, conseguiam enxergar perfeitamente o ambiente, afinal, eram dotadas de visão infravermelha e memória fotográfica capazes de detectar uma pessoa conhecida ainda que sob o melhor dos disfarces.

Ela desceu e cravou levemente as garras em Áxel, pois do contrário o dilaceraria. Ele buscou alimento entre os pertences que Pacato carregava e a alimentou. Então acariciou abaixo do pescoço do animal e olhou com muito vigor no fundo daqueles magníficos olhos selvagens.

- Preciso de você, querida! Você é a única que pode encontrá-

lo! - e Áxel olhou na direção das aldeias. - Faria isso por mim?

Um guincho. O salto da águia-dragão para os céus e seu belo espetáculo. O giro e aquele kiai que apenas ela era capaz de emitir. Áxel sempre se arrepiava nesses momentos e olhava para aquele ser com o orgulho de um pai que vê um filho dando seu primeiro nocaute em um ringue de pugilismo.

- Parabéns, Muralha - disse o príncipe, subindo no dorso de Pacato, que era guiado pelo troll.

- Perdão, Alteza... - o troll cinzento não havia entendido.

- Pelo visto você aprendeu mesmo a rezar.

"Nosso milagre aconteceu."

Primo Branford ainda estava no centro comercial de Andreeanne, onde uma carta se materializara à sua frente.

Havia já vasculhado outras casas daquele centro, ainda que Sabino von Fígaro houvesse lhe explicado que ele próprio já havia feito aquilo antes e que aquela casa que lhe mostrara com as runas desconhecidas era a única com a qual realmente o Rei deveria se importar.

Também foi até sua estátua e conferiu a cabeça de pedra destruída. Assim que as coisas se ajeitassem, iria ordenar imediatamente que uma estátua maior de si próprio fosse ali colocada, pois aquela estátua sem cabeça, daquela forma como estava, mais representava um símbolo de vitória do inimigo.

Grandes olheiras manifestavam-se abaixo dos olhos, os cabelos despenteados e o olhar obcecado apenas demonstravam como um homem podia mudar totalmente de um dia para o outro, se caísse do alto para o fundo do poço em um curto intervalo de tempo.

Não muito longe de onde estava a estátua do Rei, ficava a entrada da Catedral da Sagrada Criação, e ali estava o jovem clérigo Cecil Thamasa, observando de longe o monarca. Não havia nenhum fiel naquela Catedral, e nenhum soldado reclamaria com o clérigo por vê-

lo sair um pouco, mesmo após o toque de recolher.

E Cecil, ainda que de cima da escadaria de acesso à entrada, e ainda sob o luar da Lua Cheia, pôde notar de longe o olhar do Rei. E temeu, juro que temeu, que as coisas saíssem do eixo.

Rezou aos semideuses para que não deixassem aquele homem de tamanha importância cair nas trevas da loucura com a tamanha pressão a que estava sendo submetido em tão pouco tempo. E o fez porque aquela energia negativa sentida desde que viera para Andreeanne ainda não havia se dissipado completamente do ar. Achava que grandes problemas ainda iriam acontecer.

Cecil, porém, não era o único a sentir aquele peso negativo no ambiente. Pergunte a João Hanson e o interminável sangramento em seu nariz em intervalos de tempo. Era um adolescente ainda no início da jornada de vida, mas, desde cedo, sabia como uma bruxa, e conheceu apenas as magas negras, poderia marcar a vida das pessoas. Nesse quesito, inclusive, a irmã também teria muito a dizer.

Mas outra pessoa também sentia que as coisas não iam bem, mas estava naquele momento muito longe de uma casa na floresta, na verdade, um bosque, ou de um centro comercial, ou de uma Catedral semidivina. Ela estava há quilômetros, dentro do mítico Grande Paço. Refiro-me à rainha, escrita com "r" minúsculo, reduzida a mera companheira do Rei após toda uma vida brilhante servindo diretamente ao Criador como avatar, renunciando a tudo isso por vontade própria.

Sim, Fada Terra perdera muito de sua essência mágica, mas, se alguém afirmar que esse "muito" era "tudo", estará enganado.

Ela ainda podia sentir quando as coisas iam mal e podia saber quando a energia negativa estava se fortalecendo no ambiente, pois muito suscetível a isso são pessoas que vivem em mundos de tamanha intensidade etérea como o de Nova Ether. E a rainha sentia também que mais um momento de decisão em sua vida estava prestes a chegar, e de importância tamanha, que poderia ser comparado ao dia em que decidiu abandonar a condição da fada para viver como mortal. Não se arrependia da decisão. Esperava do fundo do coração e da própria alma que não viesse a se arrepender da decisão que tivesse de tomar, independentemente da escolha que viesse a fazer. E que os semideuses rogassem por ela.

Fadas não podem errar jamais.

Mais farfalhar. Ariane não quis se virar; Anna, menos ainda.

Era como se soubessem, porque sabiam, o que estava se aproximando. Terror. Esse cidadão nunca se aproxima de forma ordenada, ou respeitosa, ou mesmo normal. Não, sempre que o Terror quer se apresentar a alguém, ele o faz de forma dramática, assustadora e incompreensível ao raciocínio humano comum.

- Kassius! - a voz partia do soldado Rufus, que vinha correndo.

Anna fechou os olhos, desejando que aquilo não estivesse acontecendo. Ariane resolveu olhar o soldado que vinha correndo, em excelente forma física e com uma espada cortante nas mãos.

- Você não vai acreditar, soldado! - disse Rufus. -

Encontramos um verdadeiro altar de magia negra em uma casa a um quilômetro daqui! Prendemos a bruxa e já temos nossa culpada pra entregar ao Rei! Agora, o melhor: essas duas aí estavam lá com a bruxa ainda há pouco...

Anna Narin queria negar, dizer que era tudo um mal-entendido, se fazer mesmo de desentendida. Qualquer coisa, menos ficar calada, pois o silêncio atestaria uma culpa inexistente, ao menos das acusações às quais teriam de responder. Mas dois pensamentos lhe tiravam a voz: o primeiro, de que seriam acusadas de bruxaria, e da pior espécie; o outro era o que fariam com Madame Viotti, e se fingir que não a conhecia não seria uma traição à sacerdotisa.

Pessoalmente, eu acredito que não teria sido, seria mais uma cautela de quem tentaria fazer o possível pela sacerdotisa mais tarde. Mas quem sou eu para julgar a senhora Narin? Quanto à senhorita Narin, bom... ela levou um susto tão grande com a chegada dos dois soldados, que sua reação também não foi das melhores. Ao menos, ao contrário da mãe, conseguiu dizer alguma coisa: - Tipo... o que vocês estão querendo? - o medo não podia ser disfarçado, como uma sombra naquela floresta cada vez mais escura em todos os sentidos.

- Olha, que gracinha - disse Kassius. - Tão pequenininha e já em caminho tão perverso!

- Sou mais a mãe, hein? - o comentário canalha e desprezível vinha de Rufus.

- Qual foi a ordem? Levar as duas?

- Que mané levar, o quê?! - linguajar interessante, posto que muito melhor seria ouvir diálogos de soldados mais dignos das fardas. - Não ouviu o que eu disse? Já temos uma culpada.

Com essas aí nós temos ordens pra fazer o que quisermos...

Anna olhou para Ariane apavorada. Toda uma história e flashes de momentos que ela não queria lembrar voltaram de súbito. Um piscar de olhos cada um. Quem lhe dera, portanto, que tivessem piscado apenas uma vez.

- E vamos fazer o quê? Cortar a cabeça delas e pendurar na estrada? - pode parecer exagero o que Kassius disse, mas Anna Narin viu isso acontecer com muitas bruxas, algumas conhecidas suas, naquele tempo passado de horror.

- Ah, que isso? Vai desperdiçar um material desse? - o comentário era de Rufus, que, se fosse um pirata, talvez ganhasse o título de "O Tarado". - Já que vai botar essas duas de exemplo...

E os soldados se olharam e pareceram concordar em silêncio.

Ariane ainda não havia entendido o que estava para acontecer a ela e a mãe. Era pura e inocente demais para isso ainda. Já Anna... meus semideuses... ela sim, enfim, conseguiu falar alguma coisa. Mas não era bem fala o que conseguiu pronunciar, mas gritos. Gritos de desespero, desses que nenhum ator consegue imitar com perfeição sem se entregar realmente ao papel e fazer seu corpo viver uma angústia como a daquela mãe.

Porque Anna, sim, já havia passado por muita coisa na vida e viu a pureza ser arrancada de si apenas por ouvir histórias de abuso de poder como aquele. Kassius, o mais próximo, em um único movimento tentou agarrar o corpo da senhora Narin, que caiu no chão gritando muito, chorando como uma criança diante de um perigo fatal, preocupada mais com a filha do que consigo própria. Ações como aquela foram a razão para que Anna Narin criasse Ariane de forma tão superprotetora. Da filha, ao menos, ela tentou não eliminar a pureza com a sujeira dos homens. E falhou.

Ariane estava prestes a sofrer o mesmo que muitas outras bruxas, que jamais fizeram mal algum a alguém, apenas pela ignorância dos homens e da fama herdada das bruxas realmente ruins. A menina então finalmente entendeu o que estava para acontecer. E, quando Rufus lhe tocou os cabelos, ela sentiu nojo. Parte da inocência ali se perdeu, e a menina em muito cresceu. O universo lhe pareceu mais triste. O

soldado lhe tocou o rosto, e ela desejou que viessem cinquenta lobos para aqueles dois homens maus.

Ariane então descobriu que existem lobos que atacam apenas porque têm fome. E já homens que atacam apenas por serem maus.

Em tempo recorde, pois nada agrada e proporciona mais prazer a um soldado que cumprir com êxito uma ordem real, Madame Viotti havia sido levada, amarrada como um animal, ao centro comercial de Andreanne onde ainda estava o Rei.

Não parecia preocupada com seu provável destino. Parecia mais com pena dos homens, que também tinham pena dela, naquele momento crucial.

Primo Branford, que já estava enlouquecendo com todos aqueles problemas, agradeceu ao Criador por ao menos um deles estar solucionado ao seu ver. Havia achado a maldita bruxa e sabia o que deveria fazer para pôr fim àquela ameaça.

O mesmo que fizera muito tempo atrás, quando fadas caídas estavam prestes a tomar para si o controle de todo o Reino. O

fogo. O elemento da dor e da purificação, que tantas vidas extinguiu, faria o papel novamente.

- Preparem a fogueira - ordenou o Rei aos soldados. -

Amanhã, de frente para o povo, ela irá mostrar o que acontece com quem desafia a Coroa e brinca com artes das trevas. Esses piratas irão recuar e pensar duas vezes antes de continuar mantendo a princesa e a rainha reféns quando virem que ser encontrados por nossos soldados é apenas uma questão de tempo...

Então, Madame Viotti aceitou a morte. Não disse nenhuma palavra em momento algum. E afirmo a você: não o fez porque estava muito mais preocupada em escutar. Mas não escutar o Rei ou qualquer homem ou mulher de Nova Ether, mas sim a voz que lhe dizia o que deveria escutar. E o que deveria dizer. E o que deveria simbolizar. O Reino das Fadas de Mantaquim a estaria esperando, se fizesse o que lhe estava sendo dito, e, se sua Mãe, Criadora do universo, garantisse a ela tal notabilidade, isso era motivo suficiente para que cumprisse a tarefa. Isso era fé. E esse será sempre o maior poder que move verdadeiras magas brancas. Estejam prestes a abençoar iniciadas. Estejam prestes a queimar até a morte.

E Ariane viu a morte.

Mais uma vez, tão próxima dela, tão fria e chocante, que não valia a pena gritar para não piorar ou traumatizar mais a situação. Havia uma diferença, porém, e bem destacada se levarmos em consideração o incidente trágico aos nove anos: dessa vez, ela desejava que a morte viesse, e por isso não fora tão traumático. Pelo contrário; a menina dessa vez agradecia ao Criador por sua chegada.

Um corpo tombou ao lado dela. Era Rufus, o Cafajeste.

Os parentes, porém, teriam dificuldade em reconhecer aquele corpo com um rombo tão grande no crânio, que mais parecia uma metade do número oito. Kassius se virou assustado e teve pouco tempo para entender a situação. Bom, também não havia muita coisa a ser explicada: um imenso caçador lhe apontava uma gigantesca espingarda, dessas de gatilho duro, que apenas homens como aqueles conseguiam manusear com força e velocidade.

- Escute, soldado... - disse o caçador, em voz fria. - Eu não salvei essa menina de um lobo faminto para vê-la devorada por outro de pior espécie.

- Ei, não vem bancar o herói desta vez que eu lhe mando pra forca, idiota! Aliás, é o mínimo que vai lhe acontecer pela morte de um soldado real!

- Soldado é aquele que honra a farda que veste. Vocês não honram nem o que vestem por baixo da farda.

- Ei, tá bom. Espera. Vamos conversar! Me diz: pra que isso, hein? - Kassius tentava negociar, pois sabia o perigo das recentes armas de fogo nas mãos de alguém que sabia usá-las.

- Eu sei que parecem duas donzelas indefesas, e que de fora parece que estamos cometendo atos ruins, mas... acredite, cara, são duas bruxas da pior espécie! Praticantes de magia negra, sabe?

- Se elas são as ruins da história, fico imaginando o que você é!

- e o caçador tirou um objeto metálico do cinto e arremessou na direção de Kassius. - Pense rápido!

Kassius agarrou o objeto no susto. Conhece aquela armadilha para caçar ursos? Aquela que lembra dentes metálicos abertos, que se fecham com violência quando o pobre animal pisa sem perceber na armadilha? Pois Rick Albrook, o caçador que ali estava, possuía uma miniatura dessas, usada para caçar animais de porte menor. E, quando Kassius a agarrou, ela se fechou violentamente, espalhando tanto sangue, que ele caiu no chão gritando, espumando e agonizando de dor. Logo estava ali, caído, sangrando, gemendo e implorando por

misericórdia. O caçador tirou o casaco e deu a Anna para que se vestisse. Ariane recuperou a saia.

- Soldado, você em breve saberá o que são as trevas. A floresta escurecerá, e você contará apenas com os outros sentidos.

Entretanto, com a dor que sente, não conseguirá sair daqui antes que eles apareçam. Pois não pensem que o cheiro do sangue não vai atraí-los; em breve aqui estarão não um mas vários deles, famintos por alimento fresco. Lobos. Famintos e selvagens, como soldados indignos da farda. Sabe, algo que a vida de caçador nos ensina, e é verdade, é que aquele que vive como animal acaba morrendo como um...

Albrook, o caçador Herói, virou-se e partiu. Acompanhou, com o caráter de um homem, mãe e filha para fora do bosque.

Talvez nem ele soubesse como sua figura era necessária, ao menos àquela menina. Digo isso porque, por mais importante que fosse o fato de ter salvado mãe e filha, mais importante foi ter evitado que, naquele dia, Ariane Narin perdesse por completo a inocência, esquecendo assim a pureza que sonha com a bondade, e que parecia a cada dia tão distante dos homens.

Se isso houvesse acontecido, nasceria, naquele dia, mais uma maga negra.

Mas, ao contrário, Albrook simbolizou por mais um dia a figura do Herói. E trazia nessa imagem a lembrança de que o homem pode ser mau, e mesmo não merecer ser chamado de homem, mas também pode ser bom e muitas vezes ter momentos acima da mortalidade. O Bem e o Mal estão sempre disputando a supremacia em uma situação, e o homem há de saber bem quais suas bases e seus ideais e qual seu caráter, para não ser conduzido para caminhos destrutivos de tal estrada. Pois, se o mundo é um lugar bom, Ariane Narin continuaria a acreditar nisso. Dessa vez, tendo consciência, porém, de que era o mesmo mundo em que conviviam lado a lado heróis e lobos maus. E que agora, a cada dia, ela já não era mais tão inocente a ponto de não perceber a diferença.

Áxel Branford não entendia o que estava acontecendo. Não naquela noite, ao menos. Tuhanny, a Senhora dos Céus, o havia levado a alguns metros à frente de uma das primeiras aldeias construídas nas encostas das Sete Montanhas, e ele ainda não conseguia entender o motivo disso. Na verdade, não entendia era o motivo de ter parado exatamente ali, no que parecia um acampamento abandonado, com provisões já estragadas pelo tempo e alguns equipamentos também em estado desgastado e ruim.

Muralha possuía uma tocha, e Áxel acendeu outra, para que melhor conseguissem descobrir por que a águia-dragão parecia insistir em terem encontrado seu destino. Estava um silêncio berrante, por mais paradoxal que isso seja, daqueles que apenas as montanhas possuem, e a noite cada vez mais esfriava a temperatura, o que incomodava muito mais o humano do que o troll cinzento.

E então se escutou um grito.

Tratava-se de um urro. Não era nada parecido com o kiai de uma águia-dragão, nem de longe lembrava isso. Era sim um brado de guerra, vindo de algum local distante de onde estavam, e reverberava nas paredes de terra das montanhas.

Passado o susto, Áxel continuou, devagar, a observar o local, à medida que a luminosidade permitia, pois os olhos humanos não são adaptáveis como os de uma águia-dragão. Trolls ainda possuíam infravisão e um fardo apurado que lhes guiava muito melhor do que os olhos em situações como aquela, e em muitas outras também. Por um momento, Áxel sentiu-se ridículo com suas limitações humanas e se perguntou por que os humanos costumam liderar os Reinos se parecem sempre tão pequenos perto das outras raças mais fantásticas.

Uma folha estalou. Várias delas. A terra parecia fofa, embora fria, e o príncipe quase deixou a tocha cair quando tropeçou no que reconheceria como o esqueleto de um soldado de Andreanne. O esqueleto vestia uma armadura com o símbolo dos soldados do Grande Paço, e, como não conseguia imaginar seu pai presenteando um esqueleto com tamanha preciosidade, ali havia um homem vivo antes de um esqueleto morto. E isso era relevante porque já ouvi sobre esqueletos que se levantavam sobre ordens de bruxos. Áxel tentou esquecer-los para não suar ainda mais. Não conseguiu.

Outro grito.

Áxel voltou a se lembrar das histórias dos bruxos. A tocha tremia, e ele se perguntou de quem fora a ideia idiota de ir até lá sem uma tropa de soldados para ajudá-lo. Bom, a ideia fora sua. Muralha usava seus instintos animais de forma interessante e frenética. Farejava o chão, os objetos, até o esqueleto do soldado morto, e encontrou mais de um.

ROSNOU quando escutou o terceiro grito, que nasceu em ecos vindos de toda parte, e o

príncipe tremeu a tocha ainda mais. Não era um covarde, longe disso. Era apenas humano; e mesmo os humanos heróis têm medo, eles apenas sabem que isso não deve impedi-los de agir. Mas o que mais o assustava naquela hora era exatamente esse comportamento raivoso que seu guarda-costas estava adquirindo. E tudo porque ele sabia como ficava um troll quando entrava em estado de fúria, o berserk. Um estado raivoso em que a pessoa, ou o troll, não pensa, apenas ataca e ataca e ataca, de uma maneira incontrolável e irracional. A única forma de parar alguém nesse estado seria colocando a pessoa em nocaute, ou... bom, Áxel preferia pensar apenas nessa possibilidade.

O príncipe já havia enfrentado praticantes de pugilismo que usavam desse artifício no ringue. Bastava um ou dois socos bem aplicados para que o cidadão começasse a bufar e a espumar, e atacava como um animal em perigo, transformando a luta em um combate perigoso e mortal. Duas ou três vezes, ele havia visto isso, e em todas colocou seu adversário na lona o mais rápido possível, antes que ele próprio sofresse a consequência. Mas ele lembrava dos olhos e da mudança propiciados por aquele estado berserk, e isso era a última coisa que precisava ver naquele momento. Ainda mais em um troll cinzento.

Mais um grito.

Passos pesados e explosivos no chão. Movimento de folhas. E

árvores. Aproximação do som. Era como se uma pilastra fosse erguida e posta à ação da gravidade, cada vez mais perto. Sim, era a pior sensação do mundo estar naquele local escuro, com um troll cinzento com os caninos à mostra, o esqueleto de soldados de sua própria cidade-capital ao redor e passos tão pesados quanto o de gigantes se aproximando. O príncipe foi chegando para trás, com os olhos arregalados, o coração na boca e a pele pálida.

Até bater com as costas em uma grade de ferro e soltar um grito de susto!

E, no momento em que Muralha se virou na direção do príncipe, aquele som de pilastra sendo erguida e posta à ação da gravidade se fez três metros à frente do troll. Não apenas o som, também mais um daqueles brados de guerra, que dessa vez de tão próximo entrava pelos tímpanos e chacoalhava as paredes internas do crânio, como sempre mais do humano que do troll cinzento. E houve o estrondo da queda violenta enfim à frente deles.

Não era um homem, não era um monstro.

Era um anão, e muito cuidado, caso pense que isso não representava perigo algum, nem que não pioraria ainda mais aquela situação delicada. Pois todo mundo sabe que anões vivem em guerra com trolls. Uma colina foi nomeada Colina dos Ventos de Fogo, exatamente por sediar uma guerra de proporções gigantescas entre seres de alturas tão distintas, mas de sede e poder de destruição em combate tão intenso e comparável.

Áxel calculou que o salto daquele anão deveria ser de, no mínimo, cinco ou seis metros, para cair com aquela força e potência no solo. E não estava desarmado, não seja inocente de

pensar. Carregava com uma das mãos, e esse detalhe de ser com apenas uma das mãos é notório, um martelo impossível de ser comparado com os maiores martelos de guerra de Arzallum. Era uma arma gigantesca, e provavelmente Áxel talvez precisasse de ajuda para erguê-lo. Parecia feito de pedra e forjado de maneira rústica, mas ninguém conseguiria notar tamanho detalhe naquela escuridão e em uma situação tão inusitada como aquela. Ao menos, não um humano.

Porque um troll ali agiu pelo mais puro instinto animal.

E um Mestre Anão, também.

Sabe aquela orquestra invisível que sempre uso como comparação, que parece tocar sua música inaudita em momentos decisivos? Pois, se ela pudesse tocar suas músicas ali naquele momento, teria feito o som mais pesado que conseguisse. Porque apenas instrumentos que repercutissem um som de acordes rápidos e pesados poderia exprimir o sentimento daquelas máquinas de guerra em combate tão direto, intenso e violento.

O martelo cortou o ar violentamente na horizontal e chocou-se contra o punho gigantesco de um troll de dois metros e meio e de duzentos quilos.

O impacto foi o som de um trovão!

O troll não quebrara os dedos com isso; acho que é realmente impossível quebrar os dedos de um troll, pois são revestidos com uma proteção natural que fazem deles suas armas mais poderosas.

Outro choque! O trovão pareceu estar ainda mais raivoso.

Tuhanny berrou nos céus seu kiai para saudar aqueles dois guerreiros em disputa pela vitória, do ponto de vista de suas raças, sobre o Bem e o Mal. Áxel, paralisado diante do que via, nem ousava se aproximar dos dois. Sabia que, se um único golpe daqueles, por azar do destino, o acertasse, seria suficiente para lhe separar a cabeça do corpo.

O punho desceu no chão em um golpe vertical. Seja lá o que estivesse ali naquele momento explodiu em pedaços quando o anão saltou para trás e fez o imenso martelo zunir novamente.

Áxel pôde ver o golpe - e aquilo lhe pareceu um movimento em câmera lenta -, pressionando cada vez com maior pressão a cara do troll, cujas bochechas foram se misturando ao nariz de porco e pressionando os dentes protuberantes de javali, como se tudo fosse uma massa única de carne. O ser de dois metros e meio girou no ar umas três ou quatro vezes antes de tocar o chão. O som, chocante, berrava que um maxilar, ou seja lá que nome tenha o osso da mandíbula de um troll cinzento, se partira de maneira violenta. O som desse impacto causaria inveja a um canhão explodindo pólvora negra.

E, pasmem, o troll se levantou para atacar, como se nada houvesse acontecido, tamanho o ódio e o estado emocional alterado em que estava.

Era uma visão tão incrível a daqueles dois em combate, comparada às batalhas dos deuses narradas por alguns bardos, sobre tais seres acima dos próprios semideuses. A velocidade com que os dois se moviam e se atacavam e se defendiam era sobrenatural. A raiva, também. Aquele gigantesco e pesado martelo de guerra subiu e desceu tantas vezes quanto aqueles punhos, que mais pareciam feitos da mesma pedra do martelo.

E, em um dado momento, o anão guerreiro usou um de seus brados mais altos e jogou quase toda a sua força no golpe de um lado, enquanto, do outro, o troll não fez muito diferente, atacando na direção oposta com as mãos unidas e os dedos entrelaçados. O impacto do golpe foi tão forte, mas tão forte, que Áxel sentiu o chão tremer, e isso não foi exagero. Para se ter uma idéia, a jaula em que havia esbarrado pouco tempo antes rompera de sua presilha, e só então ele foi notar que ela estava erguida do solo, e despencou no chão, rompendo as trancas!

O anão e o troll caíram cada um para um lado, exaustos, mas jamais entregues.

Um olhou novamente para o outro, e o ódio faiscou no olhar de cada um, o suficiente para ser exalado em cada respiração.

Respeitavam um o momento do outro de recuperar as forças, mas apenas porque realmente cada um deles precisava daquela recuperação. E o príncipe aproveitou aquele momento de paralisação momentânea de combate para olhar a grade atrás de si. E, se não havia notado antes que estava suspensa no ar, imaginou então que algo ou alguém estava preso em seu interior.

- Olá, meu irmão - e aquilo o chocou. - Teimoso do jeito que és, eu sabia que virias com essa tua maldita cabeça dura. E por isso implorei aos semideuses tão veemente para que isso não acontecesse...

Tuhanny estava certa.

Áxel não sabia o que dizer. Não sabia o que fazer.

Definitivamente, não se podia enganar um animal que conseguia reconhecer infravermelhos. Se ela gravava o reconhecimento corporal de uma pessoa, iria encontrá-la fosse na claridade do dia, fosse na escuridão da noite.

Estivesse essa pessoa vestida ou não como nobre, fosse essa pessoa um príncipe ou o futuro Rei. E estivesse ela disfarçada na figura de um homem.

Ou estivesse amaldiçoada em uma figura leprosa de pele de sapo.

Rei Primo Branford entrou naquela sala de interrogatório achando que resolveria um grande problema. Que estava garantindo a sanidade. E que voltaria a escalar os muros de volta ao topo do poço em que caíra. Mal sabia ele, contudo, que entrar naquela sala seria o pior momento da sua vida e que sua sanidade estava prestes a embarcar em um navio para a imensidão do além-mar.

Lá estava ela, a bruxa. Madame Viotti não era exatamente quem ele precisava encontrar, mas ninguém o convenceria disso. Havia achado a culpada, e a senhora que nunca fizera mal algum a ninguém iria pagar por ser uma maga branca no local certo, na hora errada. Mas será que o Certo e o Errado também não eram servos da criação?

- Talvez... e em seu lugar eu levaria isto muito a sério... você não morrerá amanhã, se me contar tudo! - disse o Rei, utilizando os pronomes de tratamento populares para não igualar a bruxa a uma nobre, e sentando-se entre dois soldados. - Diga-me quais seus planos; diga-me sua relação com Jamil Coração-de-Crocodilo; e diga-me a localização do esconderijo onde são mantidas prisioneiras a rainha e a princesa de Stallia. Faça e então, talvez, você escape da fogueira, bruxa...

- Rei Branford - disse Madame Viotti, também entre dois soldados que pareciam prestes a degolá-la, ao menor movimento suspeito -, entendo seus motivos, e por mais mal que tenha causado entendo também que o fez por desejo de fazer o bem. Entretanto, não sou quem Vossa Majestade pensa que sou, e acho que sabe bem disso, apenas prefere não ver, pois precisa queimar alguém amanhã em praça pública...

- Como... como ousa, bruxa? Quem pensa que é para ousar falar assim com o Rei? E como se atreve ainda a me... julgar?

A última coisa que esperava ver na vida era uma serva do mal mais puro dizendo à mim como fazer o bem a um povo!

- Não chame a mim de serva do mal, Maior dos Reis! Nunca em minha vida usei de magia negra e iria preferir morrer a fazê-lo!

- Então afirma que não é uma bruxa?

- Sim, é claro que sou uma bruxa - a expressão dos soldados denunciava a surpresa. Compreenda-os; ninguém espera que uma pessoa se assuma como bruxa. - Apenas não no conceito que Vossa Majestade generaliza por ignorância.

O Rei se levantou nervoso. Parecia que iria sorrir Madame Viotti; e talvez realmente o fizesse. Sua loucura pedia por isso.

Mas sua sanidade, ao menos naquele momento, conseguiu impedi-lo de surrar uma senhora fechada numa sala pequena e cercada por quatro soldados bem treinados e armados.

- Ousa chamar o Rei de ignorante, sua...

- Já ouvi falar que todos os Reis são autoritários e violentos como o Imperador Ferrabrás, isso é verdade? - a pergunta não parecia fazer sentido.

- Sinceramente, acho que o fogo lhe será pouco, mulher.

Além de querer me dizer como agir e de me acusar de ignorante, ainda quer me comparar com Ferrabrás, ditador insano?

- Qual a diferença entre os Reis, Rei Branford? - Madame Viotti iniciava um jogo psicológico perigoso para ela. - Pois vejo nessa sala uma pessoa que grita com uma senhora indefesa no meio de uma sala fechada e que vai queimá-la pela manhã, exatamente como o criticado Imperador faria com alguém contra sua ditadura. Em minha visão, ambos são da mesma índole e agem pelos mesmos motivos.

- Entre nós, você é que prova ignorância, bruxa. Comparar-me a Ferrabrás e ainda achar que agimos pelo mesmo motivo é a coisa mais estúpida que já ouvi.

- Não duvido. Deve ser tão estúpido quanto é para mim ouvi-lo dizer que todas as bruxas são usuárias de magia negra...

Silêncio na sala. O clima ficou constrangedor.

Primo Branford se perguntou em silêncio como permitia que aquela mulher o desafiasse daquela forma, sem magias ou bruxarias. E logo ele, o Maior de Todos os Reis. E o mais sábio, e o mais belo, e o mais isso e aquilo, e que cada vez se sentia mais inútil, burro e humano do que nunca. Talvez esses pensamentos internos que lhe ocorreram fossem manifestações do toque de seu Criador. Primo estava reagindo com violência, pois o ego fora atacado, e nada é maior do que o ego de um Rei. Mas tudo estava dando errado a todo momento, e essa sensação de que, por mais que não quisesse admitir, estivesse seguindo para o caminho da ignorância ainda o afetava. E talvez por isso, sim apenas talvez por isso, ele tenha tido aquele momento de humildade, lembrando muito mais o plebeu que nasceu filho de moleiro, e muito batalhou na vida até se tornar Rei.

- Está certo, bruxa - e Primo sentou-se de novo, parecendo exausto. - Eu estou cansado demais para outra caçada. Vamos, conte-me. Prove-me que os bardos e o Rei estão errados.

"Convença-me de que nem todas as bruxas são ruins."

- Anísio? - o silêncio parecia querer gritar para responder "sim", mas o príncipe insistia em não escutá-lo. - Não me diga, meu irmão, que...

Os olhos se desviaram. Pareciam envergonhados, frágeis e inanes. A forma era humana, nua, bípede, ou o mais próximo disso naquela condição. Mas a pele era como a pele de um leproso, se tal pele fosse verde. Havia buracos por ela que revelavam carne exposta, e havia deformação na face, que substituía pouco a pouco os olhos humanos e o nariz, com dobras moles acima que lembravam pequenos chifres, e havia a língua, que parecia deformada, bem como a postura que lembrava um bicho. Uma pele dura e ressecada, de onde brotavam verrugas, substituindo pouco a pouco a pele de homem. Ou pior: que se mesclavam à pele de homem como se mescla a crosta de pele atingida por um homem vítima de queimaduras graves. Assim como acontecia com a pele de sapos comuns, moscam depositavam ovos naquela nova pele.

Se não fossem retirados, larvas poderiam entrar por suas narinas e impedi-lo de respirar. Curiosamente, um escudo ósseo começava a nascer em trechos das costas, formando uma casca por cima das feridas.

O fato era que o primeiro príncipe virara um grotesco e assustador homem com crostas de pele de sapo, e aquilo era desgraça demais para um dia só.

- Pudera te dizer, meu irmão... - o linguajar de Anísio era notório. Nenhum outro homem-sapo falaria daquela forma pomposa. Bom, talvez nenhum outro sapo de qualquer lugar iria falar mesmo de qualquer outra forma que não em coaxos.

- Quem... quem foi responsável por... isso, Anísio?

- Bruja.

O nome era tão negativo, que o simples som da palavra feria.

Áxel Branford ouviu o nome e sentiu uma pontada, como se um punhal perfurasse o peito. Definitivamente, Madame Viotti teria muita dificuldade para explicar a ele que nem todas as bruxas são ruins, ainda mais se tentasse a façanha exatamente naquele momento.

- E... o que temos de fazer? - perguntou Áxel, com a voz trêmula.

- Não me pergunte. Já tenho dúvidas demais em mente, e muito difícil para mim já é viver nestas condições há tanto tempo... - disse a voz de Anísio, um pouco disforme, devido ao formato diferente que as cordas vocais tomavam para se adaptar à nova e bizarra condição. - O tempo, pelo menos, já me convenceu a não me matar. Mas talvez não tenha havido tempo suficiente para acreditar que será teu destino, e não mais o meu, assumir o trono de Arzallum.

- Não diga besteiras, Anísio! Você será o Rei e não pode se dar ao luxo de fraqueza como essa! - o príncipe não tinha bem certeza do que estava dizendo.

- Olhe para mim, Áxel! - e os olhos, no meio-termo entre um grotesco híbrido humano e anfíbio, não escondiam a tristeza.

- Tu vês um Rei?

Dois rosnados diferentes cortaram o silêncio. Isso demonstrava que Muralha e o anão de saltos incríveis e força descomunal estavam prestes a recomençar o combate de épicas proporções. O troll se ergueu. O anão inspirou devagar e forte, erguendo o peito e o martelo. Os olhares se cruzaram.

As expressões se amarraram.

E o troll e o anão avançaram novamente um contra o outro.

Áxel não sabia como agir porque sabia que nada do que dissesse iria impedir um estado berserker, em ambos os lados, de se manifestar. Como já disse, apenas a derrota, seja do alucinado ou do adversário, pode fazer um louco raivoso parar de atacar como um animal irracional.

Apenas, eu disse, não?

- Já chega! E eu não vou repetir uma segunda vez! - bradou Anísio e a voz, ao menos naquele momento, pareceu-se em muito com a original, quando do tamanho proporcional a um corpo humano. Eu gostaria que você estivesse lá para escutá-

la. Não consigo reproduzi-la e fazer jus à forma como foi dita.

Porque o som, a dicção, o tom... tudo era uma união perfeita da presença do Absoluto e da manifestação da Grandeza.

Alguns sapos possuem um saco vocal, que enchem de ar quando querem coaxar mais alto. Talvez Anísio estivesse adquirindo um processo similar, quem vai saber? O que importa é que, para se ter uma ideia, a voz de comando tinha tamanho poder que fez com que o troll e o anão parassem a luta irracional e observassem quem os interrompia.

Bom, a partir desse dia, descobriu-se que não apenas a derrota - ou a morte - do oponente ou de si próprio poderiam parar um estado raivoso de berserker. Também um comando quase semidivino era capaz disso. Obviamente, não me refiro a um comando de um clérigo, um nobre, nem mesmo de um segundo príncipe.

E Áxel Branford olhou para o irmão, e os olhos lhe mostraram tudo que havia detrás daquela capa macabra com a qual Bruja ousou vestir Anísio Branford.

- Sim, meu irmão. Eu vejo um Rei...

Horas se passaram. Naquele mesmo momento em que um príncipe, em algum lugar distante, descobria como bruxas podiam ser ruins, um Rei descobria como isso não era uma regra geral. Ouvira um discurso sobre magas brancas e magas negras, sobre energias positivas e negativas e sobre o livre-arbítrio dado pelo semideus Criador, ou pela semideusa Criadora, para as pessoas escolherem suas decisões e arcarem com o preço de tais escolhas.

Verdade seja dita, o Rei entendeu o que disse a senhora. Não era a primeira vez que ouvia aquele discurso, mas foi a primeira em que o achou coerente e mesmo estaria disposto a soltá-la e dar razão àquela mulher, mas a sanidade, que já não estava nas mais perfeitas condições, não permitia. Soltar aquela mulher era o mesmo que assinar um pergaminho admitindo que ainda não havia capturado sua bruxa e, muito pior, que cometera uma série de assassinatos de gente inocente no excesso de acreditar que livrava o mundo de um grande mal.

- Senhores... alimentem a prisioneira e deixem-na descansar.

Eu preciso pensar em muitas coisas neste momento - disse o Rei, levantando-se atordoado. Os soldados obedeceram à ordem e também deixaram o quarto. Madame Viotti ficou observando aquele homem em pele real sair da sala sem dizer nada. Por dentro, estava feliz por tê-lo feito enxergar, ou ao menos repensar seus conceitos, nem que fosse tarde demais.

Cumpriu o que a Criadora lhe havia ordenado e garantiu sua estada no Reino das fadas de Mantaquim. Por isso, não se preocuparia mais se a morte viesse ou não; sabia que sua vida, nesse caso, estava apenas começando.

Sala fechada. Semiescuridão. Primo Branford parecia estar no pior momento da existência. A vida sempre lhe foi motivo de orgulho, certeza e acertos, e agora ele se perguntava se não fora o ser mais estúpido de toda Nova Ether e se não causara, sem saber, tantas mortes inocentes quanto as de bruxas ou fadas caídas ou magas negras, ou seja lá como se chamavam as praticantes de magias escuras.

Estava sozinho, e é fato que apenas nessa situação as pessoas conseguem repensar e assumir os próprios erros. Nenhum soldado seria louco de entrar naquela sala, pois ordens para que isso não ocorresse estavam espalhadas pelos corredores.

Sentado com os pés na mesa, olhando o nada, deixando a mente viajar, o Rei relembrava momentos e a tudo reavaliava, utilizando uma ótica condizente à possibilidade de talvez -

apenas talvez - sua bruxa prisioneira estar realmente certa.

Uma menina de não mais do que dezessete anos, virgem e, segundo os pais, muito dedicada, estava presa em um tronco em plena praça central. Objetos demoníacos haviam sido encontrados em sua morada.

- Por favor... - ela disse chorando e berrando, enquanto homens seguravam tochas ao redor. - Eu tenho um irmão, nunca... nunca provoquei mal a ninguém...

-Você renuncia Bruja em nome do Criador? - perguntara Primo, mais novo e são do que naquele momento. Ao lado dele, clérigos e sacerdotes de Quimera.

- É... eu nunca o reneguei...

- Que sua alma seja purificada de seus pecados... - disse o sacerdote.

E o corpo da menina queimou sob gritos de angústia que feriam a alma e gelavam o coração.

Havia uma senhora e uma de suas duas filhas ao lado.

A senhora devia ter uns quarenta anos. A filha, metade disso.

Ambas possuíam uma corda ao redor do pescoço, estavam em cima de bancos de madeira, e um carrasco encapuzado cheio de entusiasmo esperava ordens para chutá-los longe.

- Por favor, eu imploro. Ao menos minhas filhas... pelo amor do Criador... não minha filha...

- Uma bruxa não tem direito de invocar o amor do Criador diante desta situação - disse Primo -, e este tribunal de Caçadores não reconhece mães ou filhas em seus julgamentos ou punições.

- Por favor... a minha filha...

- E a punição para bruxaria é a morte.

E o carrasco chutou o banco de madeira que sustentava uma menina de não mais que vinte anos. O corpo caiu, agonizando pela corda que lhe comprimiu cada vez mais a traquéia. Os olhos viraram, o rosto ficou roxo, o corpo se debateu. O

pescoço se quebrou.

E então veio o silêncio da morte.

O carrasco ainda demorou para chutar longe o banco de madeira da mãe, tudo para fazê-la ver a própria filha sofrer. E, então, a mãe sentiu o que sentira a filha, pois não muito mais houve a espera para que o encapuzado cumprisse com a obrigação.

Um homem acusado de ter sequestrado e sacrificado uma criança de dez anos em um ritual de magia negra estava preso a uma estrutura de madeira, onde uma lâmina bem afiada lhe desceria no pescoço, fazendo um corte matemático para separar a cabeça do resto do corpo, sem falha. O homem estava assustado e as pessoas xingavam, cuspiam e faziam sinas dos mais obscenos para ele.

- Pela prática de magia negra, e por trazer o mal a este mundo, a punição determinada por este

tribunal é a morte - foi a sentença de Primo, ao lado dos sacerdotes e clérigos.

- Que sua alma seja purificada de seus pecados... - repetiu o sacerdote.

E a lâmina desceu, leve, afiada, de competência comprovada.

A lâmina separou a cabeça do homem com a facilidade de uma faca aquecida cortando manteiga. Era aniversário daquele homem naquele dia, porém, ninguém jamais soube. E

ninguém mais também o saberia, e hoje menos ainda teriam como saber, simplesmente porque aquele homem era um vagabundo, sem perspectiva de melhora de vida, destruído pelo vício do álcool que não conseguiu abandonar. Ninguém levou em consideração que era mudo e jamais poderia se defender das acusações a que fora submetido.

O fato de ter sido encontrado pelos soldados junto ao corpo da menina após o toque de recolher jamais teria sido julgado como a possibilidade de se tratar de uma coincidência, alguém no lugar errado, na hora errada. Ninguém levantara tal hipótese.

Não havia tempo para isso.

Mãe e filha foram encontradas mortas em uma casa humilde.

Os corpos estavam deploráveis, e as marcas de dedos mostravam que foram enforcadas após a violência de um ataque sem direito à defesa. Ninguém escutara os gritos, embora a casa fosse localizada bem no meio de uma área de comércio, próximo ao cais do porto de Andreeanne. Ninguém jamais investigou o caso, nem recebeu ordem para isso, tudo porque foi encontrado no quarto da mulher um altar com chifres, e isso era crime suficiente para que ninguém tivesse pena do destino das duas. Ninguém nem mesmo considerou o testemunho de um mendigo, que nem era mudo, no qual afirmou que os criminosos eram soldados fardados do Rei, abusando da autoridade que lhes era inspirada pela farda.

Por isso, ninguém se importou também quando soldados perfuraram o ventre de uma mulher grávida, pega em flagrante sob a lua cheia, orando à Criadora para que guiasse os passos do filho, a fim de que ele se tornasse uma pessoa que fizesse diferença ao mundo.

Era uma bruxa. E bruxaria deveria ser punida com a morte.

E também não se importaram quando um grupo de treze pessoas foi trancado dentro do depósito em que costumavam se encontrar frequentemente, ao menos antes que alguém resolvesse denunciá-las como um coven. E muito menos quando o depósito foi incendiado pelos próprios moradores, sem que ninguém jamais pudesse conferir a verdade: o que pensavam se tratar de um coven era, na realidade, uma reunião de plebeus que se encontravam após o trabalho naquele depósito, onde aprendiam a ler com o mais culto do grupo.

Não havia tempo.

Não havia como perder tempo investigando se era verdade ou não que um pai de família matara a própria mulher a pancadas por descobrir que ela mantinha práticas de bruxaria.

Não importava se ele já a vinha maltratando e espancando há muito mais tempo, e que também fazia isso com os filhos de doze e oito anos. Não importava aos vizinhos se há tempos eles escutavam os ossos se partindo, os choros e o grito de desespero das crianças e da mãe. Pois ele afirmara em juramento ao Criador que ela praticava bruxaria, e nesse caso era inevitável.

Bruxaria deveria ser punida com a morte.

Primo Branford ainda estava em silêncio, embora os pensamentos berrassem na cabeça. Não tinha dúvidas de que mandara para o Reino de Aramis gente da pior laia, que mexia com magia proibida e envergonhava e assustava o ser humano de bem. Não tinha e nem deveria ter, pois isso era pura verdade, e disso merecia todo o crédito.

Mas agora se perguntava: quantos inocentes também não pagaram pela guerra que fora sua Caçada de Bruxas. E se as mães que imploraram e juraram inocência fossem realmente inocentes? E... pelos semideuses... as crianças... semideuses, as crianças... que o Criador o perdoasse se tudo fosse uma falha sua. E quantos crimes não averiguados, e quantos soldados indignos da farda, e quanto abuso de poder sem remorso, apenas justificado pela cegueira que a guerra provoca nos guerreiros envolvidos?

Pois Rei Primo Branford entendeu ali que toda guerra já nascia cega, ao menos em um dos lados.

E teve a nítida sensação de que despencava de sua nova tentativa de subida, para uma súbita queda livre diretamente para o fundo do maldito poço sem fim.

- Tu és um dos Mestres Anões, não é verdade? - perguntou o primeiro príncipe Anísio Branford, na macabra pele ressecada, cheia de escamas, buracos, verrugas e carne morta.

O anão fincou o martelo de guerra no chão e se apoiou no cabo. Antes de responder, observou o troll cinzento que estava bem afastado de si, e ainda assim muito forte era sua resistência para não voltar ao combate e desrespeitar um futuro Rei.

- Sim, eu sou, se queres saber - respondeu o anão de barba longa, voz rouca e jeitão truculento. - Reza a lenda, e a lenda quem conta é o povo, que existe uma montanha para cada anão. Para que um nasça, outro deve morrer, pois esse número sempre é perfeito. Se a lenda é verdadeira ou não, não se sabe. Mas, nesta região, existem Sete Montanhas. E são sete seus Mestres Anões!

- Espere aí... quer dizer que você é realmente um... Mestre Anão? - estranhou o príncipe Áxel.
- Como contam bardos que Anísio e eu escutamos desde pequeno no Grande Paço?

Os sete que protegem sete virtudes e sete pecados contrários?

- Antes que tu soubesses o que é ser pequeno, minha raça já andava por estas terras e defendia tais montanhas! - o anão falava com o mau humor de quem só aturava aquela situação porque tinha a informação de estar diante dos dois príncipes de seu Reino. - Ao menos antes de saber que vós fazíeis alianças com trolls cinzentos!

Muralha ousou se aproximar para satisfazer os instintos e o Mestre Anão teria adorado que o tivesse feito. Áxel, porém, o impediu e ordenou que se afastasse até que se mantivesse fora de vista. Mal sabia ele que uma raça farejava a outra a quilômetros, e se sentiam intensamente mal apenas em estar juntas em uma mesma área.

- Como devo chamar a ti, Mestre Anão? - perguntou Anísio.

- Tens razão quando te referes aos pecados e virtudes que guardamos. Eu sou Mestre Anão Ira e exijo que não te esqueças disso. A par, permito que me chamem pela alcunha de Zangado, como antigos aliados humanos me nomearam, embora desconfie de um ar depreciativo que não percebo.

- O que é isso? Nunca vi nome mais perfeito do que Mestre Zangado para alguém tão positivo... - disse Áxel.

- Cala-te, Áxel! Isto é sério - e apenas Anísio, e no máximo o pai Primo Branford, ousaria falar de tal maneira com o príncipe. - Podes me dizer como chegaste até aqui, Mestre Ira?

- Pelo cheiro. Ouvi dizer que fora amaldiçoado por Bruja, e se ela aqui não mais está é apenas porque eu e meus irmãos nos fixamos nesta floresta.

- Que cheiro você sentiu? - perguntou Áxel. - De Anísio nessa forma de sapo?

- Não, do seu maldito troll cinzento de quem daqui a pouco tirarei a vida!

- Ninguém irá tirar a vida de ninguém neste lugar! - bradou Anísio. - Mas me diz, Mestre Anão, o que dizes em relação à Bruja? Acaso tu e teus irmãos a enfrentastes?

- Humpf! Muito mais do que isso, Rei-sapo! Nós a matamos!

E Áxel olhou nos olhos do irmão, ou o que sobrara dele, e sentiu que o que sobrara de Anísio devolveu o olhar. Ambos estavam surpresos. Muito.

- Está me dizendo que você e... os outros Mestres Anões...

mataram Bruja? - Áxel perguntou.

- Não sabia que príncipes tinham problema de surdez!

Quantas vezes vão querer que eu repita? Sim, nós matamos Bruja e, pelo visto, apenas depois de ela ter passado por este lugar e amaldiçoado o príncipe. Maldita bruxa de Aramis!

- Mas... por favor, Mestre Anão, perdoe minha insistência, mas não entendo. Como Bruja... e como vós matastes... e...

- Humanos... (ou o mais próximo disso...) - e Mestre Zangado suspirou. - Escute, seres mais velhos que o tempo, como Bruja, conseguem de tempos em tempos diminuir suas vibrações etéreas até acabarem novamente dentro de corpos humanóides brutos, se é que vós me entendeis com tais mentes limitadas - Anísio deixava Mestre Zangado reclamar e insultá-los como quisesse. Primeiro, porque não podia exigir muito respeito naquela forma humanóide macabra, e depois porque desde que ele explicasse o que estava para explicar, então o resto se tornava irrelevante.

"Entretanto, a maldita dessa vez errou feio sobre a escolha do local para materializar sua presença nesta terra, pois veio parar nas Sete Montanhas, e de dentro de nossos habitat sentimos sua presença. Enfrentamos juntos não só ela, mas também alguma de suas companhias bizarras trazidas de Aramis, até que esmagamos seu crânio e a mandamos de volta para sua morada sinistra. E não precisais fazer essa cara de surpresa, senhores! Apenas entendam que nada, nada é mais poderoso do que o exército reunido dos Sete Mestres Anões, acreditem.."

- Mas então você quer dizer que acabaram com a bruxa de uma vez? - Áxel insistia.

- Tu deverias seguir o conselho do príncipe-sapo e te calar quando tens oportunidade - pelo visto não era apenas Anísio e Primo que ousariam falar daquele jeito com o príncipe. Áxel ficou tão chocado, que nem conseguiu responder. - É óbvio que não acabamos com sua existência. Apenas retardamos seu processo de retorno! Quando digo que destruímos Bruja, refiro-me a um avatar seu. E um avatar nada mais é do que um representante de seu enviado,

assim como o Criador faz com as patéticas fadas...

- Oh, agora entendo! - disse Anísio. - Então Bruja é capaz de enviar avatares. Pensei que apenas semideuses eram capazes de algo do tipo.

-Ao menos um príncipe raciocina mais do que o outro. Sorte que vossa raça será liderada pelo sapo em vez do humano...

- Escuta aqui, baixinho...

- Áxel, para de agir feito criança! - disse o mais velho.

- Olhe aqui, Anísio, se você quiser ficar do lado desse baixinho desbocado e malcriado, tudo bem, mas eu insisto que temos de voltar para Andreanne o mais rápido! Arzallum está em estado de sítio, e eu sei que algo de ruim ainda vai acontecer por lá.

- Arzallum está em estado de sítio? - assustou-se Anísio. -

Desde quando?

- Desde ontem. E o motivo disso ainda não está completamente definido. É sério, Anísio, precisamos voltar...

- Seja qual for o perigo que esteja assolando nosso Reino, acredito que não poderei ser útil, ao menos não nesta forma -

e Anísio diminuiu o tom de voz. - E, além do mais, muitos dias levaremos na volta.

- Humpf! Talvez não... - resmungou Mestre Zangado.

Os dois príncipes lhe deram atenção máxima.

- Se vós vierdes comigo (e se não estejais a fim, danem-se!), eu vos levarei à aldeia mais próxima, que há anos recebeu como morador um velho índio moicano.

- Moicano? Mas estamos muito longe de terras que sustentam índios! - disse Áxel.

- Juras? E percebeste isso sozinho? - Áxel pensou em quanto ofereceria por trinta segundos, apenas trinta segundos, com aquele maldito anão debochado em um ringue de pugilismo.

Sem o martelo. - O fato é que esse índio já provou ser capaz de feitos extraordinários, e talvez... bom... talvez ele possa ajudar-vos. Só não pergunteis de onde ele veio, ou achareis que se trata de um maluco e não vos dareis crédito algum.

Bom, talvez ele seja maluco mesmo, quem pode saber?

- Sério? E o que ele responde quando perguntado sobre o local de sua origem? - perguntou

Áxel.

-A primeira à direita, sempre em frente, até o amanhecer...

- Ah, pelo amor do Criador! Nós não vamos perder tempo falando com um maluco desses, não é Anísio?... Não é?...

Não?...

- Agora parti e me esperai, enquanto vou amassar a cara desse troll que trouxeram convosco - disse Mestre Zangado, erguendo e rodopiando o gigantesco martelo.

- Entendo teu ódio racial e os motivos pelos quais há tempos anões guerreiam com trolls, Mestre Ira - disse o príncipe Anísio. - Mas sei que a guerra maior de tua raça não é especificamente contra os trolls cinzentos, mas com os trolls selvagens, e por isso peço que reconsidere tua posição.

- Não queiras me convencer de que existem trolls de boa índole - disse o Mestre Anão.

- Acreditar no oposto seria dizer que todo anão é rabugento! -

disse Áxel, fazendo o anão resmungar como sempre.

- Faze o seguinte - propôs Anísio encara essa tolerância forçada como um pedido real. Ficarei em dívida contigo e os outros Mestres Anões, e um favor vos deverei o resto da vida, e tu poderás me cobrar caso um dia necessites. O que achas?

- Humpf! Levando em consideração que um dia tu irás ser Rei, se viveres até lá... mas vos digo: mantende esse bicho afastado de mim. Não sei se um favor de um Rei vale tanto.

E o anão saiu irritado, como parecia ser seu estado natural, enquanto Áxel sorria de sua rabugice. Muralha teve ordem de manter distância máxima do anão, enquanto puxava Pacato.

Já Anísio, em sua forma sinistra, ia ainda mais atrás do mamute em um andar manco nada definido. Isso porque se deslocava na maioria das vezes saltitando, ainda que lembrasse uma forma bípede. Mantinha-se de cócoras, às vezes gingando, sem se decidir se conseguiria andar de pé nem se ainda se tratava de um homem ou já um anfíbio. A pele continuava cada vez mais ressecada; e se em pouco tempo não fosse hidratada era capaz de ele morrer por desidratação. Para se ter uma ideia, por necessidade, aquele novo e bizarro organismo já havia absorvido água de sua própria urina, direto da bexiga. Ainda respirava por pulmões; parecia ainda respirar, mas era como se sentisse que absorvia oxigênio também pelos poros.

O que mais doía, porém, eram os ouvidos. Afinal, humanos possuem o tímpano dentro das orelhas. Sapos, do lado de fora.

E, de vez em quando, Anísio sentia como se seus tímpanos quisessem se deslocar. E isso doía.

Odiava que o irmão o visse daquele jeito; ser visto em tal condição era pior do que estar naquela condição, e é fácil entendê-lo nesse ponto. Estava muito longe do Rei que imaginava se tornar, mas, sem saber, seu sofrimento estava purificando-o para aproximá-lo do Rei que deveria um dia ser.

E que estivesse errado sobre aquela maldita sensação a lhe dizer que esse dia não parecia tardar a chegar.

Primo Branford, naquela noite, não voltou ao Grande Paço, ao encontro da rainha Terra e de uma noite ao menos de descanso daquele dia mais longo do mundo. Na verdade, nem mesmo deixou a Jaula onde estava sua prisioneira, a bruxa que mexeu com sua cabeça.

De fato, voltou àquela sala. Dessa vez, desarmado e sem nenhum soldado a acompanhá-lo. Não se importaria de estar errado e ser fulminado por um raio descarregado por Madame Viotti dos céus. Seria até uma dádiva. Em um ponto, ao menos, o Rei estava em sintonia com a bruxa: ele também havia perdido o medo da morte.

-... juro que não entendo, Viotti! - o fato de não chamar a mulher pelo nome de "bruxa" já mostrava a mudança. -

Como... como estas escolas secretas puderam se reorganizar novamente, se tenho certeza de que destruí suas líderes? Eu havia encontrado um caderno com os nomes uma vez... um livro de capa preta... cacei cada nome, uma a uma...

- Essas escolas não retornaram há muito tempo, Rei Branford - disse Madame Viotti. - Mesmo o coven que organizo também apenas recentemente conseguiu espaço para retomar suas atividades. Nesse ponto, Vossa Majestade e seus soldados sempre foram dos mais competentes.

- Então, como?... Como esses grupos...

- Bruja, de tanto em tanto tempo, pode enviar avatares a este mundo. Alguns mais poderosos podem sentir tais presenças, e eliminá-los, mas o tempo que essas monstruosidades ficam nesta terra pode ser suficiente para reerguer aos poucos tais escolas.

- Ainda assim... por que não escutei relatos? - desesperou-se o Rei. - Eu passei anos achando que este Reino estava na mais absoluta paz, e que a Caçada havia resolvido seus problemas...

Bom... dois incidentes ocorreram sim, meu Rei. Um deles envolveu a menina Narin e a avó devorada por um lobo marcado. O outro, os irmãos do famoso caso da macabra Casa de Doces. As duas histórias viraram contos dos bardos e denunciaram que energias pesadas estavam aos poucos se transmutando. Vossa Majestade deve admitir que a ambos os casos não foi dada uma importância maior, tratando inclusive de abafá-los o mais rápido...

- Eu... realmente não dei muita importância a esses casos.

Preocupe-me em abafá-los, sim, mas porque... tanto tempo havia se passado desde a Caçada e...

- Sim, eu me lembro. A menina Ariane viu a avó ser devorada pelo lobo dez anos após o fim daquela Era negra.

- O caso da menina na floresta nem considereei como bruxaria, mas apenas uma fatalidade envolvendo um lobo selvagem -

disse o Rei, parecendo sentir pena de si próprio. - Quanto à sinistra Casa, esse sim me preocupou. Seis anos atrás, e lembro como se fosse hoje.

- Exato, meu Rei. E foi exatamente a partir do caso Hanson que meu coven pôde se reorganizar e por isso acredito que as escolas de magia negra também devam tê-lo feito.

- O que quer dizer, Viotti? Pelo jeito que fala, a impressão é de que havia bons ventos para que isso ocorresse.

- Eu quero dizer, Rei Branford, que novamente, pensando em fazer o melhor, suas decisões proporcionaram uma boa forma de bruxas se manifestarem.

- Mas COMO? Como isso foi possível? Lembro-me bem que quis abafar o caso exatamente para que não causasse pânico maior na população e...

- E Vossa Majestade conseguiu abafar o caso - e Madame Viotti olhou no fundo dos olhos do Rei, em um momento que nenhum deles jamais iria esquecer. - Conseguiu inclusive desviar e atrair toda a atenção do povo. E os fez esquecer das bruxas, com certeza, mas com isso também proporcionou a oportunidade perfeita para que elas pudessem voltar a se manifestar. Fossem elas magas brancas... fossem elas magas negras.

- Está querendo dizer que uma decisão minha proporcionou...

E Primo parou de falar. Olhou para o nada. Arregalou os olhos. Lentamente, como se não acreditasse no que raciocinava, e tudo passasse a fazer sentido, afundou o rosto entre as mãos. Estava agora bem claro para ele o que a senhora, prestes a ser executada em praça pública no dia seguinte, queria lhe dizer.

O problema chegara até ele, e por que semideuses... por que tivera a ideia de fugir dele em vez de enfrentá-lo? Por que quis maquiagem a realidade? E por que não avaliou os prós e contras de sua decisão? Tudo poderia ter sido eliminado e impedido logo no início, se não houvesse agido daquela forma. Sim, ele havia providenciado a oportunidade perfeita para que o raciocínio explicado por aquela senhora ali fosse posto em prática. Ele havia desviado a atenção do povo, e mesmo a sua, por tempo suficiente para que tudo aquilo ocorresse.

E devia tudo a seu maior feito e, ao mesmo tempo, sua maior falha.

A reconstrução do Majestade.

A madrugada chegou, e dormir era algo que estava ainda longe dos planos daqueles príncipes. Caminharam, quem podia caminhar, por três ou quatro quilômetros ainda, até chegarem à aldeia indicada por um dos lendários Sete Mestres Anões.

E, pelo visto, entre sete opções demos a sorte de cair com a pior delas... - pensou Áxel, sem ousar revelar nem no mais baixo dos tons o pensamento, com receio de acender uma fagulha explosiva. Estavam, naquele momento, já dentro de uma cabana simples, feita de madeira fina, palha e cipós. A aldeia em que se encontravam era tão simples quanto pequena, e a maioria das pessoas dormia, embora as pisadas de um mamute de guerra adolescente as tenha feito levantar-se.

Aliás, Muralha estava bem do lado de fora, cuidando de Pacato. Os príncipes não seriam doidos de colocar o troll cinzento em uma pequena cabana tão próximo ao Mestre Anão.

O velho índio moicano tinha os cabelos grisalhos, longos e arrumados em um rabo de cavalo. Várias marcas da idade lhe contornavam a face sulcada, o corpo era magro e a expressão, séria. Não falava a língua altiva, a mais popular no continente do Ocaso, nem mesmo falava a língua estirpe, linguagem do Nascente. Usava um dialeto que apenas Mestre Zangado conseguia entender e empregar.

O Mestre Anão explicou ao índio sábio, pois era longe de ser louco, o dilema e a situação daqueles príncipes, inclusive o motivo de apenas um deles estar em pele completamente humana. O velho moicano fez alguns gestos enquanto falava em seu próprio dialeto, e o Mestre Anão serviu de intérprete aos dois: - Andai! Ele quer que vós se senteis - disse Mestre Zangado, com a gentileza característica.

Anísio em sua forma cada vez mais curvada, manca e deformada o fez. Áxel sentou-se de pernas cruzadas ao seu lado.

- Bom, e espero que não seja tão difícil quanto penso explicar isso a humanos, mas fazei uma força e tentai enxergar um pouco além do que vós enxergais - dizia Mestre Zangado. - A linguagem dos índios moicanos mais sábios como Dulan é o erdim, e vós jamais a compreenderdes se mantiverdes os mesmo conceitos de vossas mentes limitadas.

"Não penseis, portanto, que se trata de uma linguagem na qual as palavras se unem em harmonia para formar frases, como o é no estirpe ou mesmo no altivo. Nesse tipo de linguagem, as palavras têm vibrações, e essas vibrações definem os significados. É uma linguagem etérica baseada em intenções. Vós deveis deixar as mentes abertas para receberdes a vibração de cada palavra, e ela terá um significado entendido, se vossa consciência tiver a capacidade para tanto. Vós provavelmente ireis escutar a mesma frase de formas diferentes, vossos cérebros a receberão de forma diferente, mas o sentido delas será único. Eu particularmente duvido que humanos tenham capacidade para compreender isso, mas que seja.

"A questão é: não penseis em uma palavra separadamente.

Pensai no todo; senti o que a frase representa. Vós conseguireis responder automaticamente se o fizerdes. Mas não vos preocupai se não conseguirdes, eu já expliquei minha opinião sobre isso."

Muito tempo se passou.

Os príncipes, cada qual a sua maneira, demoraram, mas conseguiram abrir as mentes e compreender. Houve muita energia dispensada em evasões desnecessárias, pois uma fortaleza mental precisava ser contornada, construída com base em conceitos preestabelecidos, e que precisavam ser ignorados. Com muito custo, e muitas tentativas, e muita força de vontade, e quão grande era a vontade de cada um de acertar, eles compreenderam, e viveram, aos poucos, o que Mestre Ira queria lhes dizer. Abrir a mente não era enfim uma questão de Reino, nem de experiência de vida. Era apenas uma escolha.

E isso também era fé.

Como fizeram exatamente aquilo, nem pensaram realmente no assunto. Na realidade, a explicação mais lógica que conseguiam alcançar era de que não necessariamente ordenaram as mentes a se abrir, pois não tinham uma chave mental para isso. O que desejaram, e assim ordenaram a elas, foi que não se trancassem, e uma porta destrancada, senhores, pode ser aberta por qualquer chave.

A língua erdim era cheia de expressões de vogais tônicas, que muito lembrava um dialeto de povos antigos e de cultura forte. Entretanto, se você o escutasse sem pretensão alguma, sem querer julgar previamente o que a pessoa queria dizer, palavra por palavra, mas sim de maneira intensa e completa, aí era possível de ser entendida. Ainda que de maneiras diferentes, o sentido era único, ou ao menos único na compreensão de realidade de cada um, e tudo que Mestre Zangado dissera se fez presente.

Logo, o príncipe-homem e o príncipe-sapo estavam dialogando em uma língua que nunca escutaram antes, mas pareciam compreender desde que nasceram. Se aquilo era fantástico demais, mesmo para os contos dos bardos, não me cabe julgar, e nem eles se arriscariam a dizer, mas tudo o que vinha acontecendo ultimamente era tão inusitado, que cada vez mais eles compreendiam que o Fantástico é um elemento presente nas regras do éter, assim como o é também, por exemplo, o Acaso e a Sorte.

- Concentrai-vos, senhores - disse o velho moicano, acendendo um cachimbo. - Sempre.

- Senhor, espero que tenhas compreendido meu drama, e tudo que peço é que me digas como retornar à pele de homem, pois inútil sou na maneira em que me encontro - disse Anísio, falando na língua erdim, já sem a preocupação e a necessidade de ter de entender como fazia aquilo. Passou a aceitar e a se importar apenas com o fato de que conseguia fazer aquilo, e tudo passava a se encaixar.

- Para retornares à pele de homem e retirares a de bicho, ao menos no estágio que posso ver em que te encontras, será preciso uma força manifestada pela vontade e ilimitada pela fé - sentenciou o velho moicano. - Apenas isso.

O príncipe-sapo não comentou.

Isso demonstrava sabedoria, pois o ignorante ficaria revoltado com a resposta e faria outras perguntas idiotas, entre diversos "Hã?" ou "O que você quis dizer com isso?". Anísio, com a experiência de um príncipe que um dia se tornaria Rei, não se lamentou ou queixou-se, sabia que em nada adiantaria na situação, e concentrou-se em tentar entender e descobrir o que a frase dita a ele significava. Na verdade, seu lamento é que parecia já o ter compreendido.

- Senhor - disse Áxel quando Anísio se calou -, temo que Arzallum esteja passando por um momento muito crucial para todo o Reino, e precisamos chegar a Andreanne, do outro lado leste, em muito menos tempo do que iremos levar.

Talvez já será tarde demais se tivermos mesmo tempo para isso. E... bem... já ouvi histórias que provavelmente exageraram nos feitos possíveis para os sábios anciões moicanos, mas ainda assim quero acreditar que, ao menos, a metade deles seja possível. Na verdade, preciso acreditar nisso...

- E o que achas que com essa metade é possível ser feito? -

perguntou o moicano.

- Viajei até aqui em um unicórnio, capaz de gerar ao redor de si um campo que... transferia pessoas e mesmo um grande animal para quilômetros à frente - essa era a explicação mais detalhada que o príncipe conseguia. O moicano pareceu surpreso e curioso. - E tenho certeza de que os moicanos são conhecidos por admirar os animais, inclusive os mais fantásticos, aprender com eles, me corrija se eu estiver errado.

Por isso...

Áxel ficou constrangido em pedir o que queria, pois não sabia se estava parecendo um idiota com suas explicações, nem mesmo se sabia realmente explicar o que queria. Essa sensação de dúvida do emissor provocava uma impossibilidade de entendimento por parte do receptor, e por isso a comunicação se tornava impraticável na linguagem erdim, como em qualquer outra.

- Ele se refere à transferência de éter, Dulan - disse Mestre Zangado, que escutava tudo calado em um canto. Por ele, teria saído da tenda, mas ficar do lado de fora na presença daquele troll cinzento não seria uma boa escolha diante das circunstâncias. Quanto não valia o favor de um futuro Rei? -

Acho que tu nunca tentaste tamanha distância, mas também acho que talvez... talvez...

Para Áxel, Mestre Zangado não parecia tão resmungão ao falar com o velho índio Dulan.

Talvez fosse por causa da língua construída sobre blocos de intenções que falavam, mas talvez fosse pelo tamanho respeito que nutria por aquele sábio ancião. O fato é que ali ele percebeu que talvez, ao menos talvez, fosse verdadeira a noção de que cada Mestre Anão carregava, além do pecado, a virtude contrária. Talvez, além da ira, houvesse realmente naquele ser algum ponto de paciência.

- Muita energia seria gasta - a frase do moicano provocou arrepios em Áxel. Ele não fazia ideia de onde Mestre Zangado tirara o termo "transferência de éter", mas, se isso era o mesmo que o unicórnio era capaz de fazer, e se aquele velho índio conseguiria um feito de tamanho porte, então nada mais lhe importava. - Ficaria fraco talvez uma semana inteira. E

padeceria no último dia.

- Eu tenho uma ideia, e que esses humanos não sejam burros de recusá-la - resmungou o anão.
- Um mamute de guerra adolescente, posso ver pelo tamanho, acompanhou essa comitiva, se posso assim chamar, até as Sete Montanhas. O

animal muito bem te servirás como alimentação rica, pois a carne desse bicho é gordurosa e nutritiva. Tu te reerguerias em pouco tempo...

- Tem sabedoria o que dizes, Mestre Ira - retrucou Dulan. -

Sobre esses termos, e apenas sobre eles, eu o faria, mesmo porque tudo na vida é uma troca, e acho que isso seria uma troca justa.

- Pronto - disse o anão -, infelizmente agora tenho de lavar minhas mãos e deixar tudo a vosso cargo, príncipes, o que talvez seja o fim de Arzallum, se realmente estamos sob tempos ruins.

Áxel e Anísio se olharam. Pela reação de Áxel, a decisão caberia a Anísio, pois não era por sua pele macabra leprosa que o irmão não o via como uma autoridade maior do que a sua em comando. Anísio analisou novamente a proposta. Era a vida de um animal em troca da vida de muitas pessoas. Não parecia nada difícil de ser decidido. O único senão dessa proposta estava no fato de Anísio ver aquilo como o sacrifício de um ser inocente, que muito se empenhou para levar sozinho um troll e o irmão até ele. Desse ponto de vista, animal ou não, não parecia justo ao primeiro príncipe sacrificar aquele ser.

Para decidir tamanho conflito, ele invocou a memória do pai, o Rei perfeito. Aquele que o treinara para ser perfeito, como o próprio nome simbolizava. E, então, o príncipe se perguntou o que o Rei teria decidido em seu lugar. E, por esse ponto de vista, não foi muito difícil tomar sua decisão.

"Que assim seja."

Grande Paço.

Enfim, o Rei havia retornado, mas não falou com ninguém.

Nem mesmo a esposa, a dedicada rainha Terra, teve a menor das atenções. Primo Branford voltou para se trancar em sua biblioteca particular e não ser incomodado por ninguém. Por isso, não adiantava bater na porta, fosse criado, fosse nobre, fosse esposa. Nada importava mais. Nada. O Rei perfeito se sentia o perfeito culpado. Leu novamente a carta materializada a sua frente, a qual quase rasgou num impulso humano.

Você vai pagar, Primo Branford.

Por seus crimes, você irá pagar.

A culpa de todo fracasso está em seus atos, e seus descendentes carregarão isso.

Você está marcado, Rei.

Eu juro.

O assombro de poder ter condenado muitas vidas inocentes voltou a lhe atormentar a mente. Mas pior do que isso era a tormenta a que ele próprio se submetia. Em seu entendimento, havia falhado, fora vencido pela ignorância e errara, dominado pelo poder de poder. Havia chegado onde estava por sua competência em caçar bruxas e agora sofria pela tormenta de descobrir que o homem tem bruxas próprias dentro de si, muito mais difíceis de serem caçadas, pois não se pode ordenar que as matem por ignorância. Esteve cego por causa da guerra, e, como bem pregava, uma guerra já nascia cega, ao menos para um dos lados.

Sentia-se fraco, velho, inútil, ridículo. Pensava sobre a fragilidade humana e em como parecia ser ilógico imaginar um humano perfeito. Pensava que a vida humana era tão frágil, e uma vez percorrida e terminada, não havia volta. Era simples, para morrer, bastava estar vivo. Não havia como pedir desculpas ou voltar atrás. Muitas famílias dormiriam bem por sua causa; mas muitas jamais voltariam a dormir pelo mesmo motivo. Ao menos isso estava tão claro quanto o fato de ter perdido a sanidade e os conceitos de Bem e Mal.

Primo Branford estava tão atordoado com os acontecimentos, que nem se assustou, estranhou ou mesmo esboçou qualquer surpresa quando mais uma carta começou a se materializar ali, em sua frente novamente, guiando-se por sua energia vibratória até a mesa da biblioteca. A grafia era como a anterior, e as letras em vermelho-sangue, também. O

conteúdo daquela carta seria risível em outras épocas, mas, na fase em que estava, talvez fosse a única forma de se sentir novamente útil, uma última vez na vida, como bem pregava o fim daquela nova mensagem.

Trazia uma ordem. E ele iria cumpri-la. Era mais forte do que ele. Maior do que seus desejos. Do tamanho de sua culpa.

Então, que a morte o acompanhasse. Já a via como arma de guerra.

Já a via como tristeza de vida.

Estava na hora de vê-la como alívio da alma.

Áxel não estava na cabana. Não estava nem mesmo na aldeia.

Mas não pense que isso não tinha um motivo; na verdade, estava tão afastado da cabana armada pelo velho índio moicano apenas porque esse índio parecia ter os místicos e míticos domínios das antigas magias de lendas indígenas.

Certo, ainda não parece uma boa resposta para explicar o porquê de um afastamento tão grande, e você tem razão em esperar uma explicação mais bem detalhada.

Acontece que, após resolver tentar ajudar aqueles dois príncipes em situação tão importante ao Reino, um Mestre Anão rabugento resolveu que não deixaria aqueles dois príncipes patéticos e atrapalhados, para usar um eufemismo, resolverem sozinhos qualquer que fosse a ameaça tão veemente a Arzallum, pois temia que o Reino estivesse perdido de vez no caso. Por isso, resolveu ir com os dois para ver com os próprios olhos se a presença de um Mestre Anão não seria necessária.

Certo, eu sei que ainda não é uma boa explicação e não respondeu nada, mas vamos chegar lá. Atente para o fato de que a comitiva não era formada apenas por dois príncipes, mas também por um troll cinzento. E ambos os príncipes já haviam percebido o esforço sobre-humano que ambas as raças faziam para não se atacar até a morte. Tomando como base essa informação, e levando em consideração que o velho índio moicano Dulan explicou que a parte mais importante de uma "transferência de éter" era a concentração, então, imagine o quão afastados precisavam estar um do outro.

Agora sim, espero que esteja satisfeito com a explicação dada para o porquê de o troll estar tão longe, além de onde os sentidos naturais do Mestre Anão pudessem alcançá-lo (já repararam que "anão" é escrito com "a" minúsculo, e "Mestre Anão", com "M" e "A" maiúsculos? Que curioso...). Apesar de se sentir incomodado apenas com a existência daquele ser, Mestre Zangado ainda conseguiu relaxar o suficiente para ser guiado pelas palavras na língua erdim do velho moicano e assim atingir o estado necessário à transferência de matéria, chamada pelos sábios de teletransporte, e pelos moicanos, de transferência de éter, e você pode chamar do que bem quiser.

Meia hora depois, Áxel Branford e o troll cinzento Moonwakrston entraram em uma cabana vazia, sem um mínimo vestígio da dupla anão e homem-sapo que deveria, ou não, estar ali. Na verdade, não havia vestígio para o humano, tão limitado em seus sentidos. Para o troll cinzento, aquele cheiro do velho Mestre Anão ainda estava lá, e ele podia senti-lo, mas também podia ignorá-lo. Um problema esbarrava ali: Muralha, o troll, não conseguia entender o erdim nem com muita boa vontade. A mente não conseguiria se abrir o suficiente e entender que era possível se comunicar por uma língua em que as palavras não precisam se unir harmonicamente para formar uma frase, porque cada uma tem uma vibração própria e assim um sentido. Se isso já era algo não tão fácil para uma mente humana, imagine então para a de

um troll.

Mas, no fim, acabou dando certo, pois Áxel descobriu que, para seres como Muralha, era ainda mais fácil entender o erdim. Isso porque as mentes mais limitadas não procuravam buscar exatamente nenhum artifício para impedir esse entendimento, como era típico da mente humana. Muralha não precisaria abrir ou ordenar que sua mente não se fechasse. Ele simplesmente não ordenava nada e deixava que tudo acontecesse. Talvez não conseguisse falar em erdim, mas isso era o menor dos problemas.

O importante é que ele compreendia sua intenção.

- Fechai os olhos - iniciou o índio. O príncipe se encontrava em posição de lótus. - Relaxai o corpo e esvaziai a mente.

Neste momento, não existe Reino nem Coroa. Não existe "eu"; não existe "nós". Não existe nada. E vós, neste momento, fazeis parte disso.

"Começa relaxando as pernas, os músculos devem se descontraírem. Relaxa o abdômen e o tronco. Deixa que os ombros se soltem. Inspira; expira; e aproveita ao máximo tua respiração. Agora relaxa o pescoço. Descontra a face, retira as preocupações da testa. Tu não possuis mais um corpo físico neste momento. Entende que tu não és feito dessa carne, mas de uma energia semidivina.

"Entende que tu és éter.

"Apenas visualiza o local onde queres estar. E vê, então, a tua frente, um portal. Vê que ele tem o teu tamanho, e, através dele, tu podes ver o local aonde queres chegar. Tu ainda tens a consciência de que tanto tu quanto o portal são feitos de éter e, portanto, tu és ele, e ele é tu. E se, do outro lado, tu vês o local onde queres estar, então basta tu estares lá.

O portal está a tua frente. E cabe a ti atravessares."

Áxel deixou-se guiar, e até se surpreendeu com a facilidade de deixar-se levar, de abrir a consciência e sentir realmente o éter presente em toda composição de existência de Nova Ether. Mais impressionante para si, contudo, foi conseguir visualizar o que lhe foi pedido. Viu o portal se abrindo, exatamente como nas histórias que os bardos contam sobre viajantes e feiticeiros, e atravessou-o quando lhe foi dado o livre-arbítrio, a Lei por meio da qual o semideus Criador não precisa ir pessoalmente ao mundo e resolver seus grandes problemas. Não há interferência, pois há liberdade de escolha das raças que andam pela terra, ou pelos céus, ou no fundo dos oceanos. Ser bom ou ruim se traduz numa escolha de cada ser individual, e o caminho aonde seus atos o levarão é bem claro. Por isso o direito de escolha. E por isso o Bem e o Mal vivem em disputa por seus pontos de vista.

Mas quando Áxel Branford terminou de mentalizar essas imagens, já não havia mais índio, ou cabana, ou vazio. Estava sim em uma estrada, na madrugada escura, vendo alguns metros à frente sua nova comitiva. Podia ver Andreanne a alguns quilômetros à frente e entendeu que

era até onde o moicano podia levá-los sem se esgotar por completo. Ou ao menos foi o que achou.

Mas estava satisfeito. Não havia mais um mamute de guerra adolescente para levá-los, posto que ele duvidava mesmo que alguém conseguisse explicar ao mamute como abrir a mente.

Teriam de andar, mas, pela manhã, chegariam à cidade, e não tinha palavras para descrever o que estava vivendo. E, assim como para um mamute, Áxel não via como transcrever erdim para uma águia-dragão e ordenou que Tuhanny viajasse pelos céus na direção de Andreanne, sem olhar para trás. Ordenou apenas que alcançasse sua velocidade máxima, e isso queria dizer algo muito acima do que um humano possa imaginar.

Foi inicialmente lembrando e pensando em sua águia-dragão que Áxel Branford olhou para o céu. E, quando reconheceu os brilhantes astros naquele breu, os pensamentos divagaram e ele teve a certeza de que estava na estrada entre sua cidade-capital e Metropolitan. E digo isso porque o príncipe sorriu e reconheceu a estrela que via de uma maneira única daquele ângulo naquela estrada.

Porque ela o fez lembrar-se de Maria Hanson.

No céu daquela madrugada, a estrela Blake brilhava mais forte do que todas as outras.

Amanheceu.

Era o Dia da Água, um dia de intensa atividade comercial, talvez o mais intenso entre todos os cinco, nesse sentido. Nos dias em que as cidades estão sob estado de sítio, o comércio gera lucros bem inferiores aos dos dias normais, mas isso não quer dizer que se trabalhe menos em dias anormais do que em dias cotidianos. Quem sustenta uma família com o próprio suor sabe o valor e o esforço exigidos em um dia de trabalho.

Entretanto, enquanto aquelas pessoas armavam suas barracas ou abriam seus negócios no centro comercial da cidade, elas jamais poderiam imaginar que estavam acordando para um dia histórico. Um desses dias que ficariam registrados nos livros e seriam estudados com detalhes anos mais tarde na Escola Real do Saber. Naquele momento, nenhuma delas tinha a exata noção do que estava acontecendo realmente.

Nem poderiam.

O fato de Coração-de-Crocodilo ter raptado de uma só vez a princesa Branca e a rainha Rosaléa, antes que partissem para o Reino de Stallia, para qualquer uma daquelas pessoas não passaria de um suposto boato. E ninguém acreditaria, se você tentasse convencê-los, que seu poderoso Rei estava deixando de ser um homem são para se tornar um homem que caminhava nas raias da insanidade. Na verdade, acho que ririam bastante e diriam que o louco é você. E talvez fosse melhor que começassem o dia assim, pois, nesses casos, a ignorância era uma bênção.

Se soubessem quanto sangue seria derramado naquele dia, elas não teriam saído da cama, mas apenas rezado da forma mais fervorosa para que o Criador permitisse que tudo acabasse o mais rápido e com o menor número de perdas. Na verdade mais concreta, se soubessem o que você sabe, ao menos um entre todos esses problemas, a notícia cairia para aquele povo exatamente como uma maçã envenenada sem sabor.

- Primo!!! Primo... deixa eu entrar! - ela tentou a terceira vez.

Silêncio. A rainha havia saído de seu quarto e voltado à porta da biblioteca ainda trancada, na tentativa de fazer o marido sair daquele estado à beira da loucura e se tornar novamente o Rei reverenciado pelo povo, ou voltar a ser aquele plebeu de caráter por quem se apaixonara e abnegara a existência fantástica.

De nada adiantou. Primo não ouviu seus apelos, não escutou seus lamentos e não se importou com seus sentimentos. Ao menos naquele momento. E ela não o culpou por isso, apenas lamentou tudo que estava acontecendo com sua família. Há tempos, desde que Anísio partira para não voltar mais, ela sentira que nada mais seria como antes. Quando uma parte está separada do todo, o todo não pode mais arcar com essa denominação. E a rainha Terra, então,

sentiu-se fora daquele todo. E, com pesar, decidiu voltar a ser uma parte separada, pois sentia que algo muito ruim aconteceria naquele dia, e ela não poderia impedir.

Então, que fosse uma parte importante, pois o todo precisava existir.

Se pudesse ver através das paredes, a rainha Terra teria visto seu esposo, Primo Branford, sentado na mesma posição desde a madrugada anterior. Ainda com a carta na mão, ainda com pensamentos de culpa, ainda com dúvidas terríveis assolando-lhe por completo. Ainda à beira da loucura, buscando uma razão que o mantivesse de mãos dadas com a sanidade. Não a alcançara, porém, e seu estado físico, expressando exaustão e estafa, era a prova perfeita disso. Já havia relido aquelas linhas do pergaminho macabro mais vezes do que o número de livros existentes naquela biblioteca, mas o fez uma vez mais.

Queria salvar ao menos uma vida inocente que fosse.

Impressionante como isso parecia ser tão importante para ele.

Acho que posso afirmar sem erro que era esse desejo que o mantinha ainda vivo e barrava a loucura completa que tentava lhe invadir a mente, como uma minhoca querendo invadir a terra. Por outro ponto de vista, penso que talvez fosse sim a própria loucura tentando sair de dentro de seu ser, como um verme eclodindo de sua casca.

Mas minha opinião não importa nesse momento, nem em nenhum outro. O novo dia seria importante demais para aquele Rei, aquela rainha e todo o Reino, para que eu perca tempo com minha opinião. Como posso ficar a tagarelar quando deveria dizer que o Rei não se viu só naquela imensa sala de biblioteca? E se o que vira era ou não alucinação; e se a que estou me referindo é ou não a manifestação física da loucura mental que assolava o maior dos monarcas, nem vou julgar e deixarei com você a decisão.

O Rei viu uma mulher de vermelho olhando para ele, sem alegria alguma, pela segunda vez. E uma sensação de preocupação o invadiu, como a de um aldeão que está a quilômetros de casa e se lembra que esqueceu de apagar a lenha da fogueira antes de sair. O vestido da dama era vermelho e a expressão triste, tanto que não parava de chorar e tinha os olhos inchados. Rei Primo não tinha como saber, mas aquela mulher nunca havia chorado, nem se sentido tão triste em toda a existência quanto naquele momento. E era fácil entendê-la nesse sentido, ao menos. Porque ela podia reparar no rosto de Primo Branford e visualizar seu destino.

Não era todos os dias que chorava com ela um Rei.

O alarme tocou na torre de observação da entrada da cidade de Andreanne. Claro, era um momento muito incomum na história daquele Reino. Raro era o dia em que chegava à entrada da cidade uma comitiva composta por um príncipe, um anão, um troll cinzento e um homem híbrido e leproso com pedaços de pele humana, crosta de feridas expostas e grotesca simbiose de pele anfíbia.

Ninguém estranhou então que os soldados corressem a seus postos e se armassem de atiradores de setas, dotados fossem de bestas ou de arcos de diferentes tamanhos. Uma voz iria exigir diversos motivos para permitir a entrada de tamanho pandemônio, mas não por muito tempo, pois o soldado reconheceu seu segundo príncipe e seu guarda-costas. Por mais insano que parecesse, do outro lado do portão, estava o príncipe Áxel Branford.

Ao menos boas notícias estavam sendo trazidas naquele dia.

Foi dada a ordem para que os portões fossem abertos, e o mais rapidamente possível, e nenhuma pergunta foi feita. Nem ao menos para exigir a entrada de todos aqueles seres tão diferentes entre si. Entretanto, foi só uma questão de cruzarem a entrada e os portões novamente se fecharem, que o capitão daquele posto correu ao príncipe como abelha atraída por mel.

- Vossa Alteza... o senhor está... bem? - perguntou o capitão, sem saber como reagir ao que via.

- Sim, estou, capitão! Não faz idéia do que passei em minha aventura - respondeu Áxel. - Agradeceria agora, porém, se me arranjassem transporte até o Grande Paço, e isso inclui toda a minha comitiva.

- Sim, claro, Alteza! Imediatamente! - o capitão deu impressão de que partiria de imediato, mas se manteve ainda ali, demonstrando o impulso que o impedia de seguir com a ordem dada.

- Alteza... e quanto a... - o capitão não sabia como perguntar sobre aquele repugnante homem-sapo, e o príncipe em forma de homem compreendeu rapidamente o drama.

- Sem perguntas, capitão - ordenou Áxel, com uma veemência e frieza que não estava acostumado a usar nem com militares.

- Sim, senhor, Vossa Alteza! - e o capitão partiu sem perguntar nada mais.

- Humpf! Como são bestas... - disse o anão, que colocou o pesado martelo no chão, apoiando-se sobre o cabo que reluzia em cada parte da forja rústica e bem detalhada.

O príncipe não se importou com o comentário. Não era por ser resmungão que o anão estava errado, e sua raça realmente dava uma importância acima do normal às aparências. Sua maior

preocupação era mesmo com Anísio, que, a cada momento, parecia perder mais resquícius da pele humana, sendo substituída pela pele alienígena, acumulando bichos e pus nas crostas de feridas. A impressão que tinha, e havia fundamento nisso, é que, em pouco tempo, não haveria mais resquício de uma pele humana ali, e o homem passaria a virar um bicho. Nesses momentos, agradecia por ser filho de quem era e por saber que o Maior de Todos os Reis os estaria esperando no Grande Paço, com uma saúde de ferro e com a sabedoria de quem sempre sabe o que fazer.

Não por muito tempo, esperou por duas carruagens imensas, divididas entre um homem-sapo e um anão e entre um príncipe e um troll. Eram bem maiores que as comuns e tinham compartimentos fechados, o que era ótimo, pois despertar a curiosidade popular não estava nos planos de ninguém. Logo, a comitiva partiu e, se escapou da curiosidade do povo, não o fez da curiosidade dos soldados, tão humanos quanto a gente do povo.

Perguntas não iriam lhes faltar.

Liriel Gabbiani havia acabado seus exercícios matinais.

Dedicava duas horas diárias a exercícios puxados de alongamento, para manter a elasticidade e ultra-flexibilidade.

Depois, treinava exercícios de saltos e acrobacias e, então, subia ao trapézio para executar treinamentos mais básicos com outros trapezistas.

Era, porém, quando não havia mais ninguém, que gostava de praticar outro exercício adorado: manipular objetos sem a necessidade de tocá-los, apenas com o poder mental. Você não imagina como isso era útil quando um trapézio estava quase à distância de uma mão e não havia uma rede de proteção abaixo dela. Isso a deixava cada vez mais segura e também dedicada em seu treinamento. Por sinal, era isto que fazia naquele Dia da Água: aproveitava o fato de estar sozinha naquele picadeiro para treinar seu potencial enquanto ninguém a observava.

Eu disse "ninguém"?

- Esse truque é ótimo! Você devia largar o trapézio! Mágica barata dá muito mais dinheiro e é bem menos perigosa - Snail surgiu de um canto do picadeiro, e Liriel se impressionou por não tê-lo notado ali antes. - Basta apenas você saber enganar as pessoas certas.

- O que prova que você não daria um bom mágico!

- Rá! - o jovem pirata riu alto. - Sempre com uma resposta na ponta da língua! Eu gosto do seu estilo, garota.

- Pena que eu não possa dizer o mesmo...

- Me poupe dos comentários, Liriel Gabbiani! - o nome completo foi pronunciado apenas para lembrar à menina de que ele tinha a informação da identidade.

- Não acha uma injustiça apenas um de nós saber o nome do outro?

- Não - disse Snail, seco. - Bom, eu não gosto de embromação e vim dizer que tenho uma informação que talvez seja de seu interesse. Bom, na verdade, você seria mesmo a única interessada nela...

- Não quero comprar nada de você.

- Não disse que a informação está à venda.

- Pois não diga que você vai me dar de graça, que eu conheço gente da sua laia!

- Não duvido que conheça. Deve encontrar com essa laia toda vez que se olha no espelho. Mas também não vou dar nada a você, isso nem me passou pela cabeça. O que ofereço é um acordo.

- Continue... - o tom de voz, ao mesmo tempo, ordenava cautela.

- Eu lhe dou a informação em troca de uma sociedade. Você e eu não seríamos mais concorrentes, mas aliados. Divisão igual dos ganhos, e metade de tudo que arrecadarmos vendendo os produtos de saque. Palavra de honra.

Liriel começou a rir muito alto, e não era de deboche. Era como aquelas risadas que as bruxas costumam ecoar nas fábulas, quando os bardos querem se utilizar de um instrumento dramático. A jovem, porém, realmente estava achando muita audácia da parte daquele ladrãozinho pé de chinelo e sem estilo utilizar um termo tão inapropriado como aquele.

- E quem é você para poder dar "palavra de honra" a alguém?

Perdeu seu tempo vindo aqui. É muita burrice achar que eu me uniria a um Sombra.

- Será mesmo tamanha burrice assim como diz? Talvez apenas tenha ficado com pena de você.

- E por que teria pena de mim?

- Imaginei o quanto seu ego iria sofrer quando lembrasse que você não tem mais com quem se unir...

Golpe forte. Liriel ainda não havia se acostumado com a notí-

cia de que o grupo conhecido como Fantasmas, com o qual iniciara a carreira criminosa e aprendera truques ladinos que não são ensinados em escolas improvisadas em casas de carpinteiros, não existia mais. Sobreviventes haviam debandado e mudado de lado. Não possuía mais uma base, um líder, um grupo, uma proteção. Estava realmente só, mas aquele homem a sua frente parecia muito mais um problema do que uma solução. O desconhecido sempre tem essa característica, na verdade.

- Saia daqui! Suma daqui, negro! Faça um favor de graça a alguém uma vez na vida.

- E quanto à proposta?

- Enfie a proposta... - se houvesse ali uma senhora, ela teria ficado com os cabelos em pé e prometido jamais levar o filho de novo àquele circo. - Não me importa qual o grau da informação que possua! Não faço trato com gente do seu tipo, e uma sociedade com você seria a última coisa que faria na vida!

- Que seja - e Snail virou as costas. - Não digo que espero que se arrependa, pois seria uma hipocrisia; não me importo pra tanto. Além do mais, sei bem o que vai lhe acontecer, e daí

então não fará a menor diferença se vai estar arrependida ou não...

As palavras de Snail partiram junto com ele. Liriel ficou tentando juntar o quebra-cabeça; no entanto, não tinha as peças para chegar a alguma conclusão lógica, ainda que lógica não seja algo compatível com alteração emocional. E estava alterada naquele momento. Por isso, não percebeu que Snail não estava fazendo pela primeira vez um favor de graça a alguém. Muito pelo contrário. Ela iria, naquele dia histórico, ainda pagar caro, e muito caro, por sua escolha e por deixá-lo ir embora sem avisá-la.

Mais precisamente, com a própria vida.

Não havia Rei algum no Grande Paço. Ao menos, não havia mais.

E se isso era surpresa para a rainha, imagine para os filhos que ali chegaram torcendo para encontrar o sábio pai. Teria sido um momento emocionante o reencontro da mãe desesperada com o filho regresso, e você deve estranhar o fato de não narrá-lo com mais detalhes, pois essas descrições apenas enriquecem as narrativas dos contos fantásticos. Mas explico: não o fiz apenas porque não foi tão emocionante assim. Não que o coração da mãe não tenha pulado de emoção, e por alguns segundos aquele foi o reencontro mais importante do mundo.

O que diluiu aquele clímax e aquela sensação de clamor foi o olhar de Terra para a macabra pele.

Não foi preciso que o homem ou o anão ou o troll explicassem a ela coisa alguma. Bastava apenas que ela observasse os olhos, já que disfarce ou maldição alguma podem disfarçar os olhos de uma pessoa, mesmo que ele esteja no meio-termo entre dobras moles de olhos humanos e anfíbios.

Uma mãe simplesmente não precisa de muita coisa para reconhecer um filho.

Assim, o reencontro feliz deu lugar ao sentimento oposto, e ao contrário novamente. Muito estranho é tentar descrever o sentimento daquela mãe, alternando choro e riso, de maneira tão sincera. Desejou ainda ser fada para curar o filho, mas não teria filho para curar se ainda fosse fada, pois não seria mãe. A Loucura, de repente, não parecia estar satisfeita em buscar apenas Primo naquela família.

E, se aquele momento já não fosse triste demais para Anísio, o príncipe na leprosa pele híbrida cheia de feridas, e se ser reconhecido pela mãe e não saber onde se encontrava o pai já não fossem desesperadores, e se saber que uma bruxa estava à solta em Andreanne já não fosse alarmante, o que você acha que o primeiro príncipe sentiu quando lhe informaram que sua amada e prometida princesa Branca estava nas mãos de Coração-de-Crocodilo?

Para se ter uma ideia do drama daquela família, mesmo o Mestre Anão rabugento não ousou tecer um resmungo sequer, por respeito principalmente àquela mãe. Acredito que, naquele dia, ele passou também a sentir um pouco mais de respeito pela raça humana e pela força que precisava buscar para resolver o tanto de problemas que ela própria tratava de arrumar. Não iria admitir isso a ninguém, mas o Mestre Anão se sensibilizou com aquela família real o suficiente para evitar julgá-la, e inclusive entendeu como aquele troll cinzento fazia parte daquela família, pois nítido era seu sofrimento.

Não queria confirmar obviamente que não teria seu acerto de contas quando chegasse o dia e a hora; anões e trolls são predadores naturais, e isso foi estabelecido já na criação de suas raças. Mas aceitaria uma trégua em respeito àquelas pessoas. Muralha pareceu entender o

anão, embora também fosse seu inimigo declarado. Um pacto silencioso foi selado entre os dois, em respeito àquela família, e um respeito de guerreiro cresceu, sobrepondo-se ao ódio natural daquelas raças.

E os semideuses da guerra pareceram se orgulhar da postura daqueles guerreiros.

Aos príncipes, restou o almoço. Precisavam se alimentar de verdade, mesmo que nas piores condições. O horário era próximo do meio do dia, e em silêncio ainda permaneceriam, afogados em tantos pensamentos diferentes. E é assim que os deixaremos, pois muito importante será esse grupo do Grande Paço, gerando muitas perguntas e rumores entre a criadagem e os militares que tinham acesso a ele. Mas essa importância só será ressaltada dali a algumas horas.

Pois sempre disseram os bardos: os acontecimentos mais importantes se dão antes e depois do meio do dia.

- Ariaaaaaaaaaaane!!! Acorda!!! Ariaaaaaaaaaaneeeeeee!!! - acho que está bem claro que João Hanson acordou foi toda a casa dos Narin, posto que Ariane não era a única ainda dormindo naquela hora. Ela e a mãe custaram muito a dormir na noite anterior, por conta do trágico acontecido com as duas.

Anna foi até a porta e pediu a João que esperasse um pouco.

Maria não estava junto ao irmão naquele momento, mas no meio da rua, observando vários transeuntes que seguiam na direção do centro comercial. Parecia apenas esperar João chamar Ariane e ainda assim o fazia com certa apreensão e ansiedade.

Com uma cara de sono, Ariane abriu a porta de casa e teve de apertar os olhos para se acostumar com a claridade do sol.

Quando se acostumou, olhou para João, que parecia bem ansioso em seu portão.

- Se veste rápido! - disse João, afobado. - Tá todo mundo correndo pro centro comercial!

- Hein? E o que aconteceu dessa vez? - Ariane perdeu o sono em um impulso.

- Capturaram mais uma bruxa. E os carrascos vão queimá-la daqui a pouco no meio da praça!

Um prato que Anna Narin enxugava sofreu a ação da gravidade e se partiu.

Professor Sabino chegou à praça do centro comercial ainda aturdido. Saber que haviam capturado a bruxa, de quem estava tentando descobrir a identidade, foi uma surpresa grande, e a execução em praça pública, como nos velhos tempos da Era Negra, mais ainda. Um aglomerado de pessoas já havia se formado, e uma união de centenas de vozes pronunciava frases diferentes sobre o mesmo assunto, o que irritava um pouco sua concentração.

Observou com detalhe o que havia sido colocado pela manhã bem no centro da praça. Uma haste de madeira havia sido erguida, e diversas toras, gravetos e pedaços de galhos estavam ao redor da base, estrategicamente preparados para incendiarem a maior das fogueiras, quando fossem requisitados para o feito, diante de muitos observadores.

O meio do dia havia se passado. Os portões da Jaula já haviam sido deixados para trás, e para aquele centro comercial Madame Viotti já estava sendo encaminhada, onde seria executada diante de clamor popular. Era levada por uma carroça, amarrada a um tronco, e isso tinha o exato intuito de a expor à ira do povo. Seria xingada, receberia cusparadas; frutas e ovos podres seriam arremessados em sua direção, e apenas o riso debochado receberia de soldados que viam nela uma bruxa imunda e nada mais.

Bardos se espalhavam também nas melhores posições possíveis. Não havia nada de estranho nisso, afinal, era por meio deles que histórias como aquelas eram transmitidas.

Observavam as reações do povo, e com muito detalhe e dramaticidade exagerada contariam-nas pelo preço de uma bebida em qualquer taberna aleatória.

Os irmãos Hanson chegaram ao local. Os pais, Hígor e Érika, já haviam ido até lá em momentos distintos. Junto aos irmãos, chegava Ariane, Golbez e Anna. A senhora estava com os nervos à flor da pele, já que dormira muito mal na noite anterior, preocupada com o destino da sacerdotisa que a ensinara tanto. Acordou apenas para piorar aquele ataque de nervos que estava prestes a entrar em ação.

Ao mesmo tempo dos Hanson e dos Narin, chegou a bruxa tão esperada por uma população cansada de ver tantas desgraças e sedenta por um culpado. Ou uma culpada. Era possível saber da chegada e do local onde estava pelos gritos e pela movimentação do povo que lotava a praça. Tudo aquilo que eu disse sobre cusparadas, xingamentos e arremesso de frutas e ovos podres foi feito, com certeza.

Do alto de onde estava, totalmente indefesa, Madame Viotti viu todo aquele povo cheio de medo, ódio e raiva e sentiu pena. Percebeu como as pessoas estavam com receio e, já que atendera ao pedido de sua Criadora, mostrando ao Maior de Todos os Reis que nem todas as bruxas são más, então também havia aceitado seu destino. Aceitaria ser a culpada, e sua morte deveria ser considerada uma forma de esperança de tempos melhores para o povo, se realmente a alma fosse encaminhada para Mantaquim, como prometido.

Maria foi se metendo no meio das pessoas para se aproximar da fogueira, e Ariane estava em seu encalço, aproveitando que a amiga abria caminho. Maria parou quando encontrou seu grupo de colegas da Escola Real, que comentavam sobre a feiura da bruxa, embora Madame Viotti não parecesse nem um pouco com aquelas bruxas cheias de verrugas, corcundas e com narizes enormes dos contos dos bardos. A maioria daqueles garotos, na verdade, nunca havia visto de perto uma bruxa.

- Ei, Maria, você que já viu uma bruxa de perto, conte pra gente! Essa velha se parece realmente com uma? - a pergunta partiu de Fourton, o idiota da turma.

- Ela não é uma bruxa! - Ariane berrou irritada.

- Ih, qual é, ô, projeto de gente? Tá achando...

- Não fala assim com ela, idiota! - invocou-se Maria. - Quer brigar, procura alguém do seu tamanho, tá bom?

- Ih, gente, que baixo-astral! Vocês não estão entendendo?

Vão queimar uma bruxaaaaaa! De verdade, e tudo vai voltar ao normal! - isso foi dito por Kenny.

- Será? - perguntou Patty. - E quanto ao grupo que saqueou esta praça? Eles ainda estão junto com aquele pirata, não estão?

- Ah, uma coisa de cada vez, né, Patty? - insistiu Kenny. -

Hoje eles queimam essa bruxa. Amanhã, eles enforcam esses piratas! - e quem escutasse a menina falar acharia que, como tantos outros, a adolescente tratava tudo como um grande espetáculo.

- Uhuuuuuu!!! Morte a essa cadela velha!!! - berrou Fourton, erguendo os braços e apontando os indicadores para cima.

Esse grito indicava que Madame Viotti se aproximava deles e estava prestes a ser presa na haste da fogueira.

- Caça às bruxas! Caça às bruxas! Caça às bruxas!... - gritava uníssona a multidão, perdendo o controle sobre si própria. Os próprios soldados pareciam preocupados com o que estavam vendo, e seus receios esbarravam em um linchamento provocado por alguém que, de repente, aticasse uma fagulha, instigando a população a matar a velha bruxa por conta própria, sem esperar fogueira alguma.

Para evitar que uma tragédia acontecesse, até porque tempos atrás, na Caçada de Bruxas, outras já haviam acontecido, os soldados fizeram um cerco de isolamento à fogueira e à Madame Viotti, o que impediu as pessoas de se aproximarem demais, mas não de continuarem

xingando a senhora e arremessando coisas das mais nojentas.

De onde estava, e vendo acontecer aquilo tudo com a boa senhora que a iniciou no dia anterior no coven, Ariane começou a chorar. Compulsivamente. O sentimento de impotência diante daquela situação deixava a menina cada vez mais desesperada, e Maria não demorou para perceber.

- Ariane, pelo amor do Criador, me diga, o que aconteceu?

Por que você está chorando assim?

Dizer o quê? Ariane simplesmente não podia dar maiores detalhes. Se o fizesse, talvez acabasse tendo de contar sobre o coven e sobre sua iniciação, e sobre sabe-se lá mais o quê.

Havia prometido, em juramento, que jamais o faria, mas seria um juramento tão forte a ponto de permitir a morte de alguém? A adolescente ao menos julgou que não.

- Eu... eu conheço ela, Maria - ela falava entre soluços -, ela...

ela não é bruxa... não como eles pensam... oh, semideuses...

não...

Maria Hanson abraçou a menina como a irmã mais velha que sempre representara para Ariane Narin. Não sabia o que dizer para amenizar aquele estado de desespero sem controle da adolescente e decidiu ficar ali apenas abraçando-a e torcendo para que a crise passasse.

Mais gritos, dessa vez de ovação. Os carrascos chegaram.

Vestidos de negro, com máscaras que deixavam à vista apenas os olhos, narizes e bocas, trazendo nas mãos tochas ainda apagadas e galões com material inflamável. Para os mais jovens, era a primeira vez que viam os executores, conhecidos apenas pelo que ouviram em contos ou aulas sobre História na Escola Real do Saber. Aulas como as de Sabino. E, para os mais antigos como ele, aquilo parecia uma volta ao passado; à Era Negra; ao auge da Caçada.

A visão da chegada dos carrascos não ajudou nem um pouco Ariane. Pelo contrário, piorou a situação. Os batimentos cardíacos estavam tão acelerados, que faziam inveja aos batimentos de asas de um beija-flor em voo. Mas o pior momento foi quando Ariane observou mais atentamente a direção do olhar de Madame Viotti. A senhora parecia estar com o olhar fixo em alguém no centro da multidão, e Ariane recuperou o fôlego de sua crise para ver quem ela observava tão atentamente, a ponto de ignorar tudo que lhe arremessavam.

A menina não deveria tê-lo feito. As crises de choro compulsivo e incontrolável retornaram em intensidade máxima com a visão. Ninguém a entenderia e a jogariam no hospício, caso tentasse se justificar, a despeito da idade ainda tão jovem para ser tombada pela loucura. Mas, ali, no meio da multidão, Ariane viu a dama de vermelho, a quem, cada vez mais, aprendia a

detestar, em seu típico vestido carmesim.

Beanshee observava o que estava acontecendo, em meio à multidão, curiosamente sem que ninguém notasse sua presença. Afinal, ninguém nota a presença da morte.

Ao menos, até que a morte note sua presença.

Áxel Branford chegou à praça em uma carruagem. Não sabia direito o que estava acontecendo, tudo o que sabia de concreto vinha de terceiros, como capitães loucos por uma execução antes que as coisas saíssem dos eixos. Muralha estava com ele, assustado com o número de pessoas na praça.

Nunca imaginara, até aquele dia, ver aquele centro comercial conseguir suportar tantas pessoas. Anísio, por sua vez, não foi, e a última coisa que desejava na vida era aparecer em público naquele estado deplorável e deformado, ainda mais no meio de tantas pessoas, como parecia, devido à urgência com que os capitães entraram no Grande Paço para praticamente "sequestrarem" Áxel Branford.

Como sempre, e ainda mais naquele momento, o príncipe foi saudado com muita ovação e gritos femininos. Era o príncipe da plebe, e plebeus era o que mais havia naquela praça. Maria sempre fora uma daquelas tietes que gritavam insignificadamente em meio a tantas concorrentes. Bem, na proporção que sua timidez permitia, como suas colegas de escola Kenny e Patty faziam naquele momento. Mas ali, naquela hora, um sentimento inédito para ela tomava seu ser.

Isso se dava porque Áxel Branford não era mais, ao menos para ela, aquele mito intocável, de quem apenas poucos mortais conseguiam se aproximar mais intimamente. Ela via o rapaz, se não como um namorado, ao menos como um amigo, e por isso ver aquelas pessoas gritando por ele, tratando-o como mito, passou a ser estranho para ela.

Os soldados abriram um corredor para que a carruagem de Áxel se aproximasse do cerco feito para isolar a bruxa da população. Quando o príncipe desceu, muitos outros gritos ecoaram. Chegava a ser ensurdecedor o que estava acontecendo, e o coração de Ariane Narin já alcançara a velocidade do som, quando viu a Alteza. A esperança voltou a nascer. Talvez, se ela conseguisse chegar até ele... talvez.

Talvez Madame Viotti vivesse.

- Áxeellll!!! Áxeellll!!! - de nada adiantavam os gritos de Ariane. Eram apenas mais uns no meio de tantos outros.

Virou-se para Maria: - Maria, dá um jeito! A gente precisa falar com ele!

E a pobre Maria Hanson não fazia a menor idéia de como chamar a atenção daquele príncipe, que parecia tão próximo e tão distante dela, ainda que parado na mesma posição. E, enquanto pensava, um dos soldados perguntou a Áxel: - Vossa Alteza quer que se inicie a execução da bruxa?

Áxel tremeu. Nunca nem mesmo matara alguém; no máximo, nocauteara muitos dentro de

ringues, mas jamais tirara vidas.

E que ninguém viesse dizer que os carrascos fariam isso; se aqueles homens dependiam de sua autorização, então ele seria mais culpado do que qualquer um deles. Acabara de voltar a Andreeanne, não tinha nada contra aquela senhora e nem mesmo vira as provas de que era uma bruxa. Também não tinha provas de que não era uma bruxa, e se era verdade que a ordem de executá-la partira do pai, desaparecido naquela manhã, então poderia estragar tudo se não a obedecesse.

O soldado esperava, apreensivo, a resposta. Os carrascos, mais do que o soldado. A população, mais do que os carrascos. Áxel procurou por rostos conhecidos na multidão, mas eram tantas pessoas, que não havia como encontrar sozinho Ariane, João ou mesmo Maria, entre tantos. A vida de uma pessoa dependia de uma ordem sua, e ele não havia sido treinado ou preparado para aquilo. Anísio havia. Mas o Destino sabia ser irônico quando desejava esse efeito dramático.

Áxel voltou a olhar para os céus. Não havia nenhuma estrela a brilhar, ao menos não seria possível ver nenhuma com aquele céu limpo. Ainda assim, ele pediu um milagre ao Criador. Um milagre, uma prova, uma mensagem de que aquela mulher deveria ou não realmente morrer, para ele arcar com a decisão para o resto da vida.

- E então, Vossa Alteza? - insistiu, sob pressão, o soldado.

Era hora de lhe dar a resposta.

Maria Hanson não conseguia pensar em nada. Admito que, se dependesse apenas dela, a história, neste ponto, teria tomado outro rumo, mas acho injustiça julgar as consequências por esse ponto de vista, e ainda mais com tamanha responsabilidade sobre uma pessoa tão... normal quanto Maria, e acho que ela não fez muito diferente do que você ou eu faríamos naquela situação. Entretanto, sua colega de turma, Kenny Penwood, resolveu seu enorme problema sem que jamais viesse a imaginar isso um dia, obviamente.

- Ei, Fourton, abaixa aí! - ordenou Kenny, como uma dona a um cachorro.

- Como é que é? Tá ficando doida? - perguntou o garoto assustado.

- Ah, anda, seu imprestável! Abaixa logo aí! - e Kenny já foi empurrando o garoto para baixo e passando as pernas ao redor do pescoço dele, o que o fez parar de reclamar.

- Você enlouqueceu de vez, garota? - perguntou Patty, rindo bastante do que a amiga estava aprontando.

- Ah, não, Patty! Hoje esse príncipe fofo vai saber que eu existo! - Fourton não gostou do comentário, nunca escondera os sentimentos por Kenny. Entretanto, a menina costumava ser tão atirada dentro e fora da Escola Real do Saber, que o mínimo que teria de aceitar era ouvir comentários como aquele para aprender a não se apaixonar por meninas como ela.

Quando Fourton ficou de pé, Kenny se destacou um pouco da multidão, por conta da altura com que ficou. Ainda assim, não se destacava por completo, mesmo porque não foi a única a ter a ideia de subir nos ombros de alguém. Entretanto, não desistiria do seu objetivo e, enfim, conseguiu o que queria, pois vergonha nunca tivera, nem na cara, nem em qualquer outro lugar.

E, no meio daquela praça lotada, nos ombros de Fourton Jaycot, Kenny Penwood desabotoou a blusa e mostrou seu avantajado busto para mais de uma centena de plebeus...

Áxel ainda pedia por um milagre. Queria dizer "sim, você está autorizado", confiando que a decisão do pai era sempre a mais sábia, mas a voz arranhava a garganta e morria antes de nascer. Ele simplesmente não conseguia ordenar aquilo. E

estava começando a angustiá-lo olhar seguidas vezes para o céu limpo e não ver seu desejo atendido.

E foi quando aconteceu.

- Alteza... - sussurrou o soldado devagar.

O soldado não disse mais nada. A boca não fechava, não sei se era pela ousadia de ver uma adolescente cometendo tamanho gesto, ou se o visual realmente mexia com seus hormônios, mas o fato era que nem o soldado nem cem por cento dos homens em ângulo adequado para apreciar o ato exibicionista gratuito reagiram de modo diferente.

As mulheres começaram a vaiar e a chamar Kenny de nomes baixos, mas os homens... bom... esses começaram a aplaudir e urrar como lobos no cio. Ao menos durante esse breve momento, as atenções saíram da bruxa prestes a ser executada e se dirigiram para aquele pedaço específico da praça. Áxel observou um pouco o espetáculo apresentado especialmente para ele, mas muito menos do que os outros. Pois não demorou para que os olhos involuntariamente continuassem a buscar um rosto amigo que o salvasse, e percorrendo os arredores da adolescente exibicionista ele encontrou Maria Hanson acenando. Ordenou desesperadamente ao soldado que trouxesse aquela menina até ali onde estava, e imediatamente.

Kenny Penwood fechou a blusa e desceu dos ombros de Fourton, insultando-o como sempre, achando que se tratava dela a escolhida do príncipe. Logo, você pode imaginar a cara dela quando entendeu que era Maria (que não precisou mostrar busto algum) quem fora chamada. Aliás, não apenas surpresa de Kenny; toda a Escola Real do Saber e muitas outras pessoas que conheciam a Hanson, fosse apenas de vista, assustaram-se quando viram a amiga de infância ser chamada pelo príncipe.

Maria foi até lá de mãos dadas com Ariane, que ainda soluçava de nervoso. Áxel a abraçou forte quando a jovem ficou ao alcance de seus braços, e foi aí que Maria Hanson virou "amiga de infância" até mesmo de pessoas que nunca antes vira na vida.

Áxel olhou para os céus e agradeceu ao Criador seu milagre.

- Acho que nunca fiquei tão feliz em vê-la, Maria! Estava a ponto de enlouquecer.

- E eu acho que posso dizer o mesmo! Não sabia se você voltaria vivo... e bem e...

- Áxel!!! - Ariane cortou o diálogo de reencontro dos dois. -

Você tem de impedir este assassinato!

- Você sabe o que está dizendo, pequena Ariane? - Áxel a escutou como escutaria a um Conselheiro Real na Sala Redonda.

- Ela conhece aquela senhora, Áxel! - disse Maria. - Estava tendo uma crise de choro sem saber como impedir a execução.

- Alteza... - o soldado voltava a insistir. - A população está inquieta. Podemos começar a cremação?

Áxel suspirou de leveza.

Se o pai estivesse ali, talvez a execução fosse feita. Também, se tal ato houvesse sido programado no dia anterior, com certeza Madame Viotti teria sido queimada viva, sob clamor popular. Mas, naquelas circunstâncias, a vida dela dependia de um príncipe que nunca a vira na vida, não tinha nenhum argumento nem se sentia preparado para ordenar a morte de quem quer que fosse. Some isso a uma fonte de confiança lhe dizendo que conhecia a senhora presa e que ela era inocente, e teremos todos os motivos pelos quais o peito parou de explodir, e a consciência berrou de alívio.

O próprio príncipe pediu silêncio à população, foi atendido e bradou em voz alta sua decisão para que as pessoas mais próximas a escutassem e repetissem-na aos que não tivessem a mesma oportunidade: - Se a execução dessa senhora nesse Dia da Água depende da ordem de um Rei, e essa ordem não pode ser dada nas devidas circunstâncias, então a palavra do príncipe real é sua ordem máxima neste momento e não pode ser contestada - era impressionante como príncipes parecem Reis nesses momentos. - E, por falta de provas concretas contra a acusada, eu declaro negada a permissão para sua execução em praça pública.

Uma ou duas horas se passaram até que a população saísse daquela praça para retomar as atividades. A maioria estava frustrada demais com a decisão de seu príncipe plebeu, e não seria mentira afirmar que Áxel perdeu um pouco de prestígio com parte da população plebeia naquele dia. E também não seria mentira dizer que ele não se preocupou nem um pouco com isso, pois considerava evitar mortes inocentes muito mais prestigioso do que qualquer adolescente abrindo a blusa para chamar a sua atenção.

Sabino von Fígaro conseguiu se aproximar da Alteza Real. O

príncipe nunca o vira antes na vida, ou ao menos, se o fizera, não registrara o encontro, mas Maria Hanson sabia bem de quem se tratava. Na verdade, muito ele já havia ouvido falar, e isso facilitou a apresentação dos dois.

- Ah, então é o senhor o tal famoso professor? Maria fala muito do senhor...

- É... - Sabino olhou para Maria, querendo saber se aquele "famoso" era bom ou ruim. A menina ficou meio sem graça, afinal, fazendo uma autocrítica, concluiu que, de acordo com o que dissera a Áxel, o príncipe deveria achar que Sabino era um velho professor frustrado que passava grande parte de seu tempo reclamando da administração do Rei. Bom, se era mesmo essa a impressão do príncipe sobre o professor, ele sabia bem disfarçá-la. - Bem, Alteza, peço alguns minutos para explicar algumas coisas que acho que gostaríeis de saber...

Áxel gostou de ouvir Sabino. Muito.

Estava como um cego em uma terra de cegos, e, de repente, um olho surgiu bem no meio da testa, tal qual um legítimo ogre, para que ele assim se tornasse Rei. Passou da verdadeira ignorância a um conhecimento razoável do que estava acontecendo, graças ao professor, que dramatizou certas partes, é verdade, principalmente em relação a suas habilidades investigativas. João Hanson havia se aproximado, mas evitava falar com Áxel. Ainda não gostava da atração que exercia sobre Ariane, nem de saber que a irmã estava andando por aí com o sujeito. Os pais dos Hanson preferiram também se manter afastados, principalmente Hígor, que parecia incomodado de olhar nos olhos do príncipe sem abaixá-los, envergonhado de sua atitude em episódios anteriores que ainda permaneciam apenas em sua cabeça, já que o próprio príncipe já os havia esquecido.

Anna Narin também não se aproximou da filha. Foi ao encontro de Madame Viotti, mas não muito perto pôde chegar devido aos soldados. A sacerdotisa quase chorou quando viu a figura de Anna tão frágil e, ao mesmo tempo, forte. Outra pessoa também ainda mantinha interesse por Madame Viotti: o próprio Sabino, que explicara ao príncipe sobre as mensagens deixadas em algumas casas daquele centro comercial, em especial aquela escrita em runas antigas na residência dos Basbaum, a qual sabia que, sozinho, não poderia desvendar. Mas que sentia uma imensa intuição de que talvez Madame Viotti pudesse.

E tinha razão.

Já deviam ser umas cinco horas da tarde e, em mais uma, chegaria o crepúsculo. Snail Galford estava observando um cavaleiro dar de beber a seu cavalo na porta de uma taberna que possuía do lado de fora um local apropriado para os cavaleiros servirem os cavalos. Como você deve ter notado, Snail era uma pessoa que vivia de momentos e era até um pouco frio em sua relação com as pessoas, já que não conseguia nem poderia confiar em ninguém, se não quisesse ser traído. E, exatamente por isso, ele não conseguia compreender por que certas palavras não lhe saíam da memória, incomodavam e cortavam por dentro como lâminas internas. Tudo por causa de uma jovem sem a menor importância em sua vida. Já tinha sido idiota de ter ido até lá propor o que quer que fosse; mais ainda era gastar tempo demais em tal assunto, em vez de simplesmente esquecê-lo.

Quem dera.

E quem é você para poder dar "palavra de honra" a alguém?

Tudo parecia irritá-lo. Até o vento agitando a bandana causava alguma careta mais feia. Mesmo o homem amarrando o próprio cavalo próximo ao bebedouro, provavelmente para ir tomar um drinque naquela taberna, o irritava. Era como se o mundo inteiro fosse feliz, e ele, a pessoa mais injustiçada do mundo. Snail Galford havia descoberto o auto-flagelo, comum à maioria das pessoas derrotadas.

Não me importa qual o grau da informação que possua. Não faço trato com gente como você...

Gente como ele.

Pois não diga que você vai me dar de graça, que eu conheço gente da sua laia!

Gente da sua laia.

Snail se perguntou a que laia pertencia e desconfiou que fosse da pior. Pensou em como seria esse tipo de pessoa, da pior espécie, e Jamil Coração-de-Crocodilo foi a primeira que lhe veio à cabeça. Lembrou-se do pai e do que o velho pensaria se o visse como um capacho, um ser tão baixo. Tentou usar seu velho recurso de "Bom, fazer o quê? É a vida", mas não conseguiu. Estava se sentindo sujo demais. Era um sentimento que lhe dava vontade de se enterrar na areia, apenas para fazê-lo parar.

Uma sociedade com você seria a última coisa que faria na vida.

Saco! Por que aquele sentimento não sumia como o cavaleiro que entrou na taberna para tomar um trago? E por que o incomodava tanto a opinião de uma garota "não tão mais nobre" assim do que ele? E por que a "sua laia" era tão baixa a ponto de ela dizer tais coisas a ele? Qual era realmente sua diferença com relação a homens como Jamil Coração-de-Crocodilo?

Não quero comprar nada de você.

Fazia o que tinha de fazer para sobreviver. E, sem motivo, a princesa e a rainha de Stallia, acuadas como dois animais naquele subterrâneo, vieram-lhe à mente. E Snail percebeu a informação valiosa que tinha em mãos, pesando qual seria seu valor.

Suma daqui, negro! Faça um favor de graça a alguém uma vez na vida.

Até onde ele merecia aquele tratamento? Até quando aquela branqueia ruiua arrogante estava... certa sobre ele? E até que ponto ele não se comportava como um perfeito idiota, perdendo tempo pensando em tudo aquilo? Não, ela não tinha moral para julgá-lo. E precisava apenas de uma chance para provar e esfregar isso naquela cara branca de traços finos.

Se um dia tiver uma real oportunidade, e achar que aquela é a única de sua vida, agarre-a com unhas e dentes.

O pai estava certo. Sempre. E ele iria fazer valer ter nascido seu filho, ao menos uma vez na vida. O Destino havia lhe dado a oportunidade. A garota havia dado o desafio. O pai havia dado a solução. E, por isso, o pobre cavaleiro beberrão jamais encontraria novamente seu cavalo do lado de fora quando retornasse de dentro da taberna.

O animal estaria galopando alguns quilômetros além daquele lugar. Correria, percorrendo o mesmo caminho que cavalos de Reis. Snail Galford tinha o momento mais nobre de sua existência. Talvez se arrependesse um dia de sua decisão, talvez não. Mesmo porque se tratava de um momento inédito em sua carreira, e momentos inéditos são sempre especiais, ainda que únicos. Snail pensava assim, enquanto aquele cavalo corria como o vento.

Iria enfim fazer um favor de graça a alguém, ao menos uma vez na vida.

- É isiacum.

A resposta de Madame Viotti foi imediata e firme.

Reconheceu prontamente a runa com que Sabino quebrara a cabeça muitas horas sem sucesso. E todos na sala se surpreenderam com a velocidade com que reconhecera as escrituras. Estava dentro da casa com Sabino, Maria e Áxel.

Do lado de fora, João e Ariane esperavam, enquanto soldados bloqueavam a entrada.

- E sabe de onde se origina, senhora Viotti? - perguntou Sabino.

- É uma língua nascida em Atlântida, abaixo dos mares de Nova Ether - disse a madame. - Por essa ligação com os mares, seus dicionários podem ter caído nas mãos de piratas.

- E a senhora pode lê-lo, Madame Viotti? - perguntou príncipe Áxel, cauteloso.

- Posso.

Difícil descrever a sensação da resposta naquelas pessoas.

Quase todas elas sentiram algo próximo de felicidade, embora o tradicional temor de quem iria sair da ignorância houvesse se manifestado.

- Chegamos à conclusão, Madame, que tais palavras lembravam as letras "LV OP GN Y G"! - disse Sabino. - A senhora acha que isso tem base?

- Nenhuma - Madame Viotti respondeu a Sabino, sem se preocupar com qualquer outra coisa que não fosse a concentração na leitura daquela runa. O senhor, porém, sentiu-se ofendido de ouvir que uma de suas teorias não tinha base nenhuma, ainda mais na frente de um príncipe. Manteve a postura, contudo, e prosseguiu: - Certo - duro foi engolir essa palavra tão curta. - Então poderia nos dizer por que diz isso?

- Simples, senhor: não se escreve o isiacum na horizontal. Suas frases são escritas sempre na vertical, e isso muda tudo.

Foi um soco, daqueles bem dados, no estômago de Sabino.

Aquela sensação de pequenez, de quem "não havia pensado antes naquilo", assolou-lhe a alma. Sentiu-se derrotado no que sabia fazer melhor e tinha um príncipe e uma aluna dedicada como testemunhas disso. Mas merecia passar por aquilo: parecer um amador. A maioria das runas que conhecia se escreviam na horizontal, mas a maioria não quer dizer todas.

Não pensar naquela hipótese fora um desprezo do bom senso e excesso de confiança.

- Professor, isso que você acha parecer um "g", na verdade, é um "a". O V é um "n". Acredito que o "o" seja, na verdade, um "g" deitado, mal pichado, e, se estiver certa, isso o tornaria um "u". O que achou ser "n", oh! que inocência (o comentário irritou muito Sabino), não passa de "g". Fora isso, o "p" está claro que é a letra "e", e o "y", um "r".

"Ajustando então a frase, a palavra que ficava com o parecido 'LOG' do professor, vira a palavra 'LUA'. Já o 'VENYG' se torna 'NEGRA'. Pronto, já resolvemos nosso mistério."

- Isso tudo faz algum sentido para a senhora, Madame Viotti?

- perguntou Maria.

- Bom, querida, considerando o fato de ontem ter sido o último dia de Lua Cheia, hoje se inicia o primeiro dia da Lua Negra. Não vejo mais nenhuma informação importante nisso, pois ainda que...

- Não, ainda falta alguma coisa - Sabino cortou Viotti. - Disso eu tenho certeza...

O professor então jogou um líquido vermelho esquisito, fabricado por ele próprio, com base em tempos de dias ruins, na parede do local onde antes João imaginava haver o desenho de uma "nota musical". Usou um outro aparelho fino para removê-lo do local escolhido, principalmente ao lado da frase já desvendada. Enfim, a tinta realçara marcas deixadas por lâminas de facas, que não pareciam ter tanta importância antes, mas agora talvez pudessem interessar.

- Madame Viotti, isso representa algo para a senhora? - Sabino perguntou em relação às marcas feitas por lâminas, que realmente lembravam uma nota musical, cheio de receios de a mulher dizer que não significavam nada, e assim sua reputação acabar de vez.

- Uau! Agora sim, parabéns, professor! - e Sabino sorriu feliz da vida, sem perceber que Madame Viotti estava sorrindo tanto quanto ele em seu íntimo, fazendo apenas um jogo de "caça ao ego" do excêntrico professor. - Isso não é uma letra. É

um número. Vinte e quatro. Que dia é hoje?

- Dia 24 - respondeu Maria Hanson.

- Lua Negra, dia 24. É o dia de hoje - concluiu Madame Viotti.

- Não vejo por que perdermos mais tempo aqui, senhores. A situação é bem clara: hoje um grande ritual de magia negra será praticado e, pelo visto, marcado com muita antecedência.

- Eu disse! Tinha certeza de que o motivo de Jamil ter vindo a esta cidade era uma bruxa! Agora tudo se encaixa. Ele provocou o caos para que a atenção da Coroa fosse diluída, e

então ele pudesse executar seu plano.

- Conhecendo tudo que já sei sobre Coração-de-Crocodilo, imagino o tamanho e a profundidade do ritual que deve ter encomendado a tal bruxa - disse o príncipe.

- Eu particularmente temo que - Madame Viotti balançou um pouco em terminar a frase - você não tenha não, príncipe.

- O que a senhora quer dizer, madame? - perguntou Maria, tão preocupada quanto Áxel.

- Quero dizer que um ritual tão detalhadamente planejado vai envolver uma energia tamanha, que temo que necessite não apenas de objetos de canalização energética poderosos como também de sacrifícios humanos...

- Sacrifícios humanos? Acha que Jamil vai sacrificar pessoas nesse ritual, madame? - embasbacou-se a Alteza Real.

- Não, disso eu tenho certeza, príncipe! O que quero dizer é que... não é qualquer pessoa que talvez se exija em sacrifício em um ritual tão maligno...

- Madame, pelo amor do Criador, está se referindo a nobres ou a clérigos?

- Muito pior, minha Alteza.

"Estou me referindo a rainhas e Reis."

A luminosidade do dia já estava quase dando lugar ao crepúsculo, e isso significava poucos minutos para as seis horas da noite. O cavalo que Snail Galford pegara emprestado era um excelente velocista e possuía um talento nato para corridas. Se tivesse a oportunidade, um dia talvez ele dissesse isso ao dono, mesmo correndo o risco de levar umas bofetadas de raiva do cidadão. Bom, seria justo.

Nunca olhe para as estrelas. As estrelas olharão para você.

A frase de Primo Branford ecoava novamente na memória.

Por sua vez, Snail havia chegado ao Grande Paço e não fazia a menor ideia de como entrar naquele lugar para falar com o Rei. Resolveu tentar um método nunca visto ou ousado antes, ao menos por ele próprio, e tão absurdo, que talvez por isso desse certo: tentar entrar pela porta da frente. Ainda no portão que ficava muitos metros à frente da entrada, um batalhão de soldados fazia a guarda e o mais robusto e menos educado veio falar com Snail.

- O que quer? - perguntou, sem cortesia alguma.

- Falar com o Rei.

O soldado segurou o riso.

- E por que acha que vai conseguir?

- Porque tenho uma mensagem importante pra ele. E não quero saber o que vai acontecer contigo se ele não recebê-la...

- Hum... - o soldado se perguntou se não era um blefe. - De onde vem a mensagem?

Situação difícil. Dizer o quê? "De Coração-de-Crocodilo"?

Seria trancafiado na Jaula mais rápido do que pudesse piscar os olhos.

- Não estou autorizado a dizer - a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

- Claro - desdenhou o soldado. - Ao menos, pode dizer do que se trata?

Outra situação difícil. "Ah sim, é sobre a localização do cativeiro da princesa e da rainha de Stallia. Quê? Como eu sei disso? Ora, eu sou um Sombra!" - esses pensamentos o relembravam da teoria sobre ele próprio e a Jaula.

- Assunto confidencial - foi a segunda coisa que lhe veio à cabeça.

- Oh, claro! Você sabe convencer um soldado a deixá-lo entrar em um palácio real. Faça o seguinte, rapaz, segue o caminho de lá - e o soldado apontou para bem longe do Grande Paço - , e eu finjo que nós nunca tivemos esta conversa, compreendido?

Snail Galford não sabia o que fazer. Na ânsia de ser bem-sucedido em sua empreitada, mal notara que o crepúsculo havia se iniciado e, mais, a escuridão estava tomando os céus daquela cidade à beira do caos total.

- Sabe... você pode olhar o céu para mim e me dizer se existem estrelas esta noite? - não, Snail não sabia e ainda passaria o resto da vida se perguntando como diabos teve o estalo de dizer aquilo.

- Como é? Você quer que eu olhe as estrelas pra você? -

perguntou o soldado, sem conseguir esconder a anormalidade da situação.

- Sim, quero que você olhe e me diga se existem estrelas no céu! - havia uma única chance em um milhão de ele ter entendido corretamente o que Rei Branford quis lhe dizer, e mais uma para que aquele soldado soubesse do que ele estava falando. Bom, no máximo, se estivesse errado, iria virar as costas e ir embora com a consciência limpa por ter tentado fazer seu trabalho.

- E por que você mesmo não olha e vê? - a resposta do soldado encheu o coração de Snail de excitação.

- Porque não posso olhar para as estrelas. As estrelas devem olhar para mim.

- Pelo amor do Criador, seu idiota! Por que não disse logo que era um agente real infiltrado? - e o soldado virou-se para dois outros que controlavam a abertura do grande portão. -

Vamos, rápido, abram essas grades. E você, negro, não fique aí parado! Vamos, corra! Suma! E que tenha boas notícias, ao menos uma, nesses dias de trevas...

E Snail Galford cavalgou aquela trilha para o Grande Paço, sorrindo como o maior dos heróis, imaginando que, do alto de uma montanha, estivesse ela onde estivesse, o pai o estaria vendo entrar pelo portão da frente do Grande Paço Real. E

ele particularmente esperava, de uma forma profunda e sincera, que o velho estivesse chorando de orgulho e felicidade de seu único filho. Ao menos uma vez na vida.

Não foi apenas no Grande Paço que o crepúsculo se fez.

Aproximadamente a uns vinte quilômetros ao sul, no centro comercial de Andreeanne, e também em todo o Reino, ele se manifestou. Soldados reais entraram naquela casa, onde um príncipe estava acompanhado de um professor, uma estudante e uma... bruxa! Queriam levar Madame Viotti de volta para a Jaula, já que tiveram a frustração de não a ver executada, e grande foi a surpresa por consequência da reação inesperada do segundo príncipe de Arzallum. Áxel Branford se irritou bastante quando percebeu o que queriam seus soldados e mandou que não apenas se retirassem, como também -

pasmem - pedissem desculpas a Madame Viotti. Não conseguia olhar para aquela mulher como a bruxa das trevas que tentavam fazê-lo enxergar, mas sim como a mulher que estava ajudando seu Reino, como poucos até aquele momento tiveram capacidade para fazê-lo.

- Já começou.

As palavras de Madame Viotti paralisaram todas as pessoas naquela sala. Não apenas porque todos ali eram inteligentes o suficiente para compreender de imediato o que estava acontecendo, sem os retardatários e seus "hã?", "o quê?" ou "já começou o quê?" Além do mais, o estado meio em transe em que a senhora se encontrava, com os olhos fechados e a mão esquerda erguida agitando determinados dedos, denunciava estar acessando algo muito mais sublime do que apenas os cinco sentidos brutos.

- A senhora pode encontrar o lugar? - perguntou Áxel, no tom de maior seriedade já utilizado na vida.

- Difícil dizer - disse a bruxa. - Vamos sair daqui de dentro. A energia negativa se tornou tão pesada, que estou tendo ataques de tontura.

Do lado de fora, Ariane Narin e João Hanson esperavam a comitiva, acompanhados de Muralha, que, naquele momento, exercia a função de guarda-costas do pequeno casal em vez de proteger o príncipe. O nariz de João sangrava, mas de uma forma tão sutil, que nem mesmo ele próprio percebeu. Ariane não tirava os olhos de Beanshee, que parecia não querer ir embora do centro da praça, como se esperasse por alguma coisa. A menina imaginou quem seria a pessoa além dela que veria aquela mulher de vermelho ainda aquele dia, estando dessa forma condenada.

-Ariane... você tá sentindo... sei lá... tipo... um calor incômodo... um negócio esquisito que a esteja incomodando?

- perguntou João.

- Hum... sentir não estou sentindo não, João - Ariane pensou em como sua resposta seria diferente se a pergunta envolvesse algo que ela estivesse vendo e que a incomodasse, - Ei, vocês dois ainda estão aí? - perguntou Maria, saindo da casa. - Cadê mamãe, João?

- Eles voltaram pra casa. Disseram pra nós ficarmos perto dos soldados e não sairmos daqui sem você - João fungou uma vez e raspou a própria camisa com o antebraço direito na narina esquerda, em um movimento quase que involuntário, buscando limpar a região nasal.

- João! - assustou-se Maria. - Seu nariz está sangrando de novo!

Madame Viotti se aproximou, interessando-se pelo assunto.

Professor Sabino tomou a dianteira: - Madame, esse é o senhor Hanson, irmão de Maria. Desconfio que traumas passados com uma bruxa na infância o tornaram mais sensível à energia negativa. Logo, cada vez que o jovem encontra diretamente uma grande concentração energética dessa natureza, acredito, esse fenômeno se manifesta.

- Entendo - e a boa bruxa meditou alguns segundos sobre o assunto -, venha aqui, querido. Me diga sinceramente: está sentindo alguma coisa o incomodar, uma sensação esquisita que parece angustiar e crescer em seu peito?

- Puxa, Madame Viotti, ele estava se queixando disso agora! -

disse Ariane.

- Nossa, ainda bem que a senhora está dizendo essas coisas.

Estava pensando que eu era o único maluco desta cidade - a resposta provocou um riso curto e muito rápido da senhora.

- Querido, confie aqui na tia e siga o que vou dizer - João também achava, assim como Ariane, ridícula aquela necessidade das pessoas mais velhas falarem com as mais novas como se todas fossem crianças idiotas, mas não teceu nenhum comentário. - Feche os olhos e concentre-se. Quero que você se sinta leve, que tente se sentir bem. Essa sensação vai ser incomodada por uma espécie de calor e angústia vindo de alguma direção. Eu quero que você apenas me aponte de que direção esse incômodo vem.

João não demorou. Talvez Sabino estivesse certo quanto a suas teorias sobre ele, e João tivesse mesmo se tornado mais sensível às energias pesadas pelo trauma sofrido com Babau e a maldita Casa. O fato é que ele apontou para a direção sul de onde estavam, com a certeza de um taberneiro que aponta a direção de sua taberna a um viajante.

- É para lá. Não tenho certeza, mas... não, tenho certeza sim!

É de lá que eu sinto.

E todos olharam para onde João apontava. E se surpreenderam.

Pois ali, ao sul da praça comercial, ficava a Catedral da Sagrada Criação.

Olhando da direção de onde estavam, eles viram que alguém também olhava para eles. Fixamente. Cecil Thamasa, clérigo máximo daquela Catedral, que tanto rezara pelas almas de soldados e plebeus, estava no alto das escadarias, e sua expressão, posso afirmar com certeza, não era nem um pouco das melhores. Definitivamente, nem um pouco.

Snail Galford diria que o momento "seria cômico, se não fosse trágico".

Entretanto, sabia que não havia muito do que reclamar.

Afinal, o Destino já havia sido irônico, permitindo que um sujeito mesquinho e egoísta como ele tivesse um acesso de heroísmo gratuito uma vez na vida. Na verdade, esse heroísmo tinha um motivo: ego mordido por uma garota de gênio forte, mas ele jamais veria a situação por esse ângulo.

E, se o Destino foi irônico em proporcionar a oportunidade de o ladino ser herói, ele não estava satisfeito. Pois Snail, que imaginava um momento glorioso diante de um Rei sentado em um trono, ou ao menos de Anísio ou Axel Branford o recebendo na Sala Redonda, dava de cara com... aquilo! Era muita tristeza admitir que seu momento de herói era testemunhado apenas por um... grotesco homem-sapo envolto em mantos feito uma múmia saída de um Circo de Aberrações, com cara de quem parecia sofrer de prisão de ventre! Snail não reconhecia aquilo como o príncipe Anísio, pois ele não era a mãe do rapaz para reconhecê-lo sem sua pele humana. Pior ainda! Não satisfeito em fazê-lo de palhaço daquela forma, o Destino ainda colocava a aberração ao lado de um anão barbudo, parrudo e resmungão, fosse lá saber de onde haviam tirado um negócio sofrível daquele! E ainda um anão rabugento, como se sua existência já não fosse simplesmente motivo de mau humor suficiente.

Uma luz ao menos surgiu para evitar que aquela situação se tornasse mais desonrosa do que já estava para a memória do falecido pai, ao menos na cabeça de Snail: a rainha Terra, e a ela, sim, Snail sentiu prazer em contar sua informação de ouro: - Vossa rainha, Alteza, eu sou Snail Galford e vim aqui ver Primo Branford, Sua Majestade - Snail não fazia a menor ideia se estava usando os termos corretos. Não estava; e no caso a ignorância era muito melhor para ele, pois evitava que a pele negra se tornasse avermelhada. Para começar, apresentar-se a uma rainha com aquela bandana típica já era uma ofensa, e chamar a autoridade de "Vossa rainha, Alteza" em vez de "Vossa Majestade" já seria motivo para Anísio dar-lhe um sermão histórico, se estivesse em uma forma física que o fizesse respeitável para tal. Como ninguém se importou com os erros de Snail, pois estavam muito mais interessados no que ele tinha a dizer, a rainha tratou de apressá-lo: - Já me foi informado o porquê de tua presença, agente.

Primo, meu marido e Rei, te estabeleceu como agente duplo da Coroa - as palavras da rainha eram frias e escondiam o desejo de pular aquela parte o mais rápido. - Portanto, peço que não percas mais tempo e contes logo o que tiveres a dizer.

- Sim, minha rainha - dessa vez foi usado um termo muito melhor do que "Vossa rainha, Alteza", tenha certeza. - Venho lhe informar que descobri a localização do esconderijo onde a rainha e a princesa de Stallia são mantidas como prisioneiras.

Os bizarros olhos híbridos de Anísio se arregalaram. Desejava aquela informação mais do

que tudo. Mais do que tudo.

- Muitos túneis subterrâneos foram perfurados, gerando uma espécie de rede de túneis interligados, a fim de que fossem implantados grandes canos que desembocavam as fossas no mar de Andreanne. Essas cavernas foram patrulhadas por um certo tempo, mas tempos depois, esquecidas, gerando muitas histórias de terror para assustar crianças e adultos. Pois é lá que o grupo conhecido como Sombras se manteve escondido todo esse tempo, e também é lá que a rainha e a princesa de Stallia estão!

O humanóide saltou e arrebentou uma vidraça do Grande Paço!

Era uma reação impulsiva e irracional, como deveria ser o cérebro de um sapo, colocada acima do bom senso de um homem. Snail ficou abestalhado com a reação, mas não por muito tempo. Teria ficado, sim, se soubesse que ele estava se dirigindo para o local que ele próprio acabara de informar, pois passaria a considerar todos os sapos humanóides e gosmentos do mundo suicidas em potencial. Como não sabia, não considerou nada, enfim.

A rainha se levantou em um impulso e virou-se para o Mestre Anão próximo.

- Mestre Anão, sei que não tenho o direito de pedir-te isto, mas...

- Vossa Majestade - e com a manifestação do anão rabugento, Snail descobriu enfim o termo correto a ser usado com as rainhas ("era o mesmo do Rei, droga!") -, metade das Sete Montanhas que eu e meus irmãos defendemos como morada é localizada dentro deste Reino, e isso faz de vossa pessoa minha rainha também. Sou eu que não tenho o direito de recusar o que quer me pedir. E cada vez mais me surpreendo com a estupidez humana, que, em minha visão, é tão idiota quanto heróica, não me leve a mal...

- Não te importe de tecer a mim tua opinião sobre os humanos, Mestre Ira. Eu muito bem sei como eles podem ser imprevisíveis quando postos à prova.

- Oh! Que cabeça a minha - Mestre Ira não lembrava nenhum pouco aquele anão rabugento de outrora. Mais uma vez, a ira parecia dar lugar à paciência. - Faça o que achar que tem de fazer, rainha Terra. Eu, Mestre Ira, chamado pelos homens de Mestre Zangado, um dos sete Mestres Anões das Sete Montanhas de Nova Ether, faço um juramento de pedra de que acompanharei os soldados deste Reino e trarei seu filho de volta...

"Filho", "Mestre Anão", "Sete Montanhas"? Snail estava ficando louco ou realmente aquela aberração que saltou a janela era o príncipe Anísio Branford? Apenas aquele anão na sua frente já parecia ser capaz de sozinho esmagar uma taberna inteira, ou duas! Chegou a pensar se seria mesmo preciso ele partir acompanhado de uma tropa para esmagar aquele bando estúpido de Sombras.

- Quanto a ti, senhor Galford - Snail percebeu que era a primeira vez que o chamavam por "senhor". E, vindo de uma rainha, estava feliz por isso -, aceita isto como pagamento.

Agora, por favor, deixa-me, pois está na hora de eu arcar com meu destino...

Snail agarrou uma bolsa que, ao balançar, trazia a ideia de uma boa recompensa. Pensou no que diria o pai. Pensou que um verdadeiro herói em seu lugar recusaria a bolsa de dinheiro, pois heróis não vivem de heroísmo. Eles o praticam.

Ao menos, era isso que diziam os contos que raramente tinha paciência para escutar. Sim, não tinha mais dúvidas de que um verdadeiro herói recusaria aquela bolsa provavelmente lotada de moedas de reis.

Foi por isso que teve certeza de que não era um herói.

Pois saiu na direção do cavalo que pegara emprestado com um sorriso nos lábios e a felicidade de ter sido bem recompensado por um bom feito. Até que se sentiu bem com isso. Talvez Primo o aceitasse no futuro em suas fileiras de espiões. A vida de espião passou a lhe parecer, de repente, muito mais interessante do que a de agente duplo, que fica balançando entre dois comandos. Ora, ele havia decidido o dele. Aliás, havia acabado de divulgar uma informação que representava o extermínio do único grupo criminoso ainda ativo naquela cidade. Ei, ele já havia descoberto e divulgado o lugar! Não via problema algum em ser bem pago para isso.

Lembrou-se então de Liriel Gabbiani e da frase da jovem que o ordenava a ajudar alguém de graça, ao menos uma vez na vida. Novamente, havia caído em tentação e vendido uma informação. E ainda muito pouco aquilo parecia incomodá-lo.

Pois... não, não era um herói nem tinha essa necessidade. Já havia dado naquele dia ao pai motivo suficiente para se orgulhar dele por mais quatro ou cinco vidas inteiras.

Que os verdadeiros heróis fossem salvar suas princesas.

- Clérigo Thamasa! - gritou o príncipe, aproximando-se das escadarias.

Atrás dele, uma comitiva formada por Madame Viotti, professor Sabino von Fígaro, os irmãos Hanson, Ariane Narin, o troll cinzento Moonwakrston e duas dezenas de soldados tentavam acompanhar seus passos. Outras dezenas ainda estavam ao redor da praça, para o caso de algum imprevisto de última hora acontecer. Até porque, do jeito que as coisas estavam, tudo parecia poder acontecer.

- Saudações, príncipe Áxel Branford! Bom que esteja presente.

Estava à espera de que vosso pai me chamasse para absolver a alma de uma condenada. Mas comecei a sentir um éter sujo que parece estar presente nesta região.

- Outros também estão tendo essa macabra sensação, clérigo!

E tenho razões concretas para dizer que essa fonte tão poderosa está vindo da Catedral.

- Como? - o clérigo se assustou. - Tenho percebido que, há tempos, uma energia negativa me incomoda dentro deste templo, mas todos os dias limpo o éter desta casa para que possa captar e invocar a luz semidivina nas cerimônias.

- Ninguém duvida de que faça bem seu trabalho, clérigo -

tomou a palavra Madame Viotti. E Cecil Thamasa teve de se manter muito fiel ao que aprendera, principalmente no que diz respeito a não julgar apressadamente seus semelhantes, para não perguntar como uma mística ousava dizer a um clérigo como fazer seu trabalho. - Apenas uma força maior parece se esconder por debaixo de seu manto.

- Impossível - e Cecil Thamasa entrou no templo, seguido do príncipe e sua comitiva. Entre os soldados que acompanhavam a entrada ao local, um deles tinha a patente de capitão, e a ele Áxel se dirigiu: - Capitão, entre todos os locais revistados na busca pelas bruxas em minha ausência, alguém revistou a Catedral da Sagrada Criação? - pela cara de Áxel, a pergunta era séria.

- Imagino que... não, Vossa Alteza - o capitão demorou a responder e ainda fraquejou no tom de voz. - Este seria o último lugar que pensaríamos em revistar...

- Príncipe, estamos falando de um local semidivino. Ninguém ousaria... - e Cecil Thamasa jamais terminou a frase.

- Meu capitão acabou de me dar o melhor motivo para que isso fosse possível sim, clérigo.

Todos avançaram pelo corredor entre os bancos, observando os arredores assustados e

cautelosos, como se fossem ladrões inexperientes invadindo a primeira residência. Cada quadro parecia olhar para eles como se fosse vivo, e as estátuas passavam a impressão de que tomariam vida e pulariam em seus pescoços a qualquer momento. Mesmo a sagrada Pedra da Criação do falecido clérigo Manson, no alto do arco erguido no centro da Catedral, parecia brilhar diferente a luz rubra.

Não havia um local, porém, que não fosse limpo e brilhoso.

Cecil Thamasa cuidava daquele lugar com amor e dedicação tamanhos, e, por isso, sentia-se insultado com o que estava vendo. Entretanto, algo dizia que aquilo tinha de ser feito, pois não poderia ser normal aquela oscilação energética que há tempos andava observando, principalmente no seguimento dos últimos eventos religiosos.

Chegaram ao fundo da Catedral onde estava o altar. Nada parecia representar um esconderijo, a não ser que bruxas fossem capazes de se esconder em frestas. O clérigo tomou a palavra: - Fora do que estão vendo, temos meu quarto à direita e a despensa ao fundo. Nada mais existe nesta casa do Criador para ser revistado...

- E quanto ao depósito de vinhos? - a voz de Sabino sobressaiu.

- "Depósito de vinhos"? Meu senhor, não existe algo desse tipo nesta Catedral - disse Cecil, achando um pouco de graça.

- O que sabe sobre isso, professor? - perguntou Axel.

- Há muitos anos, quando eu ainda era um menino da idade desses dois - e Sabino apontou para João e Ariane -, lembro-me bem do clérigo que comandava as ladainhas desta Catedral. Clérigo Monsenhor, com certeza o clérigo mais excêntrico de toda a história de Nova Ether - e ser chamado de "excêntrico" por Sabino era uma questão digna de nota.

- Adiante-se - a ordem partiu do príncipe, que não queria perder tempo ouvindo detalhes sobre um clérigo há muito falecido, inúteis à situação.

- Oh, claro! Uma das diferenças de Monsenhor para os outros clérigos estava em não usar a Pedra da Criação para transformar água em vinho. Era um colecionador nato e montou uma adega no subsolo desta construção. A nós, crianças, ele vez ou outra mostrava o lugar e nos ensinava como cultivar bons vinhos para aproveitá-los com prazer quando atingíssemos a maioridade.

- Mas... mas... Clérigo Manson nunca mencionou... - Cecil se surpreendeu.

- Talvez não tivesse tido oportunidade. Pois ele próprio já não se encontrava doente quando vieste para cá, clérigo?

Provavelmente tenha se esquecido de mencionar o lugar.

Fora mesmo desativado! Clérigo Manson vendeu algumas garrafas de vinhos antigos por altos preços, ou como acha que havia financiado as reformas na Catedral?

- E o senhor se lembra de onde ficava a entrada dessa adega, professor? - perguntou o príncipe.

- Claro, atrás do altar - e Cecil Thamasa mais uma vez quase teve um ataque do coração ao escutar Sabino. Até aquele dia, nunca nem sequer desconfiara de nada do tipo.

-Afastem! - foi a ordem do príncipe aos soldados prestativos que correram para afastar o altar sem-cerimônia. O tapete vermelho que se estendia até a parede foi então arrancado rapidamente.

Nada havia ali.

- Estão satisfeitos? - perguntou o clérigo, injuriado. - Acho que já profanaram demais esta casa do Criador, não concordam? Estamos vendo que não existe adega nenhuma!

- Isso é o que querem que o senhor veja, clérigo! - disse Madame Viotti, tomando a frente do grupo. - Mas é possível enganar muitas pessoas por muito tempo, mas não todas as pessoas por todo o tempo.

E Madame Viotti fechou os olhos e começou a dizer palavras em uma língua que, com certeza, não era a altiva. Cecil, que já não aguentava mais o que estavam fazendo com a Catedral, não permitiria ainda aquela bruxa realizando rituais negros. O

olhar que Áxel lhe lançou quando ameaçou abrir a boca, porém, o fez recuar, com a certeza de que seria recriminado ali na frente de homens com os quais necessitava ter moral.

- Quem é essa mulher? - o clérigo perguntou, irritado.

- Aquela que o senhor iria absolver... - resmungou o príncipe, piorando o choque do jovem sacerdote.

E, então, o chão foi tomando outra cor, como se um pintor visse a tinta recém-pintada de repente se revoltar e ir embora sozinha por conta e vontade própria esgueirando-se como répteis. O vento invadiu o ambiente, barulhento, movimentando cortinas. A luz começou a brigar com a escuridão. A luminosidade local aumentando e diminuindo. A sensação era a de que o Nada e o Vazio estavam brigando, e o vento, invisível, rebatia nos calcanhares, arrepiando os pelos dos mais cautelosos. Mesmo Sabino, no auge da experiência, sentia um mínimo de arrepio quando ficava frente a frente com a prática da arte das trevas.

Ariane Narin e João Hanson foram se afastando através do corredor até a saída, com um receio imenso de que o pior acontecesse. E ali, do início da escadaria de acesso àquele templo, Ariane observou ainda Beanshee olhando atentamente para o lugar onde estavam. Notou, e só agora se dava conta de que, quando observara Madame Viotti presa naquele

tronco prestes a ser queimada, Beanshee não chorara de sua forma característica.

Ela apenas a observara.

Era como se soubesse que a bruxa não fosse morrer naquela fogueira. Porém, o fato de ela ainda permanecer por ali significava o prelúdio de que algo realmente ruim estava acontecendo ou iria acontecer. Pois Ariane não conseguiu nem mesmo pensar em alguém tão importante a ponto de sua morte ser motivo para Beanshee aparecer naquele local tão cedo e avisar de sua partida. Tentou imaginar o nome da próxima pessoa, além dela, que conseguiria ver aquela mulher ali parada, assinando com isso um destino fatal. E o coração da menina disparou, o pulmão perdeu o ar e a voz gelou na garganta quando escutou a frase: - Esquisita aquela mulher de vermelho, não é? E ela parece que tá chorando...

A voz partia de João Hanson.

E o menino mal percebeu que uma lágrima desceu por apenas um lado de seu rosto.

Silêncio.

Ao redor, rostos embasbacados. Madame Viotti descobriu e mostrou a todos ali, inclusive a um cético clérigo, o que impedia que as pessoas vissem a entrada de uma adega tão real quanto eles próprios.

E o nariz de João Hanson explodiu em sangue. A aura havia reconhecido a pior das energias negativas no motivo daquela bruxaria.

Hipnose negra.

Liriel Gabbiani estava sentada no picadeiro, ao lado de uma pilha livros que lia deitada. Poucas tochas iluminavam o lugar; Liriel era do tipo de pessoa que não levava a sério os avisos de que isso poderia prejudicar a visão, fazendo-a um dia necessitar de óculos. Quase todo o elenco havia ido se divertir, se ainda houvesse lugar para divertimento em Andreanne, pois aquele era o dia de folga e não havia apresentações no Dia da Água. Ela preferiu ficar sozinha, concentrada e em silêncio, lendo bons livros que lhe abrissem a mente a novas ideias. Mas a luminosidade já estava exagerada, ficando realmente baixa demais para estar confortável para a leitura.

E então ficara ainda mais fraca. Até não haver quase luminosidade alguma.

Liriel se levantou em um salto, assustada. Os olhos arregalados, buscando se acostumar com a nova condição luminosa. A adrenalina jorrava aos montes na corrente sanguínea por receio. Já andava meio paranóica depois que soube do genocídio do extinto grupo dos Fantasmas; momentos como aqueles reforçavam a paranóia.

E, para seu próprio bem, ainda bem.

Talvez tenha sido esse preparo físico e psicológico para o perigo que a tenha feito escapar de uma fina lâmina cujo endereço era certo: seu coração. E que a teria acertado, se ela não torcesse o corpo para trás, como em um típico número circense.

Andou nas pontas dos pés, igual a uma bailarina, para trás.

Desejava não fazer barulho, entender o que estava acontecendo e fugir, dependendo do número de pessoas que por ali estivessem. Ninguém a superava em invasão, acrobacias e mesmo atuações de improviso, mas combate corporal era algo que estava fora de suas qualificações.

Sentiu um rasgo nas costas. Gritou! Sentiu outro nas costelas.

Esquivou-se de um terceiro. Saltou para trás em uma acrobacia circense; sentiu uma faca correr atrás de si mais rápido do que podia desviar. Liriel tombou parecendo ter tropeçado nos próprios pés e girou três vezes após tocar o chão. Não conseguia se levantar. Não havia tropeçado nos próprios pés; a faca que a perseguiu cravara-se na altura do ombro esquerdo!

A dor era pulsante. Seu próprio carrasco se aproximou e, ainda que quase sem luminosidade alguma, ela viu que se tratava de alguém pintado como os palhaços do circo, cobrindo todo o rosto. Não tinha, porém, muito mais tempo para pensar nessas coisas, como também não se considerava pronta para aceitar seu destino, se esse fosse a morte. A dor no ombro latejava a cada movimento.

- Nada pessoal, garota. São apenas negócios, você deve me entender... - disse a voz de seu

provável assassino. - Coração-de-Crocodilo manda lembranças! E garanto que vou fazer você se lembrar bem dele nas próximas horas...

Liriel ligou o nome com a figura daquele ladrãozinho desprezível que a visitara mais cedo. Talvez fosse essa a maldita informação que ele tentara lhe dar, antes que ela o enxotasse como um cão vira-lata. Se estivesse mesmo correta, então começaria a aceitar seu destino. Pagaria o preço da burrice, pois pessoas burras não tinham realmente vez no ramo que escolhera.

Foi quando ela fechou os olhos esperando a morte.

E escutou duas lâminas roçarem duas vezes uma na outra, gerando faíscas no cenário sombrio e lembrando os movimentos de um matador prestes a sacrificar um boi no abatedouro. Apenas mais tarde foi descobrir que aquele som não tinha partido de seu algoz. Era de uma terceira pessoa, também camuflada na escuridão. Exatamente como uma sombra.

- Ei, bufão, por que você não vem falar grosso assim com gente da sua laia?

Enfim, havia descoberto uma vantagem na pele e na macabra simbiose de anfíbio. Anísio chegou aonde queria muito mais rápido do que imaginara com a mais nova movimentação grotesca, assustando plebeus que viam o cada vez mais monstruoso humanóide cruzar as ruas em saltos de cinco, seis, sete metros, a uma velocidade incrível e sobrenatural. A determinação em encontrar sua princesa era quase uma obsessão, e o instinto animal estava a cada instante se sobrepondo ao raciocínio humano, o que era preocupante.

Conhecia de cor os mapas de Andreanne; passara a vida inteira estudando para ser o Rei perfeito. Lembrava-se de atalhos e inclusive de entradas alternativas para os túneis subterrâneos, os quais nunca achou que precisaria usar, mas fizera questão de conhecer mesmo assim. E digo mais: entrou naqueles subterrâneos com aquela medonha movimentação característica, que em um primeiro momento assustava e, em um segundo, causava náuseas e repugnância, pois era nojento para um ser humano ver tamanho humanóide saltar e quicar de um lado para outro. Qualquer um dos dois estágios era ótimo para Anísio, que passava por entre homens dos Sombras como um tufão verde e descontrolado. Os próprios homens abriam caminho, assustados e extremamente temerosos por descobrirem serem verdadeiras as lendas sobre feras naquele subterrâneo.

Em muitos locais daquele subterrâneo, em seus dutos e em muitas aberturas daquelas cavernas, uma após a outra, com uma determinação inabalável e incansável, Anísio procurou a amada princesa Branca. E nada poderia impedi-lo de chegar até ela. Não se importava com o que ela iria pensar de sua forma, nem qual seria sua reação, apenas precisava saber se ela estava bem. E, se nada poderia impedi-lo, então ninguém estranhará saber que, de tanto procurar naqueles subterrâneos, e bagunçar com a sanidade das piores espécies que viviam naqueles buracos, ele a encontrou.

Estava no fim de um corredor, com a expressão de quem não se alimentava há horas. Ao lado dela, havia um Sombra grande e forte, com uma espada de duas mãos que assustaria qualquer refém. A visão encheu Anísio Branford de raiva pela impotência naquela forma maldita e pela audácia de homens como aqueles de ameaçarem uma princesa como aquela.

Ameaçarem a sua princesa.

O homem largou a arma e caiu sentado para trás ao ver o imenso humanóide verde saltar para cima de si. Anísio parou em frente à princesa, e nenhum Sombra ousou avançar naquele corredor estreito para próximo dele. Estavam observando se ele devoraria a garota, o que para eles seria indiferente, pois a rainha Rosaléa há muito já havia sido levada por Jamil, e aquela princesa ainda estava viva apenas para futura negociação de resgate com o Reino de Stallia ou Arzallum.

Além do mais, se servisse de alimento para aquele bicho imundo, então talvez ele se satisfizesse ou fosse embora, ou facilitaria ser estocado por uma lâmina fria. Logo, os

Sombras que observavam daquele corredor estreito resolveram torcer para que aquela imensa bocarra se abrisse e engolisse numa bocada só aquela jovem.

Mas a princesa Branca não sabia desse detalhe, e a primeira reação foi de terror e repulsa. Só não se afastou mais porque estava encurralada no fundo do túnel. E, se seu destino fosse mesmo virar alimento de um homem-sapo, não teria conseguido fugir dele. Foi então que escutou a voz daquele ser monstruoso, e o mundo ficou sem sentido.

- Por favor... não me olhes assim... não tu. E graças ao Criador que nada de mal aconteceu a ti...

Branca não reconheceu o noivo, ainda mais naquele estágio final em que a leprosa simbiose se encontrava. O que era pele humana estava com feridas expostas, e quase toda a crosta que nascia por cima dessa pele era um tecido mole verde ressecado, sujo e com larvas de bichos. Era a última pessoa que achava que estivesse ali. Mas as palavras do bicho diminuíram o temor; ao menos tiraram o medo de morte iminente. Se fosse morrer naquele dia, ao menos não seria na boca de uma aberração.

- Eles estão vindo. Eles vêm para te salvar, Branca. Orei tanto ao Criador para que estivesse bem...

Era verdade. Branca, porém, ainda não havia entendido tudo aquilo e imaginou se o "eles" que estavam vindo para tirá-la dali não seria um bando de sapos gigantes, invadindo aquele lugar e falando de forma pomposa, o que não achou a melhor visão do mundo. Mas, independentemente disso, ela percebeu que aquele ser não a queria mal, muito pelo contrário, parecia realmente, no auge de sua sinistra existência, querer ajudá-la.

E, quando olhou para aquela criatura sem receio, pôde reconhecê-la.

Ele poderia estar preso dentro de outra pele claustrofóbica e caminhar de uma maneira animalesca e falar com uma voz distorcida, mas ainda possuía os mesmos olhos por detrás do rosto tomado. O mesmo fator que possibilitou à rainha Terra reconhecer o próprio filho. Não era essa uma possibilidade exclusiva de uma mãe com um filho, mas também de amantes verdadeiros. Como aquelas duas almas.

- Não... não... não... não pode ser... - a princesa Branca fraquejou. - Não... pode... ser...

- Desculpe-me... eu... eu não queria que me visses assim... -

Anísio não sabia nem como começar a falar. Tudo que dizia era involuntário.

- O que fizeram contigo? Pelo Criador!... - Branca estava chocada. A mão prestes a tocar a pele mole, rugosa e seca.

- Bruja... - e novamente nada mais precisava ser dito.

Branca encostou as mãos naquela pele verde e cheia de verrugas, sem se importar com o frio ou qualquer sensação repugnante que ela transmitia. Acredite, ela realmente não o amava apenas porque ele era o futuro Rei perfeito. Amava-o simplesmente porque ele existia. E seu toque fora um cobertor em um coração há tempos sofrendo no frio da solidão enclausurada.

Anísio, ou o que ainda sobrara dele, mantinha-se em uma posição já muito mais próxima do bicho que do homem, com as pernas e o traseiro acomodando o corpo, e os braços tocando o chão apenas como apoio para um ser cansado.

Ainda conseguia pensar como homem, mas tinha receio de que esse pensamento fosse substituído pelo instinto. A sensação, no fundo, era como se o homem ainda estivesse lá, e apenas o bicho estivesse ao redor, a cada instante pressionando para que o que ainda tivesse de humano fosse esmagado. Mesmo a pele anfíbia leprosa lhe pesava como pesa uma armadura em um guerreiro, e a sensação era de um homem enjaulado em um corpo que não moldava a verdadeira alma.

Branca conseguia ver isso.

Foi quando os corações de ambos bateram como um só. A princesa foi até a arma do antigo sentinela caída ao chão e, com o máximo esforço, ergueu-a pela lâmina, para fazer o aço tocar a pele anfíbia. Ali, a lâmina desenhou um símbolo de #

na altura do braço direito, derramando sangue vermelho como o de um homem.

A princesa então limpou o sangue.

E, após inspirar o mais profundo que conseguia, tocou o ferimento com os lábios. E assoprou sua força vital.

Magia branca. Magia de cura.

O corpo do homem-anfíbio tremeu. E então veio a sensação de que iria vomitar as entranhas. As cordas vocais pareceram travadas. A visão ficou turva. Os músculos pareciam de pedra, e o corpo, com o dobro do peso anterior. De um momento para outro, Anísio Branford não conseguiu ver, cheirar, escutar ou sentir nada. E então inspirou forte, como uma pessoa que sobe à superfície depois de quase se afogar. Foi o momento em que a luz tomou aquele subterrâneo e suas formas superaram as das trevas. Aos poucos, a pele mole foi se retendo, como se a água fosse sendo retirada daquele corpo e sobrasse apenas carbono. E, então, ouviu-se o barulho de quando um osso se quebra. E o som se repetiu. E de novo. E

de novo. A pele enverrugada, que era verde, contorceu, enrugou e começou a rachar feito vidro. Escutaram-se ainda os estalos, mais, e mais, e mais!

O coração de Branca Coração-de-Neve bateu acelerado, mas bateu vivo como nunca.

E foi assim que ela viu a pele de sapo SE QUEBRAR, como se quebra um espelho!

Pedaços e pedaços da pele verde se espalharam pelo chão, e dele nasceram vermes que se arrastavam dentre gosma e pus.

O que restara daquela carcaça era um homem nu cheio de feridas, em posição fetal, prestes a renascer. No braço direito do corpo, a marca do quadrado: #. No coração, a força dos sentimentos manifestados pela vontade e ilimitados pela fé.

Uma vitória, porém, nunca vem sem luta. Quando aquele bando de Sombras cada vez mais volumoso viu aquela aberração dar lugar ao primeiro príncipe de Arzallum, lâminas assustadas foram sacadas de forma berrante. O

príncipe virou-se e primeiro viu as mãos de guerreiro. Não havia mais a pele ressecada, mas sim as três camadas da pele humana. Existiam cinco dedos que podiam ser separados, e que falta fizera a ele um polegar! Abaixou-se e apanhou a grandiosa espada de duas mãos usada para marcá-lo, a mesma que serviu como tormenta da amada e, por ironia, como sempre, do Destino, seria a salvação.

Anísio Branford estava de pé, de frente para aquela corja, completamente nu e com o corpo marcado de feridas. E ainda assim aquela visão era a mais perigosa do mundo para aqueles homens. Pois, enquanto o irmão Áxel havia treinado para ser um grande pugilista em combate corporal direto, ele, o primeiro príncipe, dedicou-se a um outro tipo de treinamento de combate, altamente recomendável para Reis que necessitem um dia liderar exércitos em campos de batalha.

- Amada, uma saga vivi para chegar até aqui, e não te preocupes, que não o fiz para morrer neste local. Aqueles que ousaram prender a ti pagar-me-ão agora por tamanha ousadia.

Pois eu, o primeiro príncipe de Arzallum, Anísio Terra Branford, neste momento, convoco os semideuses da justiça para lutarem ao meu lado e declaro-me o júri e o executor da justiça desses condenados!

Combate em massa.

Essa era a especialidade de Anísio Branford. E nada melhor do que ter um corredor estreito, limitando o número de pessoas que poderiam atacá-lo, ainda que centenas estivessem ali loucos para isso. E eu agora poderia mesmo dizer que, naquele momento, aquela corja avançou sobre o primeiro príncipe de Arzallum. Mas acho que isso não faria jus à verdade.

Pois foi o primeiro príncipe quem avançou, furioso, sobre aquela corja.

Ali estava a entrada para a adega. E que mais parecia caminho para um círculo de Aramis.

Na verdade, ela sempre estivera ali. Os soldados ficaram observando as instruções do segundo príncipe para tomarem consciência se deveriam ser os primeiros a descer ou não, e não gostariam, nem se o príncipe o quisesse. Longe disso parecer desobediência, apenas seria consequência do rumo que a situação tomou, como você poderá constatar.

Cecil Thamasa estava boquiaberto. Mais; estava sem palavras, como nunca em vinte e seis anos. Uma bruxa acabara de lhe mostrar como ainda era falho o espírito humano, fosse esse humano um clérigo ou não. Ele também reparou que os soldados olharam para o príncipe, buscando uma ordem e tomou a liberdade de assumir o comando da situação.

- Irmã - e se dirigia à Madame Viotti -, sinto profundamente pelo mau julgamento que fiz de sua pessoa e espero que perdoe este servo do Criador. E peço a todos os presentes que se afastem um pouco - e ele foi obedecido. - Porque eu, Cecil Thamasa, clérigo treinado de Quimera, ainda sou o responsável por esta casa semidivina e, se o Mal veio se esconder debaixo dos panos deste lugar, eu sou o responsável direto por não tê-lo antes encontrado. E por isso, neste momento, invoco o poder do Criador para corrigir minha desgraça!

Um momento fantástico. Poucas vezes se tinha oportunidade, ainda mais em Reinos conhecidos por seus belos contos, de se ver um clérigo usar uma Pedra da Criação para pura ação.

Cecil Thamasa mudara a expressão e a tornara extremamente séria. Os olhos se fecharam e a mão direita segurou com firmeza a pedra rubra que carregava no peito, presa por um cordão no pescoço.

Palavras em uma língua antiga foram pronunciadas, e diziam que aquele idioma era o utilizado pelos semideuses de Nova Ether. De qualquer forma, fosse qual fosse aquele idioma desconhecido, um campo de vibração se formou ao redor do clérigo, e a poeira foi erguida por um vento de vontade controlada. Os olhos do clérigo brilharam como estrelas, e os longos cabelos prateados também se agitaram inquietos com o deslocamento do ar.

E, então, o clérigo ergueu a mão esquerda, e o que parecia uma espécie de punho fechado materializado a partir de uma concentração bruta de energia etérea subiu quase ao teto daquela Catedral, para descer violentamente com o movimento do clérigo e DESTRUIR o chão de madeira em um rombo estridente.

A consequência de um ato tão radical foi um flagrante.

Existem dois crimes considerados os mais graves do mundo.

Um deles é a prática de rituais de magia negra; o outro, o regicídio, o assassinio de um Rei. E o que se via através daquele rombo, no subterrâneo daquela Catedral, que o Criador os protegessem, era um legítimo exemplo dos dois.

Áxel Branford quase enlouqueceu. Pudera, o próprio pai estava naquela adega, que agora tinha muitas e valiosas garrafas antigas de vinho quebradas pelo chão, resultado de um punho de energia bruta que entrou sem pedir qualquer licença. O Rei estava deitado em uma mesa de madeira, amarrado, amordaçado e com uma expressão de quem não tinha muito como, nem por que, reagir.

Ao lado dele, deitada em uma segunda mesa de madeira, estava Rosaléa, a rainha de Stallia. Morta. Um punhal em forma de serpente mantinha-se sobre o peito perfurado, e a expressão de quem morrera angustiada por servir a uma forma encarnada de horror estava presente. Alguns soldados pensaram em como iriam explicar aquilo ao Rei aliado.

Outros, em como explicar aquilo a si próprios.

E, se havia duas dezenas de guardas dentro daquela Catedral, também um número parecido, se não até um pouco maior, de piratas estava naquele andar inferior. Estavam espalhados por toda a adega e tão assustados quanto as pessoas que os observavam. O punho, quando desceu, esmagou uma grande parte desses mercenários, que rapidamente já haviam sacado lâminas de diferentes formatos para a própria sobrevivência.

Obviamente, Jamil Coração-de-Crocodilo estava entre eles.

Mas ainda havia uma última pessoa, responsável por aqueles piratas estarem ali e por muitas outras coisas que estavam acontecendo ultimamente em Andreanne, fosse isso de forma direta ou indireta. Refiro-me à mulher caçada, que deveria ter queimado na fogueira, como quase Madame Viotti fora em seu lugar.

Refiro-me à procurada bruxa.

Era ela quem estava com um segundo punhal de serpente erguido com as duas mãos, prestes a descer a lâmina de forma violenta e impiedosa, desta vez no peito de Primo Branford, antes que sua toca descoberta fosse invadida por soldados em ira.

Sua existência era uma das coisas mais trágicas que alguém poderia ter o desprazer de ver, e uma donzela teria vomitado se a observasse mais de perto. Era uma mulher, julga-se, com a carne queimada da cabeça até a altura dos joelhos, tendo de enrolar ao redor de si muitas ataduras, o que proporcionava um aspecto mumificado. Sobre a pele queimada e cheia de marcas, nasciam, vez ou outra, cabelos chamuscados que se enroscavam pelas feridas e davam um aspecto nojento às muitas cascas de queimadura. As unhas não haviam sido cortadas e cresceram descontroladamente, curvando-se como garras naturais, e apenas os olhos e alguns poucos fios de cabelo despenteados e duros podiam se destacar na face enroscada de faixas.

Por muitos anos se escondera ali. Seis, para ser mais exato. Era também ela o motivo de Cecil

Thamasa se sentir mal desde que assumira o posto e ter de limpar o éter da Catedral da Sagrada Criação todas as noites após os cultos religiosos. O

clérigo também era o motivo de anular o poder negro com tal atitude diária. Mas ela não poderia se manter oculta para sempre, e não apenas a Primo Branford ela enviara cartas materializadas. O pior dos piratas também fora uma boa escolha para iniciar seu processo de retorno. Para iniciar seu processo de vingança. Afinal, não pense que desde sempre ela tivera apenas a região abaixo do joelho não queimada.

Isso aconteceu depois que a jogaram em um caldeirão de água fervendo, e isso nada tinha a ver com a Caçada de Bruxas.

Tinha a ver com o efeito da própria fome. Fora caçar alimento seis anos atrás e acabou caçada. Em sua vingança macabra, não necessitava de um Rei e uma rainha para cumprir seu plano. Apenas a rainha já lhe serviria para fazer o ritual exigido pelo pirata. O Rei que estava prestes a sacrificar era o pagamento por seu trabalho, pois dele viria a energia usada no vodu de dois irmãos.

Seu ódio estava voltado para a família Hanson. E era para ver João e, principalmente, Maria Hanson morrerem em profunda angústia, que ela ainda permanecia viva. Eram eles o motivo da existência ridícula e decadente durante todo esse tempo. E ambos jamais deveriam esquecer seu nome. Nem sua aparência decrépita. Nem o cheiro de excreção. Nenhum deles.

Nenhum deles deveria se esquecer de Babau, a bruxa negra da macabra Casa de Doces.

Uma lâmina desceu no peito de um Rei. O Maior de Todos.

Dois gritos foram emitidos ao mesmo tempo, e muitos outros em seguida. O primeiro deles do próprio Rei, que berrara de uma dor que ia muito além da daquele punhal rasgando a carne. Primo Branford fora até aquele subterrâneo sozinho, desarmado e sem saber direito o que estava fazendo. Ele não poderia saber, contudo, que estava tendo seu corpo manipulado por uma variação ainda mais poderosa da maldita hipnose negra.

Vodus esbarram exatamente na manipulação do livre-arbítrio.

Impossível teria sido, porém, uma bruxa conseguir atingir tal estado em um Rei consciente. Por isso precisou de um pirata, o pior de todos, que tivesse a frieza e o raciocínio meticuloso o suficiente para enlouquecer um Rei, deixá-lo longe da sanidade e assim propício à influência de uma força externa negativa. Como a da magia negra. E que esse Rei fosse Branford, porque nenhum Rei fora mais cruel com os clãs de bruxas, fossem elas magas brancas ou negras, do que ele, e por isso o escolhido para o sacrifício.

Em seguida aos gritos de um Rei, gritara também um príncipe. Pois Babau prometera em sua ameaça que Primo não apenas morreria como também os descendentes carregariam isso. E que ninguém duvide que Axel Branford iria ainda se martirizar o resto da vida, imaginando se o pai não estaria vivo, se ele houvesse decidido não partir para as Sete Montanhas e permanecido no Reino naquele dia. E ele seria apenas o primeiro dos Branford a se martirizar por algo do tipo.

Soldados pularam dentro daquela adega, sentindo o cheiro do vinho derramado em meio à batalha raivosa, e juravam não terminar sem a morte de cada pirata. E a Catedral que deveria ser um palco sagrado de paz tornou-se um campo de guerra.

Aquele era o perfeito quadro da Luz enfrentando as Trevas.

Era o perfeito exemplo do Bem e do Mal disputando a supremacia de um ponto de vista.

E, por falar em Mal, e em supremacia, não esqueçamos de Coração-de-Crocodilo, que não teve o trabalho de levar à frente um plano em acordo com uma bruxa para nada. Uma terceira mesa havia naquela adega, e um terceiro corpo moribundo, que parecia doente e de muita idade, estava sobre ele. Aquele ser já havia visto Beanshee, mas Jamil insistia em trapacear a morte.

E, acredite, de uma forma grotesca aquilo era amor.

Amor de filho, que não queria ver morrer o pai. No fim, aquele pirata havia feito tanto barulho na cidade-capital do maior dos Reinos apenas para tentar desesperadamente correr contra o

tempo e impedir que a morte tirasse seu sinistro genitor daquele plano de existência, levando-o para se sentar ao lado esquerdo de Bruja nas terras escuras de Aramis.

Impedir que a morte levasse James Gancho, o pirata mais frio e sanguinário que já comandou um navio de mercenários.

Por isso, ninguém podia imaginar sua angústia quando o pai não se reergueu como o esperado; quando a pele daquele corpo velho e carcomido não rejuvenesceu; e muito menos a dor que ele sentiu quando a pele rugosa se tornou cada vez mais pálida, e então esquelética, e então pó. O ritual que deveria trazê-lo à vida acelerara sua morte.

E o pirata berrou de ódio e vociferou com a fúria de um trovão: - Bruxa! - e virou-se na direção de Babau. - Você traiu nosso acordo!

- Não procure em mim o motivo do fracasso, Crocodilo -

respondeu Babau, com uma voz que muito parecia a de uma serpente, se essa a tivesse. - Se o ritual não funcionou é porque algum gatilho requisitado foi falho. E isso faz esse fracasso seu!

Jamil apertou o punho. Aquela velha carcomida estava mentindo. Ela tinha de estar mentindo, pois a culpa não era sua. Não podia ser sua. Ele contratara os melhores para buscar os gatilhos exóticos exigidos para o ritual. Mais de um caçador de tesouros, inclusive, enviara para buscar o mesmo objeto, e assim garantir a posse. Enlouquecera um Rei e sequestrara uma rainha. E esse pensamento então fez parecer a ele por um instante que o mundo havia parado. E o coração também.

É essa a sensação de alguém que leva um susto mortal.

Coração-de-Crocodilo se lembrou então de Snail Galford. E se lembrou da jovem Fantasma. E se lembrou do colar místico de cento e oito contas, o mesmo que continha a concentração da força de cento e oito vidas, utilizado pela bruxa no sombrio ritual. Passara a vida manipulando e enganando pessoas.

Nunca imaginaria que sua ruína estaria um dia em ser manipulado e enganado como tal. O novato! Jamil mal sabia o nome de Snail Galford, daquele que havia tão brilhantemente lhe passado a perna. Sorte de principiante talvez, mas era inquestionável que ele o havia encurralado no maior de todos os blefes.

A jóia falsa foi trazida pelo negro. E utilizada no ritual.

Do alto, Áxel Branford ainda não havia descido para a adega como dezenas de soldados o haviam feito. Acompanhava com os olhos Jamil Coração-de-Crocodilo. Nunca o tinha visto antes, mas o reconheceu imediatamente. E viu Jamil gritar de ódio e correr para uma porta que, pelos cálculos de Áxel, levaria à escadaria. E o príncipe correu na direção de outra escada, pois sabia muito bem onde dariam as escadarias daquela Catedral. Um local de muitas lembranças e muitas estrelas.

Um legítimo acerto de contas entre dois filhos revoltados estava prestes a se iniciar.

Snail avançou com uma adaga em cada mão. Seu adversário possuía, por sua vez, lâminas em forma de meia-lua e também um par dividido em cada punho. A escuridão dificultava uma melhor observação, mas dois seres crescidos em becoss e ruelas escuras estavam acostumados a combates mortais em tais condições.

Duas lâminas se roçaram. Faíscas crepitaram vivendo e morrendo no breu por um instante. Liriel Gabbiani foi testemunha dessa rápida existência e gostaria de ter feito muito mais do que isso para ajudar o homem que a estava ajudando, por qualquer que fosse o motivo. Entretanto, não se tratava de covardia, muito pelo contrário; apenas realmente sentia-se ainda bloqueada diante da violência.

Snail gritou! Liriel sentiu a dor como se a própria carne tivesse sido rasgada.

Se a iluminação estivesse um pouco mais forte, ela poderia ver o sangue manchando a roupa do rapaz, que se contorceu quando a lâmina em forma de meia-lua lhe cortou o abdômen. Outro grito! O negro sentiu os joelhos bambos e caiu para a frente com um segundo corte que desceu em diagonal nas costas.

Raiva. Foi isso que Snail sentiu. Sentiu raiva da própria imbecilidade e fraqueza diante de um adversário estúpido que pintava a própria cara com um grande olho ridículo bem no meio da testa e se autodenominava "Mestre Sombra"! Para ele, perder uma batalha para oponente tão merecedor de escárnio seria a pior humilhação de toda uma vida. Além do mais, sabia que aquele era o dia mais feliz de seu pai. O dia em que entrara no Grande Paço pela porta da frente, ou o mais próximo disso, e bom, apesar de não ter sido recebido exatamente pelo príncipe ou o Rei da forma que gostaria, ao menos foi recebido pela rainha-fada. Não; não poderia exatamente no dia em que dera ao pai o maior orgulho dar a ele também a maior vergonha, perdendo a vida em um combate para oponente de características tão imbecilizadas.

- Vamos ver se você continua agora com esse seu cinismo irritante, verme - disse Mestre Sombra com um desprezo, expressando bem o nojo que tinha de Snail.

A lâmina veio e teria sido o fim se Galford não se recuperasse motivado pela raiva que sentia. Existem pessoas movidas por amor, é verdade, e essas pessoas são boas e puras de coração.

Existem pessoas movidas pela maldade, e essas são más por essência, embora existam sábios que afirmem que as pessoas não nascem más, apenas se tornam. De qualquer forma, existe ainda um terceiro tipo de pessoa, que não é nem boa nem má, e que tira da raiva das situações em que a vida a coloca as maiores forças.

Snail Galford era uma do tipo.

Chamas novamente nasceram e morreram com o encontro de lâminas, mais uma, três, quatro

vezes! Os homens bailavam aquela dança mortal em um espetáculo de vida e morte.

Mestre Sombra gritou, não conseguira mesmo ver o local onde a lâmina fria o feriu, fazendo jorrar o sangue quente.

Um brilho prateado refletiu a luz distante de uma tocha, dando a impressão de que as mãos de Snail haviam se tornado um redemoinho argênteo.

Lâminas continuaram bailando, girando e soltando faíscas quando se encontravam, mas Snail não mais gritava quando uma ou outra lhe cortava em alguma parte. Cada corte apenas aumentava a ira e a concentração. Uma obrigação de vitória clareava na mente.

Definitivamente, ele não iria perder aquela batalha.

Munido de tal sentimento, fez acontecer. Lâminas faiscaram e faiscaram, e um corpo girou para o lado, ao redor do inimigo, em meio à escuridão. Mestre Sombra gritou uma, duas, três vezes! Tentou acertar alguma coisa, mas não encontrou ninguém. Foi andar e sentiu um corte grave na coxa. Caiu de joelhos. Ambas as pernas em ângulos de noventa graus. Dois cortes paralelos e simultâneos de baixo para cima cortaram as costas. Houve mais um grito. E duas lâminas lhe perfuraram os pulmões.

O ar se foi. E, de súbito, a vida também.

Liriel escutou o baque surdo do corpo caindo inerte após um gemido e não soube identificar com certeza quem era a vítima.

- É... - Liriel queria perguntar quem estava vivo. Como ambos usavam vestes escuras, ela não conseguia ver direito nenhum dos rostos e não soube formular a frase.

- Sou eu - a voz grave de Snail era facilmente reconhecível. -

Confirmaria com minha palavra, se eu fosse do tipo de pessoa que pudesse dar palavra de honra a alguém.

- Ei, você pode sim - Liriel suspirou aliviada. - Olha... tá, eu sei que não agi direito com você, mas...

- Nem ouse dizer "se coloque no meu lugar".

- Certo - Liriel sorriu. - Você tem razão. Será que tem alguma forma de você me desculpar?

- Não - a resposta fria como gelo a surpreendeu. Muito.

- Mas nem se... eu aceitar aquela sociedade?

- Hum... certo! Até que vou pensar no caso - ele sussurrou, e ela se inflou de raiva com a

resposta.

- Ora, seu metido!!! - gritou eufórica, fazendo Snail sorrir de forma sincera como poucas vezes. - Agora... peraí, se você não veio aqui me ajudar por causa da sociedade que queria comigo, então por que voltou?

- Resolvi seguir seu conselho, mesmo porque esse dia me pareceu propício para agir de forma diferente da qual estou acostumado. Você quer saber realmente por que voltei aqui após ser escorraçado como um cachorro, Liriel Gabbiani?

"Eu respondo: resolvi fazer um favor de graça a alguém, ao menos uma vez na vida."

Cobertura da Catedral da Sagrada Criação.

Desde pequeno, Áxel Branford gostava de ir até aquele local observar estrelas. Aprendera muito sobre elas com o próprio pai, mas isso não iria mais ocorrer. Estava ali o porquê desse lamento, e o príncipe achou o Destino muito irônico por isso.

- Coração-de-Crocodilo - disse Áxel, em tom de guerra. - Não pense que vai descer por essa corda e fugir da lâmina da justiça mais uma noite.

Uma corda estava erguida até uma árvore imensa próxima à Catedral, e o pirata realmente não teria demorado a escorregar por ela.

- Rá! E quem é você, príncipe da plebe, para falar de que lado segue a lâmina da justiça?

Os dois estavam de pé, olhavam fixos um para o outro e eram iluminados pela luz prateada da Lua Negra.

- Não ouse tentar me manipular, Crocodilo! Estou isento desse mal, ao menos em relação a você.

- Oh, será mesmo que está? - o pirata se aproximou dele. -

Pois saiba que tudo isso que viu acontecer é fruto de profundas consequências das atitudes de sua própria família.

- Boa tentativa, mas ainda vejo apenas a lâmina desta espada em sua garganta...

- Não compreende, não é, príncipe? Como poderia? Um homem nascido em berço de ouro jamais saberia o quanto é doloroso precisar ser forte para sobreviver pelas próprias mãos...

- No dia de hoje, você é a última pessoa que pode julgar a compreensão de um homem de bem.

- E diz isso baseado em quê? No fato de você ser o herói e eu talvez o lobo mau da história? Não, Áxel Branford! Eu precisaria matar mais uma ou duas centenas para chegar aos pés do seu pai!

- Não ouse falar de meu pai, filho de assassino! - as palavras de ambos eram vociferadas.

- Ah, então, enfim está notando semelhanças entre nós? - O

pirata ergueu o tom de voz. - Que moral poderia ter para julgar um pirata assassino o filho de um Rei que mandou centenas de inocentes pro fogo como você próprio quase o fez hoje?

O príncipe calou-se por um momento, para ele, longo demais.

- O que foi? Triste descobrir que o papai não é o Rei perfeito das fábulas dos bardos? Sabe o que eu comia quando criança?

Sapos! E nobres de sangue azul como você jogavam água e urina em mim, quando lhes pedia um prato de comida! Logo, não me venha dizer que sou eu o lobo mau desta história. Não venha não...

Áxel queria responder Jamil à altura. Mas não conseguia. E

aquilo fazia explodir o peito. As palavras que deveria dizer simplesmente não vinham. Descobrira então, naquele momento, que simplesmente não tinha experiência de vida e conhecimento adquirido suficientes para enfrentar alguém da mesma idade, mas de anos muitos mais vividos do que ele, como aquele pirata.

- E que pena estragar sua visão cor-de-rosa deste país das maravilhas. Mas não venha bancar tal superioridade moral pra cima de mim, pois me enjoa! - Jamil cuspiu no chão. - E

sua ignorância e essa sua cara estúpida só me deixam mais enojado, por saber que existe uma plebe tão ignorante como você, que adora quem deveria combater. Como eu faço, e fiz aquele Rei imprestável perceber isso, ao colocar ele em frente ao caos! Porque essa gente idiota não consegue entender que eles têm vidas miseráveis como plebeus para que pessoas nojentas como vocês, príncipes encantados, vivam na riqueza porque inventaram um dia que tinham sangue azul. Pois é para que gente como você faça um banquete todas as manhãs que crianças como eu tinham e ainda têm de comer sapos ou ratos todos os dias!

- É mentira...

- Descubra uma mina de ouro, Áxel Branford! E descubra em quanto a Coroa de seu pai vai taxar o coitado de impostos para ver se consegue sustentar a família com o que restar...

Áxel não sabia nem imaginava quanto seu pai cobrava de impostos em um caso desses. Anísio saberia, pois ele sim fora treinado para isso. Áxel nunca se importara com essas coisas.

Descobrira da pior forma que, para um príncipe, não bastava apenas decorar um pouco de análise militar escrita em um livro raro da biblioteca de seu pai, com o intuito de impressionar garotas, nem desfilar em charretes reais acenando para uma multidão.

-Você se julga o lado bom desta história, Branford, porque é gente da sua laia que governa este Reino. Se gente da minha estivesse no comando, o lobo mau do conto de fada seria você!

- Talvez; talvez você tenha razão nessas insanidades que diz, pirata. Mas isso não vai lhe permitir escapar do crime de regicídio, e duplo!

- Você chora a morte de seu pai, Branford? - berrou novamente o pirata. - Eu choro a morte do

meu! - e o pirata bateu forte duas vezes no peito. - Você sente pela morte de seus soldados? Eu sinto pela morte dos meus! Mas sabe qual é a nossa diferença, príncipe?

"Eu sou filho de um pirata, e você é filho de um Rei."

O silêncio se fez por incômodos segundos.

E foi então cortado por um milagre divino.

Tuhanny, a águia-dragão, Senhora dos Céus, chegou ao local e iluminou o céu com seu rastro incandescente, mais belo do que qualquer outro espetáculo visual de Nova Ether. Ela foi a única testemunha do encontro do príncipe e do pirata, e não se sabe se foi sua súbita presença mas as palavras enfim vieram a Áxel Terra Branford para que ele não fosse derrotado.

- Há algo que você ignora, Crocodilo - disse o príncipe real, sem exaltar o tom. - Você fala como se as pessoas tivessem culpa por nascerem nobres ou não. E você também fala como se toda culpa estivesse sempre na figura exata de alguém. Mas vou relembrar a você um detalhe: meu pai não nasceu nobre, muito pelo contrário. Nasceu um plebeu como você, filho de um moleiro que não tinha nem o que comer, muito menos como alimentar os três filhos. Perdeu cedo os pais e se separou dos irmãos para que cada um seguisse seu destino. Ele e meus tios alcançaram cada um o trono de seus Reinos. Sem matar ninguém; sem manipular ninguém. Porque, ao contrário de pessoas como você, Crocodilo, eles não buscaram um culpado para os problemas que deveriam resolver, nem pediram ao Criador que sentisse pena de suas criações. Eles buscaram uma solução. E não a mais fácil...

"Você cita que plebeus comem ratos para que nobres comam bem. Em vez de modificar tal situação, contudo, para que plebeus comam bem, se satisfaz em culpar e atacar nobres.

Você supõe que seria diferente se gente da sua laia estivesse no comando? Eu vou lhe dizer o que iria acontecer: gente da 'minha laia' iria então comer ratos para que gente 'da sua'

pudesse se banquetear. Eu não sou filho de um Rei, pirata; eu sou filho de um plebeu que se tornou Rei! E, se fui criado pelo semideus na condição que fui, é porque tenho fé que o Criador espera algo de mim, que um praticante de magia negra jamais poderá compreender!"

-Você não passa de um segundo príncipe que acredita que se conquista o poder sem morte. Sua criação não faz a menor diferença para este Reino!

- Talvez - e uma espada foi desembainhada -, mas não preciso estar sentado em um trono para fazer diferença a um povo.

Basta estar deste lado da história. O lado certo. E a partir de agora não tenho dúvidas de que fui criado para caçar neste mundo gente da sua laia, assassino!

E Tuhanny soltou seu kiai de semideus.

E a batalha do Bem e do Mal então se iniciou.

Um. Cinco. Dez. Doze. Vinte. Trinta.

Era difícil contar o número de corpos que iam caindo, um atrás do outro, em ritmo frenético e incansável. Naquele corredor estreito, Anísio Branford brandiu uma espada de duas mãos com a perfeição mais absurda que um ser humano já ousou tentar. A lâmina descrevia um perfeito oito na horizontal, símbolo do infinito, diversas vezes. Muitas e muitas vezes, mais parecendo formar um campo mortal ao redor do guerreiro nu! Os Sombras que se aproximavam iam tombando, um a um, tanto que muitos tentavam voltar, ou ao menos recuar daquela morte iminente. Mas não conseguiam.

Porque os que estavam atrás empurravam os que estavam na frente, e esses iam direto para o destino da lâmina da espada giratória.

E esses homens que estavam no fundo e empurravam os da frente não o faziam por ansiedade de batalhar. Apenas no início isso aconteceu, mas, a partir do meio do combate, eles o faziam por medo. Medo de ver a derrota chegar sem poderem nada fazer. Logo eles, que haviam acabado de comemorar o extermínio de seus rivais. Estavam encurralados, feito ratos num labirinto. E, se de um lado um príncipe que viria a ser Rei impediria a todo custo que chegassem perto de sua amada, do outro um Mestre Anão parrudo e forte como um pequeno gigante ia arremessando corpos para cima com um martelo de pedra que os jogava longe às dezenas, como se fossem feitos da mesma palha de um espantalho, em golpes que estremeciam as fibras da terra.

E, mesmo para os mercenários que não se encontrassem naquele corredor da morte, seus arautos estariam na forma dos muitos soldados que invadiram aqueles túneis como morcegos descontrolados. Vasculharam cada abertura, cada caverna e cada brecha daquele lugar.

E todos, todos eles respiraram aliviados quando Anísio Terra Branford, legítimo primeiro príncipe de Arzallum, saiu de dentro daquele subterrâneo, coberto apenas por um manto sem dono, e com sua prometida princesa Branca nos próprios braços. Viva.

Os soldados gritaram um "urra" e agradeceram ao Criador a boa saúde, na medida do possível, do príncipe de Arzallum e da princesa de Stallia. Talvez, se soubessem o que estava acontecendo naquele momento na Catedral da Sagrada Criação, não sorririam tão espontaneamente de felicidade; talvez até chorassem de tristeza profunda. Como talvez também se ajoelhassem, da forma mais tradicional ante aquela figura real, porque saberiam que, na verdade, não estavam mais na presença do antigo primeiro príncipe.

Estavam sim na presença do novo Rei.

Cecil Thamasa voou diretamente de encontro a uma das pilastras que sustentavam a Catedral da Sagrada Criação. Na verdade, o fizera provocado pela ação de uma maga negra, que mais lembrava uma múmia com o aspecto pútrido e com as pelancas e pedaços de tecido pendurados ou se perdendo em movimentos mais bruscos, como se fosse leprosa.

Soldados reais enfrentavam, e venciam, e morriam no combate contra os piratas de Jamil Coração-de-Crocodilo.

Nenhum deles, porém, dirigia-se diretamente à bruxa, tal temor que despertava algo do tipo no coração de homens puros, e digo também dos impuros. Preferiam enfrentar piratas sanguinários, até que não restasse mais nenhum para ocupar uma fria cela na Jaula, do que se meter na luta travada pelo clérigo mais novo da história com a bruxa que parecia ser uma das mais antigas.

Muralha, o troll cinzento, protegia Ariane Narin e os irmãos Hanson, quebrando violentamente com a força descomunal todo pirata que ousasse se aproximar demais. Vê-lo em combate era relembrar a barbaridade que dominara as terras na gênese da história das sociedades.

Cecil Thamasa correu a mão para o próprio peito, buscando a sagrada Pedra da Criação. Seu erro mais infeliz foi ter olhado para Babau quando o fez, com o objetivo de saber a que distância a bruxa estava de si próprio. Ao olhar para a maga negra, um contato visual se fez e a hipnose negra foi ativada.

O clérigo tremeu e entrou em choque quando percebeu que não tinha mais controle algum sobre o próprio tronco e também não conseguia perder o contato visual com aqueles sinistros olhos negros, que mais pareciam sugar toda e qualquer luz como um legítimo buraco negro.

Babau mexeu as mãos, afastando-as do próprio tronco, como se estivesse imitando os movimentos de uma cobra, e Cecil também viu as próprias mãos fazerem o mesmo, sem que ele pudesse tomar o controle do próprio corpo. O desespero acelerou os batimentos. E a própria mão se dirigiu ao próprio pescoço, para apertá-lo como se realmente desejasse a própria morte. A língua foi naturalmente exposta para fora, os olhos se esbugalharam e o rosto começou a ficar vermelho pela sufocação a que estava se submetendo.

Os presentes ficaram chocados com a cena, e isso paralisou suas ações. Mesmo porque não é fácil agir diante do medo do desconhecido ou diante da maldade suprema. Mas é exatamente nesses momentos que se separam os comuns dos heróis.

Maria Hanson, desesperada, virou-se na direção de Madame Viotti, que parecia atônita pensando no que fazer: - Senhora! A senhora não pode fazer nada para impedir? - não foi bem apenas uma pergunta. Na verdade, foi uma súplica.

A pergunta pareceu acordar a velha maga branca, que começou a pronunciar palavras em uma língua desconhecida, enquanto fechou os olhos e concentrou-se dentro de si, o melhor local para buscar a fé em sua Criadora. E mais um pequeno grande herói, também Hanson, estava presente e não parecia disposto a depender de ninguém para fazer alguma coisa.

Pois foi o jovem João quem correu na direção da bruxa e, após um salto, aproveitando a própria inércia, deu-lhe um encontrão com o ombro, que jogou a velha carcomida alguns metros mais longe. Isso foi suficiente para que Madame Viotti quebrasse a magia negra que afetava o clérigo. O menino, por sua vez, sentiu nojo quando olhou a própria roupa na altura do ombro e viu a mancha de gordura provocada pelo contato com a pele da velha.

- Você!!! - a voz vinha abafada e rouca, como uma moeda se arrastando dentro de um copo de vidro. - Eu poderia ainda viver por mais mil anos que não esqueceria seu rosto, pequeno maldito! Minha existência decrépita só se manteve até agora nestas condições sofríveis para que eu pudesse viver este momento de ver morrer o casal de irmãos causador de minha desgraça.

João Hanson gritou.

Nada de medo e, acredite, antes fosse. Não me pergunte também maiores detalhes sobre aquela magia negra, pois me arrepiava a pele só de pensar na dor que aquilo deve causar em um ser humano. Magia proibida. O que se manifestava ali era uma magia banida e poderosa, que abria um buraco no meio do peito da pessoa, bem no centro do círculo energético do tronco, e a fazia chorar de dor enquanto se contorcia implorando para alguém acabar com o sofrimento. Na realidade, esse corte aberto não era realmente na carne ou no corpo físico da pessoa. Era muito pior, pois era na alma, no corpo eterno, e sugava a energia vital da vítima de forma ríspida. Toda maga negra sabia do custo alto para aquela que se utilizasse desse artifício, mas Babau estava disposta a pagar o que quer que fosse, desde que antes saciasse a sede de vingança.

E molécula a molécula, célula a célula, o corpo de João Hanson, feito de água e carbono, foi sentindo como se estivesse se separando naquela região afetada, rasgando-se ponto a ponto, exatamente como o efeito do desfilar de um tecido de roupa quando é puxado continuamente um fio solto da própria trama. E era esse movimento, a separação, a sensação de abertura tecido por tecido do ferimento espiritual e a ação da energia vital sendo contaminada por energia destrutiva que provocava a dor lacerante. João Hanson caiu no chão se debatendo e tremendo ataques feito um epilético, pedindo para que aquilo tivesse fim. Implorando para aquilo ter fim.

A irmã entrou em desespero.

- Para com isso, bruxa - berrou Maria, chorando. - Fui eu quem a jogou dentro daquele caldeirão fervendo! Fui eu! Se quer vingança, faça mal a mim, mas, pelo amor do Criador, deixe meu irmão em paz!

- Sim, foi você - sibilou Babau. - Quantas noites deixei de dormir, pensando em seu rosto desfigurado como o farei ficar agora! Quantos vodus tentei fazer com seu corpo, mas fui impedida pela limpeza de energia que esse clérigo desgraçado realizava todos os dias nesta maldita Catedral! Mas, agora, chegou minha hora. É hora de fazer valer a pena todo esse tempo de inexistência em que esperei por essa oportunidade, cabelo de ovelha...

A bruxa estendeu a mão direita enfaixada na direção de Maria. A garota se preparou para receber a energia pesada que fosse, desde que aquilo parasse a dor do próprio irmão.

E foi então que aconteceu.

Um rombo EXPLODIU a parede lateral da Catedral, feito um legítimo tiro de canhão. Muitos piratas e soldados voaram longe com o deslocamento do ar e se machucaram com os estilhaços de pedra, vidro e tijolo que voaram com a ação.

As atenções então se concentraram. Toda a luta cessou.

Os homens e mulheres do local observaram aquela figura que adentrou o lugar, exatamente oposta aos olhos de Babau, que parecia sim emanar de si toda e qualquer luz existente naquele lugar, ou em qualquer outro. Vestia um traje incomum, brilhante, metálico, dourado. Parecia a perfeita representação das amazonas de histórias contadas principalmente por bardas, mas em uma versão ainda mais magnânima.

E falo sério quando digo que mesmo soldados e piratas interromperam a própria batalha para observar aquele ser.

Mas, também, quem poderia evitar tal reação? A impressão naquela ocasião era de que haviam sido criados e vivido até aquele momento apenas para que pudessem contemplar uma visão daquelas. O ser que entrava no campo de combate não tinha apenas peças metálicas e ornamentos dourados, mas uma aura de luz dourada também pulsava tão intensa, que qualquer espécie, fosse humano, troll, sapo ou anã, se ali estivesse, seria capaz de vê-la ou senti-la.

E seria mentira dizer que a maga negra não tremeu. Qualquer outra em seu lugar também o teria feito. Se ela não estava diante de um Rei, nem de um primeiro ou um segundo príncipe, nem de um troll cinzento ou mesmo de um Mestre Anão, estava diante de algo muito pior do que todos esses oponentes juntos.

Ela estava diante de uma rainha-fada.

E sabia que havia acabado de matar seu Rei. Terra Branford estava ali como júri e como executora, prestes a dar à bruxa a justiça que mereceria. A figura era imponente, e o olhar denunciava o que estava acontecendo. A rainha estava ali para trocar a própria essência etérea, a própria vida como avatar, por uma justiça semidivina. E o Criador aceitara a proposta, mesmo porque era uma forma perfeita de fazer Babau pagar por usar magias que os próprios semideuses fizeram questão de proibir.

E Terra puxou sua varinha de guerra, e o objeto mágico pulsou com o puro corpo de luz. Babau engoliu em seco e, enfim, entendeu o que iria sentir e descobrir na própria pele.

Fadas nem sempre são boas como narram os bardos.

Um choque de lâminas. Outro. Um terceiro. Um soco direto.

Jamil, o pirata, teve a cabeça deslocada violentamente para trás com o golpe. Áxel Branford não esperou o pirata se recuperar do soco, e a lâmina marcou uma linha do ombro esquerdo até abaixo do mamilo direito do pirata, que se assustou e saltou para trás, para não ter outra linha parecida marcada no abdômen. As lâminas se chocaram mais uma, duas, quatro vezes. Os olhos se encontraram e caretas foram feitas, embora na maioria das vezes a expressão fosse de seriedade; os dois adversários mortais desprezavam a existência um do outro, mas se respeitavam como combatentes. A lâmina de uma faca atingiu uma artéria de Áxel, e o sangue começou a escorrer. O príncipe não sobreviveria muito mais tempo se prolongasse demais a luta, embora o sangue quente não o permitisse perceber, ou mesmo sentir, o golpe. A faca que o acertou estava na mão outrora livre de Jamil, perito em aplicar golpes invisíveis como aquele. A espada do pirata então rodopiou, e também rodopiou a do príncipe, que caiu das mãos reais.

Desarmado, Áxel Branford foi cortado em três lugares que pareceram um único. Mais tarde, descobriria que os golpes foram na coxa, cotovelo, reação natural de defesa, e antebraço. Poderia ter perdido um membro, se qualquer um desses golpes tivesse sido mais profundo ou bem aplicado.

Desarmado, teria sido morto, com certeza, mas um detalhe o salvou: o afinado treinamento rigoroso de pugilismo. O

príncipe utilizou a agilidade para se desviar dos ataques diretos movimentando o corpo em ângulos improváveis. Uma dança foi executada, e o pirata se irritou por não conseguir fazer de imediato o que parecia tão simples, quando raciocinado de forma fria: acertar um homem desarmado e ferido. E Jamil não apenas não acertou o alvo desejado como também recebeu um murro no epigástrico, localizado logo abaixo do esterno, na região também conhecida como "boca do estômago", tirando-lhe todo o ar. Quando o corpo se curvou, um golpe curto e preciso de baixo para cima o acertou violentamente no olho, provocando um "estímulo intenso do vago". Jamil realmente não tinha mais noção alguma do que estava acontecendo, e Áxel Branford não perdoou o oponente, quando o viu em tal situação.

Uma sequência.

Jab. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Direto. Jab. Gancho.

Tuhanny berrou seu kiai. Jamil foi chegando para trás, tonto, imaginando que iria desmaiar a qualquer momento. Não largava, porém, a espada que tinha nas mãos. Sabia que o príncipe vinha para cima e cortou-lhe por acaso no abdômen, embora não viesse à saber disso jamais, mesmo porque Branford parecia ser imune a qualquer tipo de dor naquele momento.

Jab. Jab. Swing. Swing. Uppercut.

O crânio do pirata sofreu uma pressão tamanha, que estava próximo de uma comoção cerebral. O olho esquerdo já estava cego de tantas pancadas, e a lâmina caíra das mãos. Caindo para trás, Jamil tropeçou na borda da cobertura e quase tombou muitos metros abaixo. Segurou-se com muita dificuldade na beirada, ainda que sem enxergar direito o que estava fazendo, agindo apenas por instinto e nada mais. E, então, o pirata ergueu-se, aliviado por ter evitado a morte por mais alguns instantes.

E se arrependeu disso.

Sobreviveu apenas para ver novamente a morte observá-lo.

Não havia por ali, dessa vez, nenhuma mulher de cabelos vermelhos que chorasse por ele, o que demonstrava apenas o desprezo da própria Morte por sua figura. Mas, uma outra figura ali estava, e talvez ela por si só fosse muito mais assustadora do que uma família inteira de mulheres de cabelos vermelhos e vestidos carmesim. Ali estava um príncipe irado, cheio de marcas de batalha e sangramentos, com a respiração ofegante, ávido por justiça e a própria espada do pirata em suas mãos.

Jamil então berrou quando a lâmina arrancou-lhe um pedaço da perna direita, tirando qualquer equilíbrio que fizesse esforço para manter e obrigando-o a tombar de cima daquela Catedral. Áxel escutou os gritos. Lembrou-se do próprio pai e de tudo pelo que seu genitor passou em sua ausência. Mais uma vez se perguntou se tomara a decisão correta, e então deixou de se culpar ao menos naquele momento, pois nada mais ouviu. Pois nada mais viu. O breu e o vácuo tomaram conta de seu corpo, os joelhos perderam as forças, e o tronco tombou. Uma águia-dragão guinchou o mais alto que pôde. O

príncipe jamais ouviu.

Hipnose negra, vodu, manipulação de energia vital, nada disso estava funcionando, e uma bruxa tremeu de medo com isso. Estava vendo de longe sua executora se aproximar, como muitas outras pessoas sentiram em épocas passadas, quando ela própria se tornara seus tormentos. Em um movimento brusco, Babau invocou o elemento ar, que a obedeceu minimamente, por obrigação, já que não sentia a mínima vontade de ser utilizado por uma maga negra e ainda mais para cometer um crime ainda maior do que assassinar um Rei: atacar uma fada.

Com a agitação do ar, a estátua ali próxima, com a imagem de um semideus de crescidas barbas negras, e um dos grandes semideuses representantes da liberdade, tombou de seu pedestal em cima da fada que avançava com fúria, e Babau suspirou ao menos um instante.

Tudo para depois se desesperar ainda mais.

A bruxa talvez tivesse se esquecido de que fadas conseguem tornar os corpos ainda mais leves que o éter, e assim invisíveis aos olhos das pessoas. E se tornar ainda mais leve que o éter presente em todo lugar representa muito mais do que se tornar invisível, mas também intangível.

A imagem desceu e se quebrou, como se nada houvesse abaixo de si em sua queda. Sua matéria não era, nem jamais seria, sublime o suficiente para atingir um ser de tamanha grandeza. Nada, tirando ferro frio, poderia fazer mal a um ser daquele. Sim, fadas realmente eram avatares do semideus Criador, aquele que dera a sagrada criação para todas aquelas pessoas.

-Acabou, Babau - disse fada Terra. - Há tempos você profana este lugar sagrado e desafiou com isso o poder dos semideuses.

Entretanto, hoje você ousou enfrentar diretamente três leis semidivinas, e não será perdoada por isso. A Lei do Livre-Arbítrio neste momento está sendo retirada de você, e sua existência será extinta para todo o sempre.

Cecil Thamasa se ergueu aos poucos. Era o momento mais emocionante de sua vida o que estava acontecendo, e não era preciso ser um clérigo para entender o porquê. Bastaria estar lá. Bastaria ter fé. Bastaria existir. Cada pessoa ali presente entendia que não era, na realidade, uma fada quem estava se manifestando. Era o próprio semideus Criador, que falava através de sua avatar, com uma criação que ousou desafiar Suas leis. Três delas, na verdade.

- Não matará um Rei - disse para si o professor Sabino von Fígaro.

E Babau se ajoelhou em desespero, sabendo que não tinha chances de sobrevivência.

- Perdão... eu... eu agora entendo a Verdade... eu quero... eu quero estar do lado da luz... por favor... salve-me, por favor, meu bom Criadore realmente era ousada uma bruxa que tentava blefar com o semideus.

- Não atacará meus avatares - disse para si o clérigo responsável por aquela catedral, Cecil Thamasa.

O rosto desfigurado e coberto de bandagens de Babau podia ser visto no reflexo da varinha de luz da rainha-fada, que agora estava diante de seu rosto. Por um momento, a maga negra realmente acreditou ter ludibriado um semideus, o que apenas comprovava a existência estúpida.

- Sim... meu bom Criador... conceda-me o que mereço... me dê o Seu perdão...

- Não usará de magias proibidas em ensinamentos sagrados! -

sussurrou para si a maga branca Madame Viotti.

Um rastro de luz rasgou um plexo solar, exatamente no mesmo lugar que aquela bruxa havia causado um rombo na alma de um menino. O local não fora escolhido aleatoriamente.

- E agora retiro de você seus sentimentos - disse a fada, ainda com a linha de luz cravada no peito da bruxa.

João Hanson manteve-se imóvel e inconsciente nesse momento. Nenhuma força negativa continuaria a lhe sugar energia vital, mas havia sobrado muito pouco para continuar a vida. Não demoraria o momento em que não iria mais respirar, e sua existência terminaria, ao menos naquele plano.

Ariane sabia disso. E era fácil saber por que: uma mulher de vestido carmesim estava parada na entrada da Catedral olhando para João, prestes a chorar. A menina se irritou tanto com a cena, que a vontade foi lhe aplicar um belo murro, desses que adorava ver seu príncipe ídolo aplicar por aí, no ser também intangível.

- Escuta aqui, tia! - e Beanshee definitivamente nunca havia sido chamada de maneira tão curiosa. - Se está pensando que eu vou te deixar levar ele, está muito enganada, tá me escutando?

Muralha, que observava a cena, por um momento achou que a pobre Narin havia endoidado de vez e passou a falar sozinha.

- Você não pode desafiar a Morte, Ariane! - as palavras vinham de Madame Viotti, que se aproximara e também conseguia ver a enviada de vermelho.

Os olhos de Ariane primeiro foram à senhora e depois se desviaram novamente para um objeto naquele campo de batalha. Concentraram-se naquilo que ela percebeu, provavelmente a

única a ter percebido todo o tempo, pois ninguém, em meio a tantos acontecimentos, notara o que aconteceu quando Terra Branford entrou naquele lugar explodindo a parede lateral da Catedral. Uma parte do teto havia ruído, e de lá caíra um símbolo semidivino dos mais poderosos da história daquele mundo: uma Pedra da Criação.

Tratava-se do exemplar semidivino que, em outras épocas, pertencera ao falecido clérigo Harold Manson. O objeto mágico só iria se tornar pó quando um dia cedesse seu lugar à Pedra da Criação de Cecil Thamasa.

- Será que não? - disse Ariane, com a firmeza de um rochedo.

E a varinha de energia foi retirada do centro do peito da maga negra, e então outro rastro de luz cravou-se dessa vez na altura da garganta da bruxa, o que a impediu de continuar a gritar.

- E agora retiro de você suas palavras - voltou a proferir o Criador através de sua fada.

- Eu vi como o clérigo fez! Ele desejou e conseguiu! Eu também consigo! - afirmou Ariane, crente no que dizia.

- Minha filha, ninguém senão um clérigo pode utilizar esse artefato! E ninguém pode desafiar a Morte, já disse a você! -

insistia Madame Viotti.

Ariane apertou o artefato para si, que continuava pulsando uma luz escarlate como os cabelos e o vestido da mulher que a observava. Madame Viotti entendeu que a menina iria sim tentar desafiar a Morte, ou o que fosse preciso para fazer aquele menino viver, e nada do que dissesse mudaria alguma coisa em ser tão teimoso.

- Ariane, escute, querida, você irá enfrentar e negociar com a Morte - o tom de voz expressava a seriedade daquela atitude.

- Pode ser que ela concorde, mas pode ser que ela apenas se irrite e ainda a leve junto como exemplo de que não se deve brincar com ela. Você compreende o que eu digo?

- Sim - e Ariane fechou os olhos, sem pensar demais no que implicaria sua atitude.

E a vara de luz foi retirada da garganta da bruxa, e por mais uma vez cravada naquele corpo decrépito, dessa vez na altura da testa, no espaço entre os dois olhos.

- E, por último, retiro de você seus pensamentos - sentenciou a rainha-fada. O rastro de luz rasgou a carne e a alma da maga negra. A rainha-fada usava uma varinha e tal detalhe era pouco importante: poderia ser uma espada luminosa, ou uma pedra de cor rubra, não importava, eram apenas formas de um mesmo instrumento que simbolizava uma ligação direta de puro éter com o semidivino.

Babau sentiu a carne putrefata completamente inexistente.

Não se sentia mais um corpo, e provavelmente não mais o era.

- Em nome dos deuses acima dos semideuses, eu agora lamento sua criação e retiro sua existência para sempre! - e o instrumento foi retirado, e luzes saíram de dentro daquelas bandagens.

E nada mais existia.

Babau jamais sentiu mais nada, pois foi ao Nada que passou a pertencer. Os piratas correram para fora do local, temendo que a fada se virasse contra eles, e a maioria dos soldados estava atônita demais para pensar em persegui-los. E então buscaram Terra Branford, mas também não mais a encontraram. Não havia mais Rei. Não havia mais rainha.

Não havia mais nada.

Ariane desejou com toda a vontade que João Hanson não abandonasse aquele plano de existência, e a Morte a ouviu.

Sua enviada chorona se manteve neutra, esperando pelas próximas instruções. Madame Viotti podia ver que isso acontecia naqueles olhos tristes sempre em choro.

E a Morte pesou o que estava acontecendo. Não aceitava ser desafiada, não aceitava ser enganada, não aceitava que duvidassem de sua existência. Mas, dessa vez, deparou, como em poucas vezes, com uma criatura que não queria desafiá-la, nem enganá-la, nem duvidar de sua existência. Queria apenas lhe fazer um pedido simples, um pedido para gerar um novo início de ciclo vital, em vez dos pedidos de sempre, voltados para o término prematuro do ciclo de alguém.

Cecil Thamasa descobriu ali que o Criador definira que, para que a Pedra da Criação funcionasse, seria preciso apenas que todo pedido a ela feito fosse dotado de pura fé, visando ao benefício de alguém. Apenas isso. A necessidade de um título era algo que existia apenas no burocrático raciocínio humano, muito mais complicado nos homens do que nas crianças.

E, assim, a Pedra da Criação brilhou.

No mesmo momento em que a Pedra da Criação brilhou nas mãos da criança, uma fada tornada mortal estava diante do corpo do filho que gerou. Estava no alto da Catedral, profanada por tanto tempo por uma maga negra. Estava prestes a se juntar ao grande amor, e o Criador aceitava aquele último pedido como um agradecimento por ter servido como sua representante em uma punição sagrada. Havia subido até ali em um piscar de olhos, pois assim se movimentam as fadas, o que os velhos e sábios índios moicanos chamariam de transferência de éter. Chegou ali seguindo um rastro e um chamado.

Pois uma águia-dragão fala com fadas quando guincha seu kiai.

No corpo do príncipe quase morto à frente, as feridas estavam abertas. O sangue escorria e tudo seria curado no momento em que pedisse a bênção de seus semideuses. Não havia varinhas nem pedras. E ela sabia que nada disso era preciso.

Nunca nada disso fora preciso, apenas na cabeça dos homens.

Era preciso apenas fé.

E a Pedra da Criação se tornou pó.

E o corpo da fada se tornou pó.

E o pó se tornou energia.

E a energia se tornou luz.

Um menino plebeu e um príncipe da plebe receberam, enfim, bênçãos semidivinas proporcionadas por pedidos feitos com sentimento manifestos pela vontade e ilimitados pela fé.

Pois isso era puro amor e nada mais.

Madame Viotti sabia o significado daquele momento, e ninguém mais naquele lugar teria sua sabedoria naquele instante. Ela viu com os próprios olhos que sua pequena e jovem discípula havia enfrentado e perdido o medo da morte, em nome da própria fé e do próprio amor.

E por isso sabia também o que aquilo representava na vida de Ariane Narin.

A verdadeira iniciação chegara ao fim.

E Ariane Narin então abriu os olhos e chorou de emoção pelos dois lados da face. O motivo era justo.

A dama de vestido carmesim havia sorrido para ela.

Momentos de tristeza se passaram por algum tempo naquelas terras. Choveu durante três dias sem parar, tempo em que nenhum sol brilhou no horizonte anil, pois o azul dera lugar ao cinza, enquanto nuvens que sustentavam gigantes choravam a morte de um Rei. O Maior de Todos os Reis. Um sentimento então se engendrou e firmou-se na alma daqueles habitantes. O sentimento trazia à mente boas memórias e regava a alma com promessas de um futuro menos nebuloso e muito mais próspero. Mas não apenas um Rei havia sido perdido. Uma rainha também havia partido. Para piorar essa situação, havia o fato de que eram na verdade duas rainhas, pois a princesa Branca Coração-de-Neve e o Rei Alonso Coração-de-Neve e todo o Reino de Stallia choraram também a morte sacrificada da inocente rainha Rosaléa.

Essas três mortes reais justificavam os três dias de lágrimas que caíram dos céus, pois nem mesmo os céus estavam imunes a notícias tão tristes.

A primeira semana foi passada em luto, o qual se estendeu por todas as terras de Arzallum e por todas as terras de Stallia, e por muitas outras terras além. Os Reis Segundo e Tércio viajaram de seus Reinos até Andreanne, e só então a cerimônia de despedida, conduzida pelo clérigo Cecil Thamasa, foi realizada. A cerimônia foi feita na mesma praça que outrora servira como palco de batalha de uma guerra das mais sangrentas, na qual o Bem e o Mal disputaram, mais uma vez, seus pontos de vista. No local onde outrora existira a estátua de Primo Branford, outro monumento foi erguido. Ali ficariam lado a lado os corpos dos dois amantes e monarcas.

O corpo de Rosaléa seguiu em um navio para Stallia e lá foi sepultado com toda a honraria. A princesa Branca Coração-de-Neve também partiu, pois era ela quem preferia contar pessoalmente a pior das notícias ao pai.

Quanto aos príncipes, eles sabiam o que os esperava, pois um Reino inteiro necessitava que fossem fortes. E eles seriam.

Anísio Terra Branford ajoelhou-se diante do túmulo dos pais e jurou que iria ser um Rei glorioso até onde conseguisse e jurou que não descansaria enquanto uma fada negra ou qualquer outra força do tipo ainda ameaçasse a paz daquele Reino, ou de qualquer outro.

Anísio entendera que a Caçada de Bruxas não terminava jamais.

Já Áxel entendeu como sua importância triplicava para aquele povo plebeu no momento em que se tornara o único príncipe do Reino. E também entendeu como jamais Arzallum deveria virar as costas para as ameaças que cresciam quando o Estado virava as costas para suas necessidades. Atrás do príncipe, uma fila de nobres e plebeus, exatamente nessa ordem, esperava para prestar as últimas homenagens a seu Rei e a sua Rainha.

Sim, "Rainha", pois, a partir daquele fatídico dia, Rainha passara a ser escrita com "R"

maiúsculo.

E Áxel olhou acima do túmulo dos pais e viu as imagens que Anísio mandara construir em tempo recorde, em sua primeira ordem como Rei. Era uma imagem de Primo Branford ainda mais imponente do que a decapitada no ataque de Crocodilo, vestido com a armadura de Rei, a capa e o brasão de Arzallum. E dessa vez não estava só. Ao seu lado, a imagem de uma Rainha com uma armadura dourada, para ser lembrada sempre em sua real grandeza.

Ambas as estátuas possuíam um dos braços erguidos, e esses braços unidos, com os dedos entrelaçados. Estavam em uma posição superior, como que se visualisassem no horizonte, primeiro do que as outras pessoas, exatamente como fazem os Reis, o futuro de felicidade que Arzallum viveria. Abaixo das imagens, uma placa escrita com a melhor das caligrafias exibia com brilho a singela mensagem, lida três vezes pelo príncipe antes de dar lugar à multidão atrás de si.

EM MEMÓRIA DE PRIMO & TERRA BRANFORD, O MAIOR REI E A MAIOR RAINHA
QUE ESTA E

QUAISQUER OUTRAS TERRAS JÁ OUSARAM

CONHECER.

O Majestade.

"

Não havia como ser diferente; apenas dentro dele poderíamos terminar esta história. Sua existência representava muito das memórias daquele lugar, sem que alguém precisasse nada dizer. A história daquela casa de espetáculos a ligava diretamente à história daquele Reino e à história de seus Reis. Nobres e plebeus estavam novamente iguais em um cenário tão importante de Andreamne.

Nas poltronas, Snail Galford e Liriel Gabbiani assistiam pela primeira vez a uma peça naquele lugar. Para Snail, inclusive, era a primeira vez que assistia a uma peça. Pelo serviço prestado ao Reino, e por denunciar o cativo da princesa, Anísio Branford oferecera a ele um lugar no Camarote da Majestade, mas Snail não era o tipo de pessoa que se interessava por virar atração pública. Ao lado, sua nova parceira tinha a mesma opinião.

E, por falar no Camarote da Majestade, outras pessoas não recusaram o convite para se sentar nos locais mais cobiçados de toda a casa. Sabino von Fígaro apertava os olhos para enxergar bem o que acontecia no palco, sem se importar com os olhares dos nobres e Conselheiros em outros camarotes, que ainda não haviam aprovado totalmente suas formas de trabalho. Ao lado de Sabino, Madame Viotti se tornava a companhia perfeita para um professor culto especialista em artes das trevas.

Cecil Thamasa também se destacava naquele Camarote e, assim como Snail Galford, o clérigo fazia sua primeira visita ao local tão famoso, a convite de Anísio. Muitos fiéis acenavam da plataforma inferior para ele, como se o clérigo fosse uma legítima celebridade, cujo maior feito de fama foi ser convidado para estar ali onde estava. Cecil obviamente retribuía os acenos e esbanjava o sorriso e a simpatia de sempre.

Por falar em sorrisos, era esse também o estado das famílias Narin e Hanson, que ali estavam sem jamais nem ao menos pensar que essa hipótese um dia pudesse se tornar realidade.

Anna e Golbez Narin observavam maravilhados aquele mundo tão novo para eles e agradeciam aos semideuses por permitirem ser pais de uma menina como Ariane Narin. E a adolescente estava feliz como criança, vez ou outra sempre agarrando seu príncipe herói ou acenando para as pessoas que acenavam para ela. De uma hora para outra, ao menos por alguns instantes, deixou de se tornar a menina da macabra história do chapéu manchado de vermelho para se tornar a menina dos olhos de todas as mães e professoras. As pessoas passaram a observá-la por cima da casca que antes insistiam em colocar ao seu redor, e a sensação era boa.

Ao lado de Ariane, estavam João Hanson e seus pais Érika e Hígor. O rapazinho não se

lembrava muito bem do que havia acontecido, e ninguém se importou em contar com maiores detalhes. E ainda que continuasse sofrendo um pouco pelo ciúme bobo da adoração de Ariane pela figura de Áxel Branford, achava aquele momento o mais feliz de toda a sua vida. Era um menino apaixonado, de mãos dadas com o primeiro amor, e qualquer um que já tenha passado por tal situação o entenderia.

Mais uma Hanson estava naquele Camarote. Sentada entre irmãos, ao lado de ninguém menos que Anísio Terra Branford, o Rei por direito: Maria Hanson. Ela era a legítima acompanhante de Áxel Branford, e toda a cidade comentaria o assunto nas semanas seguintes. No pescoço, carregava a belíssima jóia de pedras em formato octogonal, comprada para ela na passagem de Áxel em Metropolitan, quando se permitiu visitar a famosa joalheria Luzes Gêmeas.

Suas colegas da escola se dividiam entre as que a achariam o máximo e as que se roeriam de profunda inveja, por tempo indeterminado. E todas também acenavam para Maria, sentada ao lado de Áxel e em cujo ombro a cabeça repousava, reconhecendo, em meio àquele mar de pessoas, rostos que jamais esqueceria, desde a simpática bibliotecária senhora Stephanie até Rick Albrook, o caçador e Herói, quem Ariane fez questão de mostrar onde estava sentado. Mas nada, nada, era mais esdrúxulo do que a movimentação dos servos reais para providenciar almofadas diversas para serem equilibradas em uma poltrona que sustentaria o traseiro de um dos sete Mestres Anões.

Áxel Branford estava se sentindo mais leve. Ao mesmo tempo, sentia-se tomado por um sentimento de responsabilidade. Era como se determinasse que não poderia mais ser o segundo príncipe de Arzallum, mas o segundo Rei.

Deveria agir onde o irmão não pudesse. Esse sentimento, essa responsabilidade foi ratificada momentos antes de entrar naquele local, quando uma senhora veio agradecer a ele e lhe contar que a filha fora salva devido à velocidade com que Bóris, o corcel que fora do pai, a trouxera a Andreanne dias atrás.

E no palco do Majestade: Caçadores de Bruxas.

Nenhuma outra peça poderia estar em seu lugar naquele momento. Nenhuma outra mereceria estar naquele lugar naquele momento. Lígia Sherman e Hugo Agamenon novamente estraçalharam corações quando representaram o Maior dos Reis e a Maior das Rainhas. E indescritível foi o momento sublime em que terminaram a apresentação, colocando-se de frente a um Majestade lotado, entrelaçando os dedos dos braços erguidos, exatamente como a estátua construída. Imponentes e magníficos. Como uma imagem de Reis.

Um público de nobres e plebeus se igualou, como sempre naquela casa de espetáculos, e aplaudiu de pé. E enquanto Anísio Branford mordeu os lábios, segurando a própria emoção, Áxel Branford trouxe o corpo de Maria Hanson para junto do seu, sem esconder como aquela cena mexia consigo.

No fundo, ele bem sabia o que acontecia do lado de fora, nos céus estrelados de Andreanne, e

não precisava estar lá de prontidão, como Muralha estava, para isso.

Bastava sentir. Bastava existir.

Tuhanny riscou os céus estelíferos do Majestade de escarlate e berrou seu kiai de semideus.

No alto, a estrela romântica de Blake brilhava mais forte do que todas as outras.

Viver como um contador de histórias tem muitas vantagens, como mostrei ao longo desta narrativa. E realmente tenho dificuldade em saber o que é mais prazeroso para um narrador: iniciar uma nova narrativa ou concluir seu trabalho com a sensação de dever cumprido.

E não é que apenas agora, acredite você, após o fim desta história, me dei conta de que não me apresentei? Não me tome como mal-educado, por favor, apenas a ânsia de contar histórias apoderou-se de mim e tomou a frente desse detalhe curioso.

Entretanto, também me dou conta de que muito pouco tenho a dizer sobre esse assunto. Pois, como posso me apresentar, se me considero apenas um mero instrumento que poderia ser substituído por outro, embora isso significasse uma visão bem diferente dos fatos apresentados? E como posso dizer a você algo que já não saiba?

Afinal, se converso com você é apenas porque é igual a mim.

Nossa única diferença talvez seja a de que eu, desta vez, dou as cartas, estabelecendo as regras físicas e orientando as consequências de um universo etéreo, como tantos outros. E

espero que um dia você possa experimentar essa sensação maravilhosa de dar vida a uma criação, enquanto diversos outros semideuses lhe dão o respaldo para manter tal criação viva.

E é assim que, neste momento, dou por encerrada esta etapa.

E me despeço, sabendo e lembrando que, para que Nova Ether viva, é necessário que eu pense nela. Que eu estabeleça suas regras. E que eu forneça um material semidivino para sua existência, pois, a partir do momento em que eu esquecê-

la, ela deixará de existir. E tudo porque eu sou um Criador.

Porque eu sou um semideus.

Exatamente como você.

POSFÁCIO

A COISA TODA COMEÇOU COM BRUCE LEE.

Normalmente a gente não vê muita coisa assim por aí. É

difícil encontrar escritores que digam coisas como esta: "Ah, um dia eu estava vendo tevê e BUM! Os Beatles entraram no palco! A partir dali eu soube que seria escritor!". Mesmo que isso seja verdade, o sujeito em questão prefere inventar uma história mais tradicional e agradável a uma elite intelectual que escreve muito, mas a qual ninguém lê (e, se o cidadão se propõe a viver contando histórias, por que não começar mexendo na sua própria, não é mesmo?). Bom, que seja. O

que eu sei é que a minha história foi assim e eu gosto dela.

Além do mais, eu não fui uma criança normal.

Eu me lembro de ter visto Bruce Lee aos seis anos. E de isso ter mudado a minha vida inteira (ei, tem gente que hoje em dia nem chega a viver seis anos, tá legal?). E me lembro de que isso fez aquele moleque prometer a si que seria faixa-preta, trabalharia com cinema e seria escritor. E, quando uma criança de seis anos faz uma promessa dessas para si, ela parece saber o que está fazendo.

Na maioria das vezes ela não sabe.

Mas parece.

Admito aqui entre nós: Jorge Amado também teve culpa; Monteiro Lobato, Robert Howard (aquele do Conan), Neil Gaiman, Alan Moore, Frank Miller, idem. Mas, se eu for citar todos os culpados que me trouxeram até aqui, a acusação irá falar mais do que a defesa e a audiência entrará em recesso.

Bom, o relevante é que alguns dos primeiros livros que ganhei foram de uma coleção de capa dura verde com contos de fada diversos.

Eu perdi as contas de quantas vezes li cada um daqueles livros.

Eu lia aquelas histórias e gostava muito delas, admito, mas algo particular ali me incomodava: a palavra "fim". Verdade seja dita: essa palavra não me incomodava apenas nos contos de fada, mas em qualquer outra história. Será que o personagem de Patrick Swayze em Ghost estaria bem amparado atualmente no mundo espiritual? (E, hoje em dia, o próprio Patrick?) Será que o personagem de Brad Pitt conseguiu superar a perda da esposa nas mãos do maníaco de Se7erü Roger Rabbit ainda estaria feliz com Jéssica Rabbit?

Será que Os Goonies hoje já têm filhos? Os moleques de Caverna do Dragão voltaram ou não pra casa? E Bruce Leroy gerou discípulos? (Afiml, um cara que pega balas com os dentes

deveria ter essa obrigação, não?) Essas dúvidas martelavam a minha cabeça. E foi assim que elas começaram a ser passadas para o papel. Por que a avó de Chapeuzinho Vermelho morava sozinha no meio de uma floresta? E qual diabos é o nome dessa garota? E por que ela foi enviada sozinha pela mãe? Se eu tentasse ir sozinho para a escola com aquela idade, minha avó me daria uns cascudos (se soubesse que lobos estivessem andando soltos por aí, então...).

E, se pais se separam, será que a princesa e o príncipe também não teriam crises conjugais? Em um daqueles livros de capa dura, uma das fadas dizia à Bela Adormecida que ela se casaria com um príncipe de muitas virtudes e seria invejada por todas as mulheres. E eu me perguntava por que uma fada diria que o ápice do sucesso humano é ser invejado por alguém.

Bom, dá pra imaginar que eu comecei a rabiscar minha própria versão da coisa.

Só que a coisa acabou indo longe demais.

Nova Ether não foi inventada por mim.

Eu poderia dizer que sim, e isso talvez até facilitasse a minha vida neste momento, mas eu não ficaria em paz se deixasse você acreditar nisso. Apesar de pensar nela desde a adolescência, eu me sentiria tão arrogante em me afirmar como seu inventor quanto Newton poderia ser ao se autoafirmar o inventor da lei da gravidade.

Porque de fato não existe uma invenção.

Existe na verdade um descobrimento.

A questão é que Nova Ether existe em um local no éter que não se acessa no plano material, mas que está com as portas escancaradas no plano mental. A história foi transmitida da maneira como me foi narrada, e o texto que se encontra hoje em suas mãos contém tudo o que me fez compreendê-la.

Apesar das releituras de contos de fada, Nova Ether foge do tradicional de uma história de fantasia. Os personagens falam de maneira diferente do que se costuma encontrar; não existe o conceito comum de uma "era medieval" ou mesmo da forma de pensamento tradicional do que seria a forma de evolução do pensamento daqui.

Em alguns momentos, ela tem a seriedade sóbria de um Senhor dos Anéis; em outros, a leveza sombria de um Caverna do Dragão; em outros, a poesia de um Final Fantasy; em outros, a metalinguagem de um A História Sem Fim.

Nova Ether é diferente. E ela é o que é. E talvez por isso tenha dado tão certo.

O fantástico ali caminha ao lado do espiritual, e as buscas dos personagens costumam ser diferentes da maneira como tais histórias trabalham a jornada do herói. A cada volume, os personagens antes inocentes se tornam mais densos, passam por provações mais duras e descobrem como a dor amadurece mais rápido o espírito humano.

E o torna mais forte.

O papel da cultura pop ali vai muito além de meras referências, como alguém menos atento pode imaginar em uma primeira leitura. A questão é que os nova-etherianos sabem que você existe. Quer dizer, eles não entendem muito bem como funciona a coisa, da mesma forma como nós não entendemos muito bem como funcionam os deuses acima de nós, mas sabemos que eles estão por lá.

Acho.

E também sabem que eles próprios só existem por causa do nosso plano mental. Logo, o que dá vida à Nova Ether é o que existe no imaginário coletivo da nossa humanidade.

Assim como o imaginário coletivo de lá influencia o nosso, de perfis fakes de personagens em redes de relacionamento a frases da série postadas no Twitter, frases e atitudes de personagens em Nova Ether são influenciadas pelo nosso imaginário coletivo, com citações oriundas da cultura pop daqui que reverberam por lá.

Os personagens de Nova Ether não sabem de onde vêm esses lampejos, da mesma forma como (muito) de vez em quando nós temos lampejos, expressões e atitudes relativamente divinas ou transcendentais, embora não saibamos de onde elas tenham vindo.

Mas sabemos que vieram de algum lugar fora do comum.

Este texto hoje em suas mãos está muito mais próximo da versão original que escrevi do que o da hoje rara primeira edição. Não há diferenças na trama, apenas algumas expansões e alguns ajustes feitos com relação à preparação do texto daquela edição. Além disso, conta com detalhes que semideuses solicitaram para que a narrativa do bardo responsável se tornasse ainda mais agradável e eles aumentassem as moedas de princês na hora de se passar o chapéu.

Além disso, há a inclusão do mapa de Nova Ether e de um conto antes apenas disponível para download, que deve deixar você de cabelos em pé, embora com um sorriso no rosto, se optar por lê-lo após o fim de Dragões de Éter -

Caçadores de Bruxas.

Contudo, o maior acréscimo que esta ou qualquer outra edição de Dragões de Éter terá estará sempre na recepção com que milhares de leitores abraçam e dão vida a este universo.

Existem os relatos dos que se emocionaram, dos que passaram a lidar melhor com a perda, dos que se identificaram com determinadas passagens, dos que se inspiraram para começar a escrever, dos que passaram a acreditar no sonho humano como forma de evolução.

Não importa a consequência. Importa é que esses relatos existem e esses sentimentos que os envolvem nunca são perdidos, [nunca mesmo?]

Nunca são perdidos.

Existe algo de fantástico em cada pulsação que gera vida.

Existe algo de grandioso em cada ato em prol de significados além do material.

Um sonhador não é capaz apenas de dar vida a novos mundos.

Ele é capaz de transformar o mundo em que vive em um mundo melhor.

E próximo do mundo que sonha.

Porque na jornada por esse sonho ele amadurece. E no amadurecimento dessa concretização ele se modifica. E

modifica a si. E modifica ao outro.

Porque se torna um exemplo de modificação.

Um exemplo que reverbera pelo éter. E o transforma em senhor de sua própria existência.

E é isso. É apenas isso.

É apenas isso o que separa homens de legítimos deuses.

Nova Ether não foi inventada por mim.

Eu poderia dizer que sim, e isso talvez até facilitasse a minha vida neste momento. Mas, se ela sobreviveu ao seu descobrimento, e se ela hoje ainda pulsa e permanece viva reverberando feitos extraordinários em dimensões que o mundo material não pode alcançar, é na verdade porque você existe.

E sonha com ela.

E sonha conosco.

E a faz sonhar com você.

Obrigado por nunca; nunca acordar.

Raphael Draccon

Dias Estranhos

Aquele dia seria um dia estranho.

A menina caminhou na direção da caverna, buscando água gelada para a garganta seca. Não devia ter mais de doze anos.

Ou treze. Estava semi-nua, machucada e fugindo de algo perigoso, [o quanto?] Extremamente perigoso, [um monstro?]

Um homem.

Um homem extremamente perigoso.

Arfava antes. Agora, porém, inspirava fundo, sentia o coração bater forte - da forma como batem os corações em receio - e expirava pesado, como se o ar fosse carregado de chumbo.

Como se seu pulmão fosse invadido por areia, e como se tais resíduos saíssem de seus poros feito suor.

A caverna, de fora, parecia um bicho empalhado em tamanho gigantesco. A entrada mais lembrava uma bocarra que mantinha a mandíbula aberta, mas não como uma planta carnívora que blefa para atrair a presa. A entrada, na verdade, mais lembrava um maldito crocodilo que mantinha a boca aberta para que algum pássaro lhe limpasse os dentes afiados, ao mesmo tempo em que se alimentasse de restos de comida em um curioso processo de simbiose.

Afinal, no fim das contas, era isso; era isso que aquela caverna era.

Uma maldita simbiose.

A bocarra aberta daquela caverna não era o blefe de uma armadilha. Era um convite.

E, se alguém resolvesse entrar ali, era isso que sua vida inteira passaria a ser.

Naquele Dia

A menina entrou na caverna e sentiu cheiro de putrefação.

Havia uma velha sentada no meio de um círculo de treze crânios, com sete velas de cor vermelha em cima. Algumas velas não estavam acesas porque a cera já tinha queimado. As poucas que sobraram iluminavam o soturno ambiente bem menos do que o coração do homem de bem gosta, mas o do ruim pouco se importa.

A menina não sabia dizer se a iluminação a incomodava. Ou não.

A velha no centro tinha cabelos de esponja e sorria um riso de dentes negros. A menina não conseguia olhar para aquela criatura por muito tempo e desviava o olhar para as velas acima dos crânios.

Ela podia jurar que aquela cera derretida parecia sangue.

Talvez realmente o fosse.

- Como é teu nome, fugidia? - perguntou a velha com a mesma voz que uma gralha teria se pudesse falar, e um maestro a pediu para cantar no menor tom.

- É Nazareth - a menina respondeu, ou achou que respondeu, pois havia sussurrado tão baixo, que não se escutou.

- Vosmecê parece com fome - a bruxa disse sorridente, como se qualquer criança perdida no meio de uma floresta não tivesse tal característica. - Vosmecê tem fome?

A menina queria dizer que sim. Na verdade, ela também achou que havia sussurrado um "sim".

Mas, na verdade, não dissera nada.

- O que vosmecê gosta de comer? Carne de bichos?

- Prefiro doces - ela disse sem tirar os olhos de um anel que prendia uma bola esbranquiçada e cheia de nervos, que parecia um glóbulo ocular. - Eu gosto de doces.

- Chega mais perto - a bruxa estendeu a mão e chamou com dedos esqueléticos preenchidos com outros anéis de ossos. -

Então chega mais perto do círculo, que Mãe Goethe alimenta vosmecê.

Nazareth se aproximou. Um passo de cada vez. Muitas batidas do coração entre eles. E muito pouca respiração.

O último passo parou na linha que antecedia a entrada no círculo.

- Mais um passo só.

- Eu não posso - a menina afirmou.

- E por que não?

- Porque você vai me atacar. E me arrancar a pele. E me devorar os ossos.

A velha pareceu surpresa. E excitada.

- E por que eu faria isso com vosmecê, menina fugidia?

- Porque é isso que bruxas fazem. E você é uma bruxa.

- Algumas fazem isso. Eu gostaria de fazer isso; e afirmo: eu já o fiz. Mas não o farei hoje.

Hoje, vou alimentar vosmecê, e vou deixar vosmecê escolher entre a boa vida e a vida eterna.

- E qual a diferença entre elas?

- Só existe boa vida para aquela que morre.

- Eu não quero morrer... - disse a menina, franzindo a testa e aproximando as sobrancelhas.

- É por isso que pessoas como nós duas preferem a vida eterna.

Diante do comentário, a menina quase entrou no círculo.

- Mas... se eu tiver a vida eterna, eu não vou ser boa?

A bruxa modificou a atitude: - Diga pra mim: por que vosmecê está machucada e corre só pela floresta hoje, fugidia?

- Porque um homem me persegue. Como perseguiu minha mãe, e machucou ela, e bateu nela.

- E matou ela? - a bruxa perguntou, com uma voz que trazia muito mais curiosidade do que compaixão. Na verdade, apenas curiosidade.

A menina balançou a cabeça fazendo uma careta que projetava um beicho e começou a chorar.

- Está vendo? - disse a bruxa. - Ainda bem que existiu a morte para sua mãe, não é?

A pequena Nazareth limpou as lágrimas, ofendida.

- Não. Ela morreu, e isso não pode ser bom...

- Vosmecê conseguia pensar em outra forma de terminar com o sofrimento dela?

A menina tentou. Juro que tentou arrumar uma resposta.

Mas não conseguiu.

- Por isso, a boa vida depende da morte. Porque a vida é apenas sofrimento. E a morte é alívio.

- Não para a alma que vai para Aramis... - disse a menina.

- Sim, ainda assim. Porque a alma escura que vai para lá estará entre os seus iguais. E, ainda assim, e talvez por isso, se sentirá bem.

- Então... - ponderou a menina - ... quem vive a vida eterna vive sofrendo eternamente...

A menina era inteligente. Extremamente inteligente, [o quanto?] O suficiente para ser

conduzida antes que passasse a tomar suas próprias decisões.

- Quem vive a vida eterna, fugidia... - sussurrou a bruxa na voz baixa de galha - ... acaba com o sofrimento de quem vive a boa vida. Compreende?

A menina balançou a cabeça, com a boca aberta em surpresa.

- Então quem vive a vida eterna não são pessoas ruins?

- Não, não são.

- Bruxas vivem a vida eterna, bruxa?

- Só as que compreendem isso.

- E que tipo de bruxa é você?

- Eu sou uma das melhores.

A menina deu o passo que adentrou o círculo. Imediatamente, seus pelos se eriçaram, e ela sentiu uma eletricidade que começou arrepiando a nuca e se alastrou pela coluna vertebral.

Ela não sabia dizer se a sensação era boa. Ou não.

- Você quer viver a vida eterna, querida? Tenho a certeza da morte de uma estrela de que um dia poderá me pagar...

A bruxa estava pronta para ouvir a menina confirmar. E então ela iria atacá-la. E lhe arrancar a pele. E lhe devorar os ossos.

Mas a menina disse: - Não. Quero que me dê uma boa vida, bruxa.

Mãe Goethe parou assustada e guardou seus dentes negros, fechando os beiços.

- Como é, fugidia?

- Sabe, eu não vivo a vida eterna, mas você vive. Eu vivo em sofrimento. Você então pode acabar com o meu sofrimento -

não havia medo nem mesmo nas palavras mais sombrias. -

Porque você é eterna, e uma das melhores.

A bruxa acariciou o cabelo da menina e lembrou-se de quando seu cabelo era assim.

- Vosmecê... - ela disse, com orgulho no tom - ... merece a vida eterna, muito mais do que a boa vida.

- Mas eu não quero a vida eterna. Eu quero morrer. Agora eu quero morrer.

"E esse é o primeiro passo para a sua iniciação"

Outros Dias

Nazareth tornou-se discípula de Mãe Goethe. E a menina passou décadas aprendendo segredos sussurrados diante de crânios putrefatos e de velas que queimavam sangue. Ela aprendeu como enforcar recém-nascidos, e como arrancar olhos de crianças sem que elas gritassem. Muito. Aprendeu como azedar o leite de grávidas, e como fazer um cão babando espuma atacar a mão que o alimentava. Descobriu como usar o ego de um homem para enlouquecê-lo, e como usar a vaidade para fazer uma mulher vender a alma. Entendeu o poder da carne humana e se viciou no sangue que era servido em taças desgastadas com ela. Acendeu velas a semideuses sombrios. Deu nomes à bonecas sem vida. Cantou mantras proibidos e dormiu nua no meio de homens que mais tarde devorou. Conheceu outras bruxas, as de vida eterna e as de boa vida, e frequentou reuniões para as quais foi convidada e outras das quais foi expulsa.

Passaram-se muitos anos, e mesmo quando a Caçada de Bruxas começou a mulher sobreviveu. Mesmo quando sua mentora achou que ela estava pronta e se foi para que ela seguisse o próprio caminho, ela sobreviveu. E ganhou respeito para ser aceita em um Conselho de bruxas e magos escuros dos piores tipos.

Escondeu-se como bicho. Escapou de caçadores e deu a si própria um novo nome.

Conheceu bruxas brancas, mas considerou-se melhor do que elas. Alimentou-se da carne de mulheres e crianças, queimou casas de humildes e lhes tomou os filhos dos braços. Dizem também que envenenou a água de vilarejos, mas sempre dizem isso de todas as bruxas.

As décadas se passaram, e, um dia, os caçadores vieram. E

tombaram os covens, e impediram o sabbat. Bruxas foram torturadas e queimadas, e esconderam-se nas sombras das próprias existências para não sucumbirem de vez ante sua própria vida eterna. Os cavaleiros de armaduras escuras, porém, tinham uma missão, e cada mulher que já riscou um pentagrama em vida ou percorreu labirintos escuros terminava como artifício para fogueiras que exalavam o mesmo cheiro de churrasco da queima de... [carne de bichos?...] corpos de animais.

Nazareth, quando retornou até a antiga caverna, encontrou apenas corpos em decomposição e anéis de ossos derretidos.

Um deles, porém, havia rolado junto com um dedo da queimada e sido chutado sem perceber por um caçador.

Ela reconhecia aquela jóia branca cheia de nervuras, que mais parecia um globo ocular.

E, naquele momento, tomando nas mãos o dedo arrancado e reparando melhor na jóia macabra, ela enfim percebeu que talvez realmente o fosse.

Era um fato; Mãe Goethe estava morta.

E cabia agora a ela a vida eterna.

Há poucos Dias

A bruxa estava com fome. Ela orava para que sua mentora estivesse em Aramis, sorridente, ao lado dos seus. Já que... [a alma escura que vai para lá estará entre os seus iguais.]... ela era uma das melhores entre as suas.

Estava escondida e isolada, mas precisava comer. Foi então que resolveu ir até o lado de fora daquela casa e ecoar seus mantras escuros. E dançar suas danças eufóricas. E acender suas velas de sangue. E as repousar sobre seus crânios putrefatos.

Esperou por três dias até que o alimento aparecesse. As presas vieram de mãos dadas. E caminharam até ela.

Ela viu quando eles chegaram. Não eram de tamanhos suficientes, mas seriam ótimos alimentos para uma bruxa negra cada dia mais fraca. Eles pararam diante daquele esconderijo como se fosse uma velha caverna, e ela sabia o que eles sentiam.

Afinal, aquela casa para seus recém-chegados não era o blefe de uma armadilha. Era um convite, [uma simbiose...]

Uma maldita simbiose.

E, se alguém resolvesse entrar ali, era isso que sua vida inteira passaria a ser.

Naquele dia, contudo, ela sabia que não era a forma da bocarra aberta de um grande crocodilo que aqueles dois fugidios veriam. Não naquele dia. Não naquele instante.

Não aqueles ali.

Afinal, era um fato; aquela bruxa sempre gostara de doces.

João e Maria Hanson pararam diante daquela casa estranha, sem acreditar no que estavam vendo. Lá de dentro, Babau os observava se aproximar fascinados dentre sombrias frestas de ângulos tortos.

Aquele dia seria um dia estranho.

